

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA

**ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E  
TRABALHAR EM MACAÚBAS, ALTO SERTÃO DA BAHIA –  
1800-1950.**

São Cristóvão

Sergipe - Brasil

2016

JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA

**ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E  
TRABALHAR EM MACAÚBAS, ALTO SERTÃO DA BAHIA –  
1800-1950.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito  
obrigatório para obtenção do título de Mestre em História,  
na área de concentração Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Eder Donizeti da Silva

São Cristóvão

Sergipe - Brasil

2016

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S725a Sousa, José Antônio de  
Arquitetura e sociedade: construir, morar e trabalhar em Macaúbas, alto sertão da Bahia – 1800-1950 / José Antônio de Sousa ; orientador Eder Donizeti da Silva – São Cristóvão, 2016.  
243 f. : il.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, 2016.

1. História – Estudo e ensino. 2. Arquitetura e sociedade. 3. Habitação. 4. Trabalho. 5. Macaúbas (BA). I. Silva, Eder Donizeti da, orient. II. Título.

CDU: 94:72(813.8)

JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA

**ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E  
TRABALHAR EM MACAÚBAS, ALTO SERTÃO DA BAHIA –  
1800-1950.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em História, na área de concentração Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Eder Donizeti da Silva

Aprovada em 31 de agosto de 2016

---

Prof. Dr. Eder Donizeti da Silva

(UFS)

---

Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa

(UFS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Isnara Pereira Ivo

(UESB)



## **Agradecimentos**

Sou feliz pela essência de vida, por ter nascido e sido educado com valores e numa família do Alto Sertão baiano, valores esses lá no baixio, na caatinga, da seca e das inventividades de nosso povo, terra de vô Dona (em memória), vô Maria, de minha mãe Ana Rita, sempre presente em minha vida, telefonando, fazendo-me visitas em grande parte dos lugares onde estive desde a graduação e apoiando meus estudos, ao meu pai Nelson Antônio.

Quero agradecer aos moradores e proprietários dos imóveis visitados em Macaúbas, ao abrir suas portas, compartilhando informações, indicando caminhos, pois sem essa gentileza não seria possível o desenvolvimento dessa pesquisa.

Agradeço ao programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, aos colegas, aos professores Petrônio Domingues, Célia Cardoso, Fábio Mazza, Alfredo Julien, Edna Antônio, durante as disciplinas cursadas, momento de vivências e aprendizado.

Grato ao professor Eder Donizeti pelas orientações, sugestão de leituras e suas lições no campo da arquitetura, mas também no trato com a história do sertão, das gentes e suas coisas.

Quero agradecer aos professores Antônio Lindvaldo e Augusto Silva que durante a banca de qualificação apontaram caminhos para um melhor andamento dessa pesquisa, pois as observações feitas, foram fundamentais para nossa percepção e avanço com a mesma.

Sou muito grato à amiga, professora Betânia Brendle, pelo grande apoio ao abrir suas portas em Aracajú, ao compartilhar sua biblioteca de arquitetura, sua trajetória e experiências, pelas conversas, ensinamentos, grande incentivadora aos estudos, incansável, uma pesquisadora ímpar.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes pelo apoio financeiro concedido através de bolsa junto ao Prohis/UFS.

## **RESUMO**

Esta dissertação apresenta um estudo de caso sobre as experiências humanas no construir, morar e trabalhar presentes no cotidiano dos espaços domésticos edificados, apropriados e transformados na zona urbana e rural da cidade de Macaúbas, região do Alto Sertão da Bahia, entre 1800-1950. O trabalho está associado a dois campos dos saberes: o da ciência histórica atuando na dimensão da História Cultural através de conceitos de “cultura material” “cotidiano” e “vida privada” e sua interlocução com o campo da história da arquitetura brasileira. Busca-se a compreensão da história cultural e social do Alto Sertão baiano a partir das expectativas de uso das edificações. Utilizando como método de investigação a inventariação de acervos, para a análise e interpretação da arquitetura local, apoiando-se em parte na memória dos moradores e acervos documentais escritos, fotográficos, desenhos e mobiliários.

Palavras-Chave: Macaúbas, Sertão da Bahia, construir, morar e trabalhar.

## **RESUMEN**

En este trabajo se presenta un estudio de caso de la experiencia humana en la construcción, vivir y trabajar en los espacios domésticos cotidianos contruidos, adecuados y se transforma a esta localidad urbana y rural de Macaúbas, región de la zona de influencia de Bahía Alto, entre 1800-1950. El trabajo se asocia con dos campos de conocimiento: la ciencia histórica que trabajan en la dimensión de la historia cultural a través de los conceptos de "cultura material" "todos los días" y la "vida privada" y su diálogo con el campo de la historia de la arquitectura brasileña. De búsqueda para entender la historia cultural y social de los altos sertón de Bahía de la utilización de edificios expectativas. Utilizando como método de investigación a las explotaciones de inventario, para el análisis y la interpretación de la arquitectura local, a partir de la memoria de los residentes y fondos documentales escritos, fotográficos, dibujos y muebles.

Palabras clave: Macaúbas, Sertão da Bahia, construir, vivir y trabajar.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Alto sertão da Bahia e seu entorno .....	37
Figura 02: Entorno do Alto Sertão da Bahia .....	46
Figura 03: Praça Senhora Sant'Ana de Lagoa Clara .....	52
Figura 04: Documentação fotográfica da Casa dos construtores .....	53
Figura 05: Acervo Fotográfico, Casa Sebastião Cardoso da Silva.....	53
Figura 06: Praça da matriz da Conceição, início século XX .....	55
Figura 07: Conjunto arquitetônico da Praça da Matriz, 1977.....	55
Figura 08: Adro da Matriz da Conceição de Macaúbas .....	57
Figura 09: Conjunto Arquitetônico da Praça da Matriz_ .....	60
Figura 10: Edificações inventariadas na Praça da Matriz_.....	61
Figura 11: Praça Imaculada Conceição, antes da reforma de 2007 .....	62
Figura 12: Casa do Professor Zacarias do Amaral .....	62
Figura 13: Conjunto arquitetônico da Praça Matriz .....	63
Figura 14: Conjunto arquitetônico da Praça da Feira .....	64
Figura 15: Atividades comerciais na Praça da Feira .....	65
Figura 16: Atividades comerciais na Praça da Feira .....	65
Figura 17: Atividades comerciais na Praça da Feira .....	66
Figura 18: Casa de Ferragens de Otaviano da Mata.....	67
Figura 19: Conjunto arquitetônico da Praça da Feira .....	69
Figura 20: Conjunto arquitetônico da Praça da Feira .....	69
Figura 21: Transformações urbanas na Praça da Feira.....	70
Figura 22: Transformações urbanas na Rua Direita .....	71
Figura 23: Transformações urbanas na Rua Direita .....	71
Figura 24: Transformações Rua Doutor Manoel Vitorino .....	73
Figura 25: Transformações Rua Abílio César Borges.....	74
Figura 26: Mapa do perímetro urbano de Macaúbas-BA .....	75
Figura 27: Documentação Arquitetônica, Casa da Fazenda Algodões .....	91
Figura 28: Edifícios de função mista no Alto Sertão Baiano .....	101
Figura 29: Edifícios de função mista no Alto Sertão Baiano .....	102
Figura 30: Casas de Fazenda no Alto Sertão Baiano.....	103

Figura 31: Casas de Fazenda no Alto Sertão Baiano.....	103
Figura 32: Mapa do Perímetro urbano localização de edificações .....	110
Figura 33: Mapa do Município de Macaúbas: edificações rurais.....	111
Figura 34: Esquema de compartimentação do espaço.....	142
Figura 35: Esquema de compartimentação do espaço.....	142
Figura 36: Prato de medida no sertão .....	190

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Espacializações urbanas com acervos inventariados .....	107
Tabela 02: Espacializações urbanas com acervos inventariados .....	107
Tabela 03: Edificações da Praça da Matriz da Conceição .....	108
Tabela 04: Edificações no entorno das Praças Matriz e Praça da Feira .....	108
Tabela 05: Edificações Zona Rural .....	110

## **LISTA DE SIGLAS**

AA – Acervo do Autor

AP – Arquivo Particular

APEB – Arquivo Público do Estado da Bahia

APM – Arquivo Público de Macaúbas

BMG – Biblioteca Manoel Quirino

BN - Biblioteca Nacional

FCPM – Fundação Cultural Professor Mota

ICAAM – Inventário Cultural do Acervo Arquitetônico do Município de Macaúbas

INRC – Inventário Nacional de Referências Culturais

IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia

IPAC-BA – Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PDD – Plano Diretor de Desenvolvimento de Macaúbas

SHU – Sítio Histórico Urbano

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	12
<b>Capítulo 1 – Espacialidades históricas e transformações urbanas em Macaúbas</b> .....	21
1.1: O Alto Sertão da Bahia, uma espacialidade na história .....	24
1.2: O Arraial de Santana de Lagoa.....	49
1.3: A Praça da Matriz da Vila de Macahubas .....	53
1.4: A Praça da Feira .....	63
1.5: Outras espacialidades urbanas da área central da cidade .....	69
<b>Capítulo 2: A cultura da arquitetura, história, conceitos e evolução</b> .....	76
2.1 - O inventário e método na documentação da arquitetura macaubense .....	102
<b>Capítulo 3: Arquitetura e sociedade: construir, morar e trabalhar</b> .....	111
3.1: A documentação arquitetônica da zona urbana de Macaúbas .....	119
3.2: A documentação arquitetônica da zona rural de Macaúbas .....	174
3.3: Arquitetura em Macaúbas: valores e práticas .....	198
3.3.1: Valores no espaço urbano .....	200
3.3.2: Valores no espaço rural .....	211
<b>Considerações Finais</b> .....	217
<b>Referências</b> .....	222
<b>Fontes primárias</b> .....	222
<b>Fontes secundárias</b> .....	227
<b>Glossário</b> .....	234
<b>Anexos</b> .....	242



## **Introdução**

A arquitetura neste trabalho é considerada uma fonte para uma nova história, para a História Regional e Local, em particular neste trabalho uma historiografia na perspectiva de um estudo entre homem e espaço construído. Trata-se de um estudo que procura analisar as relações entre morar e trabalhar, presentes na evolução histórica, social e cultural de Macaúbas, cidade localizada no Alto Sertão da Bahia. A ideia da arquitetura como arte e expressão, espaço e lugar, como manifestação de uma prática cultural de um povo, estão permeados pelos seus modos de fazer, viver e por um conjunto de hábitos cotidianos circunscritos em dada região. A evolução da arquitetura macaubense, os materiais empregados, técnicas e sistemas construtivos atendem as condições específicas de produção e adaptações em função da emergência local, pelo seu caráter permanente ou provisório a atender determinadas necessidades e valores sociais como o casamento e econômicos quando abriga atividades. Considera-se o aspecto da disponibilidade de materiais e mão de obra, os quais projetam suas funções básicas como morar e trabalhar.

Produto de um contexto, a arquitetura em Macaúbas é carregada de revivalismos historicistas de tradição colonial e do ecletismo. Nesse sentido o trabalho apresenta períodos e fatos históricos da cidade através da análise de seus edifícios, nessas linguagens e respectivos contextos. Naturalmente o acervo construído em meio urbano e rural passam por esses períodos históricos e por diversos processos de transformações, como a mudança de proprietários, o que implica em novos valores e funções, e dessa forma novas apropriações do espaço, apresentando uma dinâmica social. Veremos mais adiante essa ideia de revivalismo como expressão da consciência e patriotismo (Koch, 2004, p.63).

Uma arquitetura de uso residencial e com fins voltados as atividades econômicas, ou seja, a casa de uso misto é analisada numa perspectiva das relações entre morar e trabalhar, como aspecto cultural importante das dinâmicas econômicas e sociais da região em tela. A arquitetura macaubense, bem como em outras regiões, carrega em si um amplo conjunto de valores simbólicos que conferem uma concretude da vida humana, das individualidades que formam a coletividade, uma identidade perante a universalidade e subjetividade. Esta dissertação encarrega-se de analisar três aspectos que consideramos fundamentais no conjunto simbólico da arquitetura, o ato de construir, de morar e trabalhar e suas inter-relações a um conjunto de valores sociais,

culturais, econômicos, que constroem uma identidade local, ainda que o resultado da conformação desses aspectos em Macaúbas seja o resultado de uma longa trajetória de práticas empíricas circunscritas na história da arquitetura brasileira.

Alguns conceitos como o de cultura material, tangibilidade e intangibilidade são inseparáveis e importantes nessa análise para esse trabalho no sentido em que podemos captar a formação de uma coletividade, ou seja, como determinadas práticas de construção e habitação na cidade e em diferentes contextos e lugares podem revelar uma coesão de grupo. Essa realidade em Macaúbas e do ponto de vista das percepções acerca das edificações de uso misto pode ser aprendida do ponto de vista de suas tipologias de planta, programa de necessidades, sistemas estruturais, elementos compositivos das fachadas. A disposição do mobiliário, por exemplo, nos revelam essa coesão de práticas culturais tradicionais. Nessa direção, esses exemplares arquitetônicos dos quais estamos a analisar em Macaúbas, podem ser considerados como documentos? E a final de contas, são fenômenos que expressam a cultura local? A arquitetura como bem material da cultura, se expressa quer seja pelo seu caráter intrínseco entre teoria e prática e extrínseco associado às ideias sobre as circunstâncias de sua produção, contexto histórico, dinâmicas econômicas e valores sociais. Desse modo abrem-se muitas interfaces para reflexões sobre o cotidiano, vida doméstica e laboral no conjunto dos fatos históricos, experiências e práticas que rodeiam essas edificações a partir das suas memórias e histórias de vida.

Em Macaúbas pouco sabemos ainda acerca desse caráter de produção, ou seja, os desígnios de uma edificação, os significados envoltos nestas inter-relações, os valores culturais locais ali circunscritos, o contexto histórico, os agentes e como eles operam e externam os saberes tradicionais adquiridos historicamente, ou seja, como atuam na produção da arquitetura, ao empregar determinados tipos de técnicas e materiais em suas edificações. Ainda sim, como esses agentes estabelecem nessas inter-relações, hábitos, maneiras de ocupar e fazer uso de cada um dos espaços seja para morar e trabalhar. Essas inter-relações constroem valores, hábitos, práticas e experiências historicamente desenvolvidas pelos moradores e são subjetivas. As reflexões sobre essas relações que há entre construir-morar-trabalhar é um exercício de pensar sobre as ações que os macaubenses estabelecem e aqui em particular do ponto de vista do âmbito do espaço arquitetônico. Como estamos a analisar um limitado número

de edificações, não se atinge a totalidade histórica dessa subjetividade das experiências humanas.

Nesse sentido consideram-se diferentes tipos de atividades econômicas, as agrárias, as estratégias de guarda de ferramentas, estocagem de grãos em períodos de secas, às atividades comerciais em lojas de miudezas, casas de ferragens, lojas tecidos e do ramo de prestação de serviços, como uma sapataria. Em Macaúbas a presença de cabides pregados nas paredes tanto nos espaços internos e externos das edificações, desempenham assim uma função, de dar suporte e apoiar os objetos domésticos de uso pessoais e de trabalho, como uma chave, chapéu, chicote de cavalo, corda, peça de selaria. Ainda sim, pilastras, cantoneiras e suportes servem para o sertanejo arrumar suas vestimentas, cordas, copos e moringas (recipientes de argila) para armazenar água. A presença dos bancos de madeira de várias dimensões nos informa várias coisas, sobre os quais apoiam de quase tudo, moringas, objetos pessoais, a exemplo também dos longos bancos de quatro pernas, que servem para o deleite do proprietário que hora senta quando tem visita ou deita em seu momento íntimo.

A disposição do mobiliário, utensílios e ferramentas em determinados “cantos” do ambiente doméstico estão repletos de significados. Entender esses desígnios, onde ficam e porque ficam dispostos em determinados cantos, é compreender parte de um amplo processo histórico e subjetivo presentes nestas inter-relações que há entre construir-morar-trabalhar, produto dessas interações e agenciamentos que ocorrem no cotidiano, em diversas atividades, com a organização do trabalho e da vida doméstica marcada por um cenário sagrado e íntimo das experiências e valores simbólicos.

A justificativa para esse tipo de abordagem nesta relação entre *arquitetura e sociedade* respalda-se na demanda por entender historicamente a constituição de parte de um processo amplo e complexo das inter-relações multifacetadas pelas experiências intangíveis dos macaubenses, muitas vezes invisíveis. A descaracterização, demolição e desaparecimento paulatino dos remanescentes da arquitetura macaubense, detectado na inventariação em campo desde 2011, também justifica a emergência dessa pesquisa, uma vez que a ausência ou modificação dessa materialidade das formas construídas dificultaria esse tipo análise, pois nos últimos anos com o progresso econômico acelera-se a demolição dessas habitações.

O método de investigação em campo pautou-se na inventariação de acervos e suas diretrizes gerais, tendo como fonte de referência o trabalho de Inventário Cultural do Acervo Arquitetônico do Município de Macaúbas - ICAAM, projeto apoiado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC e coordenado por nós desde o período de 2010-2012. A base de seus dados foi crucial nessa dissertação, sem a qual não seria possível. Tomam-se como referência outros trabalhos como: “Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia” – IPAC-BA organizado por Paulo Ormino Azevedo, em especial o volume quatro Monumentos e Sítios da Serra Geral e Chapada Diamantina. O “Inventário Cultural da Calha do Rio São Francisco” realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN em 2011.

Esse método foi aplicado na análise dos exemplares edificados na zona urbana, a partir da Praça da Matriz, Praça da Feira e ruas que se cruzam e interligam a essas praças, formado um Sítio Histórico Urbano. Na zona rural a pesquisa procurou sistematizar as edificações da Praça da Igreja de Sant’Ana de Lagoa Clara, Sítio de Bebedouro, Algodões, Canto e Brejo C. Porfírio. A sistematização desses dados sobre os resultados da pesquisa em campo, através de entrevistas semiestruturadas com os moradores, acerca das datas das edificações, reprodução do espaço arquitetônico através de plantas baixas, desenhos de fachada, registro e pesquisa fotográfica, bem como sobre novos e antigos proprietários, histórico de usos. Essa documentação levantada e sua orientação posterior foram fundamentais para dissertar sobre os sistemas construtivos, os materiais empregados e suas tipologias presentes nas casas urbanas e rurais, bem como uma representação gráfica dos espaços internos, externos destas edificações.

Com base nessa inventariação e suas sucessivas sistematizações sobre esses dados do acervo analisado, foram feitos cortes e priorizações necessárias, enquadrando-se assim os exemplares da arquitetura civil e numa perspectiva entre morar e trabalhar, diante da diversidade das formas construtivas, que passaram a ser classificadas também segundo os critérios e de acordo com sua linguagem arquitetônica. Assim analisa-se nesse trabalho um conjunto de expressões da arquitetura de estilo colonial criada e readaptada tardiamente na cidade e outro rol de práticas associadas à arquitetura eclética entendida nas linguagens historicistas, também produto de releituras de referenciais historicistas, conforme a leitura de seus elementos compositivos estruturais e das fachadas. Nesse sentido a mensuração sobre o contexto histórico de produção desses edifícios é fundamental nessa classificação. Assim, em Macaúbas analisou-se um

conjunto de casas térreas, casas como porão e sótão, a maioria de uso misto. Essa diversidade de tipologias arquitetônicas é o resultado das múltiplas experiências individuais e coletivas do homem em suas subjetividades. Mas, como proceder na análise dessas edificações em meio a essas diversidades de tipologias, contextos, valores e práticas sociais?

Outro método empregado foi aplicado a partir da pesquisa e revisões bibliográficas e documentais em bibliotecas, arquivos particulares e outras instituições. Assim alguns documentos foram consultados no Arquivo Público de Macaúbas - APM, em especial os alvarás de licença para construção e Obras Públicas. Arquivo da Paróquia de Macaúbas, em especial Livro: Histórico e Inventário da Freguesia de Macaúbas. Arquivo da Fundação Cultural Professor José Batista da Mota - FCPM, especialmente o acervo fotográfico. Arquivos particulares, a exemplo da *“Escritura Particular de Compra e venda”* da casa do Prof. Zacarias do Amaral Rêgo. Arquivo Público de Rio de Contas, analisando os inventários de compra e venda de terras, os quais se encontram deteriorados, dificultando a leitura. Arquivo Público Estadual da Bahia - APEB -, Seção Colonial: Correspondências da Câmara e Juizes de Macaúbas. Consulta aos Anais da Biblioteca Nacional, Anais da Biblioteca Francisco Vicente Vianna e Biblioteca Manuel Quirino – BMQ em Salvador. Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe – BICEN em São Cristóvão e a Biblioteca da UFS no campus de Laranjeiras. No decorrer das pesquisas algumas referências bibliográficas principalmente o campo da historiografia e da arquitetura foram cruciais, destacamos o acervo da biblioteca particular da professora Betânia Brendle.

Sobre História Local e Regional, História de Macaúbas e História do Alto Sertão baiano analisou-se, Cícero Campos, “Descrição do município de Macahubas”; Pe. José Maria Vicente “Histórico e Inventário da Freguesia de Macaúbas”; Ely Souza Estrela, “Os sampauleiros: cotidiano e representação”; Erivaldo Fagundes Neves, “Uma comunidade Sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo regional e local)”; “Estrutura Fundiária e Dinâmica Mercantil: Alto Sertão da Bahia, Séculos XVIII e XIX”; Francisco Vicente Vianna, “Memória Sobre o Estado da Bahia”; Isnara Pereira Ivo “Homens de Caminho: trânsitos culturais, comércio e cores nos sertões da América Portuguesa, Século XVIII”; Maria Aparecida Sousa “A Conquista do Sertão da Ressaca: Povoamento e Posse da Terra no Interior da Bahia”; Albertina Vasconcelos Lima “As Vilas do Ouro: sociedade e trabalho na econômica escravista mineradora – Bahia,

século XVIII”. Maria Dorath Bento Sodré “Até onde Justo for: Arranjos e conflitos pela propriedade e Posse da terra - Macaúbas, 1850”.

A respeito da História da Casa, História da arte, História da cidade, História da vida doméstica, História do cotidiano e cultura material, consultamos Giulio Argan “A história da Arte com a História da cidade”; Aldo Rossi “A arquitetura da cidade”; Richard Bucaille e Jean-Marie Pesez “Cultura Material”; Ulpiano Bezerra Meneses “A cultura material no estudo das sociedades antigas”.

No campo da Arquitetura e História da Arquitetura, Arquitetura Brasileira, Arquitetura Baiana, Arquitetura Popular, destacamos: Marco Polião Vitruvius “De Arquitetura”; Leonardo Benevolo “A cidade e o Arquiteto”; Raquel Rolnik “história e história urbana”, Teixeira Coelho “A Construção do sentido da arquitetura”; Paulo O. Azevedo “Inventário de Proteção Acervo Cultural da Bahia”; Lúcio Costa, “Documentação Necessária”; “Residências Rurais no Brasil Colônia”; Carlos Lemos “O que é Arquitetura?”; “Arquitetura brasileira”, “A Casa Brasileira”, Eder Donizeti da Silva “A história Contada Através da Arquitetura de uma Rua” Nestor G. Reis Filho “Quadro da Arquitetura no Brasil” e “A Evolução Urbana do Brasil”; Mario Mendonça; Betânia Brendle “Pernambuco: Zona da Mata”, Günter Weimer “Arquitetura Popular brasileira”. Anateresa Fabris “A arquitetura eclética do Brasil: o cenário da modernização”.

Os estudos sobre a posse da terra no Alto Sertão da Bahia entre os séculos XVIII e XIX foram fundamentais para entendermos os agentes e as dinâmicas sociais e econômicas do processo de formação e evolução territorial-urbana da cidade de Macaúbas. Os primórdios da formação de sítios e fazendas, como unidade de produção e história agrária, onde a agricultura, criação de gado e o comércio foram responsáveis pelo surgimento das povoações, como Arraial de Santana de Lagoa Clara e Arraial de Macahubas. Esses aspectos históricos e econômicos são cruciais para entender a lógica da produção da arquitetura na região, sua forma e materialidade física, as dinâmicas econômicas e práticas socioculturais. Acertadamente Macaúbas já era uma vila formada no início do século XIX e muitos antes do reconhecimento oficial, agrupando-se aos aglomerados urbanos em fins do século XVIII a partir de desdobramentos da formação do território colonial do Alto Sertão baiano, com a ação da coroa portuguesa nas áreas de mineração e criação de gado, que lhe despertava grande interesse econômico.

No primeiro capítulo, *Espacialidades históricas e transformações urbanas em Macaúbas* analisam-se evolução e as transformações urbanas da cidade de Macaúbas inseridas na lógica da evolução territorial do Alto Sertão da Bahia. Tais análises partem num primeiro momento do campo da história agrária e percorrendo os caminhos das dinâmicas e dos agentes envolvidos com a posse e os negócios da terra, como a agricultura, pecuária e o comércio. Estes estudos apontam para a formação territorial com o surgimento dos núcleos de povoamento como sítios e fazendas e suas atividades econômicas na segunda metade dos setecentos. Em outra etapa dessa evolução urbana, passamos a focar as espacialidades históricas que remontam ao início do povoamento da região, tais como: Praça da Vila de Santana de Lagoa Clara, Praça da Matriz da Vila de Macahubas, Praça da Feira e suas ruas adjacentes conforme os mapas de localização das edificações em áreas urbanas e rurais. Algumas povoações são também importantes como fruto desse processo, a exemplo de Canto, Brejo C. Porfírio, Algodões. Uma análise dessas espacialidades históricas permite assim assinalar a ocorrência de suas estruturas edificadas, as formas de produção e transformações dos espaços.

No segundo capítulo: *A cultura da arquitetura, história, conceitos e evolução*, faz-se uma revisão de literatura para as abordagens sobre conceitos e fundamentos no campo arquitetura, vista como ciência, arte, expressão e prática sociocultural que dá dimensão as experiências humanas nas cidades. Essas análises procuram percorrer momentos da história da arquitetura no Brasil. Primeiramente um longo período de práticas empíricas herdadas da colonização portuguesa, depois o contexto da segunda metade do século XIX que de igual modo projeta experiências na projeção de novos edifícios, contexto marcado pela ascensão de movimentos artísticos historicistas. Os referenciais da arquitetura desses dois períodos históricos são replicados em Macaúbas, numa vertente de tipologia neocolonial e outra de tipologia eclética, ambas nascidas de revivals historicistas adaptadas localmente. Essas análises prolongam-se sobre a história das técnicas construtivas, a utilização de materiais nessas edificações, bem como uma analogia dos espaços arquitetônicos, seus programas, usos e finalidades.

No terceiro capítulo: *Arquitetura e sociedade: Construir, morar e trabalhar iniciamos* com uma discussão sobre os mecanismos de inventariação de acervos culturais, como método aplicado nessa dissertação, para a catalogação de acervos

arquitetônicos e para a documentação da arquitetura em Macaúbas, abordando sobre referenciais aplicados no Brasil. Em seguida, é apresentando os resultados em Macaúbas, a partir de dois grandes momentos. Primeiramente a documentação arquitetônica da área urbana e posteriormente a documentação da área rural. Nesta documentação consta a análise gráfica e fotográfica das edificações. Necessita-se compreender as relações presentes nas técnicas construtivas, sobre como se edifica uma habitação, como são feitas as escolhas dos tipos de materiais. Entre os olhares, um está voltado para os esquemas espaciais das plantas, como forma de compreensão da apropriação e uso dos espaços seja para morar e para trabalhar. Outro olhar é voltado para a presença do mobiliário e das ferramentas inseridas nos espaços arquitetônicos quando de sua existência, visando identificar elementos simbólicos, valores, práticas e experiências locais que de alguma forma nos remetem a esses aspectos das relações entre construir, morar e trabalhar que emergem de hábitos culturais.

Ao analisarmos essas práticas projetuais de construção, procura-se entender os significados desses elementos, as concepções de distribuição espacial, hierarquizações, como são ocupados, quem os acessa e como acessa. A relação de morar pode ser observada na disposição do mobiliário e ferramentas, os significados dessa disposição, os valores e hábitos culturais que resultam em programas de necessidades e suas finalidades. A documentação gráfica de representação arquitetônica através de desenhos de fachada, plantas baixas e os registros fotográficos são tratados de modo especial na identificação dessas relações.

A discussão sobre as inter-relações construir-morar-trabalhar em Macaúbas perpassam assim pelo seu caráter intrínseco e extrínseco da arquitetura, o contexto de sua produção, os locais, as necessidades econômicas, a disponibilidade de técnicas e materiais de construção, valores sociais, culturais, religiosos, morais, os saberes tradicionais, os quais refletem nas características de determinadas habitações. Em que sentido essas edificações conferem uma identidade macaubense? Em Macaúbas essas inter-relações sinalizam também a existência de uma rede de relações sociais coletivas, através das amizades, solidariedades, como a ajuda mútua nos pequenos mutirões entre familiares e serventes-amigos para construção das moradias, sobretudo como se notou em vésperas de casamento, uma série de caminhos, sonhos, conquistas, mas também suas dificuldades e contradições que marcam as trajetórias de vida, as inventividades



circunscritas nesse amplo conjunto de valores, os quais dão significado a vida em família nos sertões inóspitos do passado do nordeste brasileiro.

## **Capítulo I - Espacialidades históricas e transformações urbanas em Macaúbas**

Neste capítulo abordamos os desígnios da transformação urbana da cidade de Macaúbas a partir de uma análise histórica sobre o processo de espacialização. Essas análises abordam primeiramente a conjuntura geral do processo histórico de formação territorial, econômica, social e política do Alto Sertão baiano, discutindo as ideias de espaço, cidade e configuração urbana. Procura-se inserir a vila de Macahubas como um aglomerado urbano e sua configuração nesta lógica. A priori considera-se que a cidade de Macaúbas estando localizada na região Sudoeste do Estado, Serra Geral e Chapada Diamantina, inclui-se no que os historiadores denominam de Alto Sertão da Bahia, como sendo uma região delimitada a partir de referenciais históricos, sociais e culturais, tendo como referência as cidades de Caetité e Rio de Contas, entre outras. Tal delimitação caracterizada através do avanço das pesquisas que vem identificando aspectos culturais e sociais que são peculiares para essa região, conferindo-lhe identidade nos modos de construir, morar e trabalhar.

Em seguida elegem-se as principais espacialidades históricas que emergem desse processo como a Praça da Igreja de Santana do Arraial de Lagoa Clara, a Praça da Matriz da Conceição da Vila de Macahubas e a Praça da Feira, a análise sequencial desses três espaços será apresentada levando em conta o critério de historicidade e antiguidade de cada uma. Analisa-se também outros logradouros como a Rua Direita, Rua Doutor Manoel Vitorino, Rua José Aurélio Pereira (Rua do Cemitério), Rua Doutor Cesar Zama, Rua Abílio César Borges, Rua Quinze de Novembro, Rua Visconde do Rio Branco, áreas com acervo arquitetônico inventariado.

Definiram-se como critério para as leituras urbanas a perspectiva da relação arquitetura e sociedade procurando localizar e analisar algumas edificações ali inseridas. Esse capítulo percorre a história da apropriação e as formas de utilização do solo e suas múltiplas funcionalidades como forma de entender a produção da arquitetura e seus aspectos, as formas de ocupação espacial e usos. Esse caráter de produção e uso da arquitetura nos encaminha para o problema dessa pesquisa, ou seja, a discussão sobre as relações entre construir, morar e trabalhar no âmbito do espaço arquitetônico.

Esses aspectos sociais e econômicos para o estudo da configuração urbana e territorial em Macaúbas são cruciais para entender a lógica da materialidade física ali

constituída, o caráter das experiências e práticas nas formas construídas, as maneiras de morar, trabalhar e se apropriar dos espaços. Os estudos sobre ocupação territorial são importantes para compreender os agentes e as dinâmicas nas transformações econômicas. A Vila de Macaúbas crescia em termos de população e representava um núcleo de abastecimento das áreas mineradoras, tendo a agricultura como vetor econômico.

A essência da arquitetura e urbanização no Brasil e seus aspectos gerais remontam a formação e evolução urbana brasileira ainda nos tempos da colonização<sup>1</sup>. Os professores Nestor Goulart Reis Filho e Paulo Ormino Azevedo debruçaram sobre as características urbanas e arquitetônicas no Brasil. O primeiro ao discutir a ideia de uma política urbanizadora desencadeada por Portugal para a colônia brasileira, evidenciada através do surgimento paulatino de uma “rede urbana de centros regionais de centralização de poder”<sup>2</sup> ou núcleos especiais como Salvador, Rio de Janeiro, São Luiz do Maranhão, Belém, Recife, principalmente, que eram dotados de infraestrutura para garantirem a centralização e organização da política colonizadora lusitana (Reis Filho, 1968, p.78-79), num cenário que começou a desenhar-se a partir das práticas e experiências dos engenheiros militares, agentes fundamentais desse processo de urbanização<sup>3</sup>. Já Azevedo discute uma série de aspectos regionais da urbanização e arquitetura na Bahia, tecendo comentários sobre a economia e a sociedade<sup>4</sup>.

A ideia de urbanização e estratégia posta em prática pela coroa portuguesa vista por Reis Filho é destacada na seguinte frase: “As vilas e cidades apresentavam ruas de aspecto uniforme, com casas térreas e sobrados construídos sobre o alinhamento de vias públicas e sobre os limites laterais dos terrenos” (Reis Filho, 1976, p.21-22). Seus estudos fazem comparações históricas sobre ruas, praças e traçados das cidades coloniais para então discutir em tese a “A Evolução urbana do Brasil” e partindo da ideia de que são as casas que definem a espacialização dos lugares conforme iam sendo implantas, como as de frente para rua.

---

<sup>1</sup> REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

<sup>2</sup> REIS FILHO, Nestor Goulart Reis. **A evolução urbana do Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1968.

<sup>3</sup> O professor Nestor Reis Filho assim como Mário Oliveira cita alguns nomes de engenheiros e arquitetos oriundos da metrópole como o “Sargento-mor Engenheiro José Antônio Caldas, Capitão Antônio Landi, Coronel Manoel Cardoso de Saldanha, Brigadeiro José Custódio Sá e Faria, Brigadeiro Alpoim, Sargento-mor Cosme Damião da Cunha Fidié”.

<sup>4</sup> BAHIA. Secretaria da Indústria e Comércio. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural**. IPAC-BA-Monumentos e sítios da Serra Geral e Chapada Diamantina. Salvador, 1980.

O professor Paulo Ormindo ao propor e organizar o *“Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia”* segue na direção de análises sobre a história da Bahia através do inventário de edificações em seu vasto território. Suas análises assim com Reis, abrangem os aspectos do caráter de produção do espaço através da arquitetura. Os estudos de Reis Filho, analisam aspectos de implantação e definição do espaço arquitetônico colonial. Segundo Reis Filho são basicamente duas tipologias desenvolvidas ao longo da história da arquitetura brasileira, a casa térrea e o sobrado como aspectos da arquitetura civil e servindo desde então de moradia e comércio, marcando o cenário tipicamente colonial. Paulo Azevedo observa que no Alto Sertão da Bahia, o sobrado é raro na paisagem, mas, corrobora com Reis filho, sobre esse caráter moradia e trabalho, pois ao analisar as características e funções das edificações em Macaúbas, Paulo Azevedo tece discussões sobre o modelo de casa mista no sertão (Azevedo, 1980, p.71-72) modelos esses que como veremos associa-se ao processo de formação em Macaúbas. Essas ideias são fundamentais para pensar a moradia e o trabalho no âmbito do espaço arquitetônico.

Tanto os estudos de Reis Filho como os de Azevedo, observam-se descrições, sobre a tipologia do lote e da planta tanto na fase colonial e de períodos posteriores. Reis Filho analisa o século XIX e XX, tratando assim da evolução do lote urbano, mas destaca que na zona rural o que define o lote são as beiras de estradas e cercas, cuja delimitação era feita de modo simples com cordas e estacas, pois era desconhecido o uso de técnicas topográficas (Reis Filho, 1976, p.22). Esse aspecto tem ocorrência na zona rural de Macaúbas, onde suas casas de sítio estão implantadas em terrenos sem uniformidade e delimitadas por cercas. De acordo com Reis Filho o lote corresponde ao princípio e nos informa a natureza de uma arquitetura a ser implantada, a exemplo das casas residenciais de frente para a rua das vilas e cidades coloniais que segue influências das plantas medievos-renascentistas. Os estudos de Reis Filho e Azevedo são fundamentais para o entendimento da evolução urbana de Macaúbas, como as descrições de Azevedo sobre o caráter da arquitetura regional e que contribuem para a história do Alto Sertão baiano, a exemplo de edificações como casa-comércio em Caetité, casas de fazenda em Igaporã, o Antigo Paço Municipal de Macaúbas, (antiga casa do Padre Firmino), exemplar inventariado em discussão nessa dissertação.

Com relação à circulação interna a descrição de Reis Filho, é elucidativa para entender suas ocorrências em Macaúbas, ao escrever que é a partir de um “corredor

longitudinal que conduz da porta da frente aos fundos” (Reis Filho, 1976, p.24). Aspecto marcante nas residências, esse corredor também foi identificado no processo de inventariação do acervo arquitetônico baiano e documentado por Paulo Azevedo, segundo ele, o corredor uma espécie de “espinha dorsal” de uma edificação, como as residências do litoral e recôncavo, onde esse elemento articula os cômodos entre si. Em Macaúbas a presença desse elemento em suas edificações tanto na sede como na zona rural é comum como trataremos no capítulo três na análise espacial. Aponta Azevedo que à circulação conduz o visitante aos salões de visitas e jantar, onde os dormitórios desembocam nestes salões e raramente pelo corredor, muito embora haja alguns casos, segundo Azevedo esse corredor vem se constituindo uma via bloqueada na casa do sertão.

Assim o estudo do lote, da planta e da projeção arquitetônica em Reis Filho e Azevedo nos remete a uma analogia sobre a lógica espacial da Praça da Igreja Matriz da Conceição, na Praça da Vila de Lagoa Clara, Praça da Feira e ruas adjacentes em Macaúbas, cujo processo de conformação é fruto das reminiscências coloniais. A estética da paisagem assim nos indica os telhados de beiral em bica, telhas, implantação ao rés do chão, entre outros aspectos. Na arquitetura rural em Macaúbas podemos observar as casas de sítio e sua implantação em terrenos sem uniformidade e delimitadas por cercas ou paliçadas, como nas antigas residências de Nicolau Tolentino, José Cândido Domingues, Durval Barbosa, Pedro de Sousa.

### **1.1– O Alto Sertão da Bahia, uma espacialidade na história.**

As abordagens para uma historiografia da cidade ou de uma região, sobre a história de como Macaúbas configurou-se historicamente de vila à cidade, perpassa neste trabalho por uma discussão entre *arquitetura e sociedade*, postas nesta dissertação como dois fenômenos que expressam a concretude das ações do sujeito. A amplitude das leituras sobre a história da cidade requer ao pesquisador uma consideração sobre o caráter da universalidade da cidade-artefato em sua intangibilidade. O tema da história da cidade nesse sentido comporta-nos as seguintes dimensões: *história urbana*, *história da arte* e uma *história da arquitetura e do urbanismo*<sup>5</sup>. A acepção do termo urbanismo é abrangente na história, em termos mais restritos o seu significado pode estar relacionado ao “surgimento no final do século XIX de uma nova disciplina que se

---

<sup>5</sup> HOROUEL, Jean-Louis. **História do Urbanismo**. Trad. Ivone Salgado. Campinas, SP: Papirus, 1990.

apresenta como uma ciência e uma teoria da cidade (...) pelo seu caráter reflexivo e crítico e pela sua pretensão científica” (Horuel, 1990, p.7). Assim o estudo, “a cidade, obras públicas, morfologia urbana, planos urbanos, práticas sociais, pensamento urbano, legislação e direito relativo à cidade” (Horuel, 1990, p.8).

Com frequência aparece a acepção de urbanística que também confere o mesmo significado de urbanismo, “urbanismo ou urbanística, significado etimológico (urbs = cidade), foi nas primeiras décadas do século definido dentro do âmbito mais restrito da criação, organização, reforma, extensão e embelezamento das cidades”<sup>6</sup>. Assim a história da urbe, história da arte e da arquitetura são campos de pesquisas fundamentais para essas discussões teóricas sobre as relações entre a arquitetura e a sociedade os desígnios da produção do espaço, a vida material e estabelecimento da configuração urbano-espacial, resultando no fenômeno da cidade.

Partindo de uma convergência de reflexões entre a relação *arquitetura e sociedade*, as ideias sobre espaço e história da cidade de Macaúbas, são fundamentais para analisar o universo das práticas culturais simbólicas, dos desígnios da relação construir-morar-trabalhar, resultado das vicissitudes da vida do homem, entre elas as suas necessidades de abrigo, proteção, e uma série de atividades. Em Macaúbas ao fazermos uma leitura das Praças da Matriz da Vila de Macahubas, Praça da Feira e a Praça de Sant’Ana de Lagoa Clara e suas formas edificadas, estamos assim procurando pontuar as ações que expliquem a lógica de produção do espaço, a materialização da casa, as transformações, apropriações e as hierarquizações dos seus espaços. Do mesmo modo a produção do mobiliário, utensílios, ferramentas de trabalho e sua disposição nos espaços das residências também comportam essas observações.

Arquitetura-mobiliário-ferramentas são considerados exemplares de bens materiais da cultura, como obras de arte são oriundos da cognição humana, associadas a um conjunto amplo de valores técnicos, estéticos, afetivos, políticos e econômicos que partem das individualidades para se constituir e projetar-se na coletividade. Os diferentes bens materiais da cultura devem ser vistos como práticas e experiências envoltas numa relação de peculiaridade, diferenças e semelhanças. Esses bens materiais entre outros configuram os espaços rural e urbano da cidade Macaúbas. O espaço

---

<sup>6</sup> PUPPI, Ildefonso C. **Estruturação sanitária das cidades**. Curitiba; UFPR; São Paulo: CETESB, 1981. p.4.

arquitetônico de Macaúbas nesse sentido é um ponto focal para essas análises sobre os valores e as representações na sociedade, tendo então os componentes dos bens da vida material e da estrutura urbana da cidade, arquitetura, mobiliário e ferramentas, pauta-se na interface entre materialidade e imaterialidade da coletividade.

O movimento de modernização e interpretação da arte na Itália ocasionou diversas discussões sobre a história da cidade, da arte e arquitetura, separamos duas. O primeiro trabalho intitulado “*A história da arte com a história da cidade*”<sup>7</sup> de autoria do historiador e crítico de arte Giulio Carlo Argan. Neste trabalho o estudo sobre a cidade é captado através de uma relação intrínseca entre “cidade e arte”, o pensamento de Argan gira em torno de três ideias-chave: arte, cidade e objeto e suas respectivas conexões com a história da arte. Outro trabalho nessa direção com algumas similaridades na concepção de cidade, mas com suas nítidas diferenças na forma como aborda, cita-se as pesquisas do arquiteto Aldo Rossi, que escreveu “*A arquitetura da cidade*”<sup>8</sup>. A princípio esses dois trabalhos abordam teoricamente questões que queremos projetar nessa dissertação.

Segundo Argan a história da arte nada mais é do que uma história dos objetos, assim sendo a metodologia da pesquisa histórica para ele é um ponto fundamental para as definições sobre a obra de arte como pesquisa e sobre seus “componentes estruturais, conjunto de experiências estratificadas e difusas, unidade, sistema e campo de relações e seu processo” (Argan, 2005, p.15). Sua pesquisa sobre a obra de arte procura deter sobre as questões de ordem das técnicas, suas especificidades e os seus valores, a exemplo do desenho como sendo um modelo processual de produção da obra de arte, onde perspectivas e proporções, entre outros aspectos apresentam-se como um parâmetro de especificação e caracterização dessas ordens técnicas. Nesse sentido arte para Argan é técnica, arte é história da cultura e não uma história baseada num modelo de civilização calcada no poder e autoridade e centradas num juízo estético, o que seria apenas um dos componentes da história, pois a arte é o resultado de ações, as experiências históricas do homem numa associação entre trabalho e liberdade.

---

<sup>7</sup> ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte com a História da Cidade**. Trad. Pier Luigi Cabra. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

<sup>8</sup> ROSSI, Aldo. **A arquitetura da Cidade**. Trad. Eduardo Brandão. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Nessa direção ao procedermos em uma inventariação de exemplares arquitetônicos da cidade de Macaúbas, considerados objetos, bens da cultura material, estamos selecionando para pesquisa objeções para uma história da arte a partir da história desses objetos, ou seja, uma história das técnicas das edificações carregadas de uma subjetividade das concepções do indivíduo. A casa do senhor José Cândido Domingues, ou a Casa sapataria de Aloysio do Nascimento entre outras formas construídas, possuem um caráter vernáculo, são obras de arte que perpassam por uma técnica construtiva, o uso de materiais, as necessidades básicas de moradia e trabalho, e como tal constrói um conjunto de valores que passam a fazer parte de uma coletividade, da história cultural da cidade de Macaúbas.

Quando Aldo Rossi ponderou sobre “A cidade como arquitetura, a arquitetura como construção, a construção da cidade no tempo” (Rossi, 1995, p.1) observamos que sua tônica de abordagem não se furta também em dizer que a cidade é um artefato que simboliza a vida de uma coletividade, pois a cidade é uma criação humana, forma concreta da sociedade. Concorde com Argan com a ideia de que a leitura da cidade transcende uma mera leitura material e visual, mas sim condicionada às suas diferentes formas de leitura multidisciplinar sobre o ambiente.

Ao aprofundar suas reflexões para uma teoria dos fatos urbanos Rossi passa a trabalhar como a ideia de ‘estrutura’ e ‘individualidade’, os fatos urbanos para Rossi é obra de arte, nesse sentido a ideia de individualidade é tratada na concepção da cidade-artefato, a partir de um *locus*. A ideia de singularidade de uma arquitetura e sua forma própria nos remete às análises sobre a arquitetura de Macaúbas em suas diferentes formas estéticas e funções, sendo cada intervenção, cada exemplar um referencial de individualidade, particularidade que constrói os fatos urbanos, ou seja, a arquitetura da cidade do ponto de vista de sua natureza. Rossi, exemplificando a qualidade do ‘fato urbano’ cita o Palazzo della Ragione de Veneza, destacando que a forma singulariza um monumento mais do que a pluralidade de suas funções, ainda assim chama atenção para a grandiosidade de valores espirituais que embasam essa individualidade dos fatos urbanos, uma praça ou a rua.

Argan e Rossi nos instiga, ao propor uma formulação da arte como teoria, a reflexão de seus postulados nos auxilia a pensar uma relação entre arquitetura e sociedade, o construir, morar e trabalhar em Macaúbas. A arquitetura vista como arte



está inclusa em discussões teóricas. O primeiro concebe essa relação arte e teoria de modo ampliado e o segundo de modo mais específico e numa perspectiva da arquitetura. O conceito de espaço está presente em ambos, assim como a construção de suas ideias levando em conta os percursos da história da arte, como uma perspectiva teórico-metodológica em seus materiais e métodos, onde ficam evidentes as preocupações de ambos com as reflexões sobre as delimitações e sobre a constituição da forma, então um componente de fundamental importância para as leituras da cidade e para as concepções de espaço da arquitetura e da cidade de Macaúbas.

Para Giulio Argan “o espaço urbano é o espaço do objeto” (...) “o monumento como a mais alta representação da cidade e de sua historicidade” (Argan, 2005, p.1). As considerações da arquitetura como objeto de arte, compõem juntamente a outros elementos o espaço arquitetônico e por extensão o espaço urbano da cidade. Desse modo essas interpretações na relação *espaço e forma* como arte, é uma reflexão sobre o urbanismo na história e a história da cidade. A história da arte num plano teórico para Argan ampliam as perspectivas postas do ponto de vista da disciplina do urbanismo, pois ele estabelece um novo percurso teórico para uma nova história da arte na Itália, a história do urbanismo de então para ele não passa de uma história da arquitetura.

A obra de arte para Argan representam uma atividade urbana e por isso constrói uma cidade, caracterizando o espaço urbano, como sendo resultado das necessidades do homem e suas múltiplas operações, analogicamente seria as várias peças que compõe e dão forma a um quebra-cabeça. Nessa direção a obra de Gaston Bachelard em “*A poética do espaço*”<sup>9</sup>, Argan discute essa perspectiva do espaço e tempo como delimitação da forma na produção artística, pensando a arte como técnica e modelo que resulta a obra de arte, onde os produtos artísticos como objetos qualificam a cidade, mas também da obra arte como valor e toda sua subjetividade, a exemplo das determinações da imagem, valorização e existência da arte.

Enquanto Argan encara a cidade como uma obra de arte e de forma ampliada, Rossi adere à ideia da arquitetura, como seu ponto focal para defender a tese sobre o processo de formação de uma arquitetura da cidade através de uma análise do

---

<sup>9</sup> BACHELARD, Gaston. *A poética do Espaço*. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. Coleção “**Os Pensadores**”. São Paulo: 1ª. Ed. Abril Cultural, 1974. pp.339-507.

espaço, as formas, estética e as suas funções. As considerações de Rossi ainda que menos ampliadas, reconhece a cidade como obra de arte e a metodologia da história como percurso metodológico para a elaboração da construção de uma teoria sobre os fatos urbanos. Essas descrições dos fatos urbanos para Rossi não são apenas as edificações, muito embora seja seu foco, “*a arquitetura da cidade*”, as constantes referências sobre os monumentos e para dar significado às dinâmicas urbanas é outro indicativo ao escrever que “os monumentos, sinais da vontade coletiva expressa através dos princípios da arquitetura, parecem colocar-se como elementos primários, pontos de referência da dinâmica urbana” (Rossi, 1995, p.4).

O objeto artístico em sua complexidade e subjetividade confere diversas possibilidades de análises seja como ele é percebido e interpretado. Mas, o que é considerado arte para Argan? São os espaços urbanos simbólicos, uma pintura, os ambientes das habitações, até mesmo um retábulo de uma igreja, uma peça decorativa e o espaço dito rural, que ele denomina como sendo “dimensões cênicas da cidade” (Argan, 2005, p.4). Assim, a arquitetura inventariada em Macaúbas e posta para uma análise de suas relações, com as ações do homem em construir-morar-trabalhar, a concepção dos espaços da habitação, a disposição do mobiliário e ferramentas, são objetos artísticos que formulam um espaço carregado de fatos urbanos e como tal também conformam a dimensão cênica um caráter simbólico que configuram a cidade de Macaúbas. Mas a obra de arte não é apenas aquele espaço figurativo, material, mas um ambiente de infinitas coisas e valores da obra de arte produto das ações dos homens que não podem arbitrariamente serem postos isoladamente, a esgotar o caráter dos fatos da obra de arte e da cidade. “O espaço figurativo como demonstrou muito bem Francastel<sup>10</sup>, não é feito apenas daquilo que se vê, mas de infinitas coisas que se sabem e se lembram, de notícias” (Argan, 2005, p.43).

Rossi ao desenvolver sua “teoria para os fatos urbanos” faz assertivas sobre as multiplicidades dos valores da obra de arte e preocupado então com a subjetividade, reconhece a insuficiência de uma “história da arquitetura” em tal empreitada, ainda que diga que “a história urbana sempre parece mais satisfatória, inclusive do ponto de vista da estrutura urbana, do que qualquer outra investigação ou pesquisa sobre a cidade” (Rossi, 1995, p.49). A visão de monumento como elemento de configuração da cidade

---

<sup>10</sup> Sociólogo Francês (1904-70) difusor da epistemologia da imaginação. In: FRANCASTEL, P. *La réalité figurative*. Paris: Gonthier, 1965

coaduna-se em Argan e Rossi. Aldo Rossi não contempla outras variantes de objetos artísticos como fez Argan ao atribuir valor a um espaço interno de uma habitação como extensão urbana da cidade, tomando como exemplo um quadro de pintura e mesmo um retábulo de uma igreja. Rossi destaca que a cidade é um artefato, produto de experiências particulares e coletivas cujos valores são impossíveis de serem explicados em sua totalidade, ressaltando a ideia de universalidade dos fatos urbanos como constitutivos de uma “ciência urbana” e as motivações que originam a cidade a qual vivencia processos de permanências e transformações.

As expressões da arquitetura da cidade de Macaúbas, seus espaços, a disposição do mobiliário são considerados objetos artísticos que conferem um sentido para essa ideia “arquitetura da cidade”. Essas obras de arte são compreensíveis à luz de uma ‘tipologia’. Nesse sentido as tipologias arquitetônicas, as formas de espaço, a produção do mobiliário, representam alguns dos objetos e das formas de arte da cidade de Macaúbas analisadas para além do efeito plástico/estético nas diferentes práticas de edificações, mas sim olhado para as concepções de apropriação, transformação dos espaços, caráter da moradia e formas de trabalho.

Analisando os exemplares inventariados em Macaúbas, logo nos deparamos com duas tipologias principais, uma arquitetura erigida com referenciais de um estilo colonial historicista revivalista que se enraíza como prática cultural, a exemplo da antiga residência de Zacarias do Amaral Rêgo, a atual sede da Filarmônica Senhora da Conceição, são exemplares dessa tradição colonial, inseridos tardiamente na cidade. A continuidade dessa prática pode ser observada nos alvarás de construção entre as décadas de 1950-80 em especial as concepções das plantas baixas, que então já enunciavam algumas rupturas com o estilo colonial.

Outra vertente tipológica em Macaúbas é observada em suas leituras ecléticas com os referenciais historicistas do século XIX, a antiga residência do Cônego Firmino Soares, a Casa-tecidos de Augusto Sô Cardoso, a antiga residência da família Leão, hoje Museu Regional de Macaúbas, são exemplos de arquiteturas ecléticas carregadas desses revivalismos. No que diz respeito às funções da moradia e do trabalho, ambas estão associadas a esses espaços arquitetônicos. Quanto às técnicas construtivas também observamos uma serie de práticas culturais como as estruturas erguidas em adobe/tijolo, pau-a-pique e suas junções, formando estruturas mistas. Esse

“estudo das regras sobre os modelos e formas”, “aceitemos que a tipologia é a ideia de um elemento que desempenha um papel próprio na constituição da forma e que é uma constante” (Rossi, 1995, p.29). Nessa direção o estudo das tipologias da arquitetura em Macaúbas, é uma reflexão sobre modelos, formas e a utilização de regras permeadas por valores subjetivos.

Ao consideramos o fator da funcionalidade como explicação dos fatos urbanos, urbanização da cidade de Macaúbas e levando-se em conta a ideia de uma “crítica ao funcionalismo ingênuo” Aldo Rossi, reconhecendo os problemas de classificação, reforça que os fatos sociais são precedentes a uma função e forma. Giulio Argan também estabelece limites quando critica explicações integrais, pois para ele, os limites dessas interpretações são: classificação e identificação. Há de percebermos que em matéria das funções desempenhadas no espaço habitacional macaubense o perigo beira nossas considerações, o de interpretação da arquitetura como obra de arte. Debater a funcionalidade é considera-la como algo mutável e plural, também cabível na ideia do processo e permanências históricas, evitando generalizações de determinadas funções a um plano geral de representação de uma dada realidade social.

Nesse sentido podemos notar como em algumas edificações em Macaúbas inventariadas e classificadas de acordo suas tipologias estilísticas, funções e valores intrínsecos, há diferentes significados de apropriação do espaço arquitetônico, seja entre as várias formas de morar, seja no espaço rural e urbano, pois em muitos casos o programa de necessidade pensado pelo proprietário está relacionado a um determinado conjunto de valores, necessidades econômicas, religiosas e a um contexto de uma época. A ideia de uma hierarquia na distribuição e configuração espacial é diferente, enquanto que em algumas moradias os cômodos associados ao trabalho, depósito de mercadorias é autônomo, em outros lugares há uma sobreposição de funções, isso pode ser notado em residências rurais onde essa sobreposição é mais comum e as da zona urbana que por motivos diversos há um cômodo específico projetado para tais funções. Isso não anula que aspectos dessas duas realidades apareçam nas duas regiões.

Consideram-se os diferentes valores de dados grupos sociais, sinalizando desse modo que uma ou outra função desempenhada não explica satisfatoriamente a causalidade histórica das realidades dos fatos que compõe a universalidade da história da arquitetura e da cidade de Macaúbas.

Giulio Argan ao postular sobre a ideia de uma crise da cidade, diz que tal crise nada mais é do que a crise da arte e do objeto, apontando sobre os problemas-dilemas em cuidar das coisas, onde por outro lado o descuido das coisas, ou seja, das obras de arte culminam em uma catástrofe cultural, a morte da cidade e as nossas angústias. Nesse sentido temos aí importantes e instigantes reflexões para compreensão sobre a cidade de Macaúbas como arte e fenômeno. Ao escrever uma história da arte na Itália, Argan considerou o método histórico como fundamental, pois para ele o historiador da cidade e ou do urbanismo, é o historiador da arte, neste sentido praças, ruas, edificações, mobiliário, estradas e paisagens rurais são objetos artísticos que compõe cenários, ambientes e paisagens e coaduna-se para a chamada “dimensão cênica da cidade”.

É necessário que os historiadores de arte considerem o estudo científico de todos os fenômenos da cidade como inerente a sua disciplina; a conservação do patrimônio artístico como metodologia operativa, inseparável da pesquisa científica; a sua intervenção no devi da cidade como tema fundamental de sua ética disciplina (Argan, 2005, p.11).

A cidade de Macaúbas lamentavelmente vivencia cotidianamente a cada dia uma desfiguração urbana, num processo histórico agora marcado por desfazer e refazer novas práticas, os munícipes alheios ao seu devi na cidade, de sua ética e disciplina na conservação do patrimônio artístico, penetram por outros caminhos. Assim ao falarmos em Macaúbas sobre a destruição do seu acervo arquitetônico estamos nos referindo à destruição de objetos artísticos, tão somente as estruturas edificadas, vão-se outros objetos artísticos, pois nesse processo de perda da materialidade de suas formas, perde-se também a grandeza, a riqueza, a áurea dos seus espaços, as vivências, a espiritualidade ou como diz Argan, perdem-se as “dimensões cênicas da cidade”. A história da cidade e por associação a história urbana e de sua arquitetura entra em colapso. Ao longo desse trabalho recorreremos ao nosso método de inventariação como investigação das obras de arquitetura em Macaúbas e por vezes mencionamos os problemas da conservação.

Para Leonardo Benevolo estudioso da história da cidade e do urbanismo, debruçando-se sobre o modelo de cidade industrial, expressão do contexto econômico e político da segunda metade do século XIX, é a urbe metrópole marcada pelo personalismo político, pelo jogo dos grupos dominantes, seus interesses políticos e econômicos mantidos através do poder coercitivo e do indivíduo que quer se libertar.

A cidade industrial nos seus dizeres é desordenada, inchada pelo crescimento populacional via transferência de população rural, é a cidade das distribuições espaciais desiguais, e espontânea, analisada pela forma na qual vai se aparelhando, reunindo um conjunto de informações sobre as transformações radicais urbanas e no modo de vida social. A ausência de políticas públicas adequadas e logo do planejamento urbano é uma denúncia, não é estranho imaginar como a desordem urbana em Macaúbas opera-se através das forças do capital que adentram no território criando relações contraditórias entre os indivíduos, seus interesses econômicos e políticos.

Leonardo Benevolo em “*A cidade e o arquiteto*” ao trabalhar como a ideia de cidade “pós-liberal corrigida”<sup>11</sup> reforça a continuidade da relação antagônica entre a burocracia dos interesses públicos e a propriedade como símbolo da iniciativa privada, porque a cidade industrial é uma cidade de assentamento burguês, onde o jogo político e econômico está presente numa relação clara que ele denomina de “hipótese complementar” e “hipótese planejada” (Benevolo, 2009, p. 23-24), observa-se então o estabelecimento de uma relação política imperialista urbana de controle social mascarada, como exemplo cita os projetos de acomodação populares e o autofinanciamento de obras públicas pela iniciativa privada.

A “cidade moderna” é o reflexo da desordem da cidade liberal a partir da verificação da continuidade de modos tradicionais, mesmo que enfraquecidos, a “cidade moderna” do pós-guerra não pode ser projetada como um modelo adequado da sociedade, pois conserva uma tradição hierarquia de poder e interesses, ao chamar atenção sobre os discursos do Estado Autocrático na sociedade, justificando inconvenientes técnicos, problemas de circulação, escassez de serviços e destruição ambiental, o que é também perceptível em parte ao conjunto das transformações urbanas e ambientais em Macaúbas. Para Benevolo esses argumentos não explicam e não justificam os problemas, e por isso não poder ser considerada uma cidade moderna, mas um modelo de “cidade pós-liberal recorrigida”, conservadora, marcada pela continuidade dos contratos (Benevolo, 2009, p. 24-25).

---

<sup>11</sup> BENEVOLO, Leonardo. **A cidade e o arquiteto**. Método e história na arquitetura. São Paulo: Perspectiva, 2009.

A categoria de espaço nas análises historiográficas foi discutida pela professora Raquel Rolnik ao escrever sobre “*História urbana: História na cidade?*”<sup>12</sup> segundo ela a noção de ‘espaço’ na historiografia como objeto de análise oferece muitas possibilidades, pois “o espaço como variável fundamental” nos auxilia sobre o entendimento das dimensões das transformações urbanas e sociais da cidade, de como o homem se organiza no espaço quando escreve: “então, uma rua, para além de ser um lugar onde se passa ou deixa de passar, uma rua está carregada de história, está carregada de memória, está carregada de experiências que o sujeito teve, que seu grupo teve” (Rolnik, 1990, p.28). Essas representações simbólicas do espaço são os significados em que o indivíduo constrói dessa apropriação. Ao citar uma frase do historiador Fernand Braudel “as cidades são transformadores elétricos, que aumentam as tensões, precipitam as trocas, agitam continuamente a vida dos homens” (Braudel, 1997, apud Rolnik, 1990, p.27). Essa frase expressa o dinamismo das cidades, as transformações urbanas e todo o seu dinamismo em seus aspectos físicos e funcionais.

A cidade assim para Rolnik e dialogando com Braudel diz que esta contém uma subjetividade, para além de suas relações com a forma física, funcionais e estéticas entre o morar, trabalhar, como sendo algumas entre tantas outras suas atividades que a colocam em movimento, como um “transformador elétrico” de que alude Braudel ao analisar a urbanização das cidades no livro “*Civilização material, economia e capitalismo – sécs. XV-XVIII*”, ou seja, a ideia de uma territorialidade circunscrita em códigos e suas significações interdependentes, suas dinâmicas que provocam tensões entre o que é singular nessas significações perante aos padrões de homogeneidades impostas, como nas políticas urbanas.

Após esse trajeto teórico-metodológico sobre *espacialidade e história da cidade* ou para uma *história urbana*, alguns questões nos vem em mente, a de que o espaço é uma categoria de análise fundamental para as nossas asserções sobre a concretude das experiências humanas ao longo da história, processadas em um dado espaço urbano-arquitetônico construir-morar-trabalhar. Aprendemos também que ao fazermos essas aproximações e análises, percebe-se que os espaços são mutáveis pelas operações na forma com a qual o homem se apropria deste. Nesse sentido história e o

---

<sup>12</sup>ROLNIK, Raquel. **História Urbana: História na cidade?** In: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo – SHCU, 1993, Salvador. Anais eletrônicos - Seminário de História da Cidade e do Urbanismo- SHCU, 1993, pp.27-29.

espaço são conceitos complexos, devido ao caráter da subjetividade das experiências humanas nesse processo de apropriação.

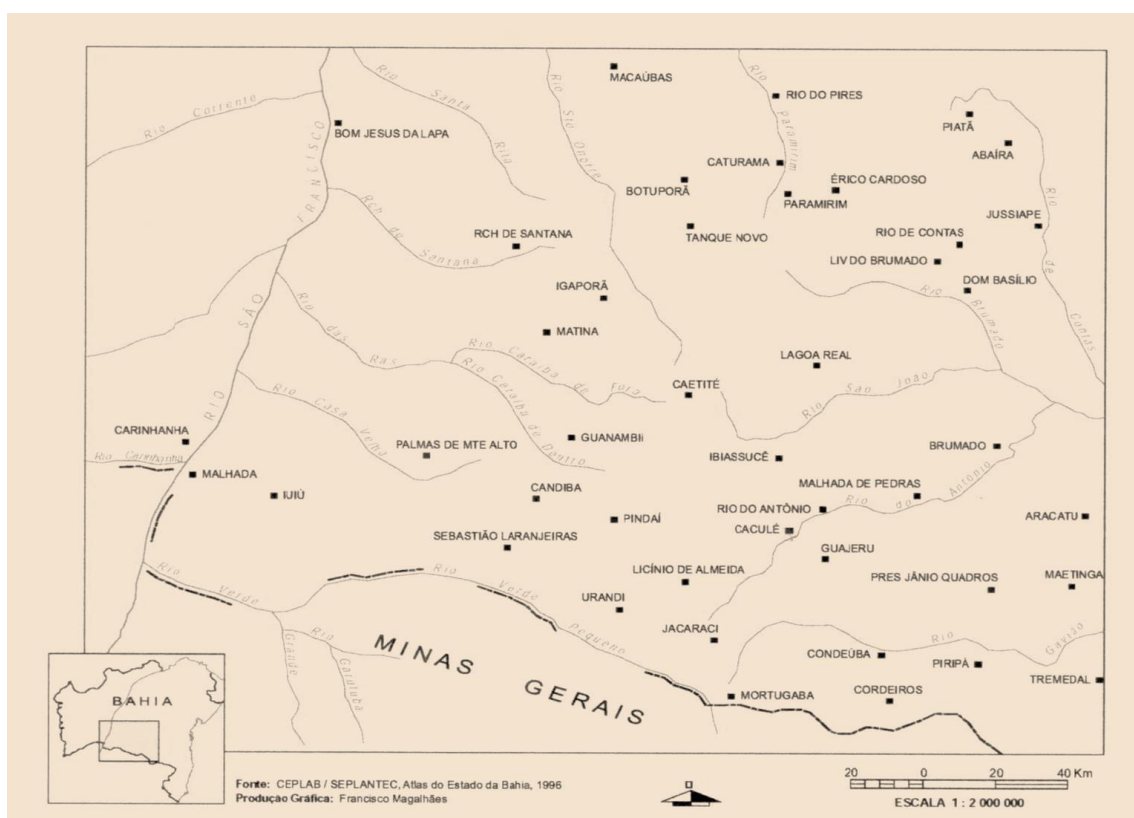
Na passagem do século XVIII no Alto Sertão da Bahia, estendeu-se um trânsito humano provocado em parte pela decadência da mineração em Rio de Contas e Jacobina, sinais de um contexto da crise do sistema colonial. O povoamento do Alto Sertão intensifica-se, a medida que já vinha articulando-se como eixo econômico, quando do avanço paulatino do poder lusitano que se irradiava desde os sertões da Ressaca, Jacobina e Rio de Contas e suas investidas pelo controle de novas terras e a busca por outras áreas de mineração, principalmente visando fortalecer o sistema e a economia colonial. Essa irradiação da expansão do poder lusitano e desde os contatos iniciais, possibilitou no alvorecer desse século o surgimento uma comunidade nos sertões, um novo lugar para aventurar e sonhar, que recebera o topônimo de Macaúbas, nome dado aos frutos da palmeira pelos indígenas. Cidade localizada na região sudoeste do Estado da Bahia, microrregião de Boquira, distante aproximadamente 682 km de Salvador, capital do Estado.

Consideramos neste trabalho como referencial de espacialidade histórica, o “Alto Sertão da Bahia”, também conhecido como “Sertão de Cima”. Mas o que é sertão? A demarcação do Alto Sertão baiano nesta dissertação auxilia no entendimento da formação de uma espacialidade histórica, lugar e região na qual se insere um processo histórico de organização econômica, social, de uma identidade cultural simbólica na qual se forma o território da cidade de Macaúbas conforme o mapa da (figura 1). A região do Alto Sertão da Bahia e numa delimitação mais ampla ao longo do Rio São Francisco, é também denominada de “Sertão do São Francisco”. Na historiografia local sobre a região os pesquisadores costumam demarcar essa região, tomando como parâmetro as cidades de Caetité e Rio de Contas.

Desse modo a ideia de ‘espaço’ como uma temática na historiografia do Alto Sertão, contribui fundamentalmente para uma análise das relações entre arquitetura, morar e trabalhar na sociedade em Macaúbas, suas dinâmicas socioeconômicas e culturais indissociáveis desse contexto histórico, social e espacial, sendo, portanto, uma perspectiva importante para um diálogo sobre a constituição de uma história e identidade local.



Figura 01: Alto Sertão da Bahia e seu entorno



Fonte: NEVES, 2005, p19.

Esse espaço é hoje consolidado nas abordagens não só historiográficas, mas também sendo referencial para outras ciências. Essas abordagens concentram-se no contexto histórico setecentista, período tido como o contexto da formação territorial do Alto Sertão baiano. Macaúbas, em especial surge como espacialidade já no começo do setecentos com as primeiras formas de apropriação da terra, arrendamentos, compras e doações, definições de limites, processo oriundo do Morgado da Casa da Ponte Guedes de Brito. Os estudos sobre o Alto Sertão da Bahia<sup>13</sup> e numa perspectiva da História

<sup>13</sup>ESTRELA, Ely Souza. **Os sampauleiros: cotidiano e representação**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003. IVO, Isnara Pereira. **Homens de caminho: trânsitos culturais, comércio e cores nos sertões da América portuguesa. Século XVIII. Vitória da Conquista: Edições UESB 2012.** NEVES, Erivaldo Fagundes. **Uma comunidade Sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo regional e local)** 2. ed. rev. e ampl. - Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana UEFS, 2008. \_\_\_\_\_. **Estrutura Fundiária e Dinâmica Mercantil: Alto Sertão da Bahia, Séculos XVIII e XIX**. 1. ed. Salvador e Feira de Santana: Edufba e UEFS, 2005 ; SODRÉ, Maria Dorath Bento. **“Até onde justo for”: arranjos e conflitos pela propriedade e posse da terra (Macaúbas, 1850)**. Feira de Santa: UEFS; 1999. (Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História) – Universidade Estadual de Feira de Santana. SOUSA, Maria Aparecida Silva de. **A Conquista do Sertão da Ressaca: Povoamento e Posse da Terra no Interior da Bahia**. Belo Horizonte: UFMG; 1998. (dissertação de mestrado, publicada pela Edições UESB).p.41. VASCONCELOS, Albertina Lima. **As Vilas do Ouro: sociedade e trabalho na economia escravista mineradora (Bahia, Século XVIII)**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2015.

Regional e Local avançaram nas últimas décadas sendo tema de estudos e problematizações de muitos pesquisadores não só no campo da História, passando pela prosa regionalista e ganhando a historiografia. Nesses estudos podemos observar como a trajetória do conceito de “sertão” foi evoluindo historicamente e de forma interdisciplinar.

Segundo Janaína Amado<sup>14</sup>, a palavra “sertão” (Amado, 1995, p.145), a priori deve ser lida como uma categoria espacial, à medida que traz em seus significados uma designação de região, lugar ou território. Em seguida o termo sertão passa a ser enquadrado como uma categoria sobre o pensamento social e cultural. A utilização do termo ‘sertão’ pelos portugueses remonta assim a épocas que precedem a colonização. Segundo Janaína Amado, acertadamente essa utilização ocorre desde o século XIV, uma vez que o termo aparece escrito em documentos oficiais da coroa portuguesa, não descartando essa utilização em épocas mais remotas, conforme estudos etimológicos, como foi feito por Duarte Nunes, que identifica os termos “certão” e “desertão”<sup>15</sup>, e sua utilização na literatura lusitana, segundo Jaime Cortesão “para referir-se a áreas situadas dentro de Portugal, porém distantes de Lisboa” (Cortesão, 1958, apud, Amado, 1995, p.147).

Assim a expressão “sertão” confere conotações sobre os espaços grandes, interiores, regiões isoladas, lugares desconhecidos considerados perigosos, regiões onde são projetadas visões e imaginários por um europeu que naquele contexto da era moderna viviam uma dualidade entre fé e razão. O sertão na visão dos portugueses são espaços inacessíveis e representa uma região não conquistada. “A partir do século XV, usaram-na também para nomear espaços vastos, interiores, situados dentro das possessões recém-conquistadas ou contíguos a elas, sobre os quais pouco ou nada sabiam” (Amado, 1995, p.147). Nota-se aqui algumas das atribuições e significados que a coroa portuguesa confere ao termo dando-lhe um sentido pejorativo, como podemos ler nesse outro trecho de um documento histórico descrito por Amado: “... e os príncipes dela se foram a el Rei, requerendo-lhe que se fizesse paz com o portugueses, se não que se iriam todos para o certão” (Amado, 1995, p.147).

---

<sup>14</sup> AMADO, Janaína. **Região, Sertão, Nação**”. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 145-151.

<sup>15</sup> Conforme Janaína Amado, o termo foi classificado por Duarte Nunes em Ortografia da Língua Portuguesa em 1784.

Os sentidos que são atribuídos ao sertão e desde o início da colonização tanto em Portugal como no Brasil são subjetivos, duais e ganham uma projeção de um imaginário que faz referência a um lugar longínquo, estranho ora em alusão ao inferno ou de paraíso (Amado, 1995, p.150). Essas conotações lhe conferem e do ponto de vista da coroa lusitana um sentido pejorativo em denominar e classificar determinadas regiões, neste caso o termo alude a um espaço de castigo, como cumprimento de uma pena de degredo de um súdito, então perseguidos de justiça, leprosos, hereges, ao serem expulsos da sociedade colonial de Portugal e das zonas do litoral do Brasil colonial. Mas por outro lado também são atribuídos outros significados, como o de um lugar novo, sinônimo de liberdade, de vida melhor e feliz, por isso sendo também habitados por membros oficiais da administração e justiça, comerciantes de famílias nobres portuguesas.

Assim o termo foi empregado em Portugal, transferido e largamente utilizado nas colônias pela oficialidade lusa até XVIII com diferentes significados que convergiam para um caráter pejorativo. Com relação à grafia do termo, também há outras formas de escrita no Brasil colonial, como aquelas que fazem menções aos limites territoriais de Macaúbas, ora grafados como “sertoins” ou “sertam”, “sertoins do paramerim”. O sertão como espacialidade histórica nos remete assim as várias partes do Brasil, fruto desse imaginário colonial. Quando se referia ao interior, à coroa toma como parâmetro as suas áreas de domínio colonial efetivo como as do litoral. Assim o sertão passa a designar áreas afastadas do litoral, habitada por índios selvagens indomados, “sobre as quais as autoridades portuguesas, leigas ou religiosas, detinham pouca informação e um controle insuficiente” (Amado, 1995, p.147). Já o litoral lhe é conferido o sentido de oposição ao de interior, o litoral sendo um “espaço da cristandade, da cultura e da civilização” (Amado, 1995, p.148).

Segundo Janaína Amado, a categoria de “sertão” irá fazer parte do pensamento político e social brasileiro a partir do momento em que esse termo foi sendo reinterpretado até ganhar uma projeção na perspectiva de nação no século XIX, à medida que se afastava de valores pejorativos construídos historicamente pelo império português e desde os primeiros anos da era colonial. Assim sendo o termo “Sertão chegou a construir uma categoria absolutamente essencial (mesmo quando rejeitada) em todas as construções historiográficas que tinha como tema básico a nação” (Amado, 1995, p.146). Na historiografia dos sertões baianos outras referências nessa dissertação,

deixa clara as designações de sertão. O professor Erivaldo Neves Fagundes em seus estudos<sup>16</sup> diz que “Alto Sertão” significa o recôndito interior, como se “alto” sinonimizasse longe, afastado e distante (...) “alto sertões” às faixas semi-áridas rústicas e típicas das depressões (...) “sertão bravo” as áreas mais secas e sub-desérticas do interior nordestino” ( Ab’ Saber, 2003, apud, Neves, p.28). De acordo com Ely Estrela o Alto Sertão baiano enquanto ideia de região representa o processo de caracterização sobre a formação sócio histórica, ambiental, política e cultural, originada do território colonial no século XVIII<sup>17</sup>.

Denomina-se “Alto Sertão da Bahia” o espaço construído pela sua população, consciente da identidade socioambiental desenvolvida com vínculos de parentesco e de vizinhança, práticas comuns de folguedos, religião, tradições, representações políticas, atividades econômicas, enfim, usos e costumes na convicção de conterraneidade e no sentimento de integração naquele sertão (Neves, 2005, p.18).

Mas, e em Macaúbas, qual o significado que lhe é dado como uma área sertaneja? O sertão poder ser visto como lugar inóspito, com suas áreas pouco povoadas e submetidas aos rigores de uma terra ainda sem as instruções da fé, lei e sem justiça (Neves, 2005, p.148). Essa realidade histórica e social, os rigores de um lugar distante da justiça aplicam-se ao Alto Sertão baiano, e por associação a cidade de Macaúbas, então inserida nos Sertões do Paramirim, região que aparece na cartografia histórica com essa denominação. O Sertão do Paramirim insere-se no processo histórico de formação do Alto Sertão, como uma região, lugar distante, pouco povoada e longe dos domínios da coroa portuguesa, e, portanto está circunscrita nessas denominações e conotações políticas e geográficas vistas até aqui.

Durante a ocupação e desenvolvimento econômico do Alto Sertão baiano nos setecentos, o território era alvo de estratégias da coroa portuguesa como a organização da administração e justiça, nas áreas mineradoras e criatórios de gado, estratégias visavam coibir os descaminhos do ouro, gado, a grilagem de terras entre outras práticas delituosas. Contrabando e delito acirraram muitas tensões sociais, que acabam por irradiar-se nas circunvizinhanças, como é o caso do Arraial de Macahubas<sup>18</sup> sob a jurisdição da Vila de Santo Antônio do Urubu desmembrada territorialmente da

---

<sup>16</sup> NEVES, Erivaldo Fagundes. **Estrutura Fundiária e Dinâmica Mercantil: Alto Sertão da Bahia, Séculos XVIII e XIX**. 1. ed. Salvador e Feira de Santana: Edufba e UEFS, 2005.

<sup>17</sup> ESTRELA, Ely Souza. **Os sampauleiros: cotidiano e representação**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003, p.03.

<sup>18</sup> Em alguns trechos dessa dissertação escrevemos o topônimo Macaúbas com grafia anterior Macahubas, conforme leituras em documentos oitocentistas.

Vila de Jacobina. O arraial de Macahubas então passa a receber fluxos proporcionados pelos caminhos de gado que cruzavam seu território como na região do Santo Onofre ao sul do município, por homens de negócios de diversas procedências, donos de tropas, tropeiros, leigos, letrados, posseiros, procuradores da Casa da Ponte, foragidos de justiça e homens da Santa Sé.

A criação das vilas mineradoras de Rio de Contas e Jacobina e de Santo Antonio do urubu nos setecentos, assim como em outras partes da colônia, é uma resposta da coroa lusitana, inclusa em suas estratégias econômicas e militares de dominação e controle do território dos vastos sertões. As análises dessas vilas é importante para entender a extensão e suas influências para regiões circunvizinhas como o arraial de Macahubas e demais núcleos de povoamento nos sertões do Paramirim. Assim a cidade de Macaúbas insere-se na rede de cidades que compõe o território do Alto Sertão no curso do médio São Francisco na Bahia cuja formação urbana remonta e ganha contornos mais precisos no início dos oitocentos, que como veremos a seguir é o resultando dos desdobramentos das áreas mineradoras do ouro nas cabeceiras dos sertões dos Rios Paramirim e Contas e de um sistema agricultura e mineração.

Desse modo o processo de ocupação territorial e evolução urbana em Macaúbas são marcados pela irradiação do poder luso nos sertões quando da corrida em busca de riquezas naturais, posse de terra, resultando no processo de conquista e colonização<sup>19</sup> de suas terras, que passaram a pertencer ao Morgado da Casa da Ponte, de propriedade da família Guedes de Brito, então envolvida nas guerras de conquista. Os domínios territoriais em Macaúbas vão se formando lentamente através de uma diversificada rede formada em torno da posse da terra, gerando movimentos, trânsitos, conexões e trocas culturais entre homens de negócios, denominados de “homens de grosso trato”, boiadeiros, tropeiros, homens de fé, passantes, delinquentes, aventureiros que sonhavam agora em minerar outras partes, como as nascentes do Rio Paramirim, movidos por esses sonhos de riqueza e por desilusões, contingentes populacionais transferiram-se para essas terras, agindo como sesmeiros, arrendatários, contrabandistas, procuradores, posseiros, e passaram a viver da agricultura e pecuária, transformando ali sonhos em realidades, rompendo contingências.

---

<sup>19</sup> Os estudos do processo de conquista e colonização no alto sertão baiano e em específico o ocorrido na região de Macaúbas, seguem uma rica historiografia, da qual em parte constitui uma história do Alto sertão da Bahia, que apresentamos aqui sucintamente ao conceber esse sertão como uma espacialidade histórica, de modo que não é objeto de aprofundamento.

Ainda nos setecentos, o território de Macaúbas era multifacetado e passava por um lento processo de ocupação e definição territorial. A evolução urbana e territorial vai sendo escrita a partir da formação de suas povoações originadas da distribuição de sesmarias e arrendamentos de terra na região, formando-se assim pequenas unidades agrárias, conhecidas como sítios, onde se concentram diversificadas formas de trabalho e de atividades econômicas baseadas na policultura de subsistência e trabalho compulsório. Arrendamentos de terra da Casa da Ponte da primeira metade do século XVIII apontam para as origens da história da formação territorial de Macaúbas juntamente a outros municípios vizinhos

Em 1738 a herdeira da Casa da Ponte, Joana da Silva Guedes de Brito, concedeu um arrendamento de cinco fazendas localizadas à direita do Rio São Francisco, área no entorno do Rio Santo Onofre, para Antônio de Souza da Costa, um português natural de Beja, baixo Alentejo, rendeiro de terras da Casa da Ponte na época de Dona Joana da Silva Guedes de Brito, conforme testamento da Fazenda Pé de Serra de 1738<sup>20</sup>. Eram as Fazendas setecentistas de Vargens<sup>21</sup>, Fazenda Pé de Serra, Fazenda do Quebra e a Fazenda Morrinhos, domínios latifundiários dos quais formaram os municípios de Igaporã, Botuporã, Tanque Novo e Macaúbas, na região de Lagoa Clara. A fazenda de Vargens segundo Erivaldo Neves tinha uma área, três quartos de légua de comprimento e uma légua e meia de largura e constava nos roteiros de Joaquim Delgado Quaresma (Freyre, apud, Neves, p.164), um pesquisador de minérios entre 1731-1734<sup>22</sup>, que dizia na época existir nessa propriedade uma criação de gado vácuo e cavalar, sendo umas dessas típicas fazendas de plantar e criar gado do sertão baiano.

Posteriormente a Fazenda de Várzeas, aparece nas descrições de uma divisão em posses feita pelos seus filhos Amador de Souza da Costa e José de Souza da Costa. Em outro arrendamento de 1806 a fazenda fora adquirida por Bento Garcia Leal por 40 mil réis e comprada em 1820. Depois do inventário feito por Garcia Leal em 1823, a Fazenda de Vargens aparece numa transação de compra e venda em 1861 tendo João Alves da Costa e sua mulher Ana Maria Ribeiro de Novais como vendedores e os

---

<sup>20</sup> AMRC. Inventário. F.1,P.1,C.2,M.4,D.31. Inventário, Pé de Serra, 26 out. 1738. apud NEVES, 2008, p.56. Em Macaúbas a família Costa é numerosa.

<sup>21</sup> AMRC. **Inventários**. E. 01, C. 02, M. 04, D. 31. Apud NEVES, 2008, p.155.

<sup>22</sup> Outra fazenda que também consta nesse roteiro de Joaquim Quaresma fora analisada por nós, a Fazenda Canabrava, que deu origem a povoação histórica de Caldeiras nos sertões de Caetité. Entre 2006-2008, analisamos as suas formas construídas, buscando naquela época uma relação entre arquitetura e sociedade e como essa forma de cultura material, constrói uma identidade cultural.

senhores Cláudio Antônio de Oliveira e seus filhos José Antônio de Oliveira e Antônio Cardoso de Oliveira como compradores, que ao descrever essa propriedade para valoração numa transação de venda, podemos observar uma referência que aquela fazenda media mil 169 braças, possuía currais, tanque e casa de enchimento<sup>23</sup>.

Em 1751 o Capitão-Mor Romão Gramacho Falcão, ex-esposo de Dona Joana da Silva Guedes de Brito e seu atual marido, Manoel Saldanha da Gama, ganhou um grande sítio, um latifúndio conforme as suas descrições na citação abaixo ficava situado entre as cabeceiras do Rio Verde e Rio Paramirim. Segundo Erivaldo Neves e Maria Dorath Bento Sodré, nestas terras formou-se o território de Macaúbas e outras municipalidades do Alto Sertão, como Boquira, Brotas de Macaúbas, Iupirara, Ibipitanga, Guanambi, entre outras. No início do setecentos em Macaúbas formavam-se as primeiras unidades agrárias, conforme o “Roteiro de Quaresma” (figura 04) e há indicativos de Macaúbas como uma povoação. No início dos oitocentos o território de Macaúbas consolida-se como uma povoação, seus domínios, limites territoriais e suas principais fazendas, como Lagoa Clara e Curralinho que viria a ser muitos dos atuais povoados.

No ano 1751, Dona Joana da Silva Guedes de Brito e seu esposo Manoel de Saldanha da Gama, doaram um sítio ao Capitão-mor Romão Gramacho Falcão que se limitava com a “passagem geral do Rio Verde, na d<sup>a</sup> Travessia”, thé as suas últimas cabeceiras findando pellas terras q. repartem as Povoaçõins do Rio Paramirim, e a situação chamada Santa Rosa”, “e todas as mais terras q. se acharem no sobredito Rio Verde”, “fazendo extrema pello Rio Jacaré pella parte do nascente, e do poente com as serrarias do Asorohá e Santa Rosa. Nesta terra, posteriormente, constituiu-se o município de Macaúbas<sup>24</sup>.

Um arrendamento ainda no século XVIII segundo Neves, originou uma fazenda denominada de Gerais do Pedreiro, feito então pelo Pe. João Teixeira Leite. Comprada em 1819, pelo Capitão Manoel Moreira da Trindade, procurador da casa da ponte, era casado com Joana de São João Castro, com quem teve seis filhos<sup>25</sup>. Essa fazenda situava nos limites de Macaúbas provavelmente nas divisas entre Soledade e Gado Bravo com Igaporã e Tanque Novo. Em 1805 a Casa da Ponte arrendou o Sítio Mocambo, hoje o povoado de Catolés, de três léguas de comprimento e duas léguas de

<sup>23</sup> APEB. **Judiciário**. SRJ/25/17, f. 16v. Escritura, 20 jul., 1861. apud NEVES, 2003, p.420.

<sup>24</sup> NEVES, Erivaldo Fagundes. **Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo de história regional e local)**. Feira de Santana: UEFS, 1998, p.31.

<sup>25</sup> APEB. **Judiciário**, 03.1021.1490.01 **Inventário de Joana de São João Castro, seguido com o de seu consorte, José Antônio da Silva Castro**, Cajueiro, 4 jul. 1844. apud NEVES, 2008, p.58. grifo nosso.

largura para Alexandre Rodrigues da Mata e Manoel José de Medeiros, por 10 mil réis anuais, depois fora alugado para Manoel José de Medeiros. Era uma propriedade que se limitava com Contendas, Olho d'Água do Sapé, Riacho e Riacho Fundo. Em 1819, após o tombamento fundiário, o Capitão Inácio Alves da Silva, comprou o Sítio de Catolés por 360 mil réis<sup>26</sup>. Sete anos depois, Inácio Alves, doou um pedaço de terra para o patrimônio da Capela de Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas, conforme consta na descrição da escritura lavrada na Comarca da Vila de Santo Antônio do Urubu<sup>27</sup> feita pelo Pe. José Maria Vicente (Vicente, 1964, p.11-14).

Diz Antônio Miguel da Silva, ora procurador da Capela de Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas, que para guarda do seu direito, precisa que o Tabelião Manoel de Jesus, revendo os livros de Nottas actual do anno de mil oitocentos e vinte e quatro (1824) e vinte e cinco (25), dele, lhe passe por Certidão ao pé desta o theor da Escripura de doação que fez Ignácio da Silva a mesma Nossa Senhora de hum pedaço de terra, onde se axa edificada a mesma Capella (Vicente, 1964, p.11).

O Capitão Inácio Alves da Silva, era um agente das dinâmicas econômicas e políticas de quem ainda pouco conhecemos, apenas alguns detalhes nos negócios da posse de terra em Macaúbas. Quanto a Antônio Miguel da Silva, aparece como proprietário de terra na Freguesia de Macaúbas, como Barro Vermelho, e precisa ser investigado suas relações com os conflitos políticos e na posse de terra, uma vez que era procurador da Capela da Matriz da Conceição e provavelmente envolvido com questões políticas, jurídicas. Como resultado da expansão dessa rede de agentes, suas influências e dinâmicas, os espaços territoriais dos sertões de Macaúbas transformavam-se, tendo seus limites e fronteiras demarcadas em torno da posse de terra. Macaúbas já era uma vila formada nos sertões de cima, na segunda década dos oitocentos, seja pelo desdobramento da ocupação dos sertões por posseiros e rendeiros, homens de negócios ligados a posse de terra, bem como nas decisões políticas.

O Alto Sertão, como outras regiões, representava uma área a ser controlada pela coroa portuguesa, sobretudo aos seus interesses pela imensidão das terras, mineração ouro, salitre e também pela possibilidade de desenvolver um sistema que visava integrar a mineração com a criação de gado e a agricultura. Como podemos notar

---

<sup>26</sup> NEVES, Erivaldo Fagundes. **Posseiros, rendeiros e proprietário: estrutura fundiária e dinâmica agro-mercantil no Alto Sertão da Bahia (1750-1850)**. Tese (Doutorado em história) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003, p.338.

<sup>27</sup> VICENTE, José Maria. **Histórico e Inventário da Freguesia de Macaúbas**. (Relatório). Macaúbas: Paróquia Nossa Senhora Imaculada Conceição, 1964.



nos estudos sobre a economia colonial<sup>28</sup> que discute o desenvolvimento das formas de economia voltada para o abastecimento e mercado interno em seu *modus operandi*, o qual apoiado em pequenas propriedades, não apenas na escolha de um único produto, sendo assim não devemos “tomar a sociedade colonial brasileira como intrinsecamente ligada ao mercado exterior e absolutamente dependente dele” (Fragoso, 1998, p. 58).

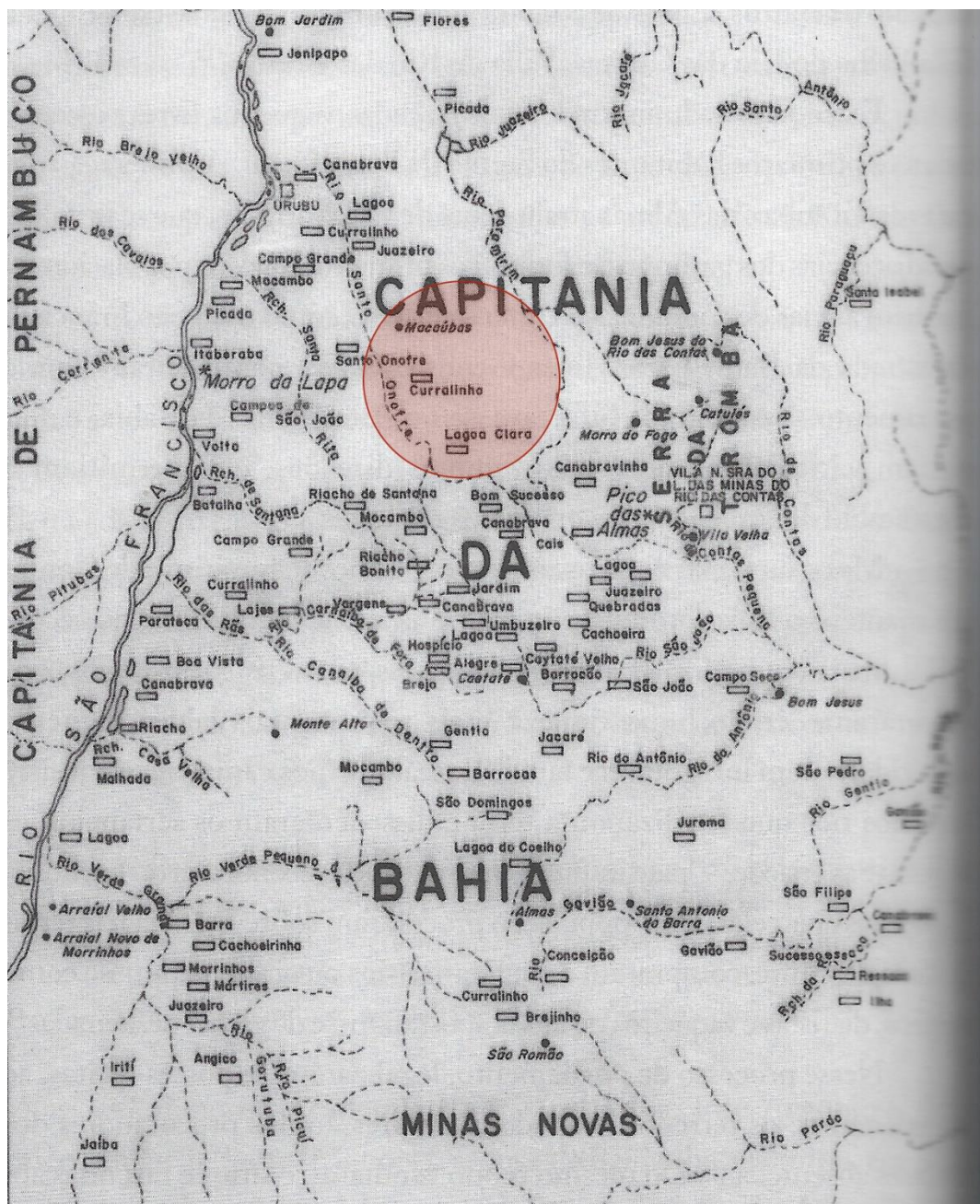
A criação de gado no Alto Sertão, como sistema integrado a mineração e a agricultura já apontava para mudança de paradigma de fortalecimento econômico e superação de crises. No Alto Sertão baiano desenvolveram novas formas de economia e com destaque para o gado e foram estratégicas e importantes para a economia colonial brasileira, diferente do que muitos pensam. Para Erivaldo Neves o desenvolvimento de uma economia de caráter de subsistência no Alto Sertão baiano, na primeira metade dos setecentos, também voltada sempre ao comércio local, em geral era praticada em pequenas propriedades, com unidades agrárias de diferentes dimensões (Neves, 2005, p.42). Essa ocorrência de modelos de produção é uma resposta natural às limitações, as necessidades de abastecimento imposta pelas distâncias do litoral e as dificuldades de transporte, que por séculos foi também uma realidade nos sertões de Macaúbas (Figura 2). Corroborando com Neves, João Fragoso diz: “Em suma, a pecuária era um setor básico para o funcionamento da economia como todo. Dessa forma vêem-se amplas áreas especializadas nessa atividade, como o sertão do Rio São Francisco (...) sertão da Bahia” (Neves, 2005, p.59).

A representação cartográfica a seguir (figura 2) é uma leitura interpretativa, o autor buscou reconstruir a formação territorial do Alto Sertão baiano, baseando-se na “Planta Chorográfica da Estrada de Salitre dos Montes Altos ao Porto de São Felix, de 1758” (Fragoso, 1998, p.58) inclusa nas reflexões sobre o roteiro de Joaquim Quaresma. Trata-se de uma representação cartográfica baseada em estudos sobre a história agrária, e que aponta a existência de vilas, povoações e fazendas no Alto Sertão da Bahia, na transição do século XVIII para o XIX, conforme a documentação citada e observando os documentos relacionados a compra, venda e posse de terras.

Figura 02: Entorno do Alto Sertão da Bahia, por volta de 1758.

---

<sup>28</sup> FRAGOSO, João. et al. **A economia colonial brasileira: (séculos XVI-XIX)**. São Paulo: Atual, 1998.



Fonte: NEVES, 2008, op. cit. p.106. Em destaque região de Macaúbas.

Essa cartografia tem base no “Roteiro de Quaresma”, ou seja, no caminho realizado entre os anos de 1731-1734, e é interessante para pensar sobre conjecturas sobre os desdobramentos do processo de formação do espaço geográfico dos vastos sertões entre a Capitania da Bahia e Minas Gerais, o que implica pensar num processo de interiorização da Coroa portuguesa na região. Neste contexto Macaúbas é uma povoação, Curralinho e Lagoa Clara são fazendas, núcleos situados nas fronteiras com a Vila do Urubu, Bom Jesus da Lapa, Riacho de Santana e Canabrava dos Caldeiras, domínios territoriais oriundos das Fazendas de Vargens e Pé de Serra.

Albertina Lima Vasconcelos ao dissertar sobre *“As Vilas do Ouro: sociedade e trabalho na econômica escravista mineradora – Bahia, século XVIII”*<sup>29</sup> diz haver uma “distinção histórica e cultural interpretada como fatalidade, determinada pelo espaço geográfico” associando o interior a um espaço de violência em detrimento do litoral, onde “o sertão nordestino sempre foi associada à imagem de agreste, de violência, de seca e, contemporaneamente, a mídia se incumbiu de projetá-lo como o espaço onde se desenvolve uma sub-raça” (Vasconcelos, 2015, p.45). Ao analisar o termo sertão no contexto do século XVIII Albertina diz trazer conotações de espaço como área de interior e distante do litoral, os significados pejorativos em que lhe são conferidos.

Para Albertina Vasconcelos “histórica e culturalmente, “sertão” corresponde à vasta área de território que serviu como freio e reserva à completa ocupação e domínio do empreendimento colonizador “De terra de índios o sertão transmuta-se em terra de ninguém e em terra de alguns” (Vasconcelos, 2015, p.47). Para a autora com a materialização mais visível da implantação das estruturas de poder metropolitano, a política de aldeamentos, fazendas de gado e a superintendência da mineração, conferiam ao sertão outra feição, a de uma paisagem transformada pelos povoados e vilas, onde a partir de então a administração colonial passou a denominar essas diferentes regiões vastas em “sertão de cima, sertão de baixo, sertão do São Francisco, sertão da ressaca” (Vasconcelos, 2015, p.47).

Quando Isnara Pereira Ivo defendeu a tese *“Homens de Caminho: trânsitos culturais, comércio e cores nos sertões da América Portuguesa, Século XVIII”*<sup>30</sup> seu trabalho seguiu uma direção muito importante para a historiografia dos sertões nas capitanias de Minas Gerais e da Bahia, pois seu estudo aponta como os sertões ao longo do processo histórico construía cotidianamente uma realidade social muito distinta de algumas abordagens literária e historiográfica que até então segundo ela seguiam com interpretações que endossam um corolário de um sertão pobre. Segundo Isnara Ivo, o processo do povoamento dos sertões foi construído por um complexo agenciamento construído pelo que ela denomina de “homens de caminho”, homens de fronteiras, como agentes das dinâmicas culturais, e daí a expressão “trânsitos culturais” para

---

<sup>29</sup> VASCONCELOS, Albertina Lima. **As Vilas do Ouro: sociedade e trabalho na economia escravista mineradora (Bahia, Século XVIII)**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2015.

<sup>30</sup> IVO, Isnara Pereira. **Homens de Caminho: trânsitos culturais, comércio e cores nos sertões da América Portuguesa. Século XVIII**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2012.

marcar um movimento, uma conexão, uma extensão do poder lusitano nos sertões. Ao trabalhar como o tema do comércio, sua visão abre interpretação para uma ideia de ‘homens de negócios’, pois abriram rotas, descobriram minas e promoveram o desenvolvimento econômico e social dessas áreas.

Aventurando-se pelos sertões da colônia, interiorizando os pilares do processo da integralização metropolitana, os sertanistas foram os responsáveis pelas trocas culturais próprias de um mundo em movimento e em constante processo de mediações, conexões e misturas intensas e inéditas. Ao adentrarem em regiões não litorâneas, inseriram os sertões no movimento planetário (Ivo, 2012, p.32).

A historiografia sobre os sertões segundo Isnara Ivo, entre outros historiadores vistos até aqui, apresenta o sertão como uma categoria de pensamento social, termo utilizado para “identificar as regiões não-litorâneas e referia-se a lugares pouco povoados, nos quais a atividade econômica limitava-se à agropecuária” (Ivo, 2012, p.32-33). Como escreveu Albertina Vasconcelos é um espaço da diversidade econômica e para o exercício da política, sendo o sertão um espaço de singularidades, trânsitos e mobilidades. O sertão para Isnara Ivo é o espaço transformado por homens, fenótipos, trânsitos, movimentos, conexões, trocas culturais e comerciais, uma atmosfera que palpita nos sertões, “um sertão longo que não tem portas”.

A professora Maria Aparecida Silva em seus estudos sobre os processos de conquista do Sertão Ressaca e trabalhando com a ideia de nação nos oitocentos, chama nossa atenção dizendo “Ainda que a mineração tivesse perdido a sua primazia e apesar das atividades econômicas desenvolvidas no interior da capitania baiana durante as primeiras décadas do século XIX, os sertões não se desvencilharam da imagem de terra inóspita presente nos registros desde a chegada dos primeiros colonizadores”<sup>31</sup>. Reforça ainda que após a decadência da mineração, o Alto Sertão enfrentou o problema da ociosidade gerando problemas de desemprego, violências que contribuiu para incorporação no cotidiano dos sertanejos essas imagens pejorativas.

O quadro político e econômico do Alto Sertão baiano e numa perspectiva da posse e os negócios da terra na virada dos oitocentos e em particular a Lei nº. 601 de 18 de setembro de 1850, conhecida como “Lei de Terras” foi tratada em Macaúbas pela

---

<sup>31</sup> SOUSA, Maria Aparecida. **Estado, Nação, sertão: poder e conflitos políticos no alto sertão da Bahia nos oitocentos**. In: VI Encontro Estadual de História - ANPUH/BA, 2013, Ilhéus. Anais Eletrônicos - VI Encontro Estadual de História - ANPUH/BA, 2013. p.04.

historiadora Maria Dorath Bento Sodré<sup>32</sup>. Suas reflexões assim como as de Erivaldo Neves, abordam as dinâmicas da formação urbana e territorial do ponto de vista da ocupação do solo. Segundo Bento Sodré, em Macaúbas, esses negócios da terra ganharam formas próprias, numa relação entre arranjos e conflitos caracterizada pela informalidade na declaração das origens e demarcação. As tentativas de organização da posse das terras, com a instituição dos chamados “Registros paroquiais de terra” visava enfrentar esses conflitos, porém fracassaram (Sodré, 1999, p.9). Em Macaúbas o pároco Fernando Augusto Leão, da dita freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas, nomeou João Antônio do Rêgo, como escrivão para o cumprimento da lei (Sodré, 1999, p.9), conforme Sodré, os registros foram realizados em Macaúbas de modo esporádico entre 1854-57, interrompendo em 1859 (Sodré, 1999, p.30). Essa lei não surtiu efeito, pois os subterfúgios não deixaram funcionar os registros paroquiais, onde a ação interventora e arbitrária segundo Bento Sodré era uma seria ameaça a esse sistema de registro, os interesses e conflitos entre os pequenos proprietários, o oficialato católico local e os desmandos de natureza política e judicial dos Coronéis interferiam.

Criando gado, cavalo e ovelha, produzindo farinha e rapadura, trabalhando o couro, vivendo da policultura e da esperança e desilusão do ouro e, posteriormente, do diamante, a população fixou-se na região. No século XIX, Macaúbas compreendia uma espacialidade multifacetada do sertão baiano, uma fração peculiar da Chapada Diamantina, por desenvolver diferentes tipos de ocupação e uso do solo: mineração, pecuária e agricultura (Sodré, 1999, p.19).

Consta nos Anais do APEB, um livro com a “Relação das fazendas registradas nos municípios em virtude do decreto de 1850”, referente à Lei de Terras e o cadastro de imóveis. O documento enumera algumas fazendas no sertão como: Araras, Lagoa Clara, Brejo, Boqueirão, Garapa, Gado Bravo, Santa Rita, Coité, Joazeiro, Taboleiro, Queimadas, Contendas, Jurema, Riacho, Pé da Serra, Umbuzeiro, Cambaitó, Buritis. O Alto Sertão baiano conforme essas observações comporta uma análise subjetiva, como interior e distante do litoral e pode ser visto como um espaço a ser colonizado. Um espaço da desordem, inculto e habitado por delinquentes, jagunços, mas também um espaço trilhado por homens cultos, por comerciantes, trabalhadores de diversas ordens, um espaço de singularidades, onde a fé e a lei se fazia necessário, um

---

<sup>32</sup> SODRÉ, Maria Dorath Bento. “Até onde justo for”: arranjos e conflitos pela propriedade e posse da terra (Macaúbas, 1850). 1999. Monografia (Especialização em Teoria e Metodologia da História) – Universidade Federal da Bahia, Feira de Santana.

lugar novo, sinônimo de liberdade, de trabalho e riqueza para além de uma visão pejorativa.

O sertão como vimos até aqui não é simplesmente um espaço sem lei, sem fé, sem justiça, mas um espaço da diversidade, onde a inventividade do homem sertanejo naquelas partes impunha criatividade, adaptação, um modo de vida que nasce dos contingenciamentos e das dificuldades. Percebe-se assim que esse referencial de “sertão” perpassa por dois conceitos fundamentais, o de *espacialidade e representação social* que nos dimensiona a ideia de um lugar para pensarmos sobre as relações entre indivíduos e suas coisas e como elas correlacionam-se a uma dinâmica própria, uma história repleta de simbolismos. Ao mostrarmos que ‘sertão’ pode ser lido de modo subjetivo e simbolicamente na perspectiva de uma categoria sócio espacial e histórica, concordamos que se trate da construção de uma identidade cultural de um grupo, seus personagens, lugares, a vida cotidiana e os seus valores.

Essa formação territorial do Alto Sertão e por associação a cidade Macaúbas a partir dos setecentos e durante os oitocentos seguem as dinâmicas socioeconômicas operadas por uma rede de agentes envolvidos com os negócios da terra e que sedimentou as bases econômicas, sociais e culturais na região. A marcha da divisão e definição dos limites territoriais prosseguia, e junto a ela estabelecia-se uma ocupação territorial, uma definição de uma materialidade física, entretanto a materialidade física da economia agrária constituída nos setecentos não é conhecido pelo apagamento de suas marcas, vendo apenas em descrições em documentos escritos sobre a posse de terra. Essa materialidade das edificações expressa um conjunto de práticas culturais e experiências subjetivas, importantes para a compreensão dessa relação entre arquitetura e sociedade e como nesse processo de evolução urbana surgiram nos oitocentos importantes espacialidades históricas como o Arraial de Santana de Lagoa Clara e o Arraial de Macahubas, as povoações de Brejo, Algodões, Canto e Bebedouro.

## **1.2. - O Arraial de Santana de Lagoa Clara**

O antigo Arraial de Santana de Lagoa Clara representa historicamente um conjunto de transformações urbanas, sociais e econômicas na dinâmica territorial de Macaúbas, o acervo arquitetônico originado na localidade é um claro sinal dessas dinâmicas. Na passagem do século XVIII e início do século XIX a Fazenda de Lagoa Clara já era uma unidade agrária, pois suas terras originárias já constavam no “Roteiro

de Quaresma”, que têm origem nos parcelamentos de terras efetuados nas Fazendas de Vargens e Pé de Serra principalmente<sup>33</sup> como vimos até aqui, parte de Vargens fora arrendada pelo Capitão Bento Garcia Leal, que após o tombamento fundiário de 1819, comprou essas terras em 1820. Leal era um português, fazendeiro de muitas terras, comerciante, exportador de algodão, Capitão–mor e político em Caetité, era casado com Nazária Borges de Carvalho e tiveram oito filhos. Conforme inventário de Rega Pé de 1823<sup>34</sup>.

Nomeado em 1838 como Capitão da Guarda Nacional em Macaúbas, procurador da Casa da Ponte, o abastado fazendeiro, Plácido de Souza Fagundes<sup>35</sup> era filho de Sebastião de Souza Fagundes e Francisca Correa de Souza, natural de Morro do Fogo, termo de Rio de Contas. Era casado com Ana Maria da Conceição, residia na povoação de Curralinho, próximo a Lagoa Clara e Canto, sítios agrários em Macaúbas no século XIX registrados na comarca de Urubu conforme testamento autuado em 1862. Plácido faleceu em janeiro de 1861<sup>36</sup> e teria doado partes dessas terras para a Capela de Sant’ana de Lagoa Clara.

Os negócios de compra e arrendamentos de terras, a criação de gado, a agricultura principalmente movimentava uma rede de trocas comerciais e culturais e levaram as transformações, configuração e uma evolução urbano-espacial da localidade. Assim a Fazenda da Lagoa Clara evoluiu para Arraial de Senhora Sant’Ana, um núcleo urbano de extrema importância histórica do município de Macaúbas, quando ali foram construídos a igreja e o seu casario no entorno do adro da igreja, no final do período colonial e representa um aspecto do poder eclesiástico no processo de transformação urbana (figura 3). O Arraial de Sant’Ana era pujante na criação de gado como hoje em dia, na agricultura devido o clima úmido, as nascentes e os bons solos. Representa, portanto um eixo irradiador do desenvolvimento comercial, social e urbano, sendo elevado à vila em 1822, como aparece na divisão administrativa do Brasil de 1933.

O desenvolvimento econômico e crescimento populacional promoveu uma evolução urbana quando da configuração urbano-espacial da localidade conforme

---

<sup>33</sup> AMRC. Inventários, E. 1, P. 1, C. 2, M. 4, D. 31. Apud NEVES, 2008, p.155.

<sup>34</sup> APEB. Judiciário, 02.0584.1036.06. **Inventário, Brejo dos Padres**, 30 jan. 1822. apud NEVES, 2008, p.56. grifo nosso

<sup>35</sup> APEB. Liv. Reg. Pat. N.3.200, 1838-1839, p.295v, NEVES, 2008, p.59

<sup>36</sup> APEB. Judiciário, 07.3269.03. Inventario autuado em Macaúbas, 28 nov. 1862 com testamento de Curralinho, 29 out. 1852, apud, NEVES, 2008, p.59.



podemos ver através das imagens da (figura 3) a seguir. O primeiro e o segundo registro documenta o adro da futura Praça da Igreja de Sant’Ana de Lagoa Clara, vendo o frontispício, o cruzeiro e o conjunto arquitetônico no entorno. A igreja fora construída em 1814 e de suas primeiras edificações que se tem notícia (Vicente, 1964, p. 4-5) conforme o *Histórico e Inventário da Freguesia de Macaúbas*, organizado pelo Pe. José Maria Vicente, que o elaborou através dos livros de tombo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas. A foto área apresenta o território atual do distrito de Lagoa Clara.

Figura 03: Praça Senhora Sant’Ana de Lagoa Clara, Macaúbas, BA



Fonte: Fotos acervo arquitetônico A.A. Foto área, PDD, 2007.

Trata-se como veremos de edificações coloniais pelo período e o caráter de produção, pois veremos suas vernaculidades, quando da transposição de técnicas na lógica de uma mão de obra, materiais locais e valores sociais e morais. As edificações que constam neste trabalho são exemplares que guardam uma relação direta com as relações entre construir-morar-trabalhar, também pela sua historicidade. A primeira edificação da localidade daquela praça onde abrigou operários da construção da Igreja de Sant’Ana, por isso conhecida como a “casa dos construtores” (figura 4) datada de 1810. A edificação já pertenceu aos senhores Mursinho Leão, João Leão e Antônio



Oliveira Batista. Outro exemplar documentado, nesta praça é a casa de Sebastião Cardoso da Silva também do início do povoamento, mas com data incerta (figura 5).

Figura 04: Documentação fotográfica da Casa dos construtores.



Fonte: ICAAM, fev. 2011

Mas o arraial de Santana de Lagoa Clara é movimentado por outra rede de homens anônimos, não só com seus negócios ligados a terra, como Caetano Ferreira de Carvalho que arrendou terras em Lagoa Clara em 1806. O distrito de Lagoa Clara está localizado na região oeste do município, é cortado pelo Rio Santo Onofre. Seu acesso pode ser feito a partir da estrada Macaúbas-Canatiba, estando a uma distância de 49 km da sede, sendo também acessada pelos municípios de Botuporã e Tanque Novo, com cerca de 30 km.

Figura 5: Acervo Fotográfico, Casa Sebastião Cardoso da Silva, Distrito de lagoa Clara, Macaúbas – BA.



Fonte: ICAAM, fev.2011

Lagoa Clara fora povoada por procuradores da Casa da Ponte, arrendatários, posseiros, grandes e pequenos proprietários de terras, criadores, capitães, coronéis, comerciantes e tropeiros, a exemplo dos Capitães Bento Garcia Leal e Plácido de Sousa

Fagundes. No plano religioso o Pe. Tomé Fernandes Leão, comprador de terras e tio do Coronel-padre Hermelino Marques Leão, construtor da antiga casa hoje Museu Regional de Macaúbas. Visitando Lagoa Clara no final do século XIX, Durval Vieira de faz referências a escola e o clima da localidade<sup>37</sup>. Ao que tudo indica exerceram grande influências no Alto Sertão da Bahia.

### **1.3 - A Praça da Matriz da Vila de Macahubas**

A formação do aglomerado urbano no qual se desenvolveu a cidade irradiou-se a partir da Praça da Igreja Matriz da Conceição quando da construção de sua nova capela, implantada no início do século XIX conforme a (figura 6). A urbanização da Praça da Matriz da Vila de Macahubas ocorre através dos parcelamentos de terras, oriundos dos sítios, como os de Boqueirão, arrendado pela Casa da Ponte em 1807 para Timóteo Alves de Oliveira por 10 tostões anuais, avaliado em 1819 por 36 mil réis, e vendido em 1826 para Manoel Nunes de Oliveira (Neves, 2003, p.299). Também no Sítio de Catolés, quando parcelas dessas terras pertencentes ao então Capitão Inácio Alves da Silva, comprado por 360 mil réis. Sete anos depois, Inácio Alves, dava entrada no cartório da antiga comarca da Vila de Santo Antônio do Urubu, para fazer uma doação de parte destas terras para o patrimônio da Igreja da futura freguesia de Nossa Senhora da Conceição, conforme a escritura.

Os loteamentos dessas terras impulsionaram uma importante configuração e evolução urbana do Arraial de Macaúbas, irradiando-se no entorno da atual Praça da Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Estes terrenos no geral eram registrados com taxas de foros que eram pagos a câmara municipal e o tabelião, sendo que as sucessivas divisões desses terrenos é um aspecto vetorial do crescimento e expansão da rede urbana de Macaúbas. Na Praça da Matriz foram inseridos inicialmente o antigo barracão da feira (demolido), as casas térreas e alguns sobrados, cuja finalidade estava voltada para a moradia e o trabalho, abrigando também funções governativas como Fórum, Câmara, Cadeia, colégio, lojas comerciais, dando assim um caráter urbano à vila. De igual modo algumas dessas edificações constam no inventário e separamos especificamente para esse trabalho uma análise das edificações da Casa do Pe. Firmino, Pe. Hermelino Leão, Professor José Batista da Mota e a Casa do Professor Zacarias do Amaral Rêgo.

---

<sup>37</sup> AGUIAR, Durval Vieira de. **Descrições Práticas da Província da Bahia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Cátedra, INL, 1979. p.165-177

Figura 6: Adro da matriz da Conceição, início século XX



Fonte: Video Luzz Cine Foto, autor desconhecido, s/d.

Essas terras foram sendo loteadas e vendidas através do procurador da Capela, Antônio Miguel da Silva, em benefício de Nossa Senhora da Conceição e teve como procurador José Pedro da Silveira, cuja escritura e a declaração em suas cláusulas visavam guardar esse patrimônio. Entre essas obrigações estavam o pagamento para dita Senhora da Conceição de quatro vinténs anuais por cada braça de frente ocupada do terreno (Vicente, 1964, p.12). A escritura de doação daqueles terrenos pelo Capitão Inácio Alves, deixa claro a existência da capela da Conceição.

Do corredor da fonte cortando estrada do Boqueirão para a frente, no alto do primeiro riacho seco, para a parte do sul, cortando rumo direito ao canto da cerca de Antônio Lagoeiro para a parte do nascente vejo d'água abaixo até a barra do Riacho de Macaúbas, e por esta acima até a fonte pública desta villa donde principiou a primeira extrema (Vicente, 1964, p.13).

Segundo a historiadora Kátia Mattoso em *“A Bahia no século XIX: uma província no Império”* diz que o termo ‘capela’ representa uma forma de organização administrativa religiosa e também jurídica, conforme costumes medievais, sendo largamente utilizado pelos portugueses durante a colonização brasileira. A lógica desse sistema segundo Kátia Mattoso, baseava-se num costumeiro ato de doação de terras a uma invocação religiosa, onde se previa a construção de uma igreja onde todo o patrimônio formado era chamado de morgado, espécie de primogenitura, cuja condição

jurídica é inalienável<sup>38</sup>. Nesse sentido, podemos observar que uma das marcas centrais da urbanização da Praça da Matriz de Macaúbas, nos reporta as reminiscências da expansão do poder colonial lusitano e suas estratégias de controle territorial, dominação política e ideológica. A capela ou freguesia nesse sentido é uma instituição do poder eclesiástico, administrativo e jurídico que se estende politicamente por toda a sociedade, condição *sine quan non* para montagem da vila e do entendimento do processo de urbanização.

Figura 7: Conjunto arquitetônico da Praça da Matriz, 1977



Fonte: FCPM. Foto, Ático Villas-Boas, abril, 1977.

Observando as transformações e a evolução dos espaços urbanos, Murillo Marx<sup>39</sup> desenvolve uma interpretação numa relação entre o sagrado e o profano e a ideia de “mundanização”, para narrar o processo de laicização e secularização a que as cidades brasileiras vêm passando, quando o poder temporal passa a substituir gradualmente o poder clerical colonial, sobretudo após a queda do império e o advento da república, o processo de identidade-nação e separação da igreja do Estado, ainda que tal separação seja mais teórica do que prática, imprimiu novas marcas e valores profanos no espaço urbano de uso comum. Nesse sentido podemos observar as características e valores na arquitetura neocolonial e eclética daquelas edificações da Praça da Matriz da qual analisamos, fruto dessa transição de períodos históricos.

<sup>38</sup> MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **A Bahia no século XIX: uma província no Império**. Rio de Janeiro Nova Fronteira, 1992, pp.137-38.

<sup>39</sup> MARX, Murillo. **Nosso Chão: do sagrado ao profano**. 2.ed. São Paulo: Editora USP, 2003.



Segundo Murillo Marx durante séculos nossos espaços urbanos estiveram condicionados aos cânones, a exemplo das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, enquanto autoridade máxima do clero na América Colonial. O poder espiritual da igreja se fazia presente na sacralização dos espaços, desde as normas de construções de templos religiosos, as determinações para sua localização, implantação, a limpeza de adros, conforme documentos da Câmara de São Paulo. Quanto ao adro diz: “Finalmente, o mais importante dos locais pios no que diz respeito à consideração e à compreensão do espaço urbano entre nós. Os adros não apenas proliferaram em nossas cidades desde os tempos coloniais, como se confundem com quase todos os seus largos” (Marx, 2003, p.121). Os adros assim segundo o autor “iriam acolher os símbolos do poder temporal de uma vila. Implicação notória para a conformação espacial da nova vila, devida à precedência no tempo ao menos no símbolo da ordenação espiritual do lugarejo” (Marx, 2003, p.56).

Figura 08: Adro da Matriz da Conceição de Macaúbas



Fonte – Video Luzz Cine Foto. Adro da Matriz da Conceição. Autor desconhecido, s/d.

Em Macaúbas podemos observar como o adro e cruzeiro no frontispício da Matriz da Conceição (figura 8), como também na Vila de Sant’Ana de Lagoa Clara, constituem-se elementos centralizadores do espaço urbano, como forma de destacar o poder clerical, como sendo alegorias que reporta a uma jurisdição, os cânones do mundo católico de cuja presença em Macaúbas na primeira metade dos oitocentos representa uma continuidade, uma longa tradição, como um aspecto da colonização presente na

organização das freguesias, fruto de uma prática empírica e de ordenação religiosa do Arcebispado da Bahia ali transmitida. Esse elemento fundamental e definidor do espaço urbano da cidade, como área central e sua natureza de leitura litúrgica na cidade (Marx, 2003, p.7), é observável em registros fotográficos de procissões religiosas em Macaúbas.

No Plano político fato importante na compreensão da evolução urbana da Vila de Macahubas, ocorreu no ano de 1823, anos antes do Capitão Inácio Alves doar essas terras para a igreja, Macaúbas era então um arraial em desenvolvimento quando o Ouvidor da Vila de Santo Antônio do Urubu, Francisco Ayres de Almeida Freitas, através de carta enviada ao Ministro dos Negócios do Império, noticiava que a Vila de Urubu passava por uma epidemia. Mas provavelmente esse não fora o único argumento que Francisco Ayres utilizou para por em prática um projeto político, o de transferir a administração e a justiça para o Arraial de Macaúbas, argumentando ser aquela região um lugar sadio e populoso.

Quais as ligações e interesses de Ayres com a Vila de Macahubas? Esse Ouvidor junto ao governo Imperial transferiu a administração e a justiça da Vila do Urubu para o Arraial de Macaúbas. Atendendo ao pedido de Ayres, o ministro João Severiano Maciel da Costa, o Marquês de Queluz, despacha a portaria nº. 180. de 17 de dezembro de 1823 assinada por Queluz, ordenando que se estabeleçam as justiças e as autoridades no Arraial de Macaúbas, alegando em favor dos argumentos do Ouvidor Francisco Ayres<sup>40</sup>.

Porém, o marquês de Queluz, previa que após uma organização das províncias e cessar essa epidemia, o exercício voltaria para Urubu, fato esse que só foi ocorrer em 1834, dois anos depois do reconhecimento oficial de Macaúbas como uma vila, após passar por uma série de querelas internas entre a população de Urubu e o seu Ouvidor Ayres, do qual pedia sua expulsão e atritos com a Vila de Macaúbas. Razões pessoais, políticas e de conjuntura econômica envolvem esse episódio. Muitos ofícios

---

<sup>40</sup>Annaes do Arquivo Público do Museu do Estado da Bahia. **Patrimônio Territorial do Urubu**. Org. Antônio Ferrão Muniz de Aragão. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1919, p.351-53. A Vila de Santo Antônio do Urubu de Cima (Paratinga), que na época fora elevada a freguesia em 1718 pelo arcebispo da Bahia Sebastião Monteiro da Vide, 4º Arcebispo da Bahia, autor do código das Constituições primeiras de 1707 e a vila em 1746, por André de Mello e Castro, o Conde das Galveias, Vice Rey Capitão General de Mar e da Terra do Brasil, a partir de uma provisão do Conselho Ultramarino. Em 7 de dezembro de 1760 é instalado na Vila de Santo Antônio do Urubu, os oficiais de justiça para conter essa práticas delituosas bem como as ameaças ao controle luso.

de moradores da Vila do Urubu entre os anos de 1822-23, e até a data da restituição em 1834, apontam os conflitos após essa transferência, esses ofícios denunciavam as atitudes do Ouvidor Francisco Ayres de Almeida, e pediam sua saída e providências para então restituir a justiça e o cartório para vila de Urubu.

Mando mudar o estabelecimento da Villa de Urubu para o Arraial de Macahubas. Manda S. M. O Imperador, pela Secretaria do Estado dos Negócios do Império, participar ao Governo Provisório da Província da Bahia, para sua inteligência e execução, que, tomando em consideração o que lhe representam a Câmara e o Povo da Villa de Santo Antônio do Urubu e seu termo, da Comarca de Jacobina, sobre as tristes circunstâncias em que se acham de viverem naquele districto, por sua natureza epidêmico, árido, e incapaz de ser habitado; e sobre a urgente necessidade de se mudar o estabelecimento da Villa para o Arraial de Macahubas, por ser situado centralmente, além de ser reconhecido por sadio, populoso, fértil e proporcionado à lavoura e comércio: Há por bem ordenar que as justiças e mais autoridades continuem a residir no Arraial de Macahubas, e a ter ali o exercício, visto a insalubridade da dita Villa do Urubú, até a organização definitiva das Províncias deste Império. Despacho de João Severiano Maciel da Costa, Ministro e Secretario de Estado dos Negócios e da Justiça<sup>41</sup>.

Esse fato histórico contribuiu de modo significativo para a evolução urbana de Macaúbas, quando os olhares se voltassem para o Arraial de Macahubas, que passa a convergir às influências da política e da justiça pelo menos até 1834, momento em que já estava emancipada da vila de Santo Antônio do Urubu, pois fora elevada a vila em 06 de julho de 1832<sup>42</sup> através de decreto provincial. A seguir e como de praxe instala-se a Câmara Municipal, o conselho e o Juizado órgãos com múltiplas funções na administração e justiça, marcando assim uma importante fase desenvolvimento urbano, ainda que esses serviços funcionassem precariamente em seus primeiros anos em casas alugadas, pois nem mesmo possuíam um edifício próprio e as grandes distâncias da Vila de Machubas à Salvador capital da província da Bahia dificultavam tais processos.

No anno de 1823 o Ouvidor Francisco Ayres de Almeida Freitas a pretexto de uma epidemia que gravava na Vila, conseguiu do ministro do império, que fez passar as Justiças e cartórios do Urubu para o arraial de Macaúbas, onde ficaram ate que, depois de diversas representações, da população, voltaram para o logar da antiga villa no ano de 1834<sup>43</sup>.

---

<sup>41</sup> BRASIL. Portaria nº. 180 de 17 de dezembro de 1823. **Collecção das Decisões do Governo do Imperio do Brazil – 1823**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1887.

<sup>42</sup> BRASIL. Decreto de 06 de julho de 1832. Erige em vila vários julgados e povoações nas comarcas do Rio S. Francisco e Jacobina na Província da Bahia. **Collecção das Leis do Império do Brazil de**. - Parte Primeira. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1874. p.18.

<sup>43</sup> VIANNA, Francisco Vicente. **Memória sobre o Estado da Bahia**. Salvador: Typografia do Diário da Bahia, 1893, p.558.

A formação urbana da Praça da Matriz da Conceição originou um importante Sítio Histórico Urbano - SHU. Segundo a Carta de Petrópolis<sup>44</sup>, a ideia de Sítio Histórico Urbano - SHU foi proferida durante o Primeiro Seminário Brasileiro para Preservação e Revitalização de Centros Históricos, ocorrida em 1987 na cidade de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, cujas discussões e recomendações estão descritas nesta carta. Nesse documento ficou expresso a ideia de espacialidade histórica em todo perímetro da cidade. Porém a ideia de “centro histórico” (...) “deve ser entendida em seu sentido operacional de área crítica (...) como sítio histórico urbano, o espaço que concentra testemunhos do fazer cultural da cidade” (Iphan, 2004, p.285-87). É, portanto um espaço que concentra os modos de fazer e viver da cultura material e imaterial de Macaúbas ao longo de sua evolução urbana.

Figura 09: Conjunto Arquitetônico da Praça da Matriz.



Fonte – Video Luzz Cine Foto, foto reprodução, antiga prefeitura, autor desconhecido, s/d.

Podemos observar na (figura 9) primeiramente o conjunto arquitetônico da Praça da Matriz, em destaque vê deoar do conjunto de casas térreas à antiga casa do Padre Firmino, chamando atenção o mirante ou torre, da direita para a esquerda observa-se o conjunto com as edificações da antiga residência Monsenhor Hermelino Leão (antigo Fórum) e já no final a casa do Capitão Porfírio Brandão, depois residência do professor José Batista da Mota, onde funciona desde 1972 a Fundação Cultural Professor Mota.

---

<sup>44</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). CURY, Isabelle (Org.) **Cartas Patrimoniais**. 3ª Ed. rev. aum. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004. In: 1º. Seminário Brasileiro para a preservação e revitalização de centros históricos.



Figura 10 - Praça Imaculada Conceição



Fonte: foto gentilmente cedida por Eliane Socorro Mota, década de 1970.

A Praça da Matriz da Conceição carrega em si uma importância religiosa, política, econômica e cultural, ali funcionava a antiga feira da cidade, diferentes edificações tratadas aqui nesta dissertação, às edificações eram espaços com múltiplas funções, residências e negócios, funcionamento dos poderes como o Ginásio Normal e o Paço Municipal, abrigados na antiga residência do Padre Firmino. Já o Fórum e a Câmara Municipal funcionaram no edifício do Monsenhor Hermelino Leão. Já a antiga residência do Capitão Porfírio Brandão, intendente em Macaúbas, foi posteriormente adquirida por outros moradores antes de ser comprada pelo professor José Batista da Mota conforme a (figura 10). Da esquerda para direita vê ao fundo e na esquina da Praça da Matriz, a residência do professor Zacarias do Amaral, também foi habitada pelo professor Silvestre Fernandes Lima<sup>45</sup>, depois casa e negócios do Coronel Francisco Borges de Figueiredo, essa utilidade da casa prosseguiu na época do Professor Zacarias Amaral Rêgo. O Sobrado à direita (demolido) pertencia ao Dr. Luís de França Aguiar, intendente em Macaúbas em 1922. A seguir na (figura 11) podemos observar a antiga residência do Padre Firmino, nos dois primeiros registros acima. Nos registros abaixo, da esquerda o conjunto arquitetônico antiga residência do Padre Hermelino e Fórum, a edificação vizinha a antiga residência do Capitão Porfírio Brandão. Da esquerda para

<sup>45</sup> APEB. Seção Colonial e Provincial – **Atos do Governo da Província**, 1863, maço nº 974. p.305. Conforme Ato de 8 de julho de 1863, que concedeu a jubilação pedida por Silvestre Fernandes Lima, professor de Macaúbas, pelos seus bons serviços.

direita fachada da residência Padre Hermelino. Ainda conforme a (figura 12) documenta-se a antiga residência do Professor Zacarias do Amaral.

Figura 11: Edificações inventariadas na Praça da Matriz



Fotos: Antiga Prefeitura, Museu, Regional, Fundação Mota, Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 12 – Casa do Professor Zacarias do Amaral



Fotos residência Professor Zacarias Amaral, registro à esquerda, 2011 Fonte: ICAAM e à direita 2016, Fonte: José Antônio

A transformação espacial da Praça da Matriz da Conceição é resultado de uma convergência e circulação de pessoas, marcando assim este espaço detentor de



fatos capitulares da história da cidade (figura 13). A perspectiva da evolução urbana aponta aspectos característicos que remonta as transações econômicas, comerciais da posse, doação, loteamento e compra de terras, como definição territorial daquele espaço. Sua concepção urbana insere-se nas influências da colonização brasileira, quando ali absorveu uma série determinações canônicas.

Um olhar para o conjunto arquitetônico da Praça da Matriz conclui-se que diferentes influências e práticas do padrão de urbanização e construção foram empregadas na cidade desde o as primeiras décadas dos oitocentos e são resultados de uma prática empírica cotidiana propagada ao longo dos séculos, como podemos notar no caráter e a corrente orgânica como prática vernácula, suas linhas e o traçado urbano retangular, cuja materialidade física vê-se em suas ruas e vilas conhecidas na cidade como “becos” e assim difere da corrente xadrez.

Figura 13: Praça Imaculada Conceição, antes da reforma de 2007.



Fonte – Video Luzz Cine Foto. Autor desconhecido, s/d.

O plano arquitetônico e o plano urbanístico são contraditórios entre si quanto ao planejamento urbano no Brasil neste contexto, como observa Reis Filho, são “as casas que definem as ruas” (Reis Filho, 1976, p.26-27), realidade acertada nos sertões de Macaúbas. A história da construção no Brasil e parte de suas práticas podem ser contempladas ali, olhando os modelos de implantação da arquitetura e a planta, bem como o programa de necessidades. Essas diferentes experiências urbanas encontra-se ali

nitidamente expressadas, hora num padrão neocolonial e também eclético, como sendo as marcas de revivalismos historicistas absorvidos na cidade, vendo esses elementos em sobrados, casas térreas e casas e a presença do sótão. Os registros fotográficos são cruciais para essa leitura e de como a Praça da Matriz vem passando por longos e dinâmicos processos de transformações urbanas.

#### **1.4 – Praça da Feira**

A configuração da forma urbana, os elementos e fatores determinantes da espacialidade da Praça Capitão Inácio Alves, conhecida popularmente como Praça da Feira, ocorre com a feira de animais (figura 14) e gêneros, remontando historicamente ao fluxo e circulação de pessoas que adentravam na Vila de Macahubas pelas velhas estradas como a do Tanque do Lava-Pés. Como o nome sugere, viajantes, comerciantes que vinham da região serrana pela principal vicinal, hoje a atual Avenida Canatiba, lavam seus pés no trajeto para a feira. O lugar é importante para entendermos a evolução e as transformações urbanas em Macaúbas, como a verticalização e as alterações de uso, pois o fluxo intenso na região contribuiu para desfigurar conjunto arquitetônico da praça, no sentido em que sua espacialização compõe o centro histórico de Macaúbas conforme análise da área para a inventariação do acervo arquitetônico.

Figura 14: Conjunto Arquitetônico da Praça da Feira, meados do século XX

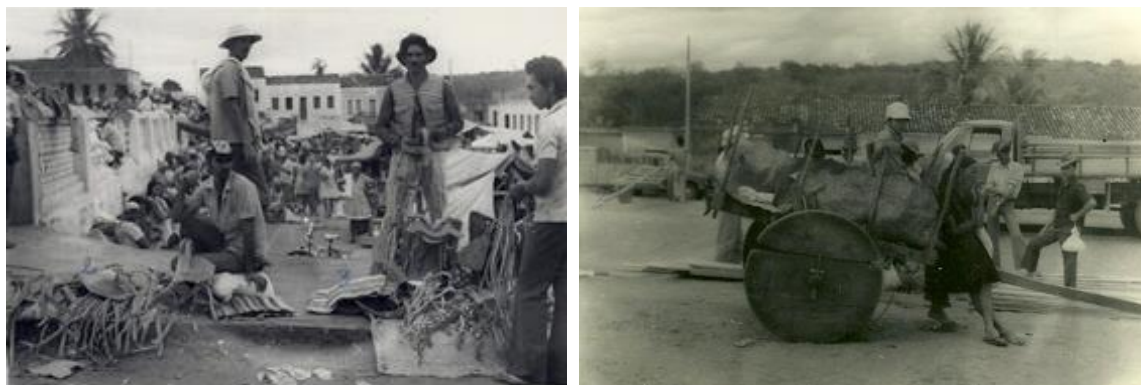


Fonte – Video Luzz Cine Foto. Autor desconhecido, s/d.

Como vimos anteriormente à feira funcionava na Praça da Matriz da Conceição, o barracão oficializava essa função, mas desde que passou a sediar historicamente a feira do município neste lugar, se tornou um importante SHU. Já havia na região do Tanque do Lava-pés a primitiva feira de animais, que ficavam amarrados em seu entorno.

O histórico de uso e ocupação do solo na Praça influi diretamente em sua configuração urbana, ou seja, sua apropriação mostra claramente o desenvolvimento do modelo histórico de casa mista, cujas influências no padrão urbano provêm das áreas de mineração da Chapada Diamantina. Como iremos notar nas análises das edificações em Macaúbas inseridas nestes espaços vistos até agora, as quais absorveram a ideia de morar e trabalhar, abrigando diversas funções habitacionais, atividades comerciais (figura 15) e prestação de serviços no entorno da feira, o fluxo de pessoas e o dinamismo comercial diversificado promovem as transformações urbanas, pois integra o centro histórico junto a Praça da Matriz.

Figura 15 – Atividades comerciais, da Praça da Feira.



Fonte: <http://macaubasonoff.com.br/fotos-macaubas-antiga-2/> Acesso em: 06 agosto 2016, às 14:38.

As atividades comerciais caracterizaram essa espacialidade, tornando-a um grande centro de convergência de circulação de pessoas e mercadorias da cidade, uma área considerada como referencial para a população por representar fluxos convergentes, seja para morar e trabalhar, os meios de transporte, como os carros de boi, diversos setores de serviços básicos e especializados, como o artesanato muito importante conforme a (figura 15), sobretudo em tempos em que o acesso aos produtos industrializados era difícil tanto em termos de aquisição e transporte. As casas de ferragens, casas de cereais, miudezas, bodegas, e tudo que é necessidade humana que era possível serem consumidos na região. Essas atividades marcam o cotidiano, o lazer

e as transações comerciais, sociais, culturais. A antiga feira de animais como podemos observar nos registros em meados do início do século passado, o comércio de produtos artesanais como os artefatos em couro, selarias e gêneros alimentícios, na (figura 16) podemos observar as barracas em madeira, os vendedores e os mais diversificados produtos como: chapéus, esteiras e vassouras em palha, na figura da direita a venda de utensílios em barro como os potes, moringas, panelas e pratos.

Tanto nas (figuras 15 e 16) nota-se também os caixotes de couro, conhecidos na região como broacas, feitos em couro. Essas imagens que nos dão uma dimensão de como essa região vinha se tornando um importante centro comercial, convergindo os principais e mais importantes negócios da vila de Macahubas. Num segundo plano podemos ainda observar nestas figuras os aspectos da evolução do conjunto arquitetônico como elemento transformador daquele espaço urbano.

Figura 16: Atividades comerciais na Praça da Feira



Fonte: <https://www.facebook.com/MacaubasEmFoco/> Acesso em: 10 de outubro de 2016, às 16:49.

Nesse sentido, as estradas antigas, a feira de animais, os negócios, a circulação de pessoas, os produtos, meios de transporte e o seu conjunto arquitetônico mostram a evolução e as transformações urbanas, que ocorria paralelamente com o da Praça da Matriz. Ao abrir a estrada da atual Rua Manoel Messias de Figueiredo, demoliram algumas edificações desta praça, fato ocorrido depois de 1977 e visando melhorar o acesso e a circulação de pessoas e mercadorias. Das velhas edificações poucas ainda se encontram erguidas, pois foram em grande parte demolidas e modificadas as suas fachadas sem nenhum critério de postura pelos órgãos competentes da cidade, de modo que a Praça Inácio Alves é um conjunto urbano arquitetônico abandonado, desprezado e em boa parte descaracterizado como veremos nas imagens atuais, assim como a Praça da Matriz.



Do mesmo modo a Praça Inácio Alves/Praça da Feira, é delimitada como uma espacialidade importante no processo de configuração e história urbana da cidade de Macaúbas, concebida como um SHU por ser um espaço de convergência da vida política, social, econômica e cultural da população. O núcleo original com um traçado urbano regular em formato retangular é resultado da concepção do lote e da planta colonial, um traço de continuidade na urbanização colonial. A inserção dos conjuntos arquitetônicos geminados como os da Praça da Matriz, dispostos retilineamente, mostra o caráter da racionalidade técnica oriunda de práticas empíricas ao longo do processo histórico de urbanização no Brasil, como podemos observar na (figura 17) registro a esquerda, o casario, casas de função mista disposta de modo alinhado, os vãos avantajados em estilo colonial, inclusive a Casa de Ferragens de Otaviano da Mata, a sétima edificação neste registro.

Figura 17: Atividades comerciais na Praça da Feira



Fonte: <https://www.facebook.com/MacaubasEmFoco/> Acesso em: 10 de outubro de 2016, às 15:22.

Além dessa leitura da composição espacial urbana e arquitetônica, vê na (figura 17) as relações comerciais, sociais e culturais dos feirantes, senhoras, senhores sob sol irradiante do sertão, os seus produtos expostos à venda ou troca, entendidos nesta pesquisa como bens materiais da cultura, os quais expressam a inventividade, valores culturais e morais. Assim na figura à direita as peças de tecelagem feitas manualmente em rodas de fiar e teares no espaço doméstico, dos quais conhecemos como bitus, chapéus, esteiras de palha, potes, moringas e panelas de barro, as broacas, espécie de caixotes de couro, que eram amarrados em lombos de éguas, cavalos e mulas, ou sobre os carros de boi, por muito tempo o artesanato prevaleceu em Macaúbas devido às condições econômico e acesso a produtos industrializados.

O conjunto arquitetônico da Praça Capitão Inácio Alves é formado por edificações ecléticas, cuja composição arquitetônica e influência ocorrem a partir de revivais, um misto de “colagens” de elementos historicistas da história da arquitetura. Chama atenção as características dos telhados, uma continuidade da tradição colonial, ainda que a terminação em cimalha faça uma ligação entre o beiral e o telhado, a água vaza sobre a parede, sendo jogada na via, como é o caso da Casa de Ferragens na figura 16, registro da direita, vendo parte da fachada e os vãos e em registros da (figura 18), localizada nesta praça e esquina com a Rua João Sinfrônio.

Figura: 18: Casa de Ferragens de Otaviano da Mata



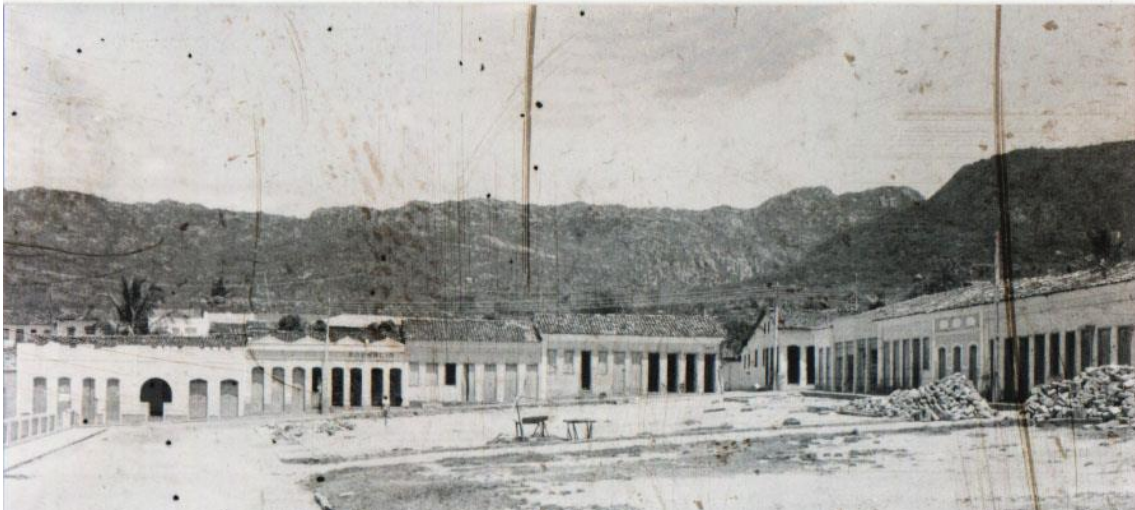
Fachada, fonte José Antônio, setembro 2016, loja, fonte ICAAM, maio, 2011.

Nos registros de 1977 podemos observar que esta praça estava em obras, com a delimitação dos canteiros e os pisos (figura 19). Em seu entorno observa-se edificações com elevado pé direito, uma necessidade para circulação e depósito das mercadorias, sem a separação volumétrica entre a habitação e a loja de negócios, vê as grandes aberturas em arco abatido e de verga reta. Os beirais em cachorrada, com terminação em cimalha impunha uma ruptura paulatina com as tradições coloniais, os quais mostram como as diferentes práticas na história da construção, os seus diferentes elementos a torna um espaço de experiências e das subjetividades humanas nas práticas de edificar, bem como o caráter heterogêneo dessas diferentes espacialidades aqui analisadas. Os telhados ora com forros de planos horizontais prevalecem no cômodo da loja e em telha vã no espaço reservado para a moradia. Em suas fachadas, as falsas colunas, encimadas e decoradas com cimalthas, cunhais e a presença das platibandas são produtos, elementos arquitetônicos de intervenções posteriores que como já dissemos é resultado de um conjunto de padrões de influências coloniais e historicistas da arquitetura eclética brasileira. Os sistemas construtivos em paredes autoportantes em adobe, revestidos com argamassa de barro e caiação em tabatinga, piso assoalhado de



madeira, barro cozido e ladrilhos hidráulicos. Estudaremos essas características da arquitetura macaúbense no capítulo três.

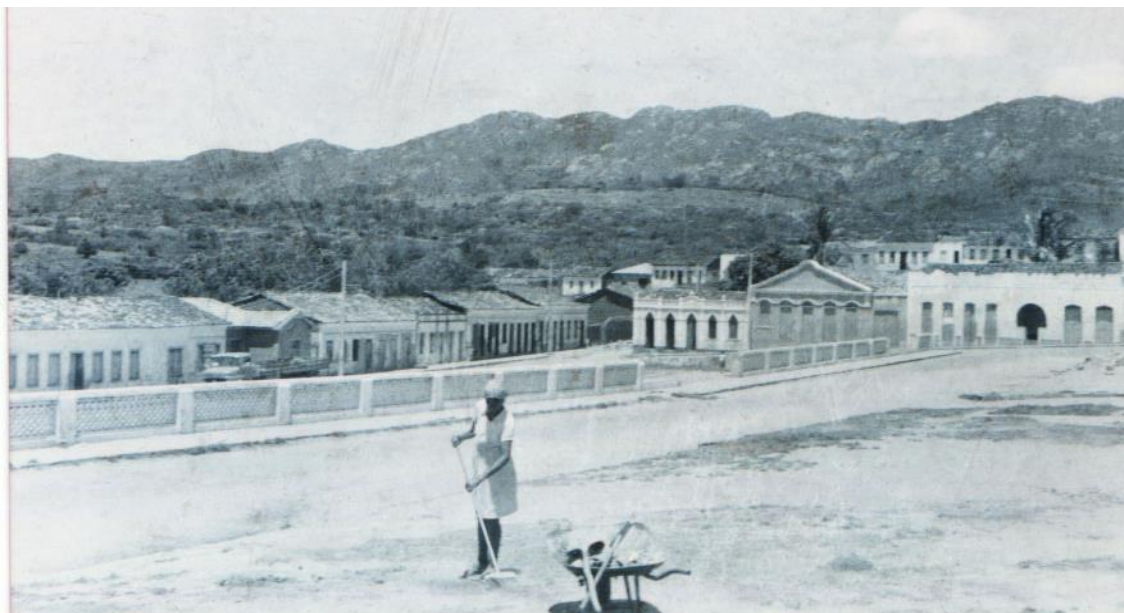
Figura 19: Conjunto arquitetônico da Praça da Feira.



Fonte: FCPM. Foto: Ático Villas-Boas, Abril, 1977.

A Praça da Feira, acertadamente recebera uma influência dessas práticas empíricas (figuras 19 e 20), sobretudo das vilas e cidades mineradoras da chapada que na segunda metade do século XVIII sob os auspícios da coroa portuguesa, que buscava um ordenamento urbano como estratégia de povoar, governar.

Figura 20: Conjunto arquitetônico da Praça da Feira.



Fonte: FCPM. Foto: Ático Villas-Boas, Abril, 1977.

As transformações urbanas e descaracterizações podem ser observadas em registros atuais da (figura21). Da esquerda para a direita conta-se a quinta casa.

Figura 21: Transformações urbanas na Praça da Feira



Foto Praça da Feira, fonte: José Antônio. jul. 2010.

### **1.5 – Outras espacialidades urbanas da área central da cidade**

A irradiação urbana em Macaúbas como vimos até aqui evoluiu a partir de duas centralidades principais, a Praça da Matriz da Conceição e a Praça da Feira. Passamos a tratar agora de algumas vias de circulação importantes e que estão interligadas com estas praças formando cruzamentos da malha urbana que consideramos um SHU. Nestes espaços estão inseridas algumas edificações pesquisadas neste trabalho. Sendo que formação e transformações urbanas dessas vias provem do mesmo processo cultural das demais, pela sua proximidade e inserção no centro histórico, por absorver uma convergência na circulação de pessoas, pelas formas de apropriação do solo, conferindo um aspecto nas dinâmicas das transformações urbanas na cidade.

Essas espacialidades se afirmam como áreas heterogêneas em função desse caráter diversificado de apropriação e uso solo ao longo de sua ocupação. Havia nos espaços arquitetônicos muitas fabriquetas, oficinas que atendiam as demandas de uma série de produtos, como artigos em palha feitos com as fibras de coqueiro e palmeiras, os chapéus, esteiras, cestos. As carpintarias que fabricavam caixões de defunto, móveis, sapatarias e os artigos em couro, alfaiatarias, ferragens, entre outras oficinas. Assim os traçados urbanos, a implantação da arquitetura, os programas de necessidades e suas características tipológicas seguem nitidamente essas demandas e adaptações de usos seja para morar e trabalhar no âmbito do espaço arquitetônico, mas sim devem ser entendidas dentro de uma lógica do processo e dinâmicas das economias. No espaço

arquitetônico além desses bens materiais descritos aqui, vendia-se os cereais, trata-se daquelas típicas bodegas de secos e molhados.

A Rua Direita, atual Dr. Vital Soares, está inserida no centro histórico da cidade, é uma das principais vias de circulação, não foi possível precisar a data de sua abertura, porém não se descarta a possibilidade que remonte as velhas estradas ou caminhos extensos com ligações a importantes vicinais rurais por onde passavam as tropas e seus carregamentos. A Rua Direita faz um entroncamento com a Avenida Flores da Cunha, via de acesso principal da cidade, bem como sua continuação, ligando-se com a Rua Dois de Julho e que prossegue pela via de acesso ao Bairro do Mamão e Estrada para o Município de Paramirim. Sua topografia em ligeiro declive. A velha denominação sugere a tradição colonial, onde podemos ver na formação das cidades coloniais brasileiras a existência da “Rua Direita”. O nome atual homenageia o ilustre morador e promotor de justiça na cidade, governador da Bahia, criado e educado na casa do Padre Firmino Soares, localizada na Praça da Matriz da Conceição.

Figura 22: Transformações urbanas Rua Direita



Fonte: Antigo calçamento, foto Vídeo Luzz Cine Foto. Edificações, foto, Ático Vilas-Boas, 1977.

Figura 23 - Transformações urbanas Rua Direita



Fotos atuais Rua Dr. Vital Soares à esquerda 2011, registro da direita 2016, Fonte: José Antônio.

A história dessa rua (figura 22 e 23) está ligada ao desenvolvimento de conjuntos habitacionais e tem como função em seus primórdios a moradia, as residências de chefes políticos. Historicamente é uma via de passagem para os mais importantes eventos litúrgicos e cívicos da cidade. Ainda que houvesse algumas lojas comerciais, seu caráter era residencial. As alterações de uso no solo e as novas multifuncionalidades ligadas ao comércio e serviços atraiu e trouxe um fluxo intenso de circulação de pessoas sendo uma área dinâmica da cidade nos dias de hoje. Algumas transformações urbanas podem ser vistas com base na (figura 22), o antigo calçamento em pedra pé de moleque, substituído por paralelepípedos e as alterações, sobretudo nas fachadas, que passaram a receber as platibandas.

Inventariamos a antiga residência do Capitão Isidoro Machado Figueiredo, construída por ele na década de 1930, depois residência do Cineasta Valter da Silveira, a seguir adquirida por José Alcântara de Figueiredo, o imóvel e seu histórico de uso perpassa essas transformações, ou seja, de moradia e depois para abrigar diversos serviços como a Creche de Dona Petrina, Receita Federal e Fundação Assistencial de Macaúbas. Outros aspectos serão apresentados no capítulo três. Vê a residência destacada dos vizinhos pela sua volumetria, vendo o telhado e frontão neoclássico destoar do conjunto arquitetônico conforme a (figura 22) registro fotográfico à esquerda e a terceira edificação no conjunto arquitetônico à esquerda.

A antiga Rua da Garganta está localizada no centro histórico da cidade, atualmente denominada de Rua Dr. Manoel Vitorino (figura 24) em homenagem ao ilustre Governador do Estado da Bahia. Não se precisa a data de abertura desta via, mas é provável que esteja relacionada às principais via de circulação da cidade, seu trajeto inicia-se a partir da Praça da Matriz defronte a fachada da antiga residência do Professor Zacarias Amaral Rêgo, e estende-se até a Praça do Coité. Não se descarta a possibilidade de remontar aos primórdios do povoamento da cidade em fins dos setecentos, pois como já vimos à área do Coité, região da Biquinha e o sopé da Serra do Cruzeiro de Macaúbas, foram exploradas por sertanistas e por populações indígenas. Segundo as oralidades a primeira capela construída pode sinalizar para o núcleo de ocupação rarefeita. A transferência do sítio para atual Praça da Matriz mostra como essa irradiação urbana e trânsitos humanos são bem próximos e faz essa ligação entre ambos os sítios.



A implantação da arquitetura e elementos tipológicos da Rua Manoel Vitorino são resultados de diversas práticas de edificação (figura 19). A multifuncionalidade em suas residências de moradores ilustres como o professor Silvestre Fernandes Lima, Dr. Cícero Campos, promotor e fundador do Jornal O Trabalho, Idalina Guedes do Amaral, escritora e cantora sacra e seu esposo, o Maestro José Benedito do Amaral, fundador da Filarmônica N. Senhora Conceição em 1946. Inventariamos a casa da atual Filarmônica Senhora Nossa Senhora da Conceição, construída em fins dos oitocentos por Antônio Julião de Figueiredo, ali funcionou anteriormente uma escola, cadeia, biblioteca.

Figura 24: Transformações Rua Doutor Manoel Vitorino



Foto Filarmônica Nossa Senhora da Conceição, Foto: Ático Vilas-Boas. Abril, 1977. Fonte: FCPM,

Foto Atual Rua Dr. Manoel Vitorino, setembro 2016. Fonte: José Antônio.

A antiga Rua das Pedras, atual Rua Abílio Cesar Borges, homenageia o Barão de Macaúbas, nascido em Minas de Rio de Contas. É uma importante via de circulação de pessoas, mercadorias na cidade e de um conjunto arquitetônico em processo de descaracterização, assim como as demais espacialidades. O fluxo de tropeiros, negociantes, viajantes vindos da Serra de Canatiba e região pela antiga estrada e passagem pelo tanque do lava-pés, acessavam essa via, na Praça da Matriz existia o barracão e funcionava a feira. Sua importância assim está relacionada a essa ligação histórica entre Praça da Matriz até a Praça do Tanque do Lava-pés localizada na atual Avenida Canatiba e já no perímetro próximo da Praça da Feira.

É importante salientar que o trajeto no sentido Lava-pés a Praça da Matriz é íngreme, estreito, assim podemos imaginar quão dificultoso a subida com animais e carregamentos, o registro a seguir de 1977, em primeiro plano nos dá um pouco essa dimensão, vendo um cavaleiro realizar essa rota. Ainda sim podemos ver as

características da arquitetura e sua implantação neste local, na foto mais atual da esquerda para direita, vemos então o trecho dessa rua a partir da Matriz da Conceição. Da esquerda para direita contamos, no lado direito a quarta edificação, trata-se da residência de João Santana, (figura 25) que também consta no inventário e foco desta pesquisa.

Figura 25: Transformações na Rua Abílio César Borges



Antiga Rua das Pedras, Fonte: Foto Ático Vilas-Boas, abril 1977.

Atual Rua Abílio Borges, Foto José Antônio, setembro 2016.

Outras Ruas no centro histórico de Macaúbas são importantes seja pela localização no centro histórico e suas características urbanas e sociais aqui elencadas. Citamos a antiga Rua do Cemitério, funcionava na esquina com a Av. Flores da Cunha. Atualmente passou a chamar Rua José Aurélio Pereira. Nesta via documentamos a sapataria de Aloysio do Nascimento. Antiga Rua da Gameleira, também conhecida popularmente como Rua do Belelê, passou a ser chamada também de Rua Cesar Zama. Documentamos as antigas residências de Manoel Defensor Santana e Alvanir de Figueiredo que formavam um conjunto arquitetônico defronte com a Praça seis de julho, também no centro da cidade, a segunda demolida no prelo desta pesquisa.

Dois outros importantes exemplares de casas de função mista no centro histórico da cidade, uma com ocorrência na Rua Quinze de Novembro, a Casa de Tecidos de Augusto Sô Cardoso e a antiga casa-comércio de Manoel Cândido de Oliveira, demolida no decorrer desta pesquisa, implantada na Rua Visconde do Rio Branco, antiga Rua do Areião, nome da época em que não possuía calçamento. Esses logradouros pelas mesmas condições das vias urbanas anteriores, apresentam em seus processos de espacialização características em comum, como o importante fluxo de pessoas e circulação de mercadorias vinda de zonas rurais em direção a Praça da Feira, a



Macaúbas em suas práticas e experiências arquitetônicas, como um elemento central em nossas observações para uma relação entre a arquitetura e a sociedade.

A inserção de recortes do mapeamento urbano da cidade e os registros fotográficos de diferentes épocas são documentos essenciais para a compreensão de aspectos culturais do município, como aqueles que expressam eventos litúrgicos na Praça da Matriz, outros que expressam o cotidiano da feira, a circulação de pessoas, os tipos de mercadorias o desenvolvimento do comércio. Os documentos fotográficos em diferentes logradouros vendo ora sua vocação residencial como na Rua Direita. É interessante observar a evolução dos tipos de transporte, tendo um papel fundamental numa sociedade de economia agrária.



## Capítulo 2 – A cultura da arquitetura: história, conceitos e evolução.

A arquitetura é, antes de mais nada, construção; mas construção concebida com o propósito primordial de ordenar o espaço para determinada finalidade e visando a determinada intenção (Lúcio Costa)<sup>46</sup>.

Grande expoente da arquitetura brasileira, o arquiteto Lúcio Costa proferiu a frase acima em uma comunicação em 1952 em Veneza, durante o I Congresso Internacional de Artistas. Essa comunicação é composta por duas partes: “Unidade de Habitação” e “O arquiteto e a sociedade contemporânea”, e é fruto de um momento em que se debatia a objetividade no conceito de arquitetura. Nos estudos sobre a arquitetura brasileira e numa relação entre tradição-modernidade, Lúcio Costa<sup>47</sup>, já então envolvido com o debate escreve outro texto: “razões para uma nova arquitetura” *onde* discorre sobre as peculiaridades da evolução da arquitetura brasileira, sobre a técnica, valores que permeiam o caráter da arquitetura tradicional brasileira. Segundo Lúcio Costa, até o século XIX a tradição de construir continua sendo marcada pela “regularidade os mesmos gestos” ao se referir sobre o canteiro de trabalho como os de oleiros e pedreiros. “As corporações e famílias transmitiam - de pai a filho – os segredos e minúcias da técnica, sempre circunscritas às possibilidades de material empregado e à habilidade manual do artífice – por mais alado que possa ter sido o engenho” (Costa, 1936, apud Xavier, 1962, p. 22). A ideia central de Lúcio Costa é discutir as permanências e os motivos que encaminham a sociedade em rumo a nova arquitetura.

Ao voltar-se no passado clássico exemplifica, identifica valores entre gregos e romanos em sua concepção de construir, sua ciência, o espírito empreendedor, a organização, pragmatismo entre outras e diz “A nova técnica reclama valores plásticos tradicionais” assim a nova arquitetura é fabricada com materiais leves, a prova de ruído, preocupações com som, umidade, mudanças de temperatura, a exemplo de soluções de amarração como os cunhais, vãos livres, proporções, fechamento com panos de vidro. (Costa, 1936, apud Xavier, 1962, p.28-29). Observa claramente o pensamento modernista de Lúcio Costa ao propor inovações para nossas formas de construir, apoiando a indústria e a substituição de materiais de construção impróprios.

---

<sup>46</sup>XAVIER, Alberto. **Lúcio Costa: Sobre arquitetura.** (org.). Porto Alegre, Centro dos Estudantes Universitários em Arquitetura, 1962. p.244.

<sup>47</sup>COSTA, Lúcio. **Documentação Necessária.** In: CAVALCANTI, Lauro (org). Os Modernistas na repartição. Rio de Janeiro: Paço Imperial, 1993, p.199.

A ruptura colonial e a propagação do ecletismo no Brasil sinalizam esses fatos sobre a nova arquitetura, bem como o não reconhecimento da arquitetura tradicional e classicista genuinamente brasileira da segunda metade do século XIX. Hoje em dia os valores das expressões da arquitetura popular e o seu movimento de modernização ganhou espaço com a ideia de se preservar a história dos saberes passando a ter validade artística.

A arquitetura enquanto arte de massa, símbolo da cognição humana, elemento que dá dimensão a cultura material, engendrada por uma série de condicionantes sociais e naturais, carrega em si as marcas de determinados povos na maneira de construir, ocupar, morar e fixar-se num determinado espaço, transformando-o e constituindo importantes relações sociais, sendo testemunho de um determinado período histórico. Uma a arquitetura enquanto fonte para a história é fundamental na compreensão da evolução humana e urbana da cidade, como arte e como prática cultural, da relação do homem com a configuração urbano-espacial e os valores intrínsecos, como as práticas de moradia e trabalho presente em seu cotidiano.

A ciência da arquitetura<sup>48</sup> em sua epistemologia e fundamentos gerais reporta desde o período da história da antiguidade clássica. É recorrente quando se fala de história, estética e conceito arquitetônico, a profusão de uma série de princípios levantados por Vitrúvio<sup>49</sup> na antiguidade em seu *“De arquitetura”*. Marcus Vitrúvius é considerado por muitos o fundador da estética do projeto de arquitetura. O seu tratado é um documento valioso e respeitado sobre a prática da arquitetura. Carlos Lemos<sup>50</sup> procurando delimitar a essência do que seja arquitetura, afirma que a obra desse pensador é uma espécie de “Bíblia dos arquitetos” e de outros artistas do campo da pintura e escultura. A obra vitruviana é uma grande referência para a antiguidade clássica, porém foi sendo utilizada gradativamente e com mais frequência durante o renascimento por renomados artistas como Leon Alberti, Michelangelo Buonarroti, Andrea Palladio, Giacomo da Vignola. Há uma dezena de obras publicadas, a começar pelas diversas traduções deste manuscrito.

---

<sup>48</sup> Marcos Vitrúvius Polião, arquiteto romano, autor dos mais antigos e importantes tratados de prática em arquitetura na antiguidade clássica.

<sup>49</sup> VITRUVIO. *De arquitetura*. Tradução M. Justino Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

<sup>50</sup> LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **O que é Arquitetura?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

Em suas primeiras palavras sobre “A ciência do arquiteto” Vitruvius narra sobre a diversidade de saberes associados à arquitetura como a literatura, desenho, geometria e história. A sua prática, fábrica ou praxe é entendida na pessoa do carpinteiro que remonta antigas tradições e ordens arquitetônicas em madeira. Outro ponto é o da teoria ao dizer “a teoria é aquilo que pode demonstrar e explicar as coisas trabalhadas proporcionalmente ao engenho e à racionalidade (Vitruvius, 2007, p.61-62). Mais adiante em “Definições de arquitetura” Vitruvius destaca alguns elementos que mais tarde os especialistas o definem como “princípios vitruvianos” “ordenação que em grego se diz *taxis*; disposição à qual os gregos chamam *diathesis*; *Euritmia*; comensurabilidade; decoro e distribuição” (Vitruvius, 2007, p.74-82-62). Teixeira Coelho buscando entender a linguagem da arquitetura e a importância da semiologia do espaço<sup>51</sup>, destaca esses princípios vitruvianos “ordenamento, disposição, proporção e distribuição” (Netto, 2009, p. 18). Assim esses princípios vitruvianos estão associados aos aspectos como a teoria, prática e o seu caráter artístico.

Segundo Leonardo Benevolo historiador da arquitetura e da cidade antiga em “*A cidade e o arquiteto*”<sup>52</sup>, diz que é surpreendente o conceito de arquitetura de William Morris, “Ela representa o conjunto das modificações e alterações operadas, devido às necessidades humanas, na superfície terrestre” (Benevolo, 2009, p.87). Benevolo analisando a relação entre “arquitetura e técnica” diz que a arquitetura compõe o rol das grandes artes universais, fazendo interlocução com a pintura e a escultura e como já dissertava Vitruvius. Benevolo analisa que a arquitetura enquanto arte e como tal, carrega em suas técnicas elementos que constituem atividades distintas e obedecem a modelos e correntes escolásticas universais, desenvolvendo-se nas escolas politécnicas, academias de belas artes e que ao longo da história de suas atividades construiu um conhecimento diverso, marcado por uma pluralidade de especializações, sejam do arquiteto que para Benevolo, é o especialista na projeção artística de edifícios ou o engenheiro especialista na projeção técnica.

Para Benevolo “a renovação arquitetônica exige intransigência, mas também astúcia e oportunismo para entrar nas muralhas de Tróia (...) podemos avaliar de modo geral a soma dos resultados concretos, que formam um patrimônio vastíssimo”

---

<sup>51</sup> NETTO, J. Teixeira Coelho. **A construção do sentido da arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

<sup>52</sup> BENEVOLO, Leonardo. **A cidade e o arquiteto**. Método e história na arquitetura. São Paulo: Perspectiva, 2009.

(Benevolo, 2009, p.122). Essas discussões contribuem significativamente para conceituar a arquitetura macaúbense em seus desígnios da arte e da sua técnica, seu papel social, como os protagonistas neste campo do saber. O conceito de patrimônio histórico e a ideia de preservação estendem ao plano da preservação da história e da arte na cidade.

A primeira fase da arquitetura brasileira remonta ao período colonial num longo contexto histórico compreendido entre 1500-1800, que acabou por sedimentar uma longa tradição de esquemas de implantação e técnicas de construção luso-brasileira durante a colonização. De influência renascentista e barroca essas práticas e influências foram sendo difundidas pela coroa portuguesa através de suas estratégias de dominação e controle do território. A delimitação de praças, largos, ruas, o lote, a implantação e os tipos mais comuns presentes em tipologias de casas ou sobrados rurais e urbanos, geminados, alinhados sobre o nível do terreno é uma singular na paisagem cultural e história da arquitetura brasileira.

A produção desse modelo de arquitetura e desde o início da colonização está baseada na mão de obra escrava, seus materiais e técnicas construtivas são relativamente simples, extraídos de meios locais e adaptados segundo as condições topográficas e climáticas, na observância da concepção espacial e nas técnicas da construção. No geral a arquitetura civil de tradição colonial é monótona, seja quanto às cores e alguma decoração. Essas construções são basicamente a casa térrea de maior abrangência nos sertões como em Macaúbas e o sobrado, que são raros no sertão. Ambas essas tipologias já possuíam nesse período um caráter de espaço misto com vários usos e finalidades, servindo como moradia e comércio. Ao elaborar uma série de notas sobre a evolução da arquitetura brasileira Lúcio Costa nos explica, por exemplo, a ideia dos cheios sobre os vazios e sua evolução no século XVII, alcançando um equilíbrio no século XVIII. Já no século XIX segundo ele, os vãos prevalecem como se nota nos esquemas de fachada daquelas edificações e sua abertura cada vez maior depois de 1900<sup>53</sup>.

Os estudos e classificações que fez Lúcio Costa para a Arquitetura Civil segundo uma época, sistemas de construção, finalidades ou por elementos construtivos,

---

<sup>53</sup> COSTA, Lúcio. **Documentação Necessária**. In: Arquitetura Civil II: Textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Paulo: FAUUSP-MEC-IPHAN, 1975. p. 94-97.

entre outros foi fundamental neste trabalho para a leitura e descrição de elementos arquitetônicos. Conforme os seus documentos reunidos por José Pessoa<sup>54</sup>, Lúcio Costa trabalhou com a inventariação de centenas de edificações espalhadas pelo território brasileiro, como aquela “Classificação por características regionais” (Costa, 2004, p.76).

No período colonial havia normas e posturas disciplinadoras através das cartas régias da coroa portuguesa, cujo objetivo era garantir seu controle político, urbano e para dar aparência as vilas e cidades de acordo a cultura arquitetônica e urbanística empregada em Portugal, porém das influências lusitanas empregadas nessas edificações, experiências e práticas empíricas acabaram criando expressões arquitetônicas coloniais brasileiras peculiares e originais, em função da natureza, da topografia dos planaltos e as várzeas, seja também pela diversidade étnico-cultural e fatores econômicos em nosso processo de formação econômica e social. Assim temos uma arquitetura brasileira de feição portuguesa ou a ibérica aclimatada, suas tipologias de construções resultando em aspectos genuinamente brasileiros, nascidas da recriação e das adaptações contínuas ao longo da história. Ao estudarmos os aspectos gerais desse caráter de produção da arquitetura, o clima, destaca-se com um elemento determinante que influi diretamente na produção arquitetônica, nas soluções empregadas e práticas programáticas, bem como a generalização de usos.

Segundo Reis Filho até o início do século XIX a arquitetura conservará uma tradição de esquemas de implantação e técnicas do início da colonização. Essa tradição colonial começou a ser alterada e sofrerá uma ruptura no século XIX devido a uma série de questões e influências desencadeadas no contexto social, político e econômico da sociedade brasileira. Desde a chegada da missão francesa ao Rio de Janeiro em 1816, uma equipe de artistas europeus contratados por D. João VI, tendo com destaque Grandjean de Montigny e a criação da Imperial Academia de Belas Artes passaram a influenciar a arquitetura e a arte brasileira. Essa escola tinha uma orientação progressista em seus objetivos, como desenvolver a ciência, as artes e ofícios, e tinha como inspiração o estilo neoclássico. No entanto Alberto Sousa<sup>55</sup> diz que a arquitetura pós 1816 não pode ser considerada uma ramificação do neoclassicismo europeu, a arquitetura brasileira com referenciais clássicos a partir do Segundo Reinado, até 1880 é uma manifestação classicista diferente, não é um revival, pois os portugueses não

---

<sup>54</sup> COSTA, Lúcio. **Documentos de Trabalho**. Org. José Pessoa. 2ª.ed. Rio de Janeiro Iphan, 2004.

<sup>55</sup> SOUSA, ALBETO. **Arquitetura Neoclássica Brasileira: Um reexame**. São Paulo: Pini, 1994.

introduziram uma linguagem renascentista. Assim as práticas desse período tem um caráter brasileiro e merece uma denominação distinta, como sendo uma Arquitetura classicista do Segundo Reinado (Sousa, 1994, p. 34).

Nesse sentido o autor defende a importância desse estilo para a história da arquitetura brasileira, pois considera o estilo neoclássico o primeiro no Brasil de caráter próprio, miscigenado, autônomo (Sousa, p.17-18). Na contramão dessa história, Alberto Sousa, mostra as particularidades em Recife e detecta que o engenheiro francês Louis Vauthier foi que ensinou os brasileiros a projetar a arquitetura classicista e os melhores edifícios dessa linguagem, mostrando as contribuições em Recife. Ainda sim, sobre a autoria dessas expressões classicistas em Recife não figuram nos compêndios de história da arquitetura nacional o nome de José Mamede Alves Ferreira um dos maiores arquitetos classicistas do império, segundo Sousa. Segundo Wilfried Koch<sup>56</sup> o estilo neoclássico:

em sentido amplo, todas as tendências artísticas que tomam como modelo a antiguidade. Em consequência, também a arquitetura italiana do Renascimento pertence ao classicismo (...). Estilo artístico próprio da Europa entre 1770 e 1830 influenciado pela antiguidade grega (Koch, 2004, p.59).

Para Reis Filho a difusão do neoclássico se dá no Brasil inicialmente com as versões das construções oficiais da corte portuguesa a base de importações europeias nos grandes centros urbanos e restritos a costa. A nova implantação, jardins à frente, os afastamentos laterais que tinham o objetivo de libertar a construção em relação ao lote, centralidade, aumento e marcação da porta de entrada, o uso de escadarias para corrigir o desnível entre o piso e o passeio gerado pelo porão entre outros aspectos que contribuíam para a melhoria da iluminação e ventilação, gerando um conforto ambiental de melhor qualidade como o arejamento.

O desenvolvimento industrial, o acesso à informação, o poder aquisitivo e a busca de status são aspectos envoltos nesse contexto histórico de transformação. Analisando a passagem do século XIX para o XX Hugo Segawa<sup>57</sup> aponta o amadurecimento de um movimento de modernização em busca de um planejamento urbano ao mesmo tempo em que nega as construções coloniais. A formação da elite

---

<sup>56</sup> KOCH, Wilfried. **Dicionário dos estilos arquitetônicos**. Trad. Neide Lúzia de Rezende. - 3ª edição. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.

<sup>57</sup> SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

intelectual e a criação das escolas politécnicas em várias partes do país sedimentou campos de discussão, para ele “os engenheiros buscavam repercussão em suas recomendações nascidas de pautas ambiciosas” (Segawa, 2010, p.18), assinala Segawa os congressos de engenharia e indústria e as demandas que eram debatidas, como a implantação dos sistemas ferroviário, portuário, saneamento e urbanização. Essa corrida pela industrialização e modernização no Brasil de certo modo ilustra esses atritos entre a tradição e a modernidade da arquitetura e urbanização no Brasil.

A segunda metade do século XIX é marcada por profundas transformações socioeconômicas na sociedade brasileira como assinalaram Reis Filho e Segawa. Neste contexto um conjunto de aspectos favoreceu uma nova arquitetura como a redução do trabalho escravo, início da imigração, instalação de ferrovias e indústrias, ascensão tecnológica, sobretudo após a proclamação da República, com a construção dos prédios oficiais, a industrialização, a cafeicultura, o abandono paulatino do trabalho escravo, a imigração, novos materiais de construção, mas também no setor de decoração. Reis Filho e Wilfried Koch destacam as práticas do neoclassicismo uma série de novos elementos na construção como os frontões, escadarias, cornijas, platibandas, pilastras, paredes de pedra ou tijolos entre outros elementos, segundo Wilfried Koch o “Século XIX é caracterizado pelo Neo-Renascimento, pelo estilo romano da metade do século (derivado do Românico e do Renascimento italiano), pelo Neo-Românico e pelo faustoso Neobarroco da Revolução Industrial alemã” (Koch, 2004, p. 63). Nas descrições da arquitetura eclética podemos notar algumas dessas influências sendo replicados em Macaúbas. Segundo Wilfried Koch “o historicismo é expressão de um profundo respeito pela história pátria e pelos “antigos mestres” e demonstra uma consciência religiosa e social” (Koch, 2004, p. 63).

Segundo Reis Filho, as camadas sociais, sobretudo da elite atuavam nas transformações urbanas sobre a influência do positivismo, do neoclássico e ecletismo que se fizeram presentes na atualização e modernização da arquitetura colonial, como a implantação das edificações geminadas (Reis Filho, 1976, p.44). A tradição colonial sofrerá essas influências políticas e econômicas com o agenciamento de produtos da indústria da construção e mão de obra importados, como pontuado aqui por Segawa e Lemos. Mas, esquemas tradicionais se repetem com frequência e o aperfeiçoamento vai ganhando combinações variadas com a junção de estilos, a partir de vertentes modernistas como o ecletismo, na verdade o ecletismo se expressa pelo historicismo.

Essa busca de modernização criará paradoxos, sobretudo aos problemas de inserção do negro na sociedade. Nesse período a instalação de ferrovias, significará um avanço na melhoria dos meios de comunicação e transporte. Esse quadro de transformações irá impactar e modificar os padrões e valores nos modos de construir e morar, diante do desenvolvimento de novas camadas sociais, sobretudo da elite brasileira, como também é o caso de Macaúbas onde as edificações de tipologia eclética desse período estão associadas às classes mais abastadas na cidade, então conectada de alguma forma aos costumes europeus que estavam sendo introduzidos no país. A burguesia irá assim atuar diretamente nas transformações urbanas de acordo com seus interesses pessoais visando *status* e poder político.

Analisando as “Transformações do espaço habitacional ocorridas na arquitetura brasileira no século XIX” e com fins a perceber as modificações no padrão da vida doméstica brasileira na segunda metade do século XIX, Carlos Lemos<sup>58</sup> elabora uma narrativa sobre os partidos da casa brasileira em dois momentos. Primeiramente volta ao passado e a velha casa colonial e analisa uma série de valores sociais, morais e religiosos diretamente relacionados com os espaços da moradia. A seguir passar a estudar a casa eclética resultado segundo ele das transformações econômicas promovidas pela Revolução industrial, onde aqueles valores passaram a ser absorvidos pela elite brasileira. O ecletismo segundo o autor é a “tolerância ao uso simultâneo de estilos numa mesma construção” (Lemos, 1993, p.100) e como pontou Fabris.

A velha casa úmida, escura e com seus espaços rigidamente segregados de acordo com os valores morais, segundo Lemos, possuem muitos aspectos como em relação às visitas/hóspedes que são acomodados sempre no salão social à frente e apartados da família, sobretudo na área rural. Em Macaúbas a continuidade desse hábito de segregação e hierarquização do espaço habitacional repercute tardiamente na região, pois podemos refletir sobre o quarto de visitas situado logo na entrada da casa e separado dos aposentos da família, como na Casa de Sebastião Cardoso da Silva em Lagoa Clara, na Casa da Fazenda dos Algodões de Pedro de Sousa, na casa do Sítio de Bebedouro de Nicolau Vaz. Esse hábito é decorrente de valores morais. Em Macaúbas, por outro lado, o quarto do casal situa-se exclusivamente e desemboca na sala de jantar.

---

<sup>58</sup> LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Transformações do espaço habitacional ocorridas na arquitetura brasileira no século XIX**. Anais do Museu Paulista- História e cultura Material, 1, 1993.pp.95-106.



A casa eclética e suas novas experiências e práticas de construir projetava novos espaços e modificações, como nos afastamentos laterais que passaram a iluminar a casa, sendo que essa nova implantação multiplicava também a comunicação entre os espaços, pois segundo Lemos modificava o padrão dos programas de necessidades de outrora e assim iam gerando novos conceitos de circulação e distribuição espacial que impactavam e iam sucumbindo os valores, hábitos nos espaços domésticos da casa colonial. Essas modificações não ocorrem de modo brusco, mas, paulatino, ao se criar outras relações de hierarquias de acesso a esse espaço. O aspecto da circulação dentro da casa e a superposição de funções em um mesmo cômodo, a exemplo da sala como espaço de lazer e trabalho doméstico das famílias. A varanda como sala de jantar, o corredor sendo utilizado para serviços e uma comunicação direta com a rua, é para Lemos espaços que passaram a compor esse cenário de transformações no espaço doméstico da casa brasileira no século XIX, espaço agora ocupado também por inventos industriais como os materiais de construção, mobiliário, equipamentos elétricos como os aparelhos de iluminação e que assim criavam eventos de confraternização e as noites assim se alongavam (Lemos, 1993, p.103).

A industrialização de alimentos segundo Lemos também foi responsável por provocar segundo ele as maiores alterações no espaço doméstico, corroborando assim com as considerações de Reis Filho. Na velha casa no mundo rural as dependências para o beneficiamento de gêneros alimentícios eram mais amplas e variadas do que em áreas urbanas, pois os gêneros de necessidades eram beneficiados no âmbito do espaço doméstico, como o arroz que era descascado e pilado, igualmente o café, o milho e a farinha, a produção da banha do toucinho, o processamento de carnes e linguiças que eram estendidas em jiraus, e o papel do fogão a lenha no preparo dos alimentos (Lemos, 1993, p.102-103). Com a introdução de equipamentos elétricos a forma de beneficiar os alimentos modifica-se provocando alterações substanciais, sejam nos valores, mas segundo Lemos na dimensão dos espaços. Em Macaúbas o beneficiamento de diversos gêneros alimentícios associados ao espaço arquitetônico, sobretudo na área rural tem nos anexos das casas de farinha e nos engenhos as reminiscências da colonização, como sendo locais de reprodução de tarefas e uma multiplicidade de valores sociais e econômicos para as famílias, como é o Caso da residência de Durval Barbosa, localizada na povoação de Canto.

O beneficiamento do milho em Macaúbas no passado pode ser descrito com as tarefas do amanhecer, onde durante o seu processo de beneficiar ouvia-se os barulhos dos pilões nas casas circunvizinhas, anunciando o preparo do café da manhã. Bem como os sons do “bater o feijão”, ou seja, de retirar da palha. A produção leiteira e seus derivados como o requeijão também são comuns como tarefas do espaço doméstico. Veremos nas análises das respectivas edificações como esses aspectos do espaço habitacional e as relações domésticas e das atividades ali desenvolvidas. A diversidade dessas formas de beneficiar os gêneros em Macaúbas se explica em parte devido ao atraso econômico no engajamento industrial. Sendo, portanto o trabalho artesanal prevalente no cotidiano dos espaços domésticos.

Outras alterações na casa brasileira são identificadas com a inserção de equipamentos industriais e novas técnicas construtivas que passa a ocorrer com a intervenção das normas sanitárias visando à higienização e saúde pública, segundo o autor estabelecendo-se assim novos padrões de comportamento e criando uma série de conflitos de diversas ordens. A troca de pisos pelos de ladrilhados, a inserção do banheiro junto à cozinha no âmbito do espaço interno das habitações é uma clara contraposição ao modelo colonial, cujas áreas de serviços estavam localizadas aos fundos, no caso da cozinha em função do calor e incêndios, segundo Lemos. A introdução de sistemas para água e esgoto marca assim uma série de influências da aristocracia europeia sendo reproduzidas aqui pelas elites brasileiras. Mas essas alterações nas habitações na segunda metade do século XIX são lentas e graduais operadas pelas elites que absorvem esses novos padrões europeus.

A profusão de técnicas, valores e mudanças no padrão econômico da sociedade brasileira na segunda metade do século XIX, como vimos até aqui levará o surgimento do fenômeno do ecletismo. Segundo Anateresa Fabris<sup>59</sup> o fenômeno do ecletismo tem suas raízes no século XVIII, e está associado a uma profusão dos estilos históricos. O fenômeno do ecletismo segundo Fabris e Segawa está associado a um contexto de transformações econômicas e sociais da sociedade brasileira em função do desenvolvimento da industrialização, a ascensão da burguesia e os seus interesses pessoais, como o status socioeconômico e a busca por uma afirmação de uma nova arquitetura. Após o advento da República os lemas do Brasil republicano são:

---

<sup>59</sup> FABRIS, Annateresa. **Arquitetura Eclética no Brasil: O cenário da modernização**. Anais do Museu Paulista Nova Série n°1, São Paulo, 1993. pp. 131-143

progresso, indústria, capital, modernização, onde a "ideologia da Belle Époque" no Brasil exemplifica a mentalidade de um país mestiço, onde há a supremacia do homem branco.

A fusão de linguagens, tão típica do ecletismo, o interesse acentuado por novos ícones, a ideia de que a arte deve ser mais rica do que a realidade, a importância atribuída ao virtuosismo e à noção de abundância, os novos ritmos de fruição e consumo derivados da tecnologia industrial (Grisere e Gabetti, 1973, apud Fabris, 1993, p.139).

Para Fabris o ecletismo representa uma "atitude polietilística" não somente no que diz respeito à linguagem artística, mas em outros valores sociais e culturais. Entende-se que há um simbolismo que se contrapõe e afasta-se de uma linguagem própria, ou seja, que não se caracteriza por uma unidade coesa. Fabris destaca duas ideias centrais fundamentais para entender o ecletismo "a da representação, a da teatralização da vida" (Fabris, 1993, p.134). Assim essa forma de representação pode ser observada nas fachadas das edificações, a gama de representações pictóricas e desenhos, onde "o erudito e o pitoresco se mesclam" (Fabris, 1993, p.134). Nota-se o status socioeconômico tanto do proprietário e mesmo o poder político do Estado. O ecletismo assim expressa-se pelos ícones, pela abundância, observada no caráter da monumentalidade.

Em Macaúbas algumas edificações implantadas na Praça da Matriz da Conceição: sobrado da antiga casa do Pe. Firmino, as residências Hermelino Leão e José Batista da Mota expressam essas características ecléticas, a estética intencional marcada pelo virtuoso, belo e espetacular, por uma profusão de estilos históricos em linguagens arquitetônicas traduzidas em cópias e revivals em suas fachadas estilizadas, vistas então como símbolos de modernidade e fruto do progresso e desenvolvimento econômico. O ecletismo assim "configura claramente a *forma mentis* eclética ao voltar-se para a espetacularização do espaço urbano e ao concentrar toda a atenção nos elementos constitutivos do cenário" (Fabris, 1993, p.137).

Os novos elementos e uma série de estilos arquitetônicos, materiais e técnicas trazidas pela imigração, nos dão essa dimensão, a exemplo da inserção das platibandas, frontões, cornijas, bem como a nova profusão de materiais que passam a serem difundidos com a industrialização e a importação de madeiras da construção. O decorativismo como já foi assinalado é uma das marcas do ecletismo, muitas vezes

representará o deleite do morador, o modismo e expressão do poder econômico que pode ser interpretada em elementos como os forros, folhas de portas e janelas, e principalmente na fachada.

Em Macaúbas ainda que de modo lento, só apenas no final do século XIX e substancialmente no início do século XX é que esses novos elementos descritos por Segawa, Lemos, Fabris, são visíveis na cidade. Os materiais e técnicas são utilizados de modo simplificado, representando muitas vezes cópias revivalistas cujas adaptações mostram as recriações e invenções locais e podem ser consideradas tentativas locais de acompanhar as mudanças no campo da industrialização e da construção civil neste contexto histórico. No Brasil de modo geral os efeitos desse contexto favorecia a entrada de novas técnicas e usos de materiais, mas que eram absorvidas pela elite em função do seu poder aquisitivo e a influência dos costumes de importação de materiais da construção, seguiam o movimento de industrialização em marcha.

Assim somando-se o conjunto das influências de práticas empíricas da época da colonização e agora os novos valores e experiências através da industrialização em desenvolvimento paulatino, há um desencadeamento de um processo de transformação em torno de uma nova arquitetura. Em Macaúbas identifica-se esse processo através das fusões de modelos principais associados a uma corrente neocolonial e eclética. Assim essas práticas resultam de adaptações e esquemas de elementos coloniais e de vertentes historicistas como o neoclássico que se inserem em diferentes contextos da história da arquitetura e da profusão de ideias e práticas no pensamento social brasileiro.

A ressonância dessas ideias em Macaúbas neste contexto, ainda que de modo bastante lento, atinge o pensamento social dos Macaubenses que absorvem essas ideias nos processos de migração para sul do país, quando muitos macaubenses foram trabalhar na construção civil paulista principalmente. Assim as práticas de construção, as visitas e os contatos *in loco* com as metrópoles, sobretudo do sul, colocava Macaúbas lentamente no circuito de uma nova prática projetual para uma nova arquitetura ainda que timidamente, numa rede de pedreiros, serventes e mestres de obras. A arquitetura eclética da qual fazemos menções são expressões dessas experiências e nelas podemos observar a busca por essa modernização. As análises da arquitetura macaubense prosseguem até a primeira metade do século XX, onde podemos notar linhas de

continuidade na tradição e rupturas a partir da visão destas duas tipologias aqui assinaladas. No plano geral da sociedade brasileira segundo Hugo Segawa “o desejo de mudança era latente: a elite urbana, progressista, positivista, cosmopolita, contrapunha-se à sociedade tradicional, de índole agrária e conservadora” (Segawa, 2010, p.19).

Em Macaúbas esse espírito progressista e anseio em modernizar através da representação da arquitetura e todo o seu valor simbólico, segue uma reflexão sobre o processo de inserção de elementos arquitetônicos modernizantes e típicos do classicismo em fins da segunda metade do século XIX, em partidos tradicionais de orientação colonial, fatos esses visivelmente na cidade. Essas novas alterações na arquitetura em Macaúbas é produto desse contexto abordado por Segawa, onde a ideia de um círculo restrito nas elites locais também é uma realidade naqueles sertões. Como é o caso das transformações urbanas e nas alterações das edificações da Praça da Matriz, vendo ali a representação do poder, status social e econômico, onde valores cosmopolitas contrapõem aos valores tradicionais locais.

Segundo Carlos Lemos a arquitetura “seria, então, toda e qualquer intervenção no meio ambiente criando novos espaços, quase sempre com determinada intenção plástica, para atender as necessidades imediatas, ou a expectativas programadas e caracterizadas por aquilo que chamamos de partido” (Lemos, 2003, p.40). Essa definição nos reporta a Macaúbas na maneira como o homem se relaciona com o meio ambiente, a escolha de materiais, a ocupação de áreas, às maneiras de construir desde “as casas de enchimento” marcadas por influências de costumes indígenas e afro-brasileiros até a arquitetura em adobe. O modo de usufruir determinados cantos da edificação, de acordo com suas necessidades e como já vimos criou-se tipos de casa com função mista em Macaúbas onde morar e trabalhar estão na órbita de um mesmo teto.

Essa concepção de partido arquitetônico apontado por Carlos Lemos, deriva de uma realidade que ele denomina de condicionantes ou determinantes, quanto à técnica construtiva, que envolve recursos humanos, disponibilidade de materiais, poder econômico do empreendedor e estão associados ao programa de necessidades, segundo usos, costumes e valores do morador. Esse partido modifica ao longo de épocas em meio às demandas sociais e que em parte contribuem para compor a dimensão cultural de uma sociedade, suas dinâmicas econômicas dentro da lógica do capital, a mudança

de hábitos e os problemas de ordem econômica e social. A ideia de partido<sup>60</sup> e os desígnios auxiliam numa reflexão sobre a forma da arquitetura em Macaúbas, nascida das inventividades locais seja quanto aos materiais e as técnicas, as condições econômicas dos proprietários, aspecto presentes na escala das edificações e de algum eco de modernidade observada em suas fachadas através de elementos figurativos e simbólicos como podemos observar nas Casas do Padre Firmino, Hermelino Leão, José Alcântara, João Santana. A ideia de partido arquitetônico nos remetem as linguagens espaciais, técnicas construtivas funcionalidades, valores sociais, políticos e religiosos presentes nos processos de adaptações e recriações<sup>61</sup>.

Luís Saia em sua tese sobre as “*Residências Rurais no Brasil Colônia*”<sup>62</sup> traz reflexões sobre o sentido e a evolução histórica da arquitetura brasileira, a partir de aspectos e significados nos contextos históricos dos ciclos bandeirante, do açúcar e pastoril, analisando fatores sociais, econômicos e como esses fatores influenciaram e construíram uma longa tradição de técnicas construtivas e suas variantes tipológicas de formas construídas. A partir do estudo de Luís Saia, observam-se características da arquitetura do sudeste e do nordeste. Saia identifica algumas diferenças nas concepções da distribuição espacial, a exemplo da planta aglutinada, uma configuração espacial onde as “unidades funcionais estão dispostas em uma planta única” “ou sobre o mesmo teto” (Saia, 1958, p.62) Trata-se de uma característica marcante na tradição da arquitetura brasileira, detectada em Macaúbas, conforme seus programas de necessidades a exemplo da Casa da Fazenda de Pedro José de Sousa edificada na povoação de Algodões (figura 27), onde o salão, social, a capela, os depósitos (silo) estão sobre o mesmo teto, conferindo a tipologia arquitetura de partido aglutinado estudada por Luís Saia.

Outra característica observada por Luís Saia são as edificações de partido aberto, onde as unidades funcionais por outro lado são independentes. Como exemplo representativo dessas edificações, podemos citar o engenho de açúcar nordestino e as fazendas cafeeiras e suas respectivas unidades produtoras, cujos núcleos construtivos estão dispersos. Essa variação de partidos e a não adaptação desse modelo ao ciclo do

---

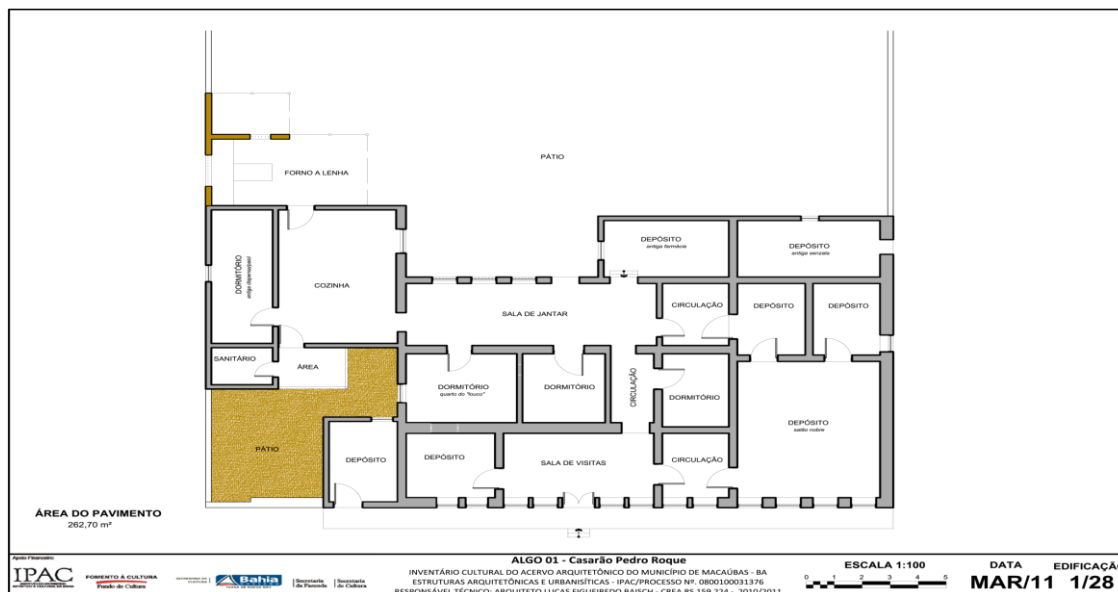
<sup>60</sup> O partido arquitetônico designa “uma consciência formal derivada de uma série de condicionantes e determinantes; seria o resultado físico da intervenção sugerida” Idem LEMOS, 2003, idem, p. 41.

<sup>61</sup> LEMOS, Carlos A. C. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

<sup>62</sup> SAIA, Luís. **Residências Rurais do Brasil Colônia**. (mimeo) Tese (Livre Docência)- Universidade Federal de Minas Gerais, São Paulo, 1958.

gado nordestino, segundo Luís Saia se dá devido aos agentes naturais, culturais e por “se fundarem numa vitalidade econômica maior” (Saia, 1958, p.62). O núcleo da residência nordestina caracteriza-se então por possuir três pontos de distribuição: dois junto ao alpendre, e um voltado para os fundos onde estariam localizados os compartimentos de trabalho supletivo e depósito de ferramentas (Saia, 1958, p.57), observação de uma tradição feita por Paulo Azevedo.

Figura 27: Documentação arquitetônica da Casa da Fazenda Algodões



Fonte: ICAAM, mar, 2011.

Podemos exemplificar a continuidade da planta da casa bandeirista como um exemplo regional de arquitetura desenvolvida no sudeste do Brasil e que conservou por séculos aquela tradição retangular ou planta quadrada na disposição de seus compartimentos, sendo modificada por questões demográficas, econômicas, novos hábitos e valores, sobretudo no final do século XIX, a exemplo da arquitetura eclética. Essa tradição retangular segundo Luís Saia pode em algum momento histórico ter influenciado a arquitetura das residências no ciclo agropastoril ou do gado, em função da migração de bandeirantes para regiões ribeirinhas do Rio São Francisco, neste caso esse modelo de planta quadrada e aglutinada se aplica ao caso da arquitetura erigida em Macaúbas e sua concepção na articulação dos espaços.

Ao ensaiar sobre “A casa de moradia no Brasil antigo” José Wasth, afirma que a casa de habitação desde os tempos coloniais é uma marca da tradição lusa, diz “a casa se manteve durante séculos, numa uniformidade imperturbada, numa constância

impressionante”<sup>63</sup>, caracterizando-a como “casas rústicas, de pau e barro, com vãos e coberturas rudimentares” (...) “vãos bem distribuídos” (Rodrigues, 1975, p.286-67). A discussão feita por Wasth de que as igrejas não podem ser utilizadas como exemplo para explicações gerais sobre o caráter de nossa arquitetura doméstica desse período, devido a falta de estudos mais concretos, é interessante, pois como já vimos o estudo dos códigos das ordenações canônicas na arquitetura religiosa no Brasil, o poder religioso se dissipou para outros elementos de composição da malha urbana, como foi o caso do adro. Em Macaúbas a construção da nova Igreja Matriz da Conceição com elementos barrocos, sem dúvida responde as práticas empíricas e as jurisdições canônicas, mas também podemos indagar como aquela importante edificação, como vimos no processo de evolução da Praça da Matriz pode de alguma forma imprimir marcas na arquitetura civil em Macaúbas.

Teixeira Coelho diz que arquitetura é um discurso, cuja reflexão sobre suas conceituações podem ser entendidas na concepção de signos. A arquitetura neste sentido é produto cultural repleto de elementos, códigos em seu caráter intrínseco e extrínseco e que estão interligadas as necessidades humanas e assim nos remetem a uma associação entre arquitetura e a condição socioeconômica das classes e, portanto é diversa, onde “uma linguagem arquitetural não é, portanto privilégio de grandes obras ou dos grandes nomes” (Netto, 2009, p. 10). Enquanto alguns conceitos da arquitetura para Lemos estão na noção de partido como “resultado físico da intervenção”, Teixeira Coelho constrói um discurso pautado na “linguagem espacial” chamando atenção para a importância desse aspecto como definidor da arquitetura e mecanismo de novas respostas, segundo Teixeira Coelho os arquitetos sucessores de Vitruvius apresentam definições secundárias com o predomínio de uma visão estética, poética, construtiva e decorativa, que pouco explicava a arquitetura em sua lógica funcional.

Tanto Lemos como Teixeira, dizem que durante muito tempo o espaço como planejamento passava despercebido, pois os técnicos ficam segundo eles presos a estética e a construção em si. Segundo Lemos, Auguste Perret foi o primeiro a dizer que “Arquitetura é a arte de organizar o espaço e é pela construção que ela se expressa” (...) “móvel ou imóvel, tudo aquilo que ocupa lugar no espaço, pertence ao domínio da

---

<sup>63</sup>RODRIGUES, José Wasth. **A casa de moradia no Brasil antigo**. In: *Arquitetura Civil I: Textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. São Paulo: FAUUSP-MEC-IPHAN, 1975. pp. 286-87.



arquitetura” (Lemos, 2003, p.35). Teixeira Coelho também ilustrando o pensamento de Perret sobre o espaço escreve: “arte de organizar o espaço, de criar o espaço e trabalhar o espaço” (Netto, 2009, p. 20). Observamos que segundo a semiologia do espaço proposta por Teixeira Coelho, a ideia de espaço apresenta-se como um campo de reflexão sobre a projeção arquitetônica, abarcando uma definição muito importante que remete ao princípio da funcionalidade na arquitetura.

Esse conceito semiológico para o espaço arquitetônico é importante na compreensão e leitura da escala de produção, proporções, as relações entre os aspectos econômicos, problema demográfico, entre outros. A arquitetura seja qual for à linguagem, autoria e localização, está repleta de significados culturais e sociais que constrói uma dada realidade social, pois ela nos remete a produção espacial de um grupo, dentro de uma dialógica entre espaço, função, estética e valores culturais a serem pensados. Nas considerações a seguir discutiremos os desígnios da prática da arquitetura a partir dessas considerações aqui gerais do conceito e aspectos em edificar.

O chamado para valorização do local, das tradições culturais e das práticas sociais das antigas construções, mesclam-se com técnicas atuais e modernas, como forma de ampliar o universo de possibilidades em busca de um futuro sustentável. O arquiteto holandês Johan Van Legen após décadas de experiências em soluções para o problema da habitação mundial especializou-se no ensino e prática de projetos na área de bioarquitetura e do urbanismo<sup>64</sup>. Sua obra é um convite à prática e as “maneiras de fazer uma casa”, incentivo a ação pela mudança de comportamento com o meio natural e com a lógica dos processos econômicos. Seu encantamento com a história das práticas tradicionais dos “homens descalços” que na antiguidade amassavam o barro com seus pés segundo ele, o levaram a formular esse manual de ideias para a essência do que seja uma construção, destacando os itens básicos a serem considerados nos aspectos das construções e em “converter sonhos em espaços”.

Para Johan Legen antes de iniciar uma arquitetura, o construtor segundo ele deverá ter um conhecimento histórico sobre edificações antigas e valorizar diferentes técnicas, como as tradicionais, as quais estão enraizadas em dada região, o que para ele é a prática e os hábitos culturais de um povo. Segundo ele “é melhor observar a forma

---

<sup>64</sup>Lengen, Johan. Van. **Manual do Arquiteto Descalço**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2004. LEGEN, Johan Van.

como as pessoas do local construíam suas casas antigamente” (Legen, 2004, p.38). O clima e o conforto ambiental é tema central em suas abordagens pela busca de sustentabilidade e da simplicidade nas práticas projetuais para satisfazer as necessidades da família. Como também o fez Günter Weimer, ao estabelecer princípios norteadores da arquitetura popular brasileira, como os da simplicidade e adaptabilidade. Legen propõe e deixa clara a existência de relações entre a habitação e o seu entorno, como clima, ao dizer que “o verdadeiro luxo consiste em viver numa casa que se acomode perfeitamente aos nossos hábitos e modo de vida” (Legen, 2004, p.26), ou seja, a simplicidade como sustentabilidade.

Suas considerações sobre os “conhecimentos de construção” acerca de diferentes climas e regiões, as vegetações e os valores culturais são interessantes, sobretudo sobre a valorização das técnicas tradicionais. Esse manual destaca-se por conter um grande número de informações ilustradas através de textos e desenhos simples e que são decisivos na compreensão da linguagem técnica da arquitetura e do urbanismo. A relação trabalhada nos textos entre projeto e desenho, pode ser observada nas diversas maneiras básicas em representar a forma de uma edificação, como o programa de necessidade, ou a fachada, que para ele é a aparência externa da edificação. Os desenhos arquitetônicos como prática, são cruciais no entendimento das observações que faz em defesa de uma bioarquitetura, pois a representação dos seus elementos como janelas, portas, pisos, devem se preocupar com as definições pontuais das medidas.

As análises sobre a evolução da arquitetura em Macaúbas e percebidas nessas perspectivas de Johan Lenger para a “forma da casa” em ambiente de trópico seco perpassa por suas considerações ora sobre práticas tradicionais e também modernas, e devem ser problematizados. Se por um lado desconhecimentos de práticas tradicionais muitas vezes representaram as limitações em projetar edifícios na região, pois esse desconhecimento muitas vezes diz respeito aos aspectos climáticos, por outro os conhecimentos e muitas práticas modernas em Johan Lengen não se aplica a determinados contextos históricos de Macaúbas, em função de suas realidades econômicas, sociais e políticas. A cidade de Macaúbas está inserida em uma região climática que de acordo com Johan Lengen se refere aos trópicos secos, aquele de clima quente, com escassez de chuvas e vegetação. Johan Lengen reforça a ideia de paredes grossas para reduzir o calor.

A topografia dos terrenos em Macaúbas ocasionou uma multiplicidade de práticas de construção e o distanciamento de um padrão de construção, o que pode também indicar a transgressão quanto ao desconhecimento sobre as características dos terrenos. Ainda sim muitos desses conhecimentos práticos e modernos não se aplicam ao contexto regional, social, econômico de Macaúbas, como as limitações tecnológicas e acesso a informação. Para Johan Lengen “é melhor que a planta siga a forma do terreno” (Legen, 2004, p.45). Regras básicas como essas postas por Johan Lengen foram e são transgredidas muitas vezes, pois em muitos casos o ato de construir levando-se em conta o conforto ambiental na moradia passa por abstrações. O autor está preocupado com a proteção do edifício em relação às várias intempéries, ainda sim chama atenção que: “A casa é mais que uma construção para proteger-nos da chuva, do sol ou do frio, deve ser um lugar onde a família se sinta bem acolhida e onde possamos receber os amigos” (Legen, 2004, p.69).

A arquitetura do povo e as expressões tradicionais em diferentes regiões foram descritas por Güner Weimer que na direção de Lengen procura discutir as adaptações dos diferentes projetos e experiências de construção, o papel da valorização das tradições e como a arquitetura é resultado da contribuição de diferentes povos, situados em regiões climáticas dispare e seus valores sociais e morais também muito diversificados. Ao escrever “Arquitetura popular brasileira” Günter Weimer, argumenta que essa forma de edificar, ou seja, nascida da simplicidade, das invenções, sofreu uma exclusão dos ciclos acadêmicos. Segundo ele um reflexo de incompreensões conceituais ou pelo desprezo ocasionado por um tipo de produção feita pelo povo. Percebe assim em Johan Lengen e Günter Weimer as preocupações com a desvalorização das tradições nas construções antigas. Segundo Weimer o termo ‘arquitetura vernacular’ é um neologismo, pois ainda não está dicionarizado devidamente, sendo que o emprego mais correto seria ‘populus’, popular que remete a um conjunto de cidadãos, do que é próprio de camadas intermediárias de uma população<sup>65</sup>. As características gerais da arquitetura popular e seus princípios encontram-se na adaptabilidade, simplicidade dos materiais, técnicas, limitações econômicas e a criatividade homem “conforme a mão-de-obra disponível e trabalhando os materiais oferecidos pelo meio ambiente” (Weimer, 2005, p.15).

---

<sup>65</sup> WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

O desenho representativo de uma planta e a sinalização de suas funções, forma, escala de projeção, como as relações de tamanho e altura são essenciais segundo Johan Legen. Até aqui se percebe como ao longo da história das construções o homem enfrentou uma série de contingências quando dos problemas em conciliar a localização transpondo os problemas topográficos como os diferentes níveis do terreno que se apresenta ao construtor, assim como o clima da região e a distribuição espacial de acordo com os valores e necessidades das famílias.

Para Weimer as práticas de construção como as tradicionais tem uma relação direta de sobrevivência do homem-natureza, que se expressa diante das necessidades básicas de moradia, trabalho e de realizar diferentes tipos de serviços. A leitura tipológica dos elementos inseridos nas edificações e a não observância de alguns desses elementos apontam para os desígnios da arquitetura e a formação social e econômica de Macaúbas, pois é possível ver claramente essa simplicidade, seja na escala construtiva, o uso limitado de materiais como paus e barro, a junção de diferentes técnicas, como veremos na Casa-sapataria de Aloysio Joaquim do Nascimento, bem como as inventividades locais quando da prática dos revivalismos de elementos classicistas nas fachadas.

Em Macaúbas uma região de clima seco e como veremos no próximo capítulo, essa relação homem-natureza nas considerações de Weimer e Lengen, pois suas edificações passaram por problemas de recriação e adaptações de técnicas como estamos analisando aqui e pouco cuidado houve da observância do sol e a proteção da casa contra o calor. A residência do Senhor José Cândido Domingues é um dos poucos exemplares com a introdução de uma varanda acompanhando o telhado, o que em parte resolve o problema do conforto ambiental em casas inseridas em trópicos secos. Para Lengen as necessidades do indivíduo e sua relação com o meio devem ser observados, pois se trata da orientação da casa no terreno, ou seja, o posicionamento em relação ao sol, como esse caso em estabelecer telhados grandes e que se prolongam pela edificação conferindo sua proteção. A vegetação, árvores e plantas quando bem inseridas ajudam absorver a promover uma circulação de ar. O modelo de casa com planta regular observado por ele e muitas vezes rígida pode desencadear o “aspecto de casa-caixa” (Legen, 2004, p.28). Esse modelo como veremos a seguir predominou na arquitetura em Macaúbas durante muito tempo, o que nos sugere o tradicionalismo, a continuidade de costumes e valores fortemente arraigados e rígidos.

Ainda sim podemos notar como determinadas asserções de Lengen pode corroborar a ideia debatida aqui da intencionalidade na obra de arquitetura e a reflexão sobre os seus efeitos plásticos. Lengen ao dizer que nos sistemas estruturais as paredes grossas são mais resistentes, podemos notar na história das práticas de construções em Macaúbas como as diferentes dimensões dos adobes e a forma como são aparelhados, representavam uma clara preocupação com a segurança e durabilidade. Lengen está preocupado com a crescente desvalorização e escassez de mão de obra e materiais relacionados com a arquitetura popular, com o problema da moradia e da sustentabilidade e para as melhores condições de vida. Assim passou a defender um movimento social para uma nova arquitetura, uma arquitetura sustentável e integradora das relações do homem-natureza, o seu desejo é claro, fomentar a construção de casas, do lar e minimizar os impactos dos problemas econômicos, das desigualdades sociais entre as classes, as disparidades na organização do espaço e do habitat em diferentes regiões.

Do mesmo modo Weimer preocupado com essa questão da desvalorização de técnicas tradicionais diz que isso ocorre quando do distanciamento do homem do meio ambiente, em função do aumento do seu poder aquisitivo e o abandono de valores, passando a consumir produtos industrializados. Podemos observar assim o contexto de transição entre a tradição colonial e sua ruptura na segunda metade do século XIX, contexto do engajamento brasileiro no processo de industrialização, implicando assim em transformações de seus hábitos, realidade também observada em Macaúbas nas transformações arquitetônicas e espaciais na cidade ao longo da história. Assim para Weimer a arquitetura popular é o resultado natural das técnicas e materiais empregados em uma longa tradição por diferentes povos indígenas, africanos e europeus, do contrário seria uma “imitação desta pela arquitetura erudita”, no entanto o pesquisador segundo Weimer deverá estabelecer algum limite, no sentido de produzir uma contextualização histórica do local e aparecimento de dadas formas construtivas (Weimer, 2005, p.43).

Também nessa direção sobre os desígnios da arquitetura popular e trabalhando nas análises de expressões arquitetônicas feitas também por não arquitetos ou “arquitetos do povo” Maria Betânia, traz discussões na perspectiva da arquitetura como um produto de manifestação cultural que reflete a convivência do homem com a

natureza e a sociedade<sup>66</sup> em que se inserem, bem como a de fatores políticos, étnicos e religiosos, assim como postulam Weimer e Lengen. Suas análises partem da discussão sobre os aspectos da arquitetura popular vendo em suas considerações o princípio da simplicidade. Tendo como delimitação de estudo o espaço da Zona da Mata pernambucana, o trabalho apresenta reflexões instigantes sobre o caráter de produção da arquitetura popular naquela região, seguindo as linhas gerais de importantes princípios da arquitetura, como as características da economia e sociedade, valores e hábitos regionais, técnicas e saberes tradicionais na construção, disponibilidade de recursos materiais, a estética que segundo ela é um indicativo de valores, a adaptabilidade, funcionalidade assim seriam princípios, também discutidos por Lengen e Weimer.

A arquitetura popular é o resultado do trabalho criador do “homem pobre” refletindo as necessidades do seu dia-a-dia, utilizando a sabedoria popular nos métodos de construção, na escolha de materiais de acordo com sua disponibilidade (...) A arquitetura popular expressa uma “liberdade de criação” através do uso de cores, de elementos decorativos, dos elementos marcantes de sua plasticidade, na composição de uma arquitetura “despojada e simples” (Cavalcanti, 1996, p.14).

Do conjunto das edificações analisadas em Macaúbas os moradores relatam que os sistemas de paredes em adobes e de espessura grossa deixam os ambientes mais frescos, numa região de alta concentração de calor, mas certamente isso não é uma intencionalidade, pois como percebemos, trata-se de aumentar a espessura dos adobes como estratégia de reforçar as estruturas e ao que parece não intenciona dirimir os impactos das condições climáticas. De modo geral a prática da arquitetura histórica e tradicional em Macaúbas é empírica, nascida de recriações e adaptações na cidade. Legen ao dizer que as paredes compridas dobram-se com mais facilidade, fica patente a pouca durabilidade de muros em adobes em Macaúbas erguidos nos pátios e quintais, os quais com o tempo passam por problemas de conservação. Tais fatos das extensões daqueles muros ocorrem devido ao acompanhamento da profundidade do lote. A discussão das relações das partes da arquitetura, suas dimensões e proporcionalidade corroboram com os princípios vitruvianos.

---

<sup>66</sup> CAVALCANTI, Maria de Betânia Uchôa. **Arquitetura popular: Estudo das Fachadas de Platibandas das Casas Populares do Nordeste**. Relatório de pesquisa. Recife: UFPE/CNPq, 1996. “Pernambuco: Zona da Mata”. In: OLIVER, Paul (edit). *Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World*. Cambridge - UK: Cambridge University Press, 1997, p. 1.631-1.632.

Ainda que se tratasse de regiões dispares seja da zona da mata pernambucana e o Alto Sertão baiano, os valores e o caráter de produção nessas observações tocam em aspectos sobre os desígnios da produção da arquitetura em Macaúbas, feitas por não arquitetos, utilizando materiais e técnicas locais tradicionais segundo recriações e adaptações, traduzindo-se numa projeção de seus valores. Maria Betânia destaca entre esses elementos, os sistemas construtivos, os materiais, os aspectos econômicos, os valores e necessidades do proprietário, o caráter utilitário da edificação. Com relação às platibandas segundo a autora é um elemento que expressa um simbolismo, uma estética declarada, “a criatividade e a capacidade do dono ou de um pedreiro” (Cavalcanti, 1996, p.12-15).

Assim é observado o efeito plástico, a criatividade do construtor em meio à escassez e ou ao acesso aos recursos materiais, realidade não diferente de Macaúbas. A ideia da escala nas edificações populares é destacada por Maria Betânia quando diz: “a escala modesta da arquitetura popular, longe de ser uma opção arquitetônica, é decorrente da situação financeira do proprietário e da disponibilidade dos materiais de construção de cada região” (Cavalcanti, 1996, p.12). Muito mais do que uma arquitetura de afirmação, ela é uma expressão de harmonização com o meio ambiente, conferindo uma unidade que segundo a autora na “inter-relação de umas casas com as outras” (Cavalcanti, 1996, p.48).

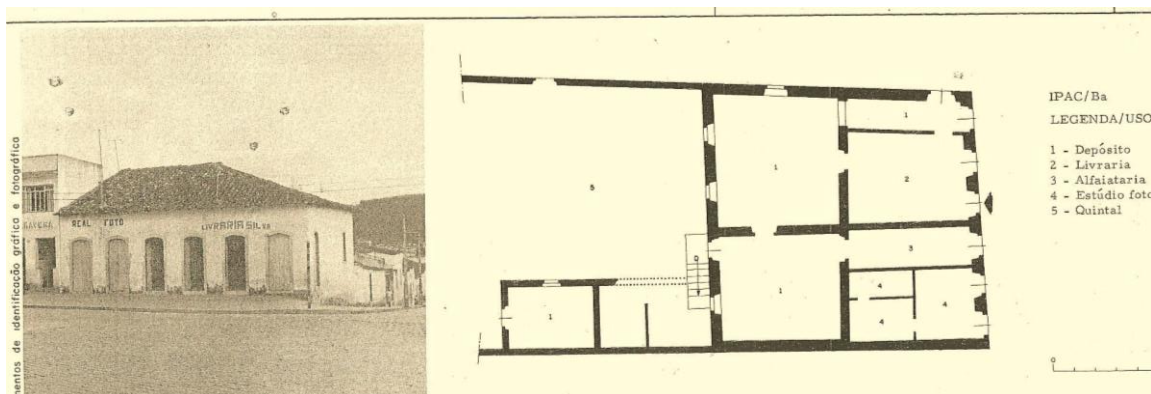
Nesse sentido toda a arquitetura está associada a um contexto histórico de produção e permeada por esses valores, políticos, econômicos e morais. Em Macaúbas esses aspectos econômicos ligam-se ao aumento do poder aquisitivo, da entrada na cidade de materiais da indústria nascente em fins dos oitocentos, mesmo que de modo lento e somadas as mudanças paulatinas de comportamentos e valores sociais propagados. Em Macaúbas na virada do século XIX é certo que essa integração econômica e industrial é lenta, pois como já assinalamos, ainda na década de 1950 há uma continuidade com formas e expressões que nos remete aos tempos coloniais. Essa continuidade de um estilo neocolonial em Macaúbas, como veremos através de modelos de planta retangular, casas ao rés do chão, as vergas hora arqueadas e retas, a ausência ou presença de elementos figurativos e decorativos, simplificação de soluções, mostram como o poder aquisitivo ainda era limitado e restrito, ainda sim as facilidades de execução desse partido arquitetônico explica essa continuidade. Por outro lado as

técnicas e saberes locais culturais em seus valores subjetivos ainda persistem em função da rara mão de obra especializada na cidade.

A discussão sobre a arquitetura popular e o processo de urbanização no âmbito da história da Bahia, e para uma história e conceituação de práticas regionais no Na Chapada Diamantina, englobando o Alto Sertão baiano e por associação a cidade de Macaúbas, o processo de inventariação de edifícios nos estudos de Paulo Azevedo, Odete Dourado e Manoel Humberto nas décadas de 1970-80, apresentam importantes considerações sobre as práticas e experiências de construção naquela região em seus contextos históricos, aspectos sociais e econômicos, como valores preponderantes para o surgimento dos núcleos urbanos. A cidade de Macaúbas assim receberia forte influência de um padrão arquitetônico das zonas mineradoras do século XVIII.

A caracterização tipológica que realizam nas edificações descrevendo os elementos arquitetônicos, é fundamental para a história da região de Macaúbas. A descrição da Casa da Praça da Catedral em Caetité em 1978, (figura 28) por Paulo Azevedo e Odete Dourado corroboram para a interpretação de que se trata de uma típica expressão arquitetônica que representa o morar e trabalhar na região, assim pode-se ler: “Edifício comercial provavelmente do início do século XIX. Na região em estudo as lojas e armazéns estão geralmente ligadas a uma residência, seja ela um sobrado ou casa térrea” (IPAC-BA, 1980, p.60). Esse imóvel como veremos guarda uma semelhança muito próxima com a Casa do Professor Zacarias do Amaral seja pelo partido e sua utilidade como uso misto entre morar e trabalhar conforme as figuras a seguir.

Figura 28: Edifícios de função Mista no Alto Sertão baiano



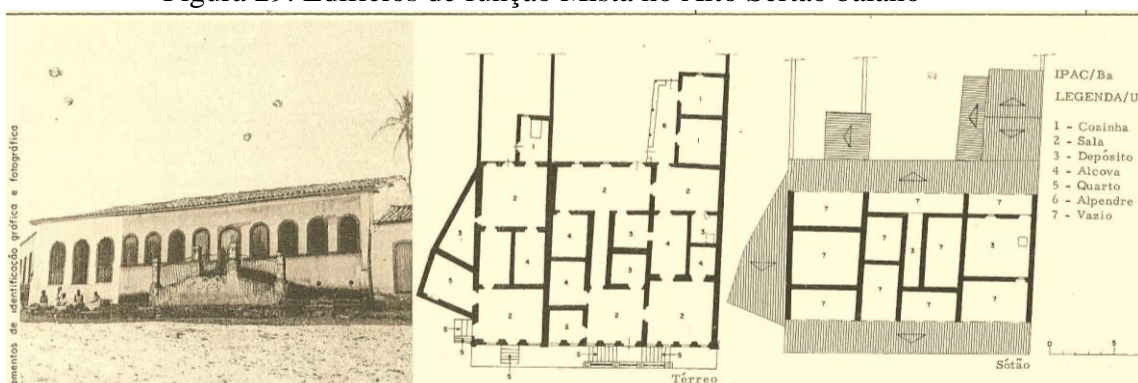
Casa da Praça da Catedral em Caetité. Fonte: IPAC-BA, 1978, p.59.  
Do mesmo modo a descrição arquitetônica da Casa do Padre Velho em Caldeiras, distrito de Caetité, descrita como um partido de casa neoclássica, onde a loja



anexa é recorrente na Chapada Diamantina Meridional (Macaúbas). “Essa tipologia parece ter surgido em consequência do regime de exploração do diamante. Os financiadores da mineração “fornecedores” e “capangueiros”, possuíam incorporada à casa, uma loja onde faziam seus negócios” (Ipac-BA, 1980, p.71-72).

Ainda na Casa do Padre Velho (figura 29), diz ser a escada de acesso frontal um elemento muito raro em edifícios urbanos de uso privado, a mesma observação pode ser feita para a residência do Professor José Batista da Mota, onde a inserção da escada em sua frontaria como veremos é um elemento classicista raro na cidade. Sobre a análise espacial, o inventário na Bahia discute o papel e a centralidade do corredor como elemento articulador dos espaços e a típica faixa de usos, ou seja, a força da tradição, onde se vê a sala de visitas à frente, o corredor central como elemento de circulação e articulação as alcovas laterais, sala de jantar e de serviços aos fundos.

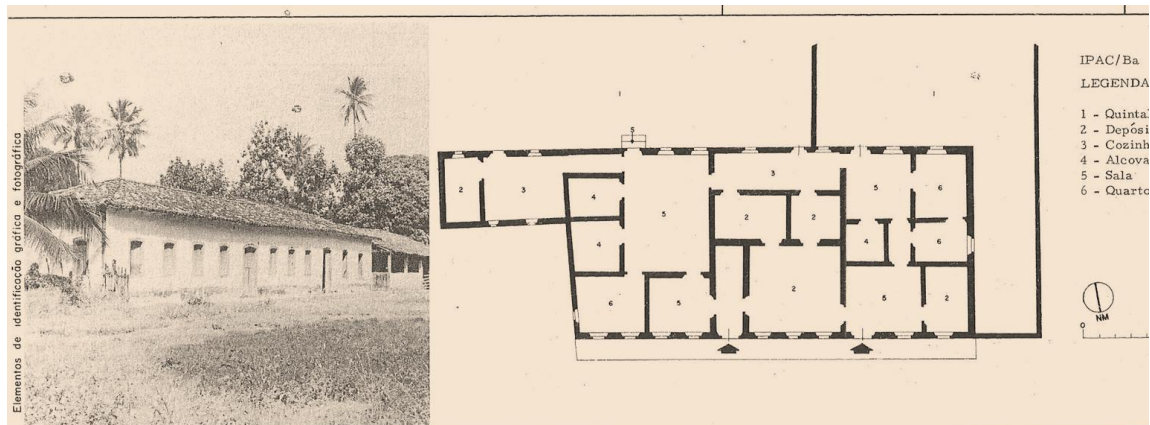
Figura 29: Edifícios de função Mista no Alto Sertão baiano



Casa do Padre Velho em Caldeiras-Caetitê. IPAC-BA, 1978.p.71.

Nas descrições das casas de fazendas, como a Casa da Fazenda Casa Grande (Ipac-BA, 1980, p.121-122) (figura 30), localizada em Livramento de Nossa Senhora e na Casa da Fazenda Santo Antônio (Ipac-BA, 1980, p.95-96) (figura 31), implantada no município de Igaporã, nota-se a tradição em guarnecer as janelas dos fundos da edificação com barras verticais de madeira, bem como a forma das aberturas dos vãos e a utilização de materiais nestes exemplares, elementos que também são observados na casa da fazenda de Nicolau Tolentino Vaz e na casa da fazenda de Pedro José de Sousa. Em Macaúbas a descrição da Prefeitura Municipal inventariado em 1978, pelo IPAC-BA é interessante para remontar seus aspectos e transformações desde a antiga Casa do Padre Firmino.

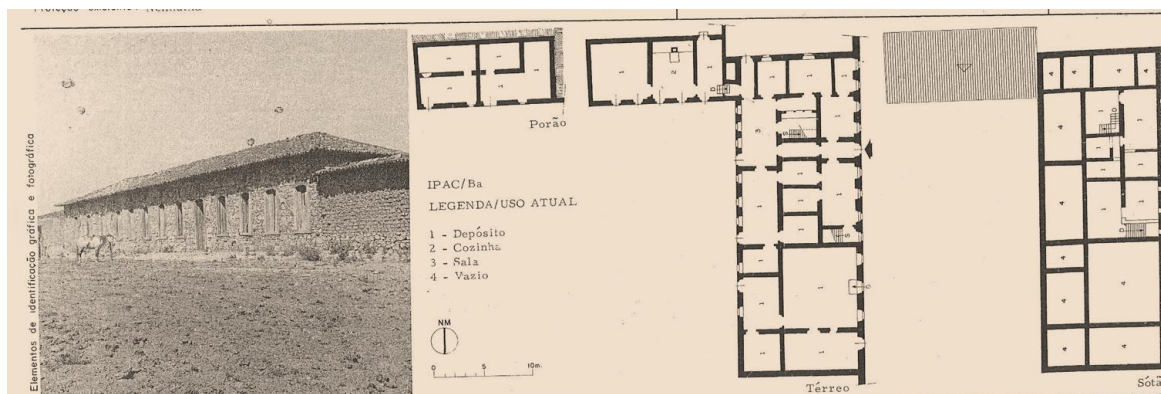
Figura 30: Casas de fazenda no Alto Sertão baiano



Casa da Fazenda Casa Grande Fonte: IPAC-BA. 1980.p.121

Das observações feitas aqui sobre a arquitetura desde a antiguidade clássica, sua afirmação artística no período da renascença, vimos que de lá para cá podemos analisar na história da arquitetura e do urbanismo no Brasil alguns conceitos fundamentais sobre a teoria e a prática nos projetos arquitetônicos, buscando compreender o caráter da produção e evolução da arquitetura popular brasileira. Nesse sentido, elementos como: topografia e a implantação no sítio, as técnicas de construção, a planta e os programas de necessidades são aspectos importantes dessa produção.

Figura 31: Casa da Fazenda no Alto Sertão Baiano



Casa da Fazenda Santo Antônio em Igaporã Fonte: IPAC-BA, 1978.

O inventário de Paulo Azevedo é uma fonte documental fundamental para a história das práticas e experiências de construção de edifícios no âmbito da história da arquitetura brasileira, da Bahia e em especial na região da Chapada Diamantina e em Macaúbas, pois suas análises nos dão subsídios para identificação, caracterização de

partidos arquitetônicos em Macaúbas, as similaridades entre essas práticas, circunscrevendo-se em uma identidade histórica e cultural no Alto Sertão baiano.

Vimos até aqui algumas análises conceituais, formação social e econômica em alguns tratados de arquitetura no Brasil, os quais são fundamentais para discutir a vinculação e inserção social de uma expressão arquitetônica, relacionada a um conjunto de valores e experiências em um dado contexto histórico. Essa vinculação entre *arquitetura e sociedade* tem uma relação direta também com os aspectos econômicos e as formas de trabalho em dada região. Em Macaúbas, veremos como a leitura desses elementos nos espaços das edificações como a sapataria, casa de tecidos, casa de ferragens, lojas de miudezas e serviços, casas de fazenda podem justificar essa vinculação aos valores intrínsecos ao seu caráter de produção, uso do espaço arquitetônico e representações de detalhes da relação morar e trabalhar.

## **2.1 - O inventário e método na documentação da arquitetura macaubense**

O método de investigação empregado neste trabalho é resultado de uma série de estudos e para um processo de inventariação do acervo histórico arquitetônico da cidade de Macaúbas. Um instrumento do inventário possuiu uma natureza sistêmica, ou seja, está em constante revisão e aprimoramento. No caso do inventário da arquitetura que vem sendo aprimorado em Macaúbas ao longo dos anos, também apresenta esse seu caráter dinâmico, uma vez que os objetos arrolados e analisados estão inseridos numa realidade das dinâmicas constantes das transformações urbanas. Estes estudos iniciaram-se em 2009 e prolongam-se até o momento. De modo geral o instrumento do inventário é um método de pesquisa que utiliza procedimentos definidos para a coleta dados sobre um dado objeto. Trata-se de um método que visa abordar as características e peculiaridades desse objeto, estabelecendo-se assim as classificações a partir de critérios como: caráter e contexto de produção, localização e caracterização da região a qual está inserido. Em se tratando de um inventário de objetos da cultural material como é o estudo deste caso do inventário da arquitetura em Macaúbas, as análises ampliam-se e como já falamos, para o plano dos aspectos imateriais.

Segundo o Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC<sup>67</sup> a palavra deriva do latim jurídico *Inventarium* que significa “encontrar”, tornar conhecido,

---

<sup>67</sup> IPHAN. **Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação**. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. Brasília: Iphan, 2000. p. 27.

identificar<sup>68</sup>. No Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, o conceito de inventário pode ser entendido a partir de três princípios básicos: (1) “relação dos bens deixados por alguém que morreu”, (2) “descrição e enumeração minuciosa” e (3) “levantamento individuado e completo de bens e valores”. Destes conceitos podemos extrair que o inventário surge e é justificado com a ideia de herança, de algo que nos informa sobre a memória de alguém, e que devido ao fato desses bens serem diversos é preciso relacioná-los, surgindo aí as diferentes denominações como, arrolamento, listagem, descrições e classificações inerentes a prática de inventariar. O professor Paulo Ormindo Azevedo diz:

A principal contribuição dos inventários é identificar esses elementos, tanto aqueles que passaram a ter significado para uma determinada comunidade, quanto aqueles que, por tão integrados na mesma, só são percebidos e valorizados pelo forâneo ou quando perdidos. Trazer esses bens culturais para o nível de consciência coletiva é a grande tarefa dos inventários (Azevedo, 2011, p.25).

Nesta citação ficam visíveis alguns dos objetivos primordiais do inventário, o seu valor como documento e fonte de informação. Compete ao pesquisador identificar, enquadrar e inventariar exemplares em campo e posteriormente, discuti-los sobre diversos ângulos. Na atualidade a evolução do conceito de patrimônio cultural, as novas metodologias de pesquisa histórica, os discursos em torno da memória, incluem o instrumento de inventário como um método cujos parâmetros e ferramentas são importantes na produção de conhecimento. Assim, ao trabalharmos como o método de inventário como instrumento de catalogação e sistematização do acervo arquitetônico em Macaúbas, busca-se assim a produção de conhecimento sobre os desígnios daqueles objetos/bens, especificamente adentra-se em reflexões sobre as características daquele acervo arrolado, pontuando em sua natureza conceitual aqueles elementos importantes na produção e caracterização do espaço arquitetônico do qual discutimos anteriormente. Para além de um inventário de coisas, objetos, abrem-se neste trabalho muitas perspectivas, como a história das técnicas de construção, a história dos lugares onde um exemplar arquitetônico se insere.

---

<sup>68</sup>AZEVEDO, Paulo Ormindo. Inventariar para valorizar e proteger. In: PESSOTI, Luciene, RIBEIRO Nelson Porto (org.) **A Construção da cidade portuguesa na América**. Rio de Janeiro: POD, 2011.p.151-169.

Aspecto importante e como conhecimento extraído das edificações, é a identificação de uma série de valores, hábitos culturais presentes em diferentes práticas e experiências, circunscritas nas relações entre construir-morar-trabalhar. É inegável a natureza subjetiva da arquitetura, pois é um produto de ações humanas. Desse modo o entendimento sobre a natureza da ocupação e transformação dos espaços, como eles são programados pelo homem segundo suas intenções, necessidades e para determinados fins, os quais entendemos como funções ou utilidade da arquitetura na vida do homem. Essas reflexões reforçam assim o sentido de que as manifestações arquitetônicas são portadoras de subjetividades construídas historicamente pelo homem, daí pensamos na arquitetura do passado e a arquitetura do presente, suas transformações nos remete a própria modificação de hábitos do homem.

De acordo com a historiadora Françoise Choay, em “A alegoria do Patrimônio”, obra da qual faz uma análise da história da preservação e do conceito de patrimônio diz que as questões patrimoniais emergiram de práticas “ligadas às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo”<sup>69</sup>. Corroborando com Choay a historiadora Márcia Chuva diz que “a noção de patrimônio toma conotações articuladas com a formação dos Estados nacionais e a construção da identidade nação”<sup>70</sup>. Essas abordagens nos remetem a herança de um determinado bem que reforça a identidade, a memória de grupos sociais e sua historicidade. Análises interessantes sobre os fundamentos de um inventário são tecidas pelo Professor Marcos Olender ao analisar importantes ensaios sobre a prática de inventários<sup>71</sup>, estabelecendo distinções acerca de tipologias, “seus limites e problematizações”<sup>72</sup>. A respeito da construção do Estado moderno na Europa, resultante da Revolução Francesa e da Revolução Industrial outro conceito interessante é ilustrado na Carta do México. “Os campos do passado e do presente: o passado como fonte de consenso e da invisibilidade, o presente como patrimônio conflitual” (Teixeira, 1997,

---

<sup>69</sup> CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. 3ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006/2006, p.11.

<sup>70</sup> CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Patrimônio Imaterial: práticas culturais na construção de identidades de grupos**. In MINAS GERAIS, Secretaria de Estado da Educação. Reflexões e Contribuições para a Educação Patrimonial. Grupo Gestor (Org.) - Belo Horizonte: SEE/MG, 2002, p.88.

<sup>71</sup> CHASTEL, André. “A invenção do inventário”, Revue de l'Art, n°. 87. Paris, CNRS, 1990. Tradução e notas de João B. Serra. Disponível em: [www.cidadeimaginaria.org/pc/ChastelInventaire.pdf](http://www.cidadeimaginaria.org/pc/ChastelInventaire.pdf) Acesso em 08/06/2015. MOTTA, Lia & SILVA, M. Beatriz Resende (orgs.). **Inventário de Identificação: um panorama da experiência brasileira**. Rio de Janeiro: IPHAN, 1998.

<sup>72</sup> OLENDER, Marcos. **Uma “medicina doce do patrimônio” O inventário como instrumento de proteção do patrimônio cultural – limites e problematizações**. Disponível em: [www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.124/3546](http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.124/3546) Acesso em 08/06/2015.

p.285). Desse modo o instrumento de inventário abarca também em sua natureza os objetivos que visam também à preservação da cultura, ou seja, desses hábitos, valores e práticas.

A justificativa desse método de investigação neste trabalho parte num primeiro momento em apresentar-se como um instrumento na produção de conhecimento, devido ao caráter de perda da materialidade e da subjetividade das experiências humanas cotidianas associadas às ideias de construir, morar e trabalhar no âmbito do espaço arquitetônico. Ainda sim, justifica-se por proporcionar elementos para os estudos sobre a história dos lugares da cidade, das pessoas que habitam esses lugares. A busca por uma sistematização da documentação da arquitetura em Macaúbas, como a análise da representação do espaço arquitetônico em suas múltiplas funções, apoia-se necessariamente no entendimento sobre os tipos de plantas para as leituras sobre como o homem utiliza o espaço, assim como a sistematização de conjuntos fotográficos, como documentos importantes para essa análise. As descrições das partes do edifício e de seus espaços procuram identificar ali os saberes empregados na escolha de materiais e sua aplicação em nos sistemas construtivos.

Vimos também até aqui que o entendimento do contexto histórico o qual se inserem as edificações é fundamental nesse processo pela busca dos desígnios da produção arquitetônica na cidade, como por exemplo, as concepções de moradia e de trabalho estabelecidas pelo morador, estando ali inclusas os seus valores e experiências na produção e ocupação do espaço, e para uma classificação tipológica da arquitetura em seus períodos históricos. Nos últimos anos observamos o crescimento dos inventários culturais, como instrumento, método de pesquisa de levantamento de acervos e o seus respectivos dados em campo em diferentes realidades de bens culturais. O inventário está imbuído da perspectiva do patrimônio cultural com fins a preservação tanto da cultura material e imaterial. Observamos que esse instrumento de inquérito vem se popularizando entre nós, os principais motivos estão ligados às demandas recorrentes pela busca de um conhecimento sistematizado sobre uma realidade para providência de ações. O inventário de acervos contribui para registrar através de sua pesquisa, sistematização e catalogação uma importante documentação, gerada a partir da pesquisa de campo.

Conforme vimos no capítulo anterior, analisamos algumas edificações inseridas em importantes espaços históricos no processo de configuração e evolução urbana. Os estudos dessa espacialização urbana e sua caracterização apontam para a localização dessas edificações, inseridas num contexto histórico e social sendo analisados do ponto de vista das dinâmicas das transformações nas áreas urbanas e do povoamento nas áreas rurais. Assim pontuamos essas áreas e edificações conforme as tabelas a seguir.

Tabela 01: Espacializações urbanas com acervos inventariados

<b><i>Denominação</i></b>	<b><i>Localização</i></b>
Praça da Matriz da Conceição	Área central
Rua Direita – Dr. Vital Soares	Área central
Rua Dr. Manoel Vitorino	Área central
Rua Abílio C. Borges	Área central
Rua 15 Novembro	Área central
Rua José Aurélio - Castro Alves	Área central
Rua Dr. Cesar Zama	Área central
Praça da Feira – Inácio Alves	Área central
Rua Visconde do Rio Branco	Área central

Edificações da área central, Fonte: José Antônio.

Tabela 02: Espacializações rurais com acervos inventariados

<b><i>Denominação</i></b>	<b><i>Localização</i></b>
Praça de Santana de Lagoa Clara	Área rural
Povoado de Bebedouro	Área rural
Povoado de Canto	Área rural
Povoado dos Algodões	Área rural
Povoado de Brejo Capitão Porfírio	Área rural

Edificações da área rural, fonte: José Antônio.

O estudo de algumas edificações nesta dissertação justifica-se assim por estarem inseridas nestas respectivas espacialidades e remontar ao processo de configuração urbana da cidade, pelos seus valores históricos, artísticos e culturais, seja em razão do caráter de produção e os aspectos do construir ou de seus desígnios como os valores e para as relações da moradia e do trabalho. Esses exemplares arquitetônicos justificam-se por conterem assim elementos importantes que dão a forma urbana e arquitetônica na paisagística nos espaços em que se inserem. Ainda sim observando o direito de propriedade do morador e seu interesse na inclusão deste inventário.

Apresentamos a seguir uma listagem desses bens inventariados nas áreas urbanas e rurais. Esses lugares foram estudados de acordo com o processo histórico de ocupação, localização, dinâmicas urbanas e socioeconômicas, contendo assim uma série de valores intrínsecos a história urbana e social da cidade. As tabelas a seguir apresentam a relação dos conjuntos de exemplares arquitetônicos, quer seja pelo seu contexto histórico, localização e como valor social e cultural em seus valores, práticas e experiências em construir, morar e trabalhar.

Tabela 03 – Edificações da Praça da Matriz da Conceição

<b>Localização</b>	<b>Denominação</b>	<b>Tipologia</b>
Pça. da Matriz	Residência do Cônego Firmino Soares	Arquitetura eclética
Pça. da Matriz	Residência do Cônego Hermelino M. Leão	Arquitetura eclética
Pça. da Matriz	Residência Prof. José Batista da Mota	Arquitetura eclética

Classificação tipológica, fonte: José Antônio.

Tabela 04 – Edificações no entorno das Praças da Matriz e Praça da Feira

<b>Localização das Ruas</b>	<b>Denominação – Residência / casas</b>	<b>Tipologia</b>
Direita/ Vital Soares	Residência José Alcântara Figueiredo	Arquitetura eclética
Manoel Vitorino	Casa-comércio Prof. Zacarias Amaral Rêgo	Arquitetura neocolonial
Manoel Vitorino	Casa Filarmônica N. S. Imaculada Conceição	Arquitetura neocolonial
Abílio C. Borges	Casa-comércio de João Santana	Arquitetura eclética
15 Novembro	Casa-comércio tecidos Augusto Sô Cardoso	Arquitetura eclética
Castro Alves	Casa-comércio Aloysio Joaquim Nascimento	Arquitetura vernácula
Cesar Zama	Casa de Alvanir de Figueiredo	Arquitetura eclética
Cesar Zama	Casa de Manoel Defensor Sant'Ana	Arquitetura eclética
V. Rio Branco	Casa-comércio Manoel Cândido Figueiredo	Arquitetura vernácula
Praça da Feira	Casa de Ferragens Otaviano da Mata	Arquitetura eclética

Classificação tipológica, fonte: José Antônio.

Do mesmo modo como na zona urbana os registros dos exemplares arquitetônicos na zona rural do município, a justificativa se deu em função das historicidades daquelas localidades no processo de formação territorial, pelos valores arquitetônicos intrínsecos nos aspectos do construir, também pelos valores relacionados às funções que desempenham seja com a função primeira de morar, mas também quando abrigam negócios e atividades econômicas nos âmbitos espaciais, ao identificarmos a planta e os programas de necessidades. Esses grupos de edificações assim como os da zona urbana procuram entender, os modos de construir, habitar e trabalhar naquelas áreas.



Figura 32: Mapa do perímetro urbano com localização edificações



Conjunto de edificações no perímetro urbano. Fonte: Acervo do ICAAM, 2011-2012.

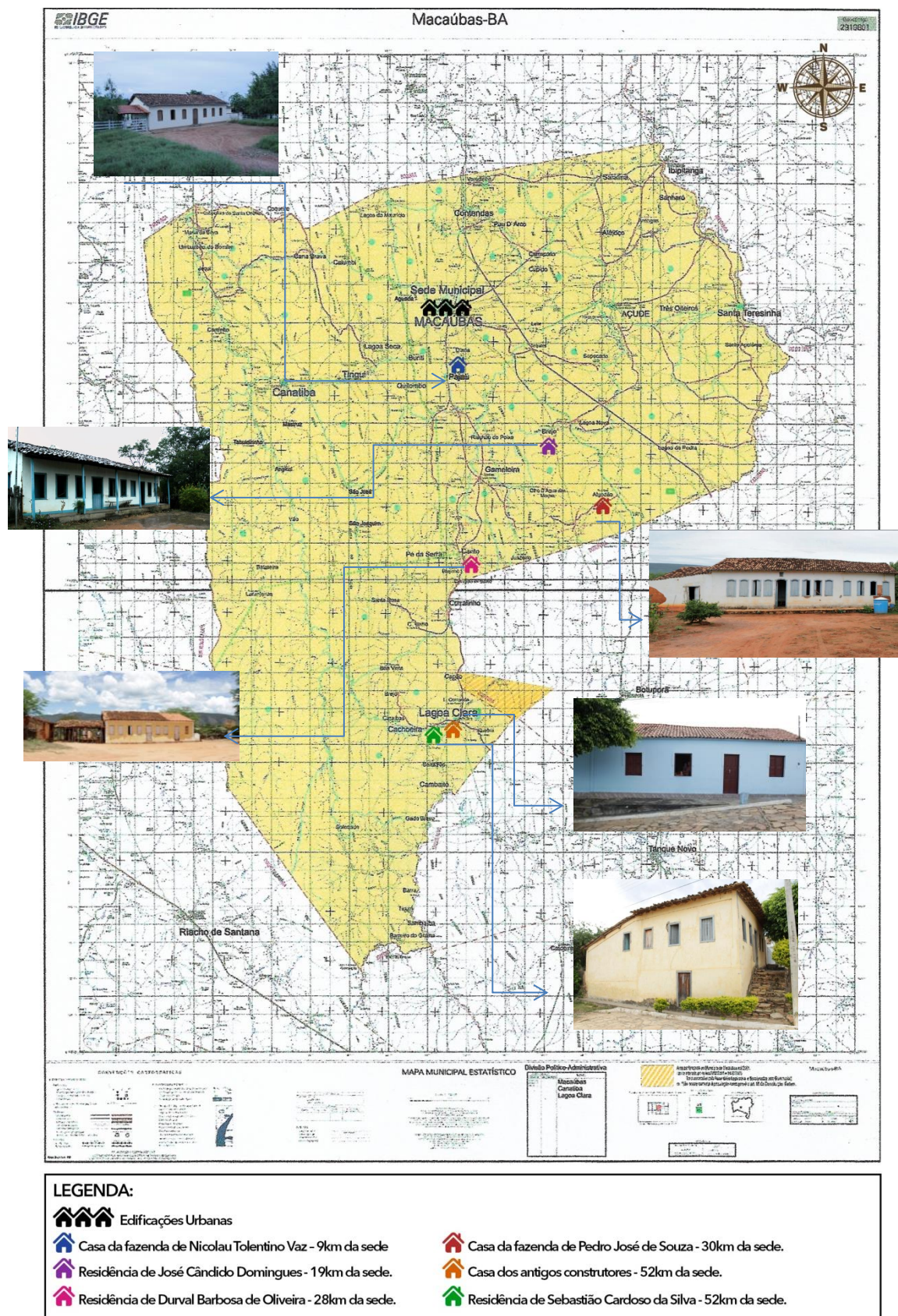
Tabela 05 – Edificações Zona Rural.

Figura 33: Mapa do Município de Macaúbas: Edificações rurais

Localização	Denominação	Tipologia
Distrito de Lagoa Clara	Casa dos antigos construtores	Arq. Colonial
Distrito de Lagoa Clara	Casa de Sebastião Cardoso da Silva	Arq. Colonial
Povoado de Bebedouro	Casa da Fazenda de Nicolau Tolentino Vaz	Arq. Colonial
Povoado de Canto	Casa Durval Barbosa de Oliveira	Arq. Vernácula
Povoado Brejo C. Porfírio	Casa José Cândido Domingues	Arq. Vernácula
Povoado de Algodões	Casa da Fazenda de Pedro José de Sousa	Arq. Vernácula

Fonte: José Antônio





Fonte: IBGE. Adaptado por Jarbas Câmara, julho de 2016.

A arquitetura em Macaúbas em seu contexto histórico do início do século XIX até a primeira metade do século XX, seja na zona rural ou urbana, acaba por

englobar uma diversidade de práticas de construção associadas aos aspectos locais, saberes, valores bem como a partir de influências externas. As tipologias arquitetônicas analisadas em Macaúbas apresentam componentes plurais, contribuições de diversas épocas da história da arquitetura brasileira, estando assim associados às expressões na vertente histórica do neocolonial e nas edificações ecléticas. Essas duas principais vertentes tipológicas em suas práticas acabam por transmuta-se entre uma e outra para formar uma série de sobreposições de técnicas, como apresentamos no capítulo a seguir. Essas sobreposições de técnicas representam assim uma rede, conexões de troca de saberes e experiências que são acumuladas e repassadas ao longo de gerações.

Esse inventário como método e fonte documental nesta pesquisa, não atinge a totalidade do acervo arquitetônico da cidade de Macaúbas, em suas áreas urbanas e rurais. Outras edificações necessitam de enquadramento, o que justifica a continuidade e dinâmica de um inventário, ou seja, sua sistematização. Salientamos que nem todas as edificações inventariadas ao longo dos anos enquadram-se no foco desta pesquisa, no que diz respeito às análises das relações entre construir-morar-trabalhar. Contudo acreditamos que esses exemplares aqui analisados sirvam de reflexão para compreensão dessas relações, no sentido de ilustrar aspectos e similaridades culturais. Desse modo o caminho está aberto para continuidade de estudos sobre o universo da arquitetura macaubense, cuja realidade atual caminha para uma intensa renovação desse tecido urbano em sua área central.

### **Capítulo 3 - Arquitetura e Sociedade: Construir, morar e trabalhar**

A arquitetura em Macaúbas é uma manifestação cultural, resultado de diversas formas de criações, recriações e adaptações locais de revivalismos que resultam numa profusão de tipologias arquitetônicas que ao longo do processo histórico de ocupação da cidade foram sendo implantadas nas áreas urbanas e rurais de acordo com as suas condições locais período histórico e desenvolvimento econômico. Em Macaúbas as expressões arquitetônicas estão relacionadas ao caráter vernáculo<sup>73</sup> entendido como aspecto da formação da identidade local através de uma série de valores sociais, econômicos, políticos e sua caracterização geográfica.

Mas as construções em Macaúbas para além desse caráter vernáculo também concorrem às influências externas. Os aspectos da arquitetura em desse modo compreende-se da maneira como a comunidade vai absorvendo esses elementos circunscritos no conjunto de fatores da história e formação da arquitetura brasileira seja ela resultando de uma longa tradição experiências do colonial. Como vimos nas observações de Luís Saia ao tratar das antigas residências rurais no Brasil colonial, “A telha vã deve ser encarada como impositura do partido e não como medida de economia” (Saia, 1958, p.59), a citação é um exemplo de como esses caracteres da arquitetura vão sendo formados em meio a uma diversidade de fatores que concorrem para sua evolução. Veremos como esse aspecto do telhado aparente é muito comum em Macaúbas tanto nas áreas rurais e também urbanas.

Uma série de outros elementos oriundos de outro contexto social é identificada em Macaúbas a partir da inserção de elementos de vertentes ecléticas e são influências da Europa quando o Brasil engajava no processo de industrialização e modernização da sociedade. Os novos valores absorvidos pela elite brasileira a coloca como um agente das dinâmicas das transformações urbanas que passam a marcar uma série de rupturas, sobretudo nas grandes cidades brasileiras, de modo que a absorção dessas práticas pelas cidades pequenas e sem expressão como Macaúbas pode ser explicada à medida que a cidade relaciona-se com essas metrópoles. Dessa forma o caráter da produção e a evolução da arquitetura em Macaúbas resultam da profusão de diversas técnicas.

---

<sup>73</sup>A expressão vernáculo foi empregada por Mário de Andrade para designar arte do povo, em contraposição ao que seria classificado como de caráter erudito.

Também outras influências estão assentadas no conjunto de seus valores, práticas e os seus elementos locais, como as transformações no espaço doméstico, aspectos geográficos, climáticos, econômicos, sociais, demográficos. Como estamos tratando neste trabalho acerca da disponibilidade de materiais de construção, as técnicas utilizadas e as concepções sociais dos seus programas construtivos e espaciais, a diversidade das formas construídas em Macaúbas não chegou a constituir um padrão arquitetônico próprio, ou de “casa estável” (Azevedo, 1997, p.20) como discute Azevedo, que como vimos elaborou um inventário de edificações na região. Para Azevedo houve sim uma repetição de alguns elementos, sugerindo certa coesão. A prática da arquitetura em Macaúbas resulta de um conjunto de valores e experiências diversificadas em seus revivals e as adaptações locais. A arquitetura macaubense ou em outros lugares, ainda que absorva uma série de práticas difundidas em outras regiões, contextos históricos e modelos, ela é uma expressão local, pois os elementos que compõe sua materialidade são resultantes das inventividades, dos esforços, dos sonhos e das necessidades do homem em morar e trabalhar, em transpor suas barreiras.

Paralelamente a essas análises do caráter e dos aspectos do construir, observam-se também os novos valores, práticas e experiências em morar e trabalhar no âmbito dos espaços arquitetônicos, perspectiva então voltada para as relações humanas processadas no espaço doméstico. O sentido social, cultural e uma série de valores são assim projetados na casa de habitação, que passa a ser o resultado das intervenções do homem que por meio de suas práticas, projetam seus sonhos, interesses e necessidades. Ainda sim o mobiliário, as ferramentas e objetos variados estão carregados de simbolismos os quais nos reportam ao espaço doméstico, como ele é produzido, apropriado e transformado pelo homem e como essa simbologia dos objetos podem revelar esse universo de apropriação, transformação, forma e uso dos espaços.

Em Macaúbas muitos fatores internos como os valores locais e externos concorreram para o processo de formação e evolução de suas formas construídas. Na segunda metade do século XX o debate em torno da preservação do patrimônio cultural brasileiro desenvolvia e avançava como nos encontros de governadores na década de 1970<sup>74</sup>. Nesse período a fisionomia daquelas espacialidades urbanas como em

---

<sup>74</sup> Encontros de Governadores em Brasília em 1970 e em Salvador em 1972, em prol da preservação do patrimônio cultural no Brasil, realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – IPHAN.

Macaúbas, ainda estava em processo de formação e preservados na década de 1970. Mas determinados partidos arquitetônicos sempre estarão sujeitos às transformações dadas à efemeridade de sua concepção associado a um contexto econômico, social e o caráter de perda da materialidade.

A arquitetura em Macaúbas e com referência nos fundamentos gerais da arquitetura brasileira, conforme as leituras de diversos autores abarcam análises sobre a sua forma, volume, escala, implantação, materiais e sistemas construtivos, plantas e programas de necessidades, aspectos que promovem a transformação dos espaços e na paisagem por meios de valores associados ao morar e trabalhar. As principais tipologias arquitetônicas em Macaúbas e do ponto da história da arquitetura destacam-se as vertentes nascidas de revivals coloniais e ecléticas.

Na segunda metade do século XIX passa a ocorrer uma ruptura com essa tradição colonial quando uma série de estilos historicistas e seus revivals passam a influenciar e a remodelar uma nova arquitetura de vertente eclética, nesse sentido nos atemos essas fases da historiografia da arquitetura pela correspondência dessas duas tipologias no âmbito do espaço urbano em Macaúbas. A urbanização no Brasil absorvia os valores da Revolução Industrial e concorria paulatinamente para a modificação das estruturas coloniais em suas cidades. Hugo Segawa ao tratar dessa urbanização em curso no país e da negação ao colonial diz: “A cidade afirma-se como palco do moderno - modernização tendo como referência a organização, as atividades e o modo de vida europeu. Os engenheiros colocavam-se como agentes dessa modernização” (Segawa, 2010, p.19). Em Macaúbas as transformações urbanas não eram operadas por esses agentes especializados, talvez um ou outro de fora contribuísse nesse processo, mas os agentes das práticas urbanas acertadamente são pessoas com poucas instruções. O esforço em modernizar em Macaúbas é visto em edifícios ecléticos com revivals classicistas ali adaptados, cuja mão de obra utilizada nesses prédios é importada. A arquitetura como simbologia e cultura material comporta muitas observações veremos algumas.

As expressões arquitetônicas interpretadas como bens materiais da cultura ou simplesmente cultura material, é um ponto de vista associada então aos “materiais e



objetos concretos da vida das sociedades” ou ainda a “materialidade da coletividade”<sup>75</sup>. Essas proposições são feitas segundo Bucaille e Pesez ao discorrer sobre “Cultura Material” a história das abordagens da cultura material, suas dimensões nos campos econômico, social e cultural, noções definidoras e as histórias das técnicas. Segundo esses autores a interpretação da sociedade através de bens materiais da cultura nos fornece subsídios para entender o processo de formação da coletividade. A coletividade então é um princípio importantíssimo dentro das características gerais da sociedade, como a compreensão da formação de uma determinada tradição cultural que então passar a ser de uma maioria ou das massas.

Também nessa direção e discussão sobre o conceito de cultura material, suas formas processo de enraizamento de tradições culturais e suas apropriações e fruições em torno de uma coletividade social. A cultura material, ou os bens materiais da cultura, os objetos palpáveis, segundo Ulpiano Bezerra Menezes representa um enorme potencial aos estudos históricos, ao considerar que esses objetos são “coisas físicas como documento e fenômeno histórico”<sup>76</sup> os quais representam uma realidade social. Mas que coisas ou objetos materiais são esses? Trata-se de uma diversidade de tipos de atividades fins associadas a um conjunto de técnicas, a partir de um saber fazer carregado de história e tradição. Esse aspecto da cultura material é interessante para se compreender as técnicas construtivas existentes em Macaúbas como os materiais utilizados desde as fundações até o telhado de suas edificações.

Um partido arquitetônico é assim profuso de ideias em razão do grande universo de elementos, tocamos nas paredes de construções feitas em adobe, do mesmo modo o reboco de barro aplicado nas paredes e no assentamento do piso que são tão recorrentes e que nos remete as essas experiências e práticas culturais enraizadas, a materialidade do reboco assim constitui de um processo de formação, prática cultural é decididamente um produto da cultura popular desses partidos arquitetônicos em Macaúbas.

---

<sup>75</sup> Bucaille, Richard e Pesez, Jean - Marie. Cultura Material. In: Enciclopédia Einaudi, Lisboa, IN / CM, 1989, vol.16 – Homo/ Domesticação / Cultura Material, p.11-47.

<sup>76</sup> MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **A cultura material no estudo das sociedades antigas**. Revista de História, São Paulo, n.115 (Nova Série), julho-dezembro de 1983, p.103-117. Neste artigo o autor procurou conscientizar a comunidade acadêmica para a importância deste domínio aos estudos históricos, até então uma perspectiva ainda pouco trabalhada já então na década de 1980.

Para Bucaile e Pesez o estudo do objeto não necessariamente é um estudo que foca um indivíduo, mas a fluidez de suas práticas e técnicas consideradas em conjunto, dentro de um sistema de relações estáveis, onde às repetições conferem muitas vezes uma revelação de hábitos e tradições culturais que são arraigadas ao conjunto daquela sociedade. Nessa direção o estudo da arquitetura macaúbense, suas tipologias construtivas projetadas com usos de materiais dão forma as casas. A casa no Brasil é indubitavelmente um elemento cultural material repleto de significados, seja o tipo de material empregado e a variedade de usos. A cultura material nas asserções de Bucaile e Pesez, e de Ulpiano Meneses é uma via para entendermos a história de uma sociedade através de seus hábitos e tradições locais, neste caso, toma-se como exemplo a casa e toda sua simbologia e singularidade no Brasil pelo processo de formação e diversidade da cultura brasileira.

Quem construiu e como foram construídas as moradias em Macaúbas? Quais as técnicas e os materiais utilizados que dão forma material a um partido arquitetônico? Qual o papel dos objetos que compõe o espaço arquitetônico, como mobília e ferramentas? Qual o papel das vendas e lojas de negócios, enquanto aspecto da realidade social que emerge no âmbito arquitetônico? Qual o significado de projeção e apropriação dos espaços pelos seus moradores? Ou seja, seus valores e necessidades inclusos em relações como a moradia, o cotidiano doméstico e o trabalho.

Ao trabalhar com a materialidade como documento de nossa realidade histórica e social no vasto conjunto de sua obra, Ulpiano Bezerra de Menezes em “*A cultura material no estudo das sociedades antigas*” diz que essa potencialidade ocorre devido a lacunas históricas na documentação escrita, bem como os seus problemas de interpretação e confusão verbal (Menezes, 1983, p.111), o autor chama atenção para o aspecto intangível, o qual não pode ser separado, ou seja, posto num plano de análises dicotômicas. Assim o pesquisador ao analisar dado objeto na perspectiva dos bens materiais da cultura, seu estudo deverá focar o caráter tangível, mas também intangível. O trabalho do historiador nesse sentido é o de fazer uma leitura e tratamento desse tipo de fonte na lógica deste domínio, que segundo Ulpiano Bezerra essa leitura e sistematização seriam o processo de transformação pelo historiador desses objetos, então, fenômenos naturais e físicos em documento histórico. Nesse sentido reafirma-se o caráter da arquitetura como uma fonte para a história.



Trabalhando com a interface história e arquitetura Eder Donizeti<sup>77</sup> elaborou um estudo para contar a história da cidade de Ribeirão Preto por meio da arquitetura da Rua José Bonifácio. Arquitetura e rua nesses estudos e analisando fontes históricas e suas respectivas leituras em mapas, boletins, jornais e fotografias, perpassam pelo conceito de uma materialidade da cultura expressa na arquitetura da rua. Assim suas ideias corroboram com os postulados de Ulpiano Meneses de que a arquitetura é um bem material e fonte de pesquisa para história, neste caso para a história da cidade, daquele espaço. O princípio de coletividade em Bucaile e Pesez estreita-se a compreensão dos aspectos e características das arquiteturas desenvolvidas naquela rua a apropriação pelo conjunto de moradores que estabelecem contatos e convívios sociais em suas subjetividades. A materialidade é assim um instrumento de interpretação da imaterialidade, a história daquela cidade e de como o conjunto das transformações urbanas são desenvolvidas naquela rua em seus diversos aspectos. A materialidade e imaterialidade da arquitetura são analisadas através de contextos históricos, econômicos e sociais. Eder Silva realiza assim uma periodização e classificação das diferentes fases da arquitetura e suas tipologias, captando as transformações dessa arquitetura em diferentes contextos, sua conservação e ou descaracterização em função dos sucessivos usos.

Assinala Eder Silva que “A produção do espaço não é casual, mas resultante de uma lógica advinda de práticas e formas de apropriação de um local por certo grupo social em uma determinada época” (Silva, 2011, p.114). Desse modo discute historicamente a interface arquitetura e sociedade, a relação homem-arquitetura, a coletividade e suas problemáticas, como as diferentes relações entre a moradia e o trabalho na Rua José Bonifácio, desenvolvidas no âmbito dos espaços arquitetônicos, como as atividades comerciais abrigadas nestes imóveis. O autor identificou que a sucessão de usos daqueles espaços é um ponto conflito na relação entre espaço-função e preservação. Para o autor existe uma “necessidade de compreensão da história pelo arquiteto e da arquitetura pelo historiador” (Silva, 2011, p.116). Esse trabalho aponta caminhos de pesquisa para abordagem da relação história e arquitetura, arquitetura e sociedade, as relações espaciais, funções e transformações urbanas pelas as ações do homem.

---

<sup>77</sup> SILVA, Eder Donizeti. **A história Contada Através da Arquitetura de uma Rua**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011.

O aspecto da simbologia associada a casa pode ser compreendida através do antropólogo Clifford Geertz, que escreveu em 1973 “A interpretação *das culturas*”<sup>78</sup> nota-se que a base de seu pensamento está expressa na teoria da semiótica, “Teoria geral das representações que leva em conta os signos sob todas as formas e manifestações que assumem” (Houaiss, 2001, p.2543). Nesta obra e em especial ao capítulo que trata sobre “*Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*”, ele propõe analisarmos o conceito de símbolos que segundo ele contém significados que precisam ser traduzidos e compreendidos. A semiótica seria assim uma ciência para interpretação de significados que há no universo cultural a partir das vivências e observações em campo, seja do trabalho de antropólogo que atua no ramo da etnografia, onde “praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário” (Geertz, 1978, p.15).

Desse modo poderíamos relacionar a teoria dos significados e atribuir seus postulados ao universo dos bens materiais da cultura, os objetos e as coisas físicas, à medida que o aspecto de sua materialidade é o resultado de práticas e experiências culturais que após atravessar um processo de formação se transforma em tradição coletiva, ou seja, aquele bem cultural é comum a uma maioria. As teorias dos significados recaem assim sobre uma complexa relação da imaterialidade que permeia a coletividade, como podemos notar nas observações de Bucaile, Pesez, Ulpiano e Silva.

A criação arquitetônica, junto a ela o mobiliário e o multifacetado universo de ferramentas em Macaúbas, constroem um universo tipológico e simbólico de bens da cultura material. O entendimento da produção arquitetônica, do mobiliário e ferramentas e a transformação dos espaços é o resultado da interação simbólica homem-natureza, que se adapta de acordo com o clima e estabelece uma manutenção de suas práticas e saberes populares, fundamental para o entendimento sobre as relações construir-morar-trabalhar no espaço arquitetônico.

Desse modo segundo Geertz é na etnografia que códigos sociais são interpretados, decifrados, classificados dentro de hierarquias provenientes de clivagens, as quais possuem sentidos, ou seja, significados, e por isso são interpretados como símbolos. Nesse sentido adianta-se que a arquitetura é produto de clivagens sociais

---

<sup>78</sup>GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978, pp.13-41.

como víamos até aqui em função de suas vertentes tipológicas e que conferem sentidos possuem significados em seu caráter de produção. Determinados códigos, dessa maneira representa uma base, expressão social e suas relações com determinados grupos de indivíduos, em um lugar e contexto. Nesse sentido a arquitetura e como já observamos é no binômio arquitetura e sociedade é uma expressão social fundamentada através de relações sociais baseadas segundo Geertz em códigos, ou seja, significados a cada um de seus elementos de sua forma, localização e apropriação de determinados espaços. Em 1990 o historiador norte americano Robert Darnton influenciado pela teoria da semiótica inclusa na antropologia interpretativa de Geertz, escreve um livro intitulado: *“O beijo de Lamourrette: mídia, cultura e revolução”*<sup>79</sup> neste escrito ele procura compreender como funciona essa teoria. Segundo Darnton “os símbolos transmitem muitos sentidos, interpretado de diferentes maneiras por diferentes pessoas” (Darnton, 2010, p.339).

Nessa direção os caminhos para a atribuição simbólica da arquitetura macaúbense edificada no Alto Sertão baiano são variados. Primeiramente um olhar voltado ao universo simbólico sobre as experiências em construir. O simbólico também está presente nas relações de morar e no âmbito do espaço doméstico, os valores morais, a instituição da família, do casamento, os valores subjetivos da amizade e do parentesco. Ainda sim os aspectos das relações do trabalho em suas formas e relações estabelecem mecanismos e significados no espaço doméstico nas dinâmicas das famílias e dos seus espaços, transformando-os constantemente. A interpretação de determinadas expressões arquitetônicas erigidas em determinados espaços e contextos sociais em Macaúbas estão associados a determinados grupos sociais e personagens.

Os símbolos partem da ideia de que lugares e objetos possuem significados a serem observados. A perspectiva fenomenológica do filósofo francês Gaston Bachelard ao tratar da poética dos espaços e aplicada a ideia de lugares pode ser visto como imagens que projetamos e que estão carregadas de significados. Ao tratar sobre os devaneios e intimidade de um determinado espaço, suas diferentes concepções nos remete a casa, as coisas, suas dimensões, como a cozinha, o quarto, debaixo da cama, ao lado do banco, sendo interessante para entender o valor simbólico de um determinado espaço ou canto. O espaço de Gaston é fenomenológico, mas também pode ser

---

<sup>79</sup> DARNTON, Robert. História e antropologia. In: **O beijo de Lamourrette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp.338-362.

simbólico. Os bens materiais da cultura em Bucaile e Pesez também são simbólicos. A arquitetura analisada por Silva é simbólica e fenomenológica. Os postulados de Bachelard tocam a questão da subjetividade de nossa alma e o caráter simbólico. Nessa ampla forma de pensar o sujeito, em Bachelard o homem se encontra em nosso entender livre para sua tomada de consciência de imaginação para abertura de novos horizontes, sobre coisas que guardamos em nosso inconsciente nesse sentido a memória e lembrança também se aplicam aqui, no exercício de nossa imaginação, a exemplo da casa de nossos avós, os espaços e que estão em nossa memória.

Em relação à arquitetura macaúbense, suas abordagens procuram compreender os contextos históricos, a localização, o papel e os significados dos sujeitos ou usuários, como sendo fatores, interlocutores dessas relações e transformações dos espaços, no plano dos significados de determinados códigos e seus “sistemas ideológicos e simbólicos” (Bucaille e Pesez, 1989, p.17), ou seja, seus valores na lógica de relações, experiências e hábitos culturais. Não uma descrição pela descrição dos objetos, mas, seus valores explicativos. Nesse sentido como observamos anteriormente há uma série de aspectos que fundamentam a lógica e sentido político, social, econômico, cultural e religioso associado a uma edificação, a começar pelos seus objetivos de criação, intervenção em determinados espaços, respondendo as necessidades de moradia e trabalho. Vendo o histórico de utilidades percebemos como as diferentes formas de uso e transformações dos espaços estão carregadas de valores simbólicos.

Nesse sentido continuamos discutir a arquitetura em Macaúbas por meio da documentação arquitetônica das edificações urbanas e rurais pesquisadas e pensadas nessas perspectivas de ser um bem material da cultura, de ser uma obra que forma a coletividade em razão dos valores que lhe são comuns, e se repetem conforme Ulpiano Menezes, de pensar a arquitetura como documento histórico como foi trabalhado por Eder Silva ao propor uma história da cidade, de interpretar a arquitetura em sua dimensão espacial e simbólica para um grupo social.

### **3.1 – A documentação arquitetônica da zona urbana de Macaúbas**

Apresentamos a seguir a documentação relativa aos textos, fotos, desenhos e plantas à pesquisa e os documentos arquitetônicos, das edificações implantadas no perímetro urbano.

## Antiga Residência do Cônego Firmino Soares

<b>CÓD. DA EDIFICAÇÃO</b>	PRÇA - 001
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PROHIS <b>PROJETO:</b> ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E TRABALHAR EM MACAÚBAS – ALTO SERTÃO DA BAHIA – 1800-1950.	
<b>PESQUISA:</b> JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA <b>ORIENTAÇÃO:</b> EDER DONIZETI DA SILVA	
<b>LOCALIDADE</b>	Sede Distrital
<b>DENOMINAÇÃO</b>	Antiga residência do Cônego Firmino Soares
<b>PROPRIETÁRIO</b>	Prefeitura Municipal
<b>ENDEREÇO</b>	Praça Matriz da Conceição
<b>USO ORIGINAL</b>	Residência
<b>USO ATUAL</b>	Equipamento público - Biblioteca
<b>USO POSSÍVEL</b>	Cumprir função como equipamento urbano e cultural.



### HISTÓRIA, HISTÓRIA ORAL, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL

O Ilustre morador da Vila de Macahubas, o Vigário Colado na Freguesia da Nossa Senhora da Conceição de Macahubas, o Cônego Firmino Baptista Soares, formou-se no Seminário da Bahia tendo sido companheiro de seminário do Cônego Hermelino Marques de Leão, que o substituiu na Paróquia da Imaculada Conceição, após a sua morte ocorrida em 24 de julho de 1898. O Cônego Firmino morava em uma casa situada na Praça da Matriz, bem próximo da Igreja da Conceição. Trata-se de uma casa edificada em data incerta, talvez entre os anos da década de 1870-80, construída por ele ou adquirida? O período do Pe. Firmino Soares em Macaúbas, como podemos ver nas descrições históricas feitas por Cícero Campos, é bastante conturbado, pois trata-se conflitos políticos sangrentos na vila entre os grupos liberais e conservadores, protagonizados pelo Juiz Municipal Ernesto Botelho de aspiração liberal e o Capitão Porfírio Brandão de orientação conservadora. Perseguido pelo Capitão Porfírio Brandão, muda de freguesia.

O Dr. Henrique Vital Soares de acordo com a historiadora Consuelo

Novais Sampaio<sup>80</sup>, nasceu no dia 3 de novembro de 1874. Era filho de Firmo Batista Soares e de Rosalina Henrique Soares. Entregue pelos seus pais aos cuidados do seu tio-padre, quando ainda era criança, do qual fora responsável pela sua instrução e formação inicial, até se mudar para Salvador para ingressar na Faculdade de Direito da Bahia, onde concluiu o curso em 1898, assumindo tempos depois à promotoria de Macaúbas, residindo na cidade até por volta de 1902, ou permanecendo mais tempo como afirma alguns. Ao regressar a Salvador seguiu carreira política tendo uma ascensão vigorosa após a queda da oligarquia Seabra. Sua entrada na política está associada a sua carreira como advogado e sua inserção na oligarquia dos Góis Calmon que o projetou, assim galgou os cargos de Deputado Estadual e Federal entre 1926-27, foi governador da Bahia entre os anos de 1928-30, renunciando ao cargo para formar chapa como Vice-presidente da República ao lado de Júlio Prestes, tendo sido eleito, mas, não assumindo o cargo devido a Revolução de 1930. Falece em 1933 deixando o sobrado que herdou do tio-padre como doação a Prefeitura da cidade<sup>81</sup>.

#### ANÁLISE E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

O imóvel inventariado apresenta uma nova implantação de casas na cidade e da nova arquitetura em fins do século XIX. Seu acesso é feito por dois pátios laterais /corredores, possuindo um térreo, cujas aberturas são em arco pleno e as da fachada lateral em vera reta. Em seu pavimento superior ou primeiro andar em forma de torre, também descrito como mirante, o acesso se dá por uma escada de madeira no centro da edificação (figura 59), nesse pavimento têm-se duas salas nas extremidades, as aberturas são ogivais. Os dois pavimentos são terminados em cimalha e platibanda.

A configuração espacial remete a tipicidade da arquitetura colonial, cuja espacialidade compõe-se: sala de visitas à frente – corredor – sala de jantar nos fundos, esse corredor central dá acesso aos quartos, conforme a planta. Seu sistema construtivo é formado por paredes autoportantes em alvenarias de tijolos. Sua fachada principal voltada para Praça da Matriz guarda um ritmo, simetria e hierarquia volumétrica. O acesso original se dava por um pequeno hall de distribuição, dele se

<sup>80</sup> Historiadora, professora aposentada da Universidade Federal da Bahia – UFBA, fora diretora do Centro de Memória da Bahia. Membro da Academia de Letras da Bahia. Entre os seus trabalhos destacamos: “O Poder Legislativo da Bahia - Primeira República 1889-1930”.

<sup>81</sup> **Dicionário Histórico-biográfico da Primeira República – 1889-1930.** Cord. Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 2015.

tinha acesso, à direita a sala de visitas.

Segundo Paulo Azevedo (Ipac-BA, 1997, p.100) o mirante é um elemento que reporta as residências e conventos no século XVIII em Salvador. Essa monumentalidade descrita anteriormente quando tratamos da arquitetura eclética, representa a busca da beleza, expressa o poder econômico, o prestígio, status social e o progresso em tempos republicanos. Esses referenciais historicistas revivalistas modernizantes são uma marca daquele contexto político, econômico e cultural, bem como a mão de obra especializada trazida provavelmente dos edifícios de Salvador e adaptadas na cidade por Vital Soares. Podemos ainda observar o seu conjunto de ornamentos, pinturas em relevo, estuques.

Esse imóvel apresenta valor histórico e arquitetônico para cidade, e consta no relatório do IPAC-BA no ano de 1978. “Edifício de relevante interesse arquitetônico” (...) “Casa do final do século passado, com porão alto, acessos e afastamentos laterais” (Ipac-BA, 1997, p.255-56).

Em relação ao uso do espaço na época do Padre Firmino ainda não foi possível memorar devido à falta de registros fotográficos ou documentos primários, bem como as alterações internas em que talvez nada lembre a época de Firmino.

## **INTERVENÇÕES NO PATRIMÔNIO EDIFICADO**

Nesse período Vital Soares, provavelmente empreendeu uma grande reforma. consta na fachada os anos de 1885-1895, transformando a tímida casa térrea, que ganhou ares de sobrado e monumentalidade, ressalta-se essa data não é a de construção daquela edificação. A composição da fachada recebeu uma série de elementos arquitetônicos, que passou a caracterizar a velha casa em arquitetura eclética, onde se identifica uma série de revivals historicistas como o mirante neogótico, elementos neo-renascentistas e neo-barrcos, vendo suas cercaduras e vãos de abertura ogivais e os arcos plenos.

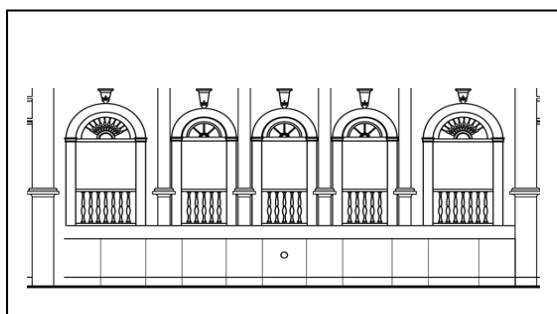
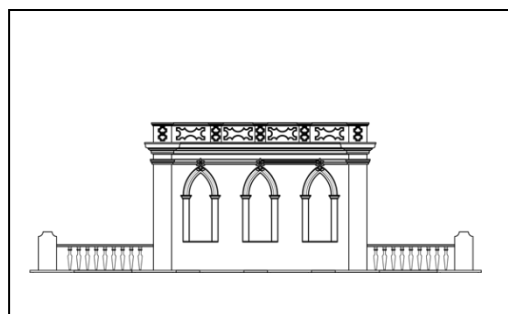
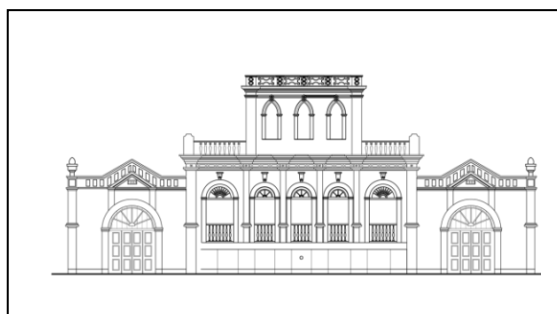
O Dr. Vital Soares tinha intenções claras de mostrar o seu poder, a busca do conforto, a estratégia da torre com sacada como elementos que conferem a vista estratégica e privilegiada da praça, ao que parece um espaço de reuniões.

Depois de ser a residência Padre Firmino e de Vital Soares, tornou-se uma

edificação de propriedade e utilidade pública da cidade de extremado valor, como o funcionamento do colégio normal, em seguida sede da prefeitura municipal por anos. Em 1986 passou por outra grande reforma no governo de João de Oliveira Figueiredo, tendo sido trocado o telhado, inserido os novos portões e trechos do piso, sistema hidráulico, no registro fotográfico observam-se os andaimes e o barro como exemplo de práticas e materiais locais. A restauração da fachada feita em 2010, numa importante reforma na edificação através da Fundação Pedro Calmon, o edifício foi adaptado para ser a Biblioteca Municipal Professor José Zacarias do Amaral Rêgo.

Apresenta-se a seguir a documentação arquitetônica e fotográfica: desenho da fachada vendo os dois portões coroados por frontões, representando o acesso da edificação pelos seus dois flancos, a primeira fachada volumétrica corresponde ao térreo, a segunda faixa a torre ou mirante com sacada.

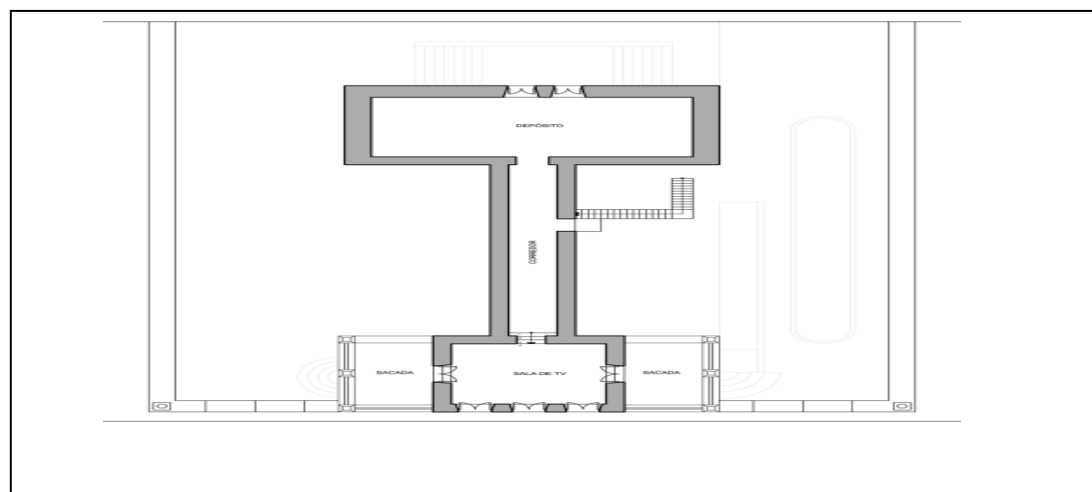
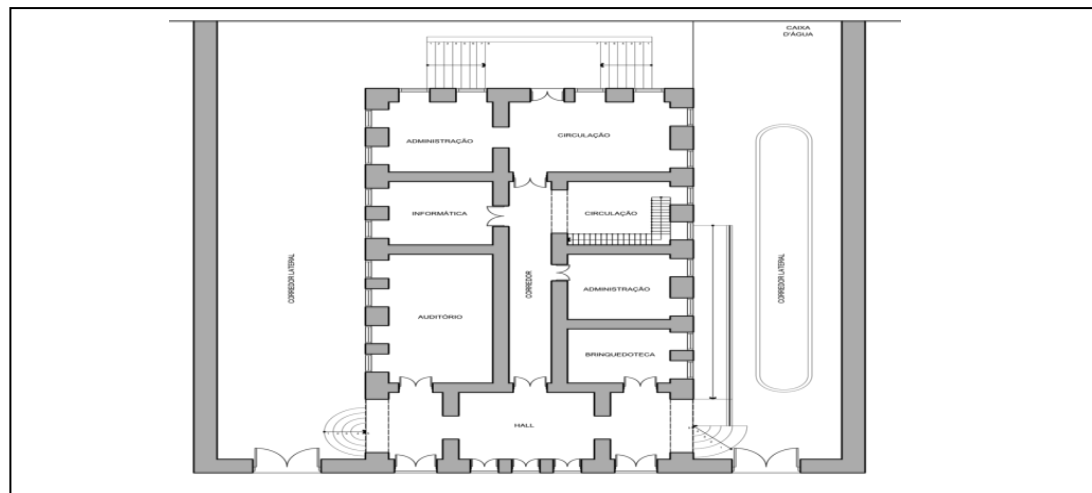
## DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA



### FONTES:

- Figura 1-** Ilustração da fachada.
- Figura 2-** Detalha os vãos em arco ogival.
- Figura 3-** Detalhe dos arcos plenos.
- Figura 4 –** Planta Baixa do térreo
- Figura 5 –** Planta baixa pavimento torre





## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA





#### FONTES:

Figura 1 – Prefeitura Municipal – Macaúbas, BA. Fonte: Acervo IBGE, S/D. A/D.  
 Figura 2 – Prefeitura Municipal – Macaúbas, BA. Fonte: Acervo IBGE, S/D. A/D.  
 Figura 3 – Prefeitura Municipal – Macaúbas, BA. Fonte: Acervo FCPM, 1986,.A/D.  
 Figura 4 – Vista da Atual Biblioteca Professor Zacarias Amaral. Fonte: Acervo  
 Figura 5 – Fachada posterior Biblioteca Professor Zacarias Amaral. Fonte: Acervo.  
 Figura 6 – Prefeitura Municipal – Macaúbas, BA. Fonte: José Antônio, 2016.

### Residência do Cônego Hermelino Marques Leão

**CÓD. DA  
EDIFICAÇÃO**

PRÇA - 002


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PROHIS

**PROJETO:** ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E TRABALHAR EM  
MACAÚBAS – ALTO SERTÃO DA BAHIA – 1800-1950.

**PESQUISA:** JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA

**ORIENTAÇÃO:** EDER DONIZETI DA SILVA

<b>LOCALIDADE</b>	Sede Distrital	
<b>DENOMINAÇÃO</b>	Antiga residência do Cônego Hermelino Leão	
<b>PROPRIETÁRIO</b>	FCPM	
<b>ENDEREÇO</b>	Praça Matriz da Conceição	
<b>USO ORIGINAL</b>	Residência	
<b>USO ATUAL</b>	Museu Regional de Macaúbas	
<b>USO POSSÍVEL</b>	Cumprir função como equipamento urbano e cultural.	

#### **HISTÓRIA, HISTÓRIA ORAL, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL**

Em 11 de maio de 1874, logo após sua ordenação no Seminário de Santa Tereza, conferido pelo Arcebispo da Bahia, D. Manoel Joaquim da Silveira, após anos de formação eclesiástica iniciada em 1864 no Seminário da Bahia, seguiu para casa de seus pais, e logo depois rezava a sua primeira missa na Capela Senhora Sant'Ana, no Arraial de Lagoa Clara, filial da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Macahubas, que estava sob os auspícios do companheiro de Seminário, o Cônego Firmino Soares. Nascido em 28 de Julho de 1847, no sítio, de Taboal, freguesia do Morro do Fogo, hoje de Paramirim, Comarca de Minas do Rio de Contas, propriedade de seus pais, filho de Severino Marques de Leão e a D. Rita Custodia de Mesquita Leão que tivera outros onze filhos<sup>82</sup>. Após atuar na freguesia de N. S. do Rosário de Canabrava das Caldeiras, filial de Caetitê, por 25 anos, em Novembro de 1898, foi nomeado vigário da Freguesia de N. S. da Conceição de Macaúbas, em virtude do falecimento do Conego Firmino Soares (Azevedo, 1934, p.2).

Hermelino Leão não era simplesmente um padre, suas ambições religiosas, o espírito tenaz, seus interesses econômicos, aparece em transações com negócios de terra, compras e arrendamentos. Teve um longo período de dominação na história política, sendo eleito Deputado Provincial em 1886 até 1889, quando foi proclamada a República, não fez parte da Constituinte por causa da separação da Igreja do Estado sendo posteriormente eleito Deputado. Em 1908 foi eleito senador, tendo sido reeleito em 1915. Sobre sua ação política, as influências nas lavras Diamantinas, as intrigas com o coronel Horácio de Matos, ver autores<sup>83</sup>.

<sup>82</sup> AZEVEDO, J. **Monsenhor Hermelino Marques de Leão**. A voz do povo. Ourinhos-SP, p.02, 23 set. 1934.

<sup>83</sup> CAMPOS, Cícero. **Descrição do município de Macahubas**. In: Congresso Brasileiro de Geographia, 5., 1916. Salvador. Annaes, Salvador, 1916. v. 2, p. 505-506. PANG, Eul-Soo. **Coronelismo e**

Carregava o prestígio social e as influências do Clã da Família Leão, na pessoa do seu tio Pe. Fernando Augusto Leão e do vô Pe. Tomé Fernandes Leão. O seu carisma como observou o historiador Eul-Soo Pang, o projetou também no campo da política, nas vilas de Lagoa Clara, Canabrava dos Caldeiras, Macahubas e região. Faleceu em 17 de setembro de 1934, aos 87 anos na casa de seu sobrinho, Dr. Hermelino Agnes de Leão na cidade de Ourinhos-SP.

Segundo relatos do adido cultural na Romênia, o ilustre professor macaubense, Ático Villas-Boas da Mota (in memorian), Leão teria construído essa casa em 1906, ano da visita pastoral do Arcebispo da Bahia, D. Jerônimo Tomé da Silva, aquele momento era crucial na história da cidade, pois o arcebispo iria escolher algumas paróquias para ser sede de Diocese no Alto Sertão da Bahia. Nessa ocasião fica patete que Leão não mediu esforços para reforma daquele edifício, onde a sua prática projetual é sem dúvida produto de erudição, busca de status e poder econômico e influência política. Podemos observar a representação do poder nesta edificação pelo sua escala e monumentalidade, materiais e sistema de construção ali empregados, bem como de uma mão de obra especializada para a execução daqueles elementos arquitetônicos, destoando do conjunto de casas térreas na época na Praça da Matriz.

#### ANÁLISE E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

O Edifício que hoje funciona o Museu Regional de Macaúbas, é uma casa eclética do início do século XX, por apresentar uma série de elementos historicistas revivalistas franceses e ou italianos, de tendências neocoloniais como podemos observar em suas janelas em arco pleno, abaixo cartelas em medalhões, revivais com colagens neoclassicistas observado em sua platibanda, cimalha e o coroamento notando frisos estuques, elementos figurativos como as cartelas do tipo medalhões inseridas abaixo das janelas, bem como as pilastras que reportam aos referenciais clássicos. Trata-se de uma casa com sótão, com paredes autoportantes de alvenaria de tijolos. Com pavimento térreo e sótão, está implantada na parte alta da Praça da Matriz, edifício vizinho a antiga residência do Professor Mota.

Possui acessos e afastamentos laterais, acessado por portões em arco pleno, coroados por frontões triangulares. Sua planta conserva um esquema tradicional com sala de visita a frente, sala de jantar aos fundos, integrados por um corredor que abre e articula os cômodos seguindo uma linha horizontal de cômodos. Pelo acesso lateral, encontra-se um hall de distribuição e este dá acesso à frente para a Praça Matriz, a um salão onde está exposto o acervo do museu. Aos fundos sala de exposição e depósito. Há ainda outra sala de depósito entre o salão de exposição e o já referido depósito. Do hall de entrada há um anexo na lateral esquerda sendo construído e, portanto, foi ignorado, uma vez que não possui qualidade arquitetônica e se encontra isolado.

A platibanda como elemento neoclássico, vendo uma espécie de mureta estilizada, coroamento, estuques e encimada por uma cartela com a insígnia ao centro com as iniciais (H e C) sobrepostas. O telhado de asna com escoras em forro de plano horizontal a exceção da sala de jantar que tem um forro em gamela, elemento raro na região. Outro bem integrado são as arcadas também com referenciais neoclássicos. Há uma variedade de pisos de ladrilhos hidráulicos e cerâmicos.

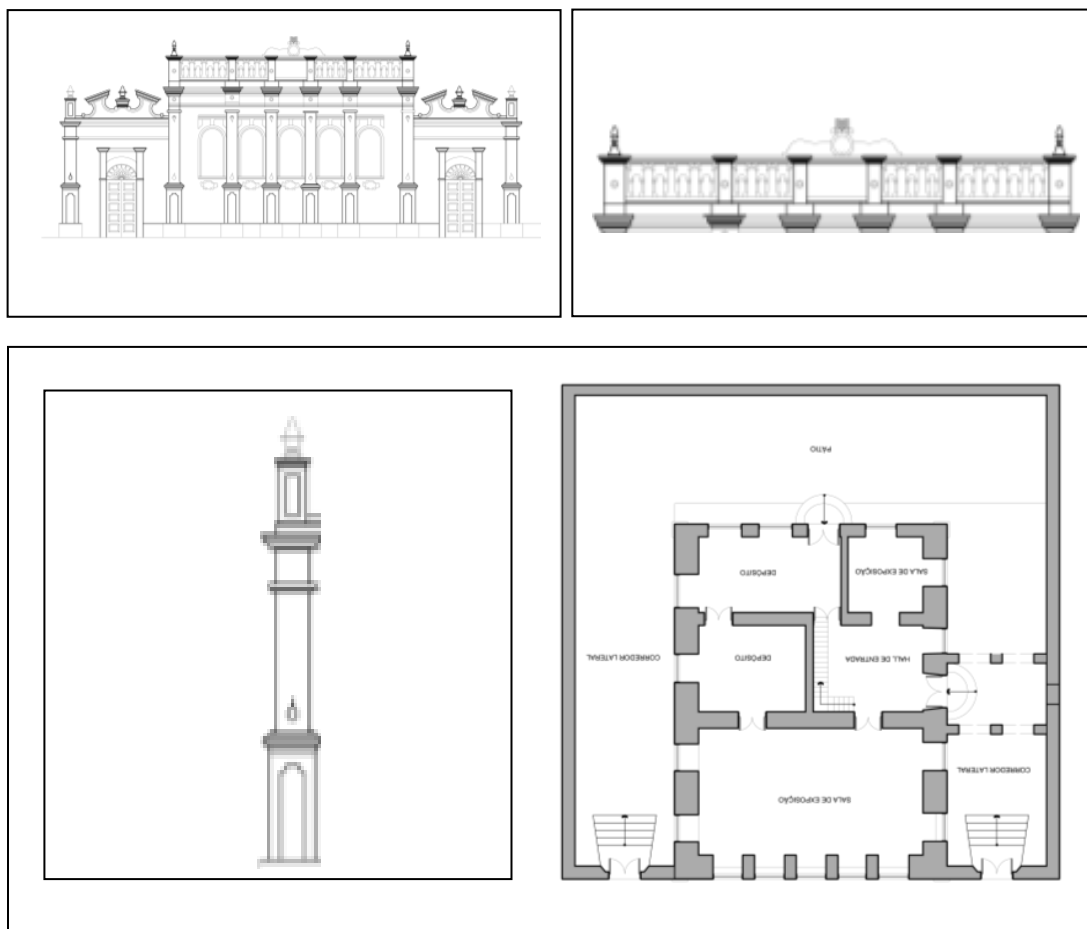
O edifício foi projetado para pleitear uma diocese no sertão, objetivo não concretizado. Sua utilidade perpassa a moradia da família Leão, funcionamento de órgãos como citado. A planta atual aproxima-se pouco do padrão tradicional de mordias, não podemos afirmar com precisão detalhes sobre a fundação do edifício, nem intervenções ocorridas ao longo dos anos. A indisponibilidade de acesso a documentos escriturais, a ausência de fotografias internas e, neste caso e para grande parte dos edifícios analisados representa uma dificuldade durante as leituras.

## **INTERVENÇÕES NO PATRIMÔNIO EDIFICADO**

Neste edifício funcionou a Câmara Municipal e o Fórum, Cartório e Junta do Serviço Militar, escritório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Cartório da Junta do Serviço Militar, até ser incorporada a estrutura da Fundação Cultural Professor José Batista da Mota – FCPM. Da grande reforma feita pelo Cônego Leão em 1906, a edificação passou por uma série de uso como descrevemos acima. Relatos orais informam que havia na sala de jantar (sala de expografia) um painel de pinturas parietais que retratavam o Rio São Francisco, sendo que os mesmos foram raspados.

Em 1988 um decreto criou o Museu Regional de Macaúbas, neste contexto o imóvel corria o risco de demolição quando das transações e especulações imobiliárias, a continuidade de valorizar a cultural local, museu abriga um importante acervo com objetos da cultura popular material e imaterial do município de Macaúbas, mobílias, artesanato local, pinturas, como o Boi paramentado de bandeirolas, um traço cultural local inserido no boi, arte figurativa representativa do folclore, as crenças e a cultura local, que saia pelas ruas da cidade.

## DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

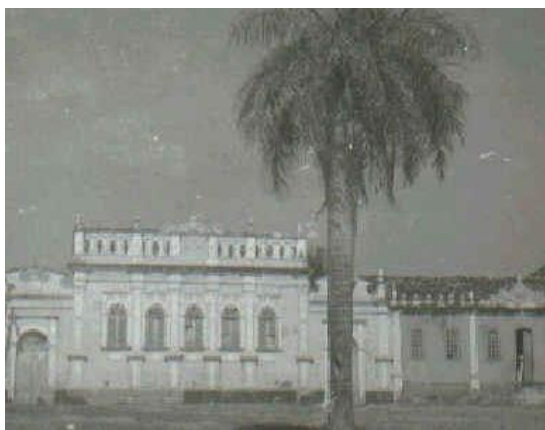


### FONTES:

- Figura 1 – Desenho da fachada principal
- Figura 2 – Detalhe da Platibanda
- Figura 3 - Detalhe de uma pilastra
- Figura 4 – Planta baixa em perspectiva



## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA





S:

- 1 – Cartório e Junta do Serviço Militar – Macaúbas, BA. Acervo IBGE, S/D. A/D.
  - 2 – Museu Regional de Macaúbas, BA. CAAM, 2011.
  - 3 – Museu Regional – Macaúbas, BA. José Antônio, 2016.
  - 4 – Arcos neoclássicos. Fonte: Acervo ICAAM, 2011.
  - 5 – Objetos Museológicos. Fonte: José Antônio, 2011.
- Figura 6 – Boi paramentado. Fonte: José Antônio, 2011.

## Residência do Professor José Batista da Mota

<b>CÓD. DA EDIFICAÇÃO</b>	PRÇA - 003
---------------------------	------------

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PROHIS  
**PROJETO:** ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E TRABALHAR EM MACAÚBAS – ALTO SERTÃO DA BAHIA – 1800-1950.

**PESQUISA:** JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA  
**ORIENTAÇÃO:** EDER DONIZETI DA SILVA

<b>LOCALIDADE</b>	Sede Distrital
<b>DENOMINAÇÃO</b>	Antiga residência do Professor José Batista da Mota
<b>PROPRIETÁRIO</b>	FCPM
<b>ENDEREÇO</b>	Praça Matriz da Conceição
<b>USO ORIGINAL</b>	Residência Capitão Porfírio Brandão
<b>USO ATUAL</b>	Museu Regional de Macaúbas
<b>USO POSSÍVEL</b>	Cumprir função como equipamento urbano e cultural.



## HISTÓRIA, HISTÓRIA ORAL, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL

Construída pelo Capitão Porfírio Brandão nos anos finais do século XIX, talvez entre 1870-80, intendente em Macaúbas, de orientação conservadora, irá entrar em conflito com os liberais no contexto da formação da Primeira República no Brasil. Era proprietário de terras como as da antiga fazenda na localidade de Brejo do Capitão Porfírio. Não foi possível precisar a sucessão de proprietário e uso antes do Professor José Batista da Mota as informações orais são confusas, não cita os nomes completos. Foi propriedade de Zeca Tiano um rico comerciante e negociador de minérios vindo das



lavras, depois Floriano um coletor de impostos.

A casa foi adquirida pelo professor José Batista da Mota. Natural da cidade de Alagoinhas, Estado da Bahia, nascido no dia 16 de Agosto de 1892, filho de Eusébio Batista de Sousa e Maria Astramonia Mota de Sousa. Quando ficou órfão ainda criança foi educado por seu avô materno. Em Salvador iniciou seus estudos em farmácia, mas optou pelo Curso Normal, formou-se pela Escola Normal da Bahia, em 1915, sendo companheiro de classe do Professor José Amâncio da Purificação. O Professor Mota irá desenvolver sua carreira como professor<sup>84</sup>. Foi professor em Caldeiras, distrito de Caetité, onde desenvolveram aulas no ensino primário e de francês, o depoimento de atuação naquela localidade foi prestado ao seu filho Ático, pelo Padre Daniel Batista Neves. Em Caldeiras José Batista conheceu a Senhora Aída Frota Villas-Boas, com quem se casou e teve seis filhos. Anos mais tarde transferiu-se para a cidade de Livramento de Nossa Senhora, onde passou a ensinar nas Escolas Reunidas. De acordo com Ático, o professor Mota, por ter se filiado ao grupo do Padre Higino da Silveira, acabou gerando querelas com o grupo político opositor, diante de clima hostil entre as duas facções políticas e por se desentender com o juiz daquela cidade – Bacharel Gilberto Valente – transferiu-se para a cidade de Macaúbas.

O novo morador ilustre chegou a Macaúbas em 1923, a cidade era governada pelo clã dos Borges de Figueiredo. Assumindo cargo nas Escolas Reunidas, atual Colégio Estadual Cônego Firmino Soares, atuou vários anos como professor e delegado escolar, passou também a atuar como conselheiro sobre causas advocatícias, sobretudo para os munícipes da zona rural que necessitavam de informações. No seu dia a dia o professor Mota, pela sua solidariedade e zelo com os seus serviços, conquistou muitos amigos. Músico, ecologista, cultivava muitos valores que o projetava na sociedade macaubense pelo seu carisma, assíduo frequentador da Matriz da Conceição. “Para o Prof. Mota, o homem do campo constitui a grande coluna de sustentação econômico-financeira do município e, por isso mesmo, era aquela gente o melhor alvo de sua atenção, sempre cordial e fraterno, orador” (Mota, 1996, p.02). Sua ascensão na política o conduziu para o cargo de Vereador em duas legislaturas, onde presidiu a Câmara Municipal de Macaúbas. Segundo Ático “numa época de encarniçada disputa pelo poder municipal”. Faleceu no dia 14 de abril de 1972, no

---

<sup>84</sup> MOTA, Ático Villas-Boas da. **José Batista da Mota**. Resumo biográfico (mimeo). Arquivo da FCPM, março de 1996. pp.1-2.

Hospital Regional de Boquira.

A casa do professor José Batista da Mota onde passou grande parte de sua vida com sua esposa Aida Frota e os seus filhos, Ático, Atlas, Aristóteles, Arabela e Aristófanes, está situada na Praça da Matriz. Conforme esse relato biográfico feito por Ático, a casa como espaço de educação, assistência social e de inventividades culturais na cidade, justificou logo após sua morte no dia 16 de agosto de 1972 a transformação e adaptação para ser a sede da Fundação Cultural Professor José Batista da Mota, criada e mantida pelo seu filho, o ilustre professor Ático Villas-Boas da Mota com ajuda de amigos na cidade. Atualmente a Fundação conta com um ponto de leitura, biblioteca, arquivo e o Museu regional.

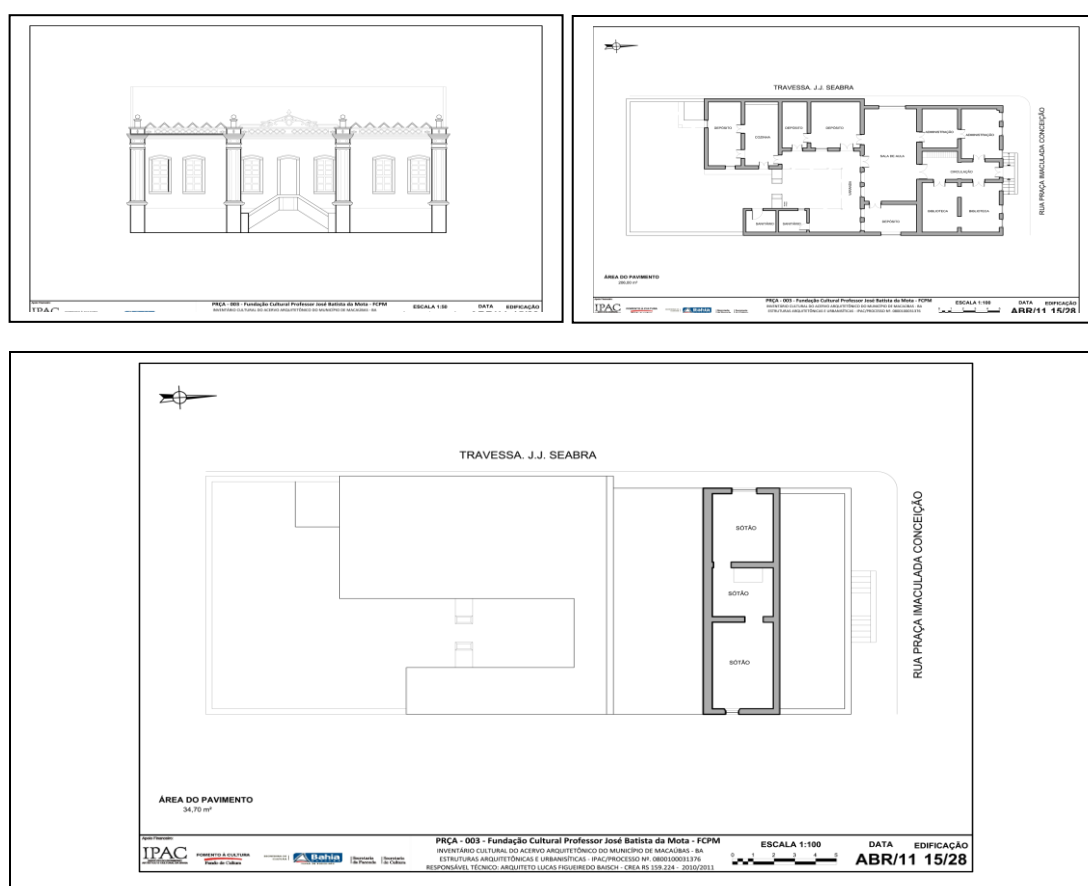
#### ANÁLISE E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

O edifício da atual Fundação apresenta uma série de elementos arquitetônicos que são típicos do período entre a segunda metade do século XIX e início do XX, como o sótão. Não se descarta as possibilidades desta construção ter passado por uma série de transformações evoluindo de um partido de tipologia colonial tardia para o neoclássico como ocorreu na casa de Firmino e a inserção desses novos elementos. As releituras do frontão triangular, as pilastras são do mencionado período histórico e são elementos classicistas, ainda que de modo simples. As janelas neocoloniais um revival do século XIX, bem como o oitão triangular lateral que faz alusão as construções neoclássicas e representam transformações urbanas na cidade.

A escada inserida na frente da edificação da Fundação Mota é um elemento que também reporta ao período eclético, ou seja, momento onde havia uma moda em copiar uma série de elementos, como que colagens ou cópias, porém é um elemento raro num edifício urbano de uso privado, como observamos no IPAC-BA. A escada de acordo com as leituras do período eclético e dos revivals historicistas, são identificados em grupos escolares do período republicano, nos remete a influência da leitura das escadarias do Louvre ou a escadaria da Universidade de Coimbra. A inserção desta escada no edifício da Fundação Mota é de inserção posterior, pois ali não funcionou um grupo escolar nesses moldes, também em fotos antigas da primeira metade do século passado observamos a ausência da escada, ainda sim é um revival historicista eclético.

Sua técnica construtiva é tradicional em alvenaria de tijolos. A planta conserva um esquema tradicional com sala de visita a frente, sala de jantar aos fundos, integrados por um corredor que abre e articula os cômodos seguindo uma linha horizontal de cômodos. No primeiro nível a biblioteca e a administração da fundação. A seguir o salão Aída, varanda com alpendre, cozinha e depósito e o pátio. O telhado de caibros e ripas tem a estrutura aparente em quase toda edificação, a exceção do corredor que possui forro em plano horizontal. Há uma variedade de pisos de ladrilhos hidráulicos, taco e cerâmicas. O sótão está abandonado e possui pouca ventilação e iluminação. Seu acesso principal é feito por uma escada.

## DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA



### FONTES:

Figura 1 – Desenho da fachada principal.  
 Figura 2 – Detalhe da Platibanda.  
 Figura 3 – Detalhe de uma pilastra.  
 Figura 4 – Planta baixa em perspectiva.

## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



### FONTES:

- Figura 1 – Fundação Cultural Professor Mota. Fonte: Video Luzz Cine Foto.  
Figura 2 – Fundação Cultural Macaúbas, BA. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 3 – Fundação Cultural Professor Mota – Macaúbas, BA.  
Figura 4 – Pinturas clássicas, FCPM: Acervo ICAAM, 2011.  
Figura 5 – Biblioteca da FCPM. Fonte: José Antônio, 2011.  
Figura 6 – Detalhe da estrutura do telhado. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 7 – Detalhe da pilastra. Fonte: ICAAM, 2011

## Residência de José Alcântara de Figueiredo

<b>CÓD. DA EDIFICAÇÃO</b>	RUA DIREITA - 004	
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PROHIS <b>PROJETO:</b> ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E TRABALHAR EM MACAÚBAS – ALTO SERTÃO DA BAHIA – 1800-1950.		
<b>PESQUISA:</b> JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA		
<b>ORIENTAÇÃO:</b> EDER DONIZETI DA SILVA		
<b>LOCALIDADE</b>	Sede Distrital	
<b>DENOMINAÇÃO</b>	Antiga residência José Alcântara de Figueiredo	
<b>PROPRIETÁRIO</b>	José Alcântara de Figueiredo Filho	
<b>ENDEREÇO</b>	Praça Matriz da Conceição	
<b>USO ORIGINAL</b>	Residência Capitão Isidoro Machado	
<b>USO ATUAL</b>	Desocupada	
<b>USO POSSÍVEL</b>	Equipamento urbano e cultural	

### HISTÓRIA, HISTÓRIA ORAL, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL

Construída entre os anos da década de 1930, o imóvel pertencia ao Capitão Isidoro Machado de Figueiredo, depois adquirida pelo Senhor José Alcântara de Figueiredo que com sua família residiu nesta casa por mais de três décadas. Era casado com Petrina Rêgo Figueiredo. No edifício funcionou a Receita Federal, a Creche Dona Petrina que a mantinha com recursos próprios. Ainda no imóvel, passou a funcionar a Fundação Assistencial de Macaúbas – FAMAC – idealizado pelo Doutor Benito Alcântara de Figueiredo.

Representa uma tipologia de planta da nova da arquitetura do século XIX implantada na cidade, vendo os dois acessos e afastamentos laterais, o hall de entrada nivelado por uma escada em dois lanço/degraus, vendo a clássica linha de dormitórios, indicando ali a função da moradia. Os elementos indicam a dimensão da construção e o poder aquisitivo dos sucessivos moradores.

## ANÁLISE E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

O edifício é notadamente uma arquitetura de tipologia eclética, pois podemos observar os revivais historicistas “colagens” adaptadas de acordo com as intervenções e a cultura local tardiamente na cidade, seja pelos seus elementos com referenciais neocoloniais na composição simples das aberturas nas portas e janelas quadradas, ou seja, em verga reta e encimadas por cartelas. Já a marcação do frontão triangular, a cornija e as pilastras ou colunas estilizadas, são elementos de leitura neoclássica. Segundo Wilfried Koch “o aspecto exterior da arquitetura neoclássica é caracterizado pela parede Frontal do templo grego com tímpano triangular, ou pela elevação das colunas (pórtico). Meias colunas, pilastras e cornijas conferem harmonia ao edifício”<sup>85</sup>. Vendo os seus referenciais classicistas compondo uma platibanda e o tipo de telhado bem como sua fachada estilizada, desse modo é uma construção eclética onde se mistura o neocolonial e o neoclássico. Já o Neocolonial nas observações de Lemos é entendido como um estilo inserido no movimento eclético e representa o caráter nacionalista na busca por referenciais coloniais. A nova implantação conferida neste edifício é observável em seus acessos laterais ou corredores, sinalizando ali uma nova arquitetura no final do século XIX.

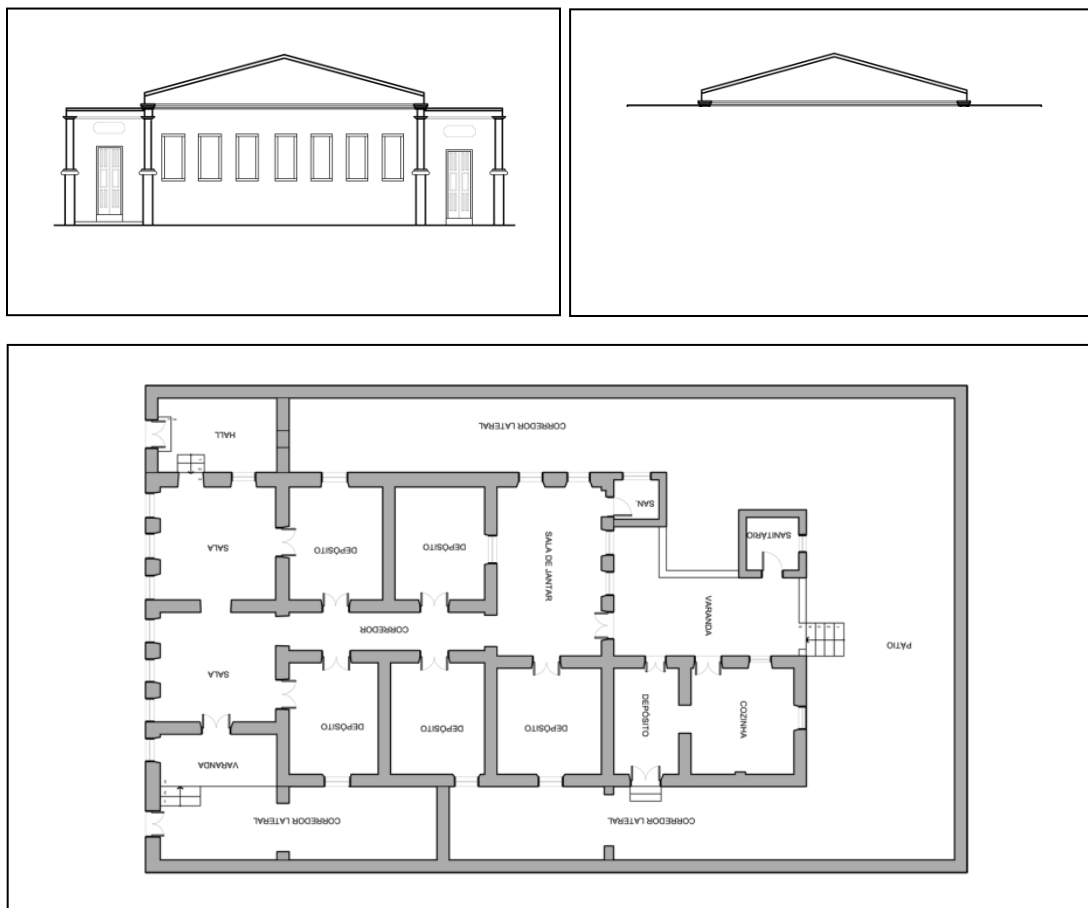
A edificação nos remete à arquitetura das edificações Praça da Matriz, a antiga residência do Padre Firmino e o Museu Regional, no que diz respeito aos acessos laterais. No lado direito, a porta lateral dá acesso ao corredor lateral e a uma pequena varanda, dessa última, se tem acesso a uma sala grande. Quase da mesma maneira, a porta da esquerda dá acesso a um vestíbulo (novo) e, sem a varanda, já se acessa diretamente a casa numa sala grande. dessa sala se tem acesso a sala pelo lado direito. As duas salas possuem seis janelas e, junto com a janela da varanda da direita e as duas portas conferem apuro na fachada. Da sala com acesso pelo lado direito da fachada têm-se acesso ao corredor que interliga essa à antiga sala de jantar da casa. De ambas as salas se tem acesso aos dormitórios, o que hoje serve de depósito – tal qual pode ser observado em outras residências. Da sala de jantar, se tem acesso a um sanitário pequeno e a uma varanda, que se abre para a antiga cozinha e dispensa da residência, hoje abandonadas, da varanda, ainda, se tem acesso outro sanitário. Essa descrição nos a respectiva planta baixa inserida logo abaixo.

---

<sup>85</sup> KOCH, 2004, op. cit. p.60.

A técnica construtiva predominante em adobe, com fundação em cantaria e o reboco de barro cozido ao sol. A fachada possui sete janelas e duas portas de uma e duas folhas, em verga reta, conhecida em nossa região como “tampos”, vendo as cartelas, elementos como elemento simbólico acima das portas e uma coluna adossada de cada extremidade da fachada. O telhado de caibros e ripas em sua vernaculidade tem a estrutura aparente em alguns cômodos da casa, notando-se também a presença do forro, horizontal. O piso é variado, como os do tipo tijolinho de barro cozido parcialmente conservado e ladrilho hidráulico. Fechamento da lateral da esquerda, hall, vestíbulo e fechamento do corredor lateral direito.

## DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA



### FONTES:

Figura 1 – Desenho da fachada principal.  
Figura 2 – Detalhe do frontão neoclássico.  
Figura 3 – Planta baixa em perspectiva.



## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



### FONTES:

- Figura 1 – Antiga Rua Direita. Fonte: Video Luzz Cine Foto.  
Figura 2 – Fachada principal. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 3 – Fachada atual. Fonte: José Antônio, 2016.  
Figura 4 – Hall de entrada: Acervo ICAAM, 2011.  
Figura 5 – Detalhe do telhado. Acervo ICAAM, 2011.  
Figura 6 – Forro em plano horizontal. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 7 – Abertura de acesso ao pátio/quintal. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 8 – Detalhe da pilastra.



Figura 34: Esquema de compartimentação do espaço na arquitetura em Macaúbas

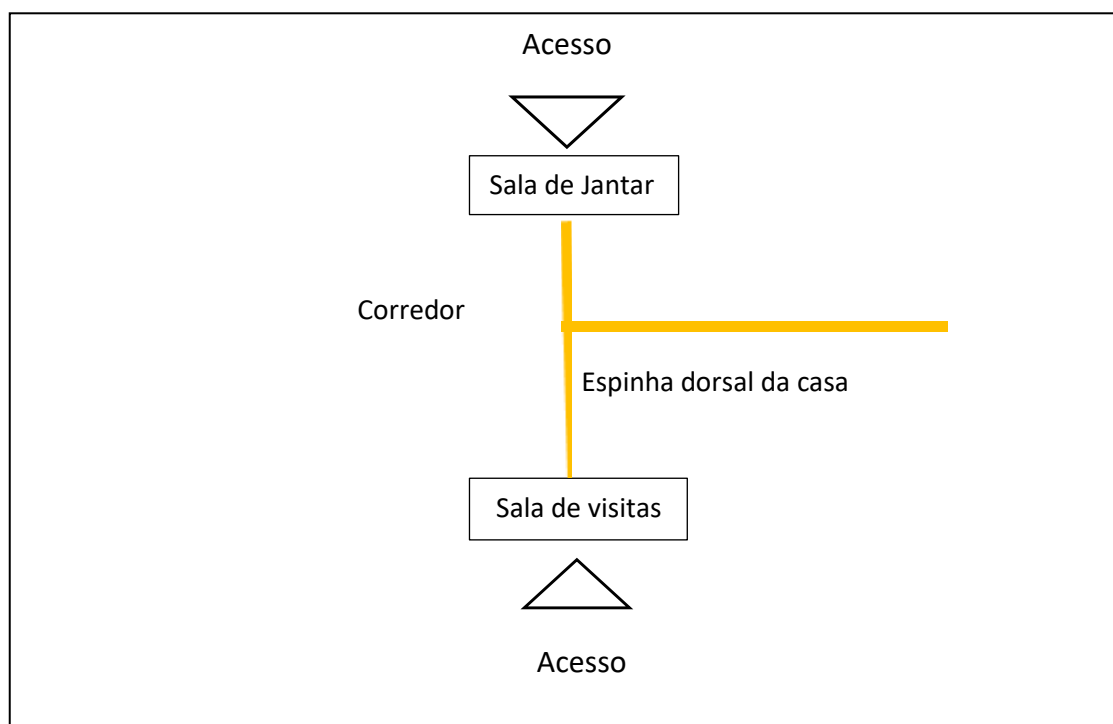
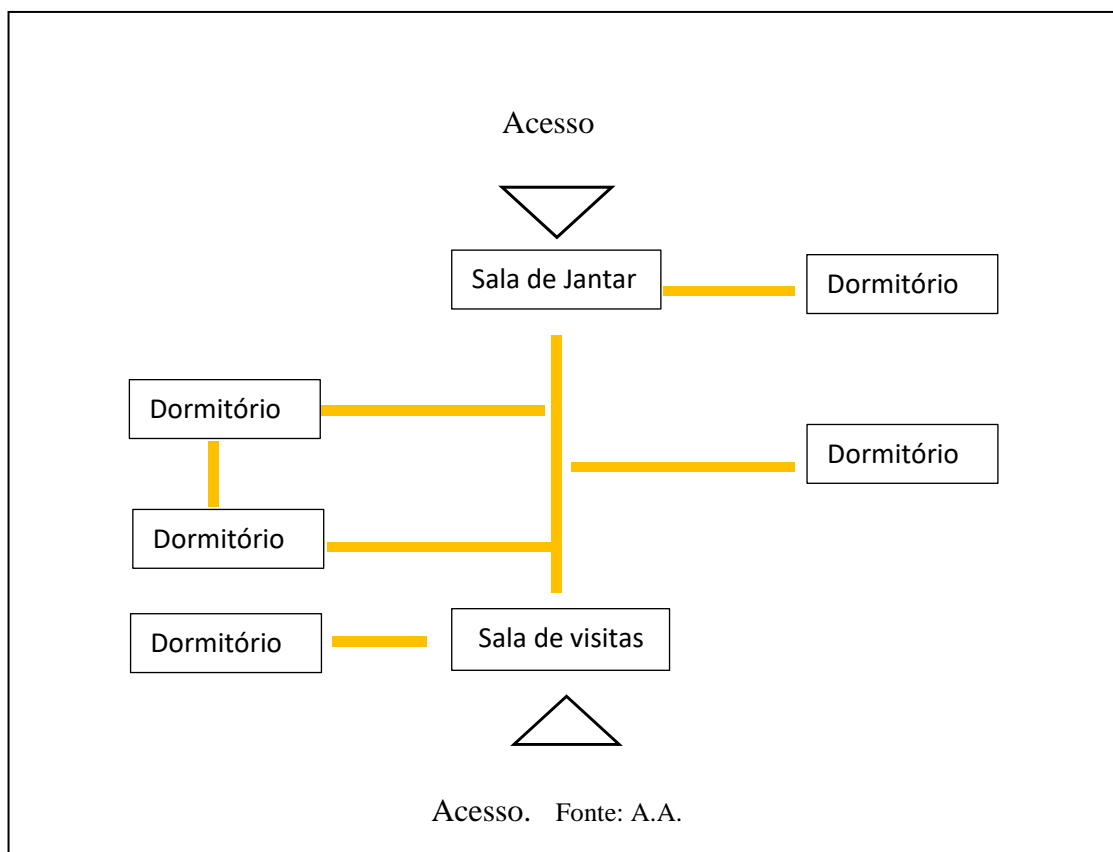



Figura 35: Esquema de compartimentação do espaço na arquitetura em Macaúbas.



## Residência Prof. Zacarias Amaral Rêgo

<b>CÓD. DA EDIFICAÇÃO</b>	RUA DR. M VITORINO - 005
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PROHIS <b>PROJETO:</b> ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E TRABALHAR EM MACAÚBAS – ALTO SERTÃO DA BAHIA – 1800-1950. <b>PESQUISA:</b> JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA <b>ORIENTAÇÃO:</b> EDER DONIZETI DA SILVA	
<b>LOCALIDADE</b>	Sede Distrital
<b>DENOMINAÇÃO</b>	Antiga residência Professor Zacarias do Amaral
<b>PROPRIETÁRIO</b>	Família Amaral Rêgo
<b>ENDEREÇO</b>	Rua Dr. Manoel Vitorino
<b>USO ORIGINAL</b>	Residência
<b>USO ATUAL</b>	Residência e Comércio
<b>USO POSSÍVEL</b>	Função social



### HISTÓRIA, HISTÓRIA ORAL, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL

Em 06 de maio de 1959, conforme o Translado da Escritura Particular de compra e venda lavrada no tabelionato de Macaúbas, tendo como procurador Mário Domingues Amaral e como testemunha o professor José Batista da Mota, o professor Zacarias do Amaral Rêgo adquiriu através de compra uma:

casa térrea, coberta de telhas, feita de adobes, edificada numa esquina nesta cidade de Macahubas – Ba, tendo duas frentes: uma para o lado da Rua Manoel Vitorino, tendo cinco janelas e três portas e a outra para a Praça Cônego Firmino Soares, tendo três janelas e três portas, além de um cômodo no fundo para depósito, tendo esse depósito uma porta e uma janela de frente, cuja casa tem quintal murado, quartos, salas, cozinha isolada, tudo em terreno foreiro à padroeira de Macaúbas, Nossa Senhora da conceição.

O imóvel foi adquirido em mãos dos senhores Francisco Machado Figueiredo e sua mulher Elisa Moreira de Figueiredo. A origem da escritura reporta a 1916 quando foi adquirida de Francisco Borges de Figueiredo e sua mulher. Trata-se da geração das primeiras casas edificadas no entorno da Praça Matriz da Conceição.

### ANÁLISE E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

A antiga casa do professor Zacarias do Amaral Rêgo é uma arquitetura cuja tipologia nos reporta a um padrão colonial historicista, sua planta é nitidamente uma continuidade de planta de tradição colonial de releitura, bem como a compartimentação dos seus espaços que apresentam o clássico uso colonial, ou seja, casa mista venda e morada, o corredor faz a articulação entre a sala de visitas, dormitórios com a sala de jantar que dá acesso ao pátio e área de serviços. A casa está implantada em esquina ao rés do chão. Sistema construtivo em adobe, formado por uma mistura de argila e cascalho, o que reforça e torna rígido o sistema estrutural em suas paredes autoportantes. Sua fachada é guarnecida por portas e janelas em arco de verga arqueada e abatido, fachada simples sem ornamentação, vendo a marcação de uma pilastra. O telhado possuiu uma tipologia cuja estética nos remete ao colonial, vendo a estrutura de caibros e ripas em telha vã, sustentado por mão francesa. O beiral do tipo cachorrada segue uma longa tradição colonial e sem imposição da platibanda que era uma postura adotada no Brasil Império.

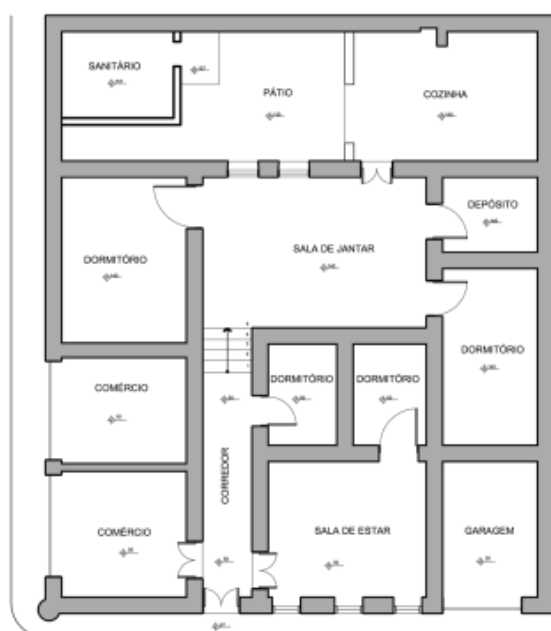
O casarão tem sua fachada principal voltada para a Rua Doutor Manoel Vitorino. Zacarias do Amaral era professor formado pela antiga Escola Normal de Caetité, tendo atuado como professor na cidade no antigo Grupo Escolar Cônego Firmino Soares e no Ginásio Aloysio Short, também atuou no departamento de obras da prefeitura tendo acompanhado e assinado os alvarás de licença de construção entre os anos de 1967 e 1968.

Não foi possível ainda precisar a data de construção. Sabe-se que anteriormente o professor Silvestre Fernandes Lima habitou no mesmo. Pode representar a primeira geração de conjuntos habitacionais da Praça Matriz construída entre final da primeira e segunda metade século XIX, cujo terreno fora adquirido por procuradores de Nossa Senhora Imaculada Conceição. Uma memória contada pelos proprietários, sobre uma escrava que teria saltando uma das janelas desta casa com as notícias da abolição da escravatura, remete sua existência neste contexto histórico. Conforme a descrição do seu programa de necessidade em 1916, mostra sua clássica relação de casa mista, estabelecendo relações entre moradia e trabalho, possivelmente morada e venda ainda nos oitocentos. A partir da segunda metade do XX serviu como agência dos correios e casas comerciais. Com relação ao patrimônio móvel a mobília é contemporânea em relação à longa data da casa.

Segundo Doriane Amaral, é provável que esses materiais daquela

construção sejam da própria vegetação do entorno da Praça da Matriz da Conceição. A disposição dos adobes, a utilização de cascalho e cacos de argila representa o saber fazer tradicional, a arte e a inventividade local, a unicidade e vendo o seu caráter de produção o aspecto vernáculo.

## DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA



### FONTES:

Figura 1 – Fachada principal voltada para Rua Dr. Vitorino. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 2 - Planta baixa em perspectiva. Fonte: ICAAM, 2011.

## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



### FONTES:

Figura 1 – Antiga Residência do Professor Zacarias do Amaral. Fonte: Video Luzz Cine Foto.

Figura 2 – Fachadas principal e lateral. Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 3 – Fachada atual. Fonte: José Antônio, 2016.


Figura 4 – Detalhe Beiral em bica: Acervo ICAAM, 2011.

Figura 5 – Vãos em arco abatido. Acervo ICAAM, 2011.

Figura 6 – Detalhe das mãos francesas. Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 7 – Aspecto do sistema em adobe. Fonte: ICAAM, 2011.

## Casa Filarmônica Nossa Senhora Imaculada Conceição

<b>CÓD. DA EDIFICAÇÃO</b>	RUA DR. M VITORINO - 006	
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PROHIS <b>PROJETO:</b> ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E TRABALHAR EM MACAÚBAS – ALTO SERTÃO DA BAHIA – 1800-1950.		
<b>PESQUISA:</b> JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA		
<b>ORIENTAÇÃO:</b> EDER DONIZETI DA SILVA		
<b>LOCALIDADE</b>	Sede Distrital	
<b>DENOMINAÇÃO</b>	Filarmônica Nossa Senhora Conceição	
<b>PROPRIETÁRIO</b>	Filarmônica Nossa Senhora Conceição	
<b>ENDEREÇO</b>	Rua Dr. Manoel Vitorino	
<b>USO ORIGINAL</b>	Residência	
<b>USO ATUAL</b>	Sede da Filarmônica Nossa Senhora Conceição	
<b>USO POSSÍVEL</b>	Função social	

### HISTÓRIA, HISTÓRIA ORAL, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL

A atual casa da Filarmônica Nossa Senhora Imaculada Conceição está localizada na Rua Doutor Manoel Vitorino. Esta filarmônica foi idealizada pelo ilustre Maestro José Benedito do Amaral juntamente a amigos como o Maestro José Preto. A (figura 5) foto memorial do fundador, encimado pelas imagens de São Benedito e Nossa Senhora da Conceição. Sua criação remonta a história e os festejos litúrgicos na cidade e sua formação passou por várias fases, a partir da década de 1940 ganhou o formato atual, muito embora essa manifestação reporte a datas anteriores do século passado, estando ligada a história e a propagação da cultura musical na cidade. Trata-se de uma edificação que segundo a ilustre Senhora Idalina Guedes do Amaral, escritora e cantora sacra, esposa do Maestro José Benedito, construída por Antônio Julião Figueiredo no final do século XIX, para funcionar uma escola. O imóvel também abrigou a cadeia da cidade, depois biblioteca.

### ANÁLISE E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

A Filarmônica N. S. Imaculada Conceição está instalada em uma Casa térrea com um sistema construtivo nos remete a um conjunto de práticas empíricas que remontam uma longa tradição da história da construção no Brasil, sua tipologia no remete a um tipo de arquitetura colonial tardia na cidade. Podemos observar em seus elementos arquitetônicos que naquela edificação foram empregadas revivals coloniais, porém não se perde de vista o caráter vernáculo local na transposição das técnicas de acordo a mão de obra e materiais locais. Sua planta é retangular, segue um modelo de implantação ao rés do chão, nos limites do lote a partir de uma técnica denominada de geminação, ou seja, o edifício ocupa todo o terreno na parte transversal. Dessa forma essa construção à época conservou influências do padrão colonial com revivals sendo adaptados tardiamente na cidade o que mostra como essas antigas técnicas tradicionais das construções históricas no Brasil representava ali uma continuidade.

Os materiais empregados são simples produto de um saber, das experiências locais. Seu sistema estrutural é composto por paredes autoportantes de alvenarias de tijolo. É uma edificação de porte médio, cujo acesso é feito direto da calçada que corrige o desnível. Sua fachada é simples, está voltada para via, apresentando fenestrações não simétricas em madeira com a solução em arcos abatidos em duas folhas sendo que nas três janelas da direita observam-se saliências que outrora serviram foram inseridas as grades, então remanescentes da antiga cadeia. A arquitetura tipicamente vernácula com rivais historicistas coloniais é simples, sem decoração. Seu telhado de duas águas possui estrutura de caibros e ripas, com terminação do beiral em cachorrada com estrutura aparente em toda a casa e sua estética nos reporta a paisagem cultural das cidades das lavras diamantinas.

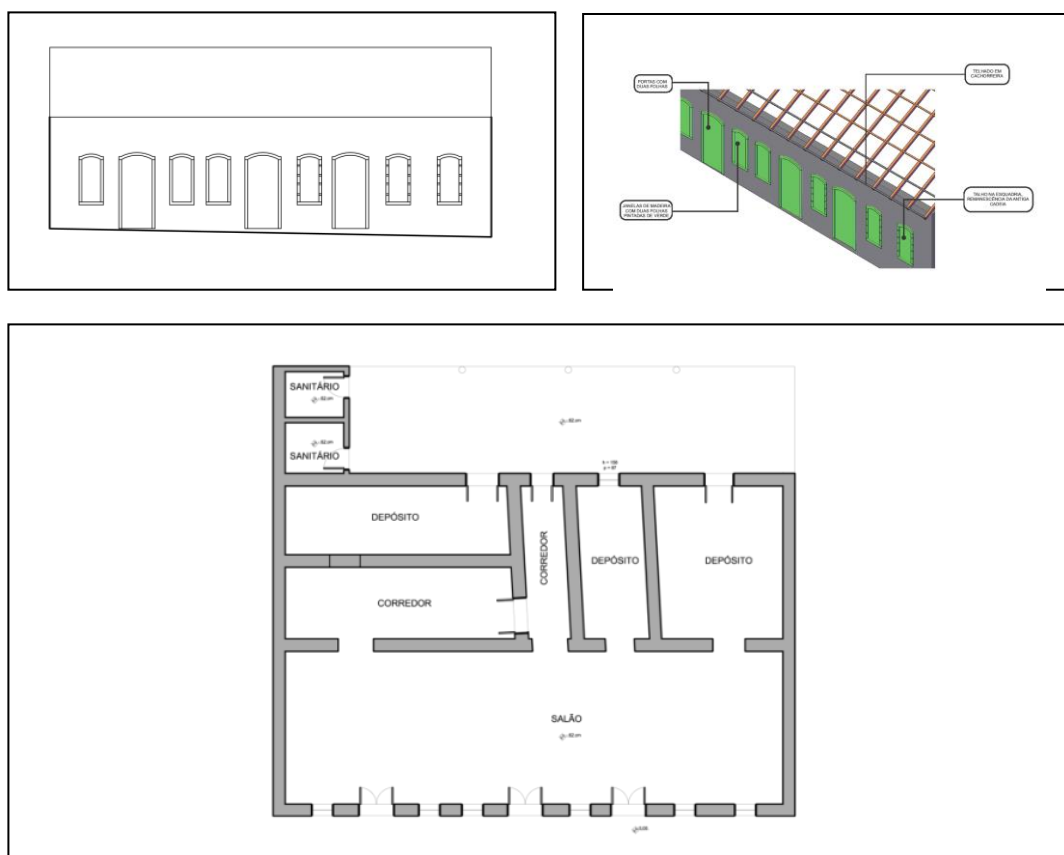
#### **INTERVENÇÕES NO PATRIMÔNIO EDIFICADO**

Mesmo após longo histórico de inúmeros usos e de diversas origens, a edificação em si passou por algumas mudanças como a reforma ocorrida em 02/2010, mas nenhuma delas substancialmente volumétrica. Entretanto, houve a remoção de duas paredes internas para transformar no que hoje é o salão de ensaios da filarmônica. Ainda há a marca das paredes originais no piso. Além disso, recentemente o telhado reformado, tanto telhas quanto madeiramento e foram acrescidos dois sanitários na varanda dos fundos. Atualmente a edificação está bem conservada, por cumprir função social. Aparenta seus aspectos característicos de casas

rurais ou “casa de sítio”, comum na área rural de Macaúbas.

A função social do imóvel como escola de música vem contribuindo para a sua preservação, desde então o espaço passou por uma reforma sendo adaptado para ser a sede desta filarmônica. Em 2004 a edificação foi analisada pela arquiteta do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC, Zulmira Maria Bittencourt Correa em 16/07/2004 e inclusa na lista de bens considerados patrimônio material de Macaúbas.

## DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA



### FONTES:

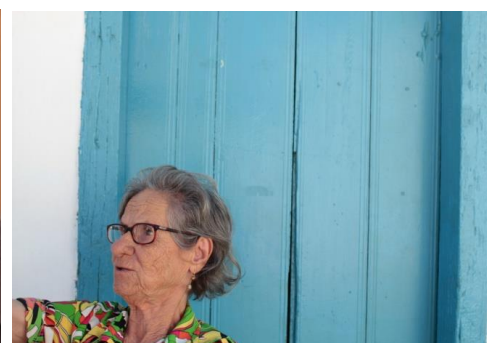
Figura 1 – Fachada principal voltada para Rua Dr. Vitorino. Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 2 – Esquema de um telhado de ripas. Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 3 - Planta baixa em perspectiva. Fonte: ICAAM, 2011.

## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA






## **FONTES:**

- Figura 1 – Rua Dr. Manoel Vitorino em 1977. Foto: Ático Mota, Fonte: FCPM  
 Figura 2 – Imóvel em meados da década de 1990. Fonte: Video Luzz Cine Foto.  
 Figura 3 – Filarmônica da Conceição. Fonte: José Antônio, 2010.  
 Figura 4 – Filarmônica da Conceição: Fonte: José Antônio, 2016.  
 Figura 5 – Memorial ao fundador José Benedito Amaral. Acervo ICAAM, 2011.  
 Figura 6 – Escritora e cantora sacra, Idalina Amaral. Fonte: ICAAM, 2011.  
 Figura 7 – Apresentação da Filarmônica, Capela Sr. Bomfim.  
 Fonte: Emanuel Sampaio.

## Residência de João Santana

<b>CÓD. DA EDIFICAÇÃO</b>	RUA ABÍLIO BORGES - 007
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PROHIS <b>PROJETO:</b> ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E TRABALHAR EM MACAÚBAS – ALTO SERTÃO DA BAHIA – 1800-1950.	
<b>PESQUISA:</b> JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA <b>ORIENTAÇÃO:</b> EDER DONIZETI DA SILVA	
<b>LOCALIDADE</b>	Sede Distrital
<b>DENOMINAÇÃO</b>	Antiga Residência João Santana
<b>PROPRIETÁRIO</b>	João Santana
<b>ENDEREÇO</b>	Rua Dr. Manoel Vitorino
<b>USO ORIGINAL</b>	Residência e venda
<b>USO ATUAL</b>	Desocupada
<b>USO POSSÍVEL</b>	Função social



### HISTÓRIA, HISTÓRIA ORAL, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL

Natural da povoação de Jurema, Macaúbas, nascido em 18 de maio de 1926. O Senhor João Santana, após morar anos em Marília – SP, muda-se para a cidade de Macaúbas e adquire por compra este imóvel. A casa pertencia ao Senhor Antônio Manoel Pedro, morador do distrito de Canatiba, um importante criador de gado e negociante de água ardente. A casa fora construída por José Francisco Guedes, na época do Capitão José Cândido, entre os anos de 1870-80. A casa serviu de residência para sua família e por alguns anos também funcionou como venda de água ardente e cereais. Outros senhores moraram neste imóvel, como a professora Diesônia Figueiredo e Miguelzinho. Segundo João Santana a casa fora alvejada de tiros quando das trincheiras armadas durante os conflitos na Vila de Macaúbas pelas tropas do Capitão Porfírio Brandão e as de Horácio de Matos. O que chama atenção do atual proprietário e o seu valor histórico daquela casa nas proximidades com a Praça da Matriz, destacando as suas molduras e as paredes de adobe, que denominam na região de “paredes de tição”, a espessura dos adobes segundo ele é um fator de durabilidade da edificação.

## ANÁLISE E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

O edifício apresenta um conjunto de práticas projetuais mistas de elementos arquitetônicos que mesclam revivalismos de tendências historicistas coloniais como podemos ver na composição das aberturas dos vãos em verga arqueada. Sua fachada lateral de mesmo modo apresenta características que nos remetem a colonização, como sua tradicional implantação e a tipologia de planta desenvolvida, como sendo uma planta retangular de circulação, apresentando a clássica divisão em seu programa de necessidades, ou seja, sala de visitas-corredor-sala de jantar e pátio de serviços ao fundo. A ausência de vãos nas janelas laterais indicam, por exemplo, a presença das antigas alcovas, bem como a antiga venda na frente da edificação, apresentando assim reminiscências do período colonial.

Por outro lado, outro conjunto de valores e práticas modernizantes notadamente classicistas ou elementos neoclassicizantes. O neoclássico é assim caracterizado pela presença das pilastras laterais na forma de colunas estilizadas clássicas, nesse sentido podemos notar sua base, o corpo e o capitel. A cimalha é outro elemento tipicamente clássico com sua marcação expressiva na fachada e nos remete ao neoclássico movimento cultural desenvolvido no país a partir de 1816 até 1850. Em Macaúbas seus revivals são adaptações locais executados de modo reduzido e tardiamente na cidade.

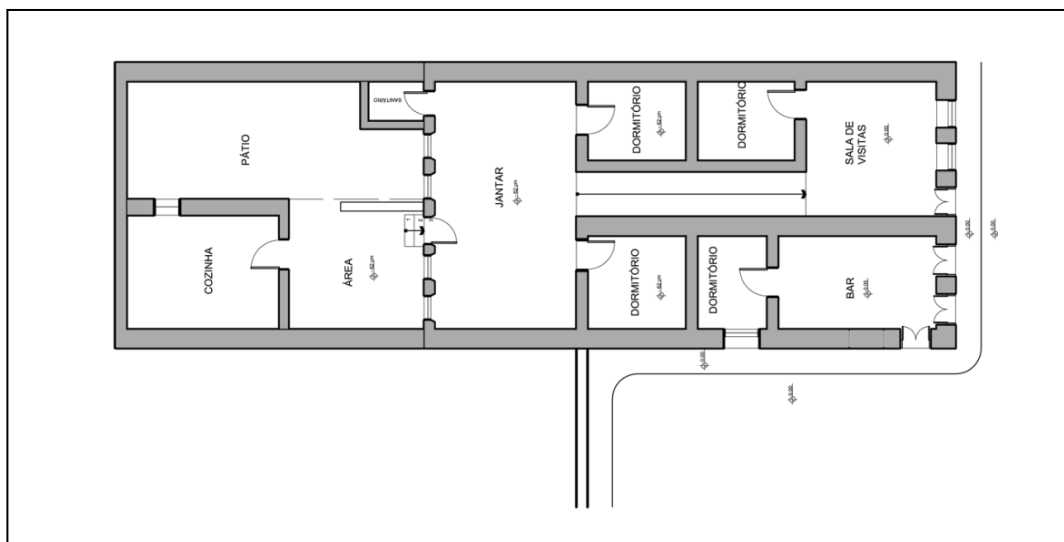
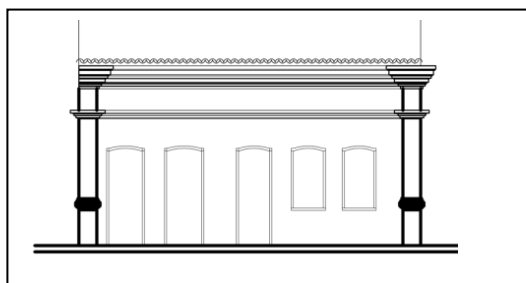
É, portanto uma arquitetura eclética vendo seus elementos ora neocolonial neoclássicos numa tipologia de casa térrea com sótão, típica representante da arquitetura residencial-comercial do município, sendo que sua volumetria não difere a parte residencial da comercial, o sótão ali ganhou adaptações de uso como depósito. Todas as fenestrações são de madeira em arco abatido com duas folhas, conhecido na região como “tampos”. A edificação repete alguns elementos das demais casas de natureza mista, ou seja, não possui separação volumétrica entre as partes residencial e comercial, como na casa de Zacarias Amaral. A técnica construtiva predominante é o adobe com revestimento em barro vendo a marca das caiações e pinturas posteriores.

As pilastras adossadas e molduradas são elementos clássicos das ordens gregas como vimos na casa do Professor José Batista da Mota. O telhado de duas águas vaza sobre a parede da fachada com estrutura de caibros e ripas em telha vã, a exceção do cômodo da loja que possui forro de plano horizontal. O beiral com terminação em cimalha. O piso “queimado” é novo, conhecido como “piso de

vermelhão”.

Assim a parte residencial não difere do que foi encontrado nas edificações da cidade, ou seja, corredor como “coluna vertebral” da edificação que interliga a sala de visitas e a sala de jantar – e dessas extremidades há acesso para os dormitórios. Da sala de jantar, tem-se acesso, em nível mais baixo, a uma pequena varanda e, dessa, ao pátio e à cozinha. Além disso, da sala de jantar, têm-se acesso ao banheiro do mesmo nível. O extenso pátio, conhecido popularmente como quintal é um traço do lote e da planta dos tempos coloniais.

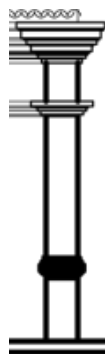
## DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA



### FONTES:

- Figura 1 – Fachada principal voltada para Rua Abílio Borges. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 2 – Detalhe da Platibanda. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 3 – Por menor da cimalha. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 4 – Perspectiva da Planta baixa. ICAAM, 2011.

## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA




### FONTES:

- Figura 1 – Fachada principal. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 2 – Fachada lateral. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 3 – Implantação Rua Abílio Borges. Fonte: José Antônio, 2016.  
Figura 4 – Detalhe da pilastra. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 5 – Mobília doméstica. Acervo ICAAM, 2011.  
Figura 6 – Forro plano horizontal. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 7 – Preparo do maxixe. Fonte: ICAAM, 2011.



## Casa de tecidos Augusto Sô Cardoso

<b>CÓD. DA EDIFICAÇÃO</b>	RUA 15 DE NOVENBRO - 008
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PROHIS <b>PROJETO:</b> ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E TRABALHAR EM MACAÚBAS – ALTO SERTÃO DA BAHIA – 1800-1950.	
<b>PESQUISA:</b> JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA <b>ORIENTAÇÃO:</b> EDER DONIZETI DA SILVA	
<b>LOCALIDADE</b>	Sede Distrital
<b>DENOMINAÇÃO</b>	Casa de Tecidos Augusto Sô Cardoso
<b>PROPRIETÁRIO</b>	Mirtes Palácio
<b>ENDEREÇO</b>	Rua 15 de Novembro
<b>USO ORIGINAL</b>	Residência e venda
<b>USO ATUAL</b>	Desocupada
<b>USO POSSÍVEL</b>	Função social



### HISTÓRIA, HISTÓRIA ORAL, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL

Construída no início do século XX a antiga casa-residência de Augusto Sô Cardoso está localizada entre a Rua 15 de Novembro e a Rua Rui Barbosa, é uma loja de tecidos atualmente administrada por Mirtes Cardoso Palácio, professora aposentada, casada com Valter Marinho Palácio. É uma típica representante da arquitetura residencial-comercial do município, sua utilidade de uso misto representa assim as relações entre morar e trabalhar na cidade, bem como o desenvolvimento das atividades comerciais. Segundo Paulo Azevedo no inventário de proteção da Bahia, ter uma loja junto à casa de morada para o desenvolvimento de seus negócios é uma tradição de programas arquitetônicos de necessidades de uso bastante generalizado nas lavras diamantinas (IPAC-BA, 1980, p.72).

Nesse sentido ressalta que não há separação volumétrica entre a casa e a loja de tecidos. Esses programas são também encontrados em áreas limítrofes como é o caso deste exemplar em Macaúbas, assim como a casa de João Santana de Araújo, Zacarias do Amaral Rêgo, Manoel Cândido, entre outras, e também na Praça da Feira. Esta casa representa uma nova tipologia de arquiteturas implantadas na cidade com referenciais historicistas.

No programa da moradia vê-se uma ruptura com a tradição colonial, mas

a continuidade lote profundo, evidenciado pelo quintal/pátio.

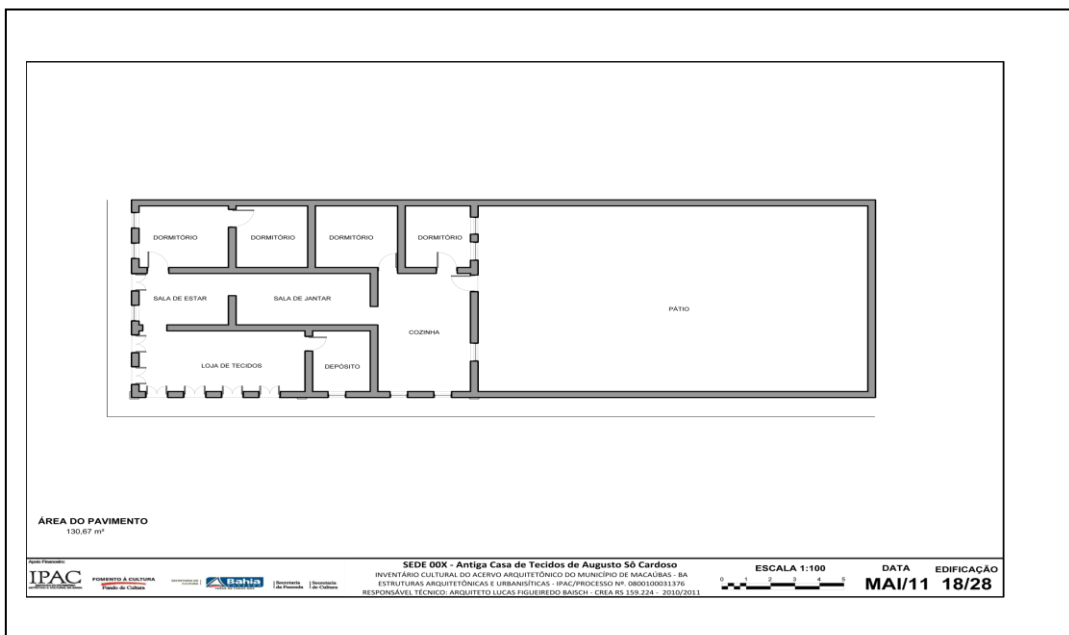
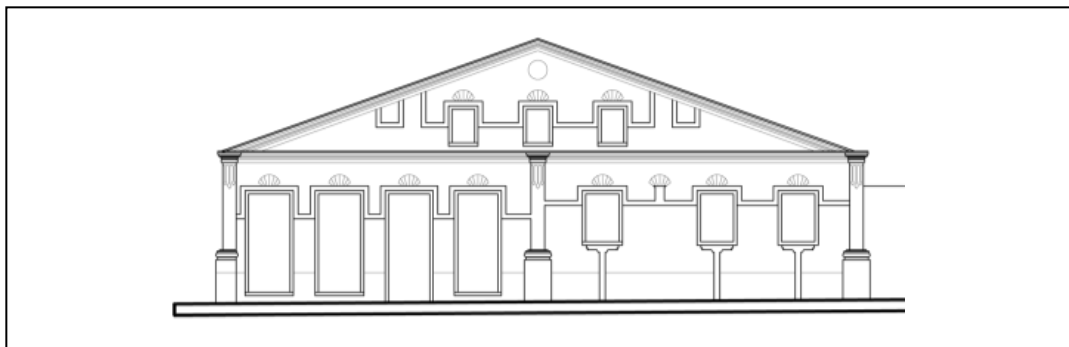
#### **ANÁLISE E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA**

Como sendo uma arquitetura eclética. O conjunto dos seus elementos compositivos fazem referências em seus revivals ao estilo neocolonial e neoclássico. As reminiscências coloniais podem ser vistas em todas as fenestrações em verga reta, com duas folhas, conhecido na região como “tampos” repetindo alguns elementos das demais casas. O beiral em telhado aparente vaza a parede do edifício jogando a água da chuva na via. Essa solução é uma técnica tradicional do período colonial e difere dos novos sistemas de platibandas, onde as águas pluviais são coletadas por calhas e condutores. Na fachada, voltada para Rua Rui Barbosa, o frontão triangular é um elemento neoclássico marcado pela cornija. A marcação das pilastras também são evidências neoclassizantes vendo as caneluras que remetem as colunas dóricas do período clássico.

O sótão, elemento popularizado no século XIX na arquitetura brasileira, é um espaço situado entre o telhado e o forro, e são aproveitados como depósito. Seu acesso é feito por uma escada de corrimão. O forro de plano horizontal, os pisos de ladrilhos hidráulicos, apontam para o poder aquisitivo, o acesso aos materiais e mão de obra, marca o progresso da indústria e o comércio na cidade. Não possui separação volumétrica entre as partes residencial e comercial. A técnica construtiva em adobe, o beiral com terminação em cimalha de massa frisada e coroada por frontão triangular. O piso em ladrilho hidráulico em grande parte da edificação e pisos cerâmicos.

A casa e a loja é um bem representativo do comércio de tecidos na cidade, pois abastece o mercado consumidor entre costureiras e alfaiates, muito antes da popularização do comércio de confecções industrializadas. A edificação representa a relação indústria e comércio na cidade de Macaúbas bem como a prática da arquitetura em seu partido, marcando assim as concepções de uma nova arquitetura que começou a ser projetada na segunda metade do século XIX no Brasil, em grande parte fruto das transformações econômicas como a modernização e industrialização e a mudança de hábitos na sociedade brasileira.

#### **DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA**



### FONTES:

Figura 1 – Fachada da casa de tecidos voltada para Rua Rui Barbosa. Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 2 – Esquema de um telhado de ripas. Fonte: ICAAM, 2011.

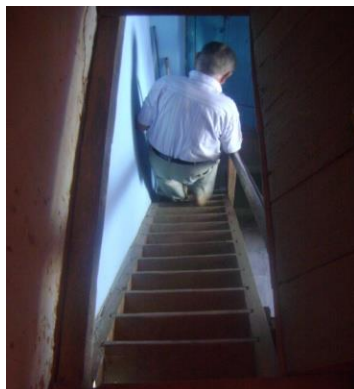
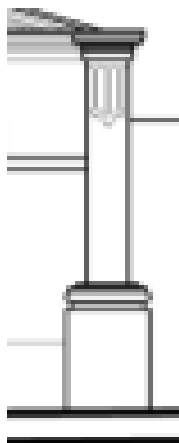
Figura 3 - Planta baixa em perspectiva. Fonte: ICAAM, 2011.

### DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA





## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



### FONTES:

- Figura 1 – Desenho da fachada principal Rua Rui Barbosa. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 2 – Fachada residencial, Rua 15 de Novembro. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 3 – Casa de tecidos. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 4 – Detalhe piso ladrilho hidráulico. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 5 – Detalhe da pilastra. Acervo ICAAM, 2011.  
Figura 6 – Escada de acesso ao sótão. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 7 – Típico forro em plano horizontal. Fonte: ICAAM, 2011

## Casa-sapataria Aloysio Joaquim Nascimento

<b>CÓD. DA EDIFICAÇÃO</b>	RUA CASTRO ALVES - 008
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PROHIS <b>PROJETO:</b> ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E TRABALHAR EM MACAÚBAS – ALTO SERTÃO DA BAHIA – 1800-1950.	
<b>PESQUISA:</b> JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA <b>ORIENTAÇÃO:</b> EDER DONIZETI DA SILVA	
<b>LOCALIDADE</b>	Sede Distrital
<b>DENOMINAÇÃO</b>	Casa-sapataria Aloysio Nascimento
<b>PROPRIETÁRIO</b>	Aloysio Nascimento
<b>ENDEREÇO</b>	Rua Castro Alves
<b>USO ORIGINAL</b>	Residência e venda
<b>USO ATUAL</b>	Desocupada
<b>USO POSSÍVEL</b>	Função social

### HISTÓRIA, HISTÓRIA ORAL, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL

O sapateiro e jogador de futebol Aloísio Joaquim do Nascimento “Lolo” tendo ficado órfão, foi criado pela sua avó Madalena a quem lhe deixou de herança a casa da Rua Castro Alves, antiga Rua do Cemitério. Lolô viveu parte de sua vida em São Paulo, trabalhando na indústria calçadista até se especializar no ramo da sapataria e do futebol. Retornando de São Paulo em 1952 realiza trabalhos nesses segmentos, prestando serviços inestimáveis no ramo da sapataria como a confecção e reforma de calçados. No que diz respeito ao futebol, outra paixão, que lhe rendeu algumas referências, como criador do clube Botafogo de Macaúbas, por anos foi dirigente do Bahia Esporte Clube de Macaúbas. O estádio do Bahia recebeu seu nome. Esta casa-sapataria em Macaúbas, pelos seus ofícios prestados na cidade, é um bem representativo do modo de viver e trabalhar, dos saberes e práticas no ofício da sapataria, como os trabalhos em couro. No imóvel é possível vislumbrar uma riqueza de peças da sapataria como ferramentas, solas, pregos, grampos e martelinhos. Já a cultura do futebol é reverenciada com painéis de placares de jogos, centenas de fotografias de jogos, de familiares e amigos, que reconstroem parte de suas histórias, de suas memórias, faleceu em maio de 2016.

A sapataria de Lolo representa o morar e trabalhar na cidade. Deve ser

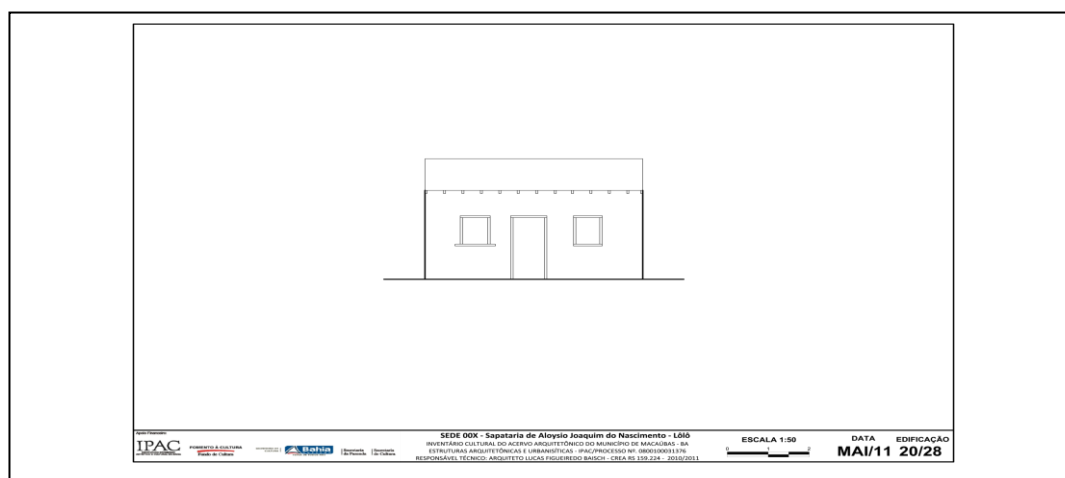
mencionado outro prático neste serviço, o Senhor Deli Sapateiro. A procura pelas sapatarias em Macaúbas e seus serviços, justifica-se pelas necessidades dos moradores da cidade em reformar os seus calçados, a exemplos dos saltos/plataforma que constante quebravam em função dos desníveis e as ladeiras por toda a cidade. Sua simpatia e a prestação desses serviços, como também no futebol o levaram a expandir uma grande rede de amizades tornado muito popular e respeitado na cidade.

### ANÁLISE E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

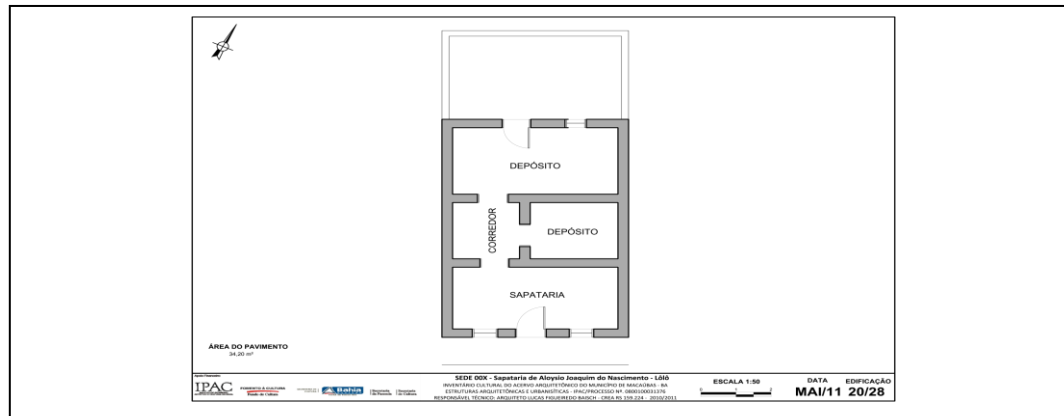
Trata-se de uma casa térrea sem recuos lateral e frontal, implantada ao rés do chão geminada, sua tipologia remete a arquitetura popular/vernácula na cidade vendo técnicas tradicionais coloniais sendo replicadas, como as aberturas em verga reta, o telhado aparente de caibros e ripas e beiral de bica que expulsa as águas da chuva na rua. A técnica construtiva é mista, com predominância do adobe com amarração em pau a pique em algumas paredes. O adobe possui diferentes materiais e épocas, com algumas caiações e agregados. O reboco de barro é observado somente na fachada que está voltada para a rua e na sala de visitas (sapataria) que se tem acesso diretamente da rua. Observa-se que a parte superior de ambas as janelas e da porta não estão no mesmo nível. Piso de tijolinho parcialmente conservado.

A distribuição espacial segue o padrão da zona urbana e rural: sala de visitas, à frente – corredor – sala de jantar, sendo o corredor o lugar de acesso aos demais compartimentos. Entretanto, como a edificação é pequena, o corredor dá acesso à apenas um depósito, a casa é adaptada para os serviços de sapataria.

### ANÁLISE ARQUITETÔNICA



## DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA



### FONTES:

Figura 1 – Fachada da Sapataria. Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 2 – Planta e programa da sapataria. Fonte: ICAAM, 2011.

## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



### FONTES:

Figura 1 – Fachada Casa-Sapataria. Fonte: José Antônio, setembro, 2016.

Figura 2 – Sapateiro Aloysio Nascimento, Rua Castro Alves. Fonte: ICAAM, 2011.


Figura 3 – Fotos, placares de futebol e objetos da sapataria: ICAAM, 2011.

Figura 4 – Ofício de Sapateiro. Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 5 – Detalhe sistema estrutural em pau a pique. Acervo ICAAM, 2011.

## Casa de Alvanir de Figueiredo

<b>CÓD. DA EDIFICAÇÃO</b>	RUA CESAR ZAMA - 009
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PROHIS <b>PROJETO:</b> ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E TRABALHAR EM MACAÚBAS – ALTO SERTÃO DA BAHIA – 1800-1950. <b>PESQUISA:</b> JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA <b>ORIENTAÇÃO:</b> EDER DONIZETI DA SILVA	
<b>LOCALIDADE</b>	Sede Distrital
<b>DENOMINAÇÃO</b>	Casa de Alvanir Figueiredo
<b>PROPRIETÁRIO</b>	Alvanir de Figueiredo
<b>ENDEREÇO</b>	Rua Cesar Zama
<b>USO ORIGINAL</b>	Residência
<b>USO ATUAL</b>	Demolida
<b>USO POSSÍVEL</b>	Demolida



### HISTÓRIA, HISTÓRIA ORAL, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL

Localizada na Rua Cesar Zama a antiga casa de Alvanir de Figueiredo foi construída em meados da primeira década século XX. Segundo Edna Evangelista Felipe, responsável pelo imóvel, por vários anos foram cedida a Senhora Joaquina para servir como sua moradia, bem como do Senhor Salvador Figueiredo, mas conhecido como Dodô. Trata-se de uma casa térrea que apresenta o seu acesso um pouco recuado, mas no mesmo nível do passeio público, ou seja, implantada ao rés do chão, formava um conjunto arquitetônico com a antiga casa do ex-combatente Manoel Defensor Santana.

Segundo Reis Filho, os tipos característicos de habitações no período colonial discorre sobre a monocultura e sua relação com a crise interna das habitações, “assim sendo as casas urbanas tentavam resolver em parte o problema, por meio de pomares, criação de aves e porcos ou do cultivo da mandioca e de outro legume” (Reis Filho, 1976, p.30). Em Macaúbas essas reminiscências coloniais são observadas nos quintais, como o da Figura H- casa de Alvanir de Figueiredo. Os pomares assim em casa nos sertões de Macaúbas remediava os problemas de abastecimento de gêneros alimentícios das famílias, mamoeiros, laranjeiras, hortas, galinhas e chiqueiros de porcos por muito tempo coexistiu no quintal de muitas residências. Com apontando por

Carlos Lemos ao discorrer sobre as transformações no espaço habitacional na segunda metade do século XIX, visto no capítulo anterior, as questões higiênicas e medidas sanitárias contribuíam para desvalorização desses hábitos, pois o mundo colonial e rural também passou a ser visto como sinônimo de atraso, desprestígio e preconceito social.

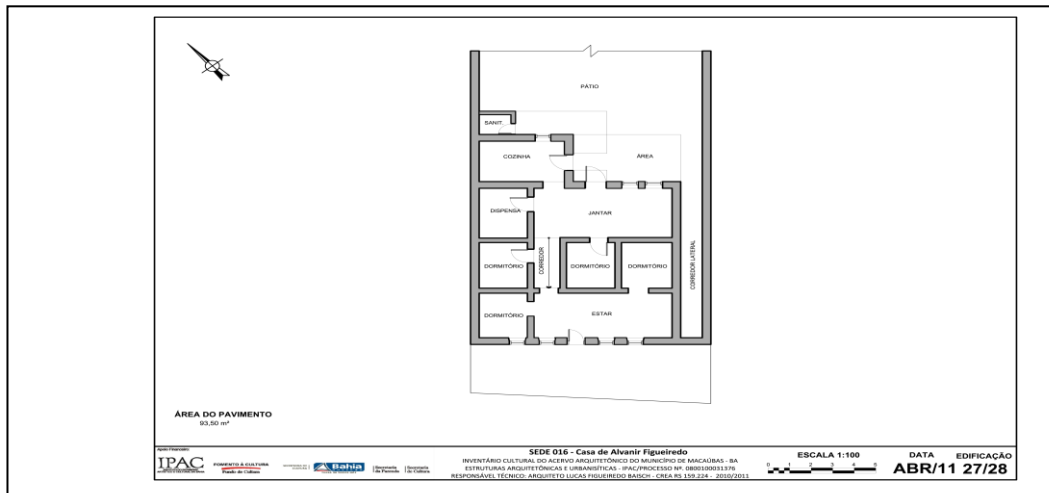
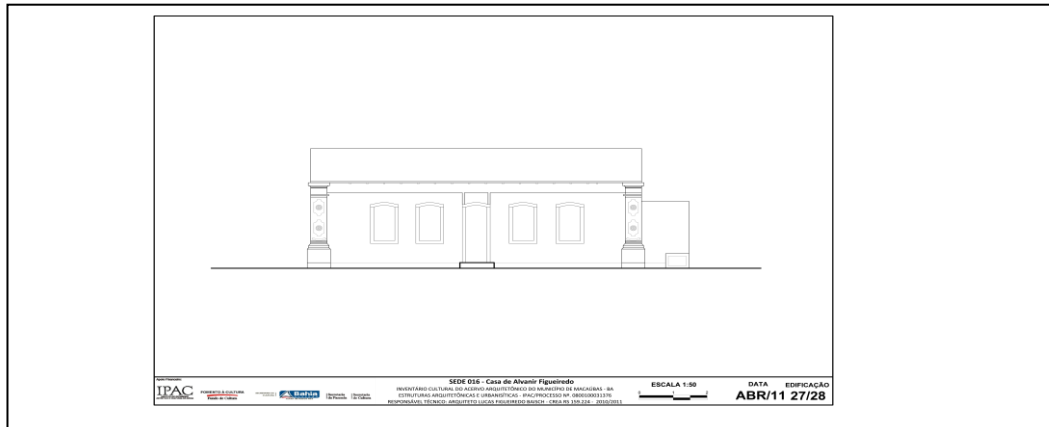
#### **ANÁLISE E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA**

Apesar disso, não difere das outras edificações de tipologia residencial urbana e rural da cidade vendo em seu partido com a predominância da influência da tradição colonial e sua continuidade na cidade, bem como a mistura com outros elementos historicistas da arquitetura neoclássica. No que tange a disposição espacial podemos ver a compartimentação da sala de visitas à frente, corredor, sala de jantar e pátio de serviços ao fundo. O telhado aparente de bica em duas águas em sua estética no remete a uma tipologia colonial.

A técnica construtiva e materiais empregados também não diferem das práticas tradicionais vendo o sistema estrutural em paredes autoportantes de adobe. Construída quase inteiramente no lote, se não fosse um corredor lateral direita, o que mostra as transformações no sistema de implantação na cidade. Sua fachada é composta por quatro janelas e uma porta, todas de madeira com verga arqueada com um tampo ou folha.

As pilastras adossadas nas extremidades com decorações em relevo com motivos geométricos e é um revival adaptado localmente. Por fim, o piso de tijolinho de barro cozido parcialmente conservado vem sendo substituído pelo piso queimado conhecido como “piso de vermelhão”, piso da casa João Santana, e por pisos cerâmicos. É assim uma arquitetura eclética por apresentar esses diferentes referenciais historicistas. Vendo a “morte da edificação” à intervenção de reforma inapropriada com a utilização de argamassa de cimento em uma arquitetura de terra.

## ANÁLISE ARQUITETÔNICA



### FONTES:

Figura 1 – Fachada da Sapataria. Fonte: ICAAM, 2011.

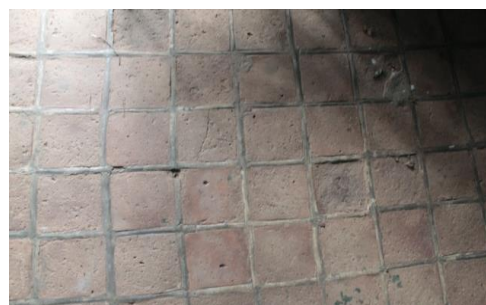
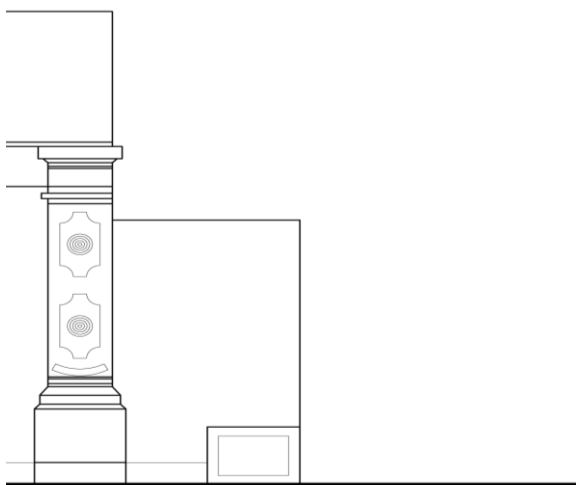
Figura 2 – Planta e programa da sapataria. Fonte: ICAAM, 2011.

## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA





## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



### FONTES:

Figura 1 – Fachada e implantação. Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 2 – Sala de jantar. Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 3 – Sistema estrutural: ICAAM, 2011.

Figura 4 – Quintal. Fonte: ICAAM, 2011.


Figura 5 – Detalhe arquitetônico da pilastra. Acervo ICAAM, 2011.

Figura 6 - Piso de tijolinho de barro. Acervo ICAAM, 2011.



## Casa de Manoel Defensor Santana

<b>CÓD. DA EDIFICAÇÃO</b>	RUA CESAR ZAMA - 010
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PROHIS <b>PROJETO:</b> ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E TRABALHAR EM MACAÚBAS – ALTO SERTÃO DA BAHIA – 1800-1950. <b>PESQUISA:</b> JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA <b>ORIENTAÇÃO:</b> EDER DONIZETI DA SILVA	
<b>LOCALIDADE</b>	Sede Distrital
<b>DENOMINAÇÃO</b>	Casa de Manoel Defensor Santana
<b>PROPRIETÁRIO</b>	Humberto Costa
<b>ENDEREÇO</b>	Rua Cesar Zama
<b>USO ORIGINAL</b>	Residência
<b>USO ATUAL</b>	Residência
<b>USO POSSÍVEL</b>	Função social



### HISTÓRIA, HISTÓRIA ORAL, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL

A casa do ex-combatente, construída na primeira metade do século XX, conforme placa memorial afixada na fachada lê-se: “Partiu desta residência o jovem macaubense Manoel Defensor Santana com destino aos campos de batalha na Itália, pede-se a conservar a fachada desta casa em memória de seus pais”. Outra placa memorial nos informa um pouco mais sobre o Sr. Manoel.

Este homem percorreu um longínquo caminho da 2ª. Grande Guerra Mundial. Eis o homem, devoto fervoroso de São Francisco de Assis, que retornou pela 70ª. vez à sua Macaúbas, berço natal de sua família, terra natal de Rosa Defensor Santana e José Manoel de Santana, nossos queridos avós<sup>86</sup>.

Outras memórias sobre Manoel Defensor podem ser conferidas com algumas peças expostas no Museu Regional de Macaúbas.

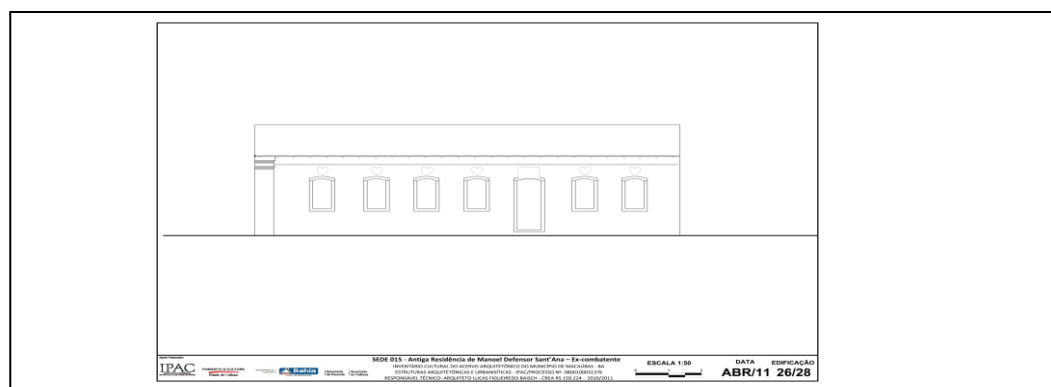
### ANÁLISE E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

<sup>86</sup> Conforme a Placa memorial exposta na sala de visitas, em 23 de outubro de 2008.

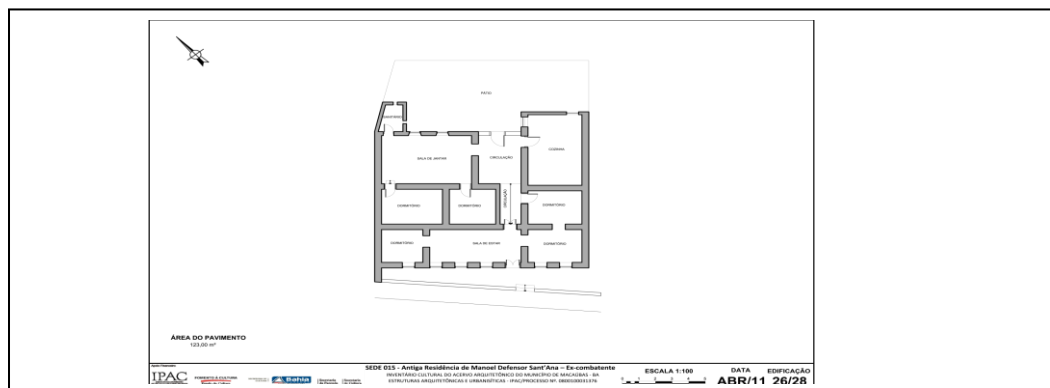
Arquitetura eclética do início do século XX, no conjunto dos seus elementos compositivos observam-se as referências em seus revivals em estilo neocolonial e neoclássico. As reminiscências coloniais podem ser vistas em sua implantação que ocupa todo o lote de características coloniais. O acesso recuado e abaixo do passeio público – possivelmente por ter sido construída quando a via ainda não era pavimentada. A planta não foge o padrão muito comum dessa corrente historicista, representando uma típica residência nos mesmos moldes de distribuição espacial de outras casas da cidade, com acesso externo pelas salas de visitas da calçada até a sala de jantar via circulação, onde há o elemento de interligação – corredor – em rampa e a presença do pátio, o quarto na sala de visitas é um hábito da era colonial.

Todas as fenestrações em verga arqueada, na fachada são encimadas por corações. Como na edificação anterior, o caimento do telhado, o beiral são características de cuja tradição apresenta uma continuidade na cidade até pelos menos na primeira metade do século passado. A mureta de cobogó na frontaria é um elemento de influência dos prédios públicos, onde são mais comuns. Por outro lado a composição e o simbolismo da fachada nos remetem as aos elementos classicizantes, com adaptações locais ainda que reduzidos, como as colunas adossadas nas extremidades e suas caneluras. A placa memorial do ex-combatente é a única no município a pedir preservação daquela fachada. A técnica construtiva em adobes feitos e revestidos com uma mistura de calcários e aditivos.

## ANÁLISE ARQUITETÔNICA



## ANÁLISE ARQUITETÔNICA

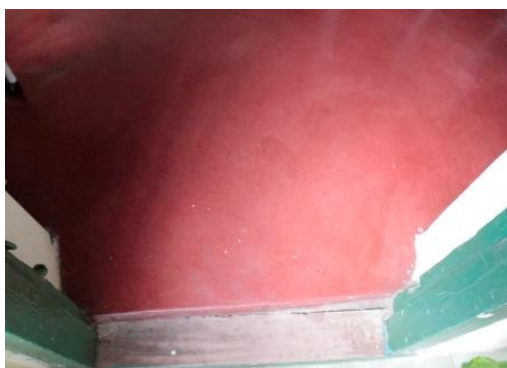
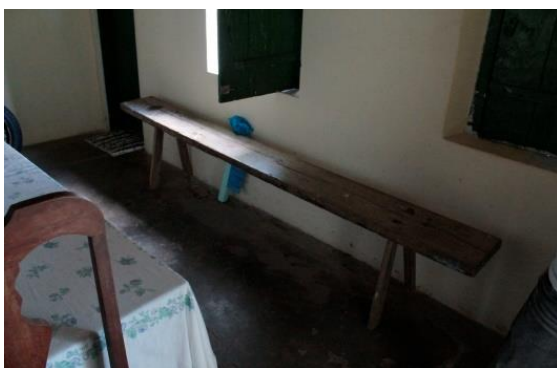


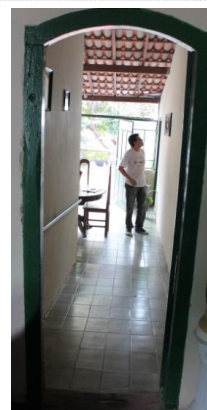
### FONTES:

Figura 1 – Fachada voltada para rua Cesar Zama. Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 2 – Planta e programa. Fonte: ICAAM, 2011.

## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA





#### **FONTES:**

- Figura 1 – Fachada e implantação. Fonte: ICAAM, 2011.  
 Figura 2 – Placa memorial. Fonte: ICAAM, 2011.  
 Figura 3 – Sala de jantar e mobiliário: ICAAM, 2011.  
 Figura 4 – Piso de vermelhão Fonte: ICAAM, 2011.  
 Figura 5 – Mureta em cobogó. Acervo ICAAM, 2011.  
 Figura 6 – Pilastra e estrutura do beiral. Acervo ICAAM, 2011.  
 Figura 7 - Circulação. Acervo ICAAM, 2011.

### **Casa-comércio Manoel Cândido Figueiredo**

<b>CÓD. DA EDIFICAÇÃO</b>	RUA VISCONDE R. BRANCO - 011
---------------------------	------------------------------

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PROHIS  
**PROJETO:** ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E TRABALHAR EM  
 MACAÚBAS – ALTO SERTÃO DA BAHIA – 1800-1950.

**PESQUISA:** JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA  
**ORIENTAÇÃO:** EDER DONIZETI DA SILVA

<b>LOCALIDADE</b>	Sede Distrital
<b>DENOMINAÇÃO</b>	Casa de Manoel Cândido Figueiredo
<b>PROPRIETÁRIO</b>	José Souza Neto
<b>ENDEREÇO</b>	Rua Visconde Rio Branco
<b>USO ORIGINAL</b>	Residência e comércio
<b>USO ATUAL</b>	Residência e Comércio
<b>USO POSSÍVEL</b>	Demolida



#### **HISTÓRIA, HISTÓRIA ORAL, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL**

Casa térrea de meados do final século XIX cujo terreno pertencia à família Pedroso, da região do Tomba-Canatiba. Outro imóvel que pertencia a esta família Pedroso era casarão na região da Canabrava que se encontra em ruínas, considerado um dos melhores pontos de pouso e apoio comercial na zona rural. Sua construção remonta ao período do bisavô do atual proprietário o Sr. Manoel Cândido de Figueiredo construída segundo ele a cerca de 150 anos. Representava uma típica construção com utilização mista a atender as necessidades de moradia e trabalho. Localizava-se na Rua Visconde Rio Branco, Antiga Rua do Areião bem próxima a Praça da Feira. A edificação reportava aos negócios comerciais nas proximidades com a Praça da Feira no município, já que funciona durante décadas casa e mercearia.

#### **ANÁLISE E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA**

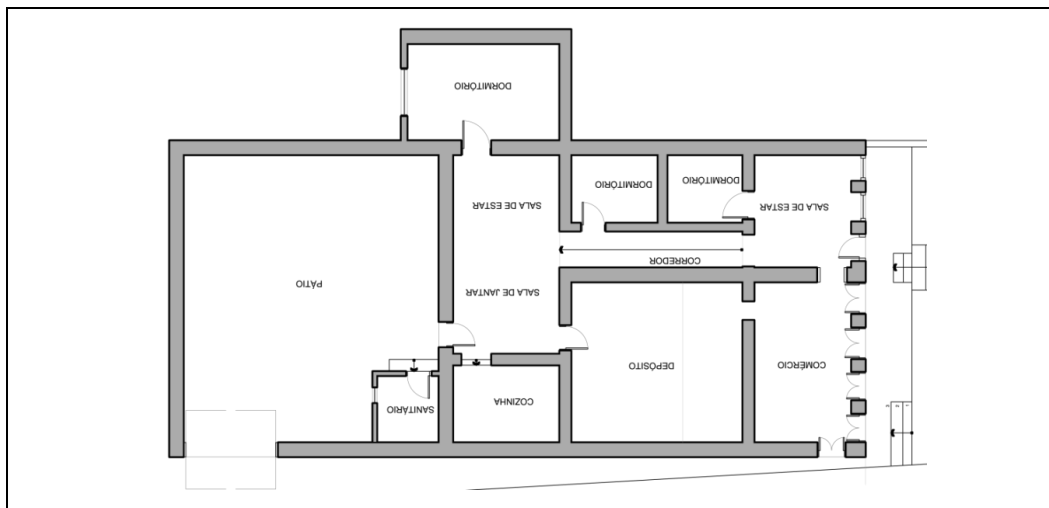
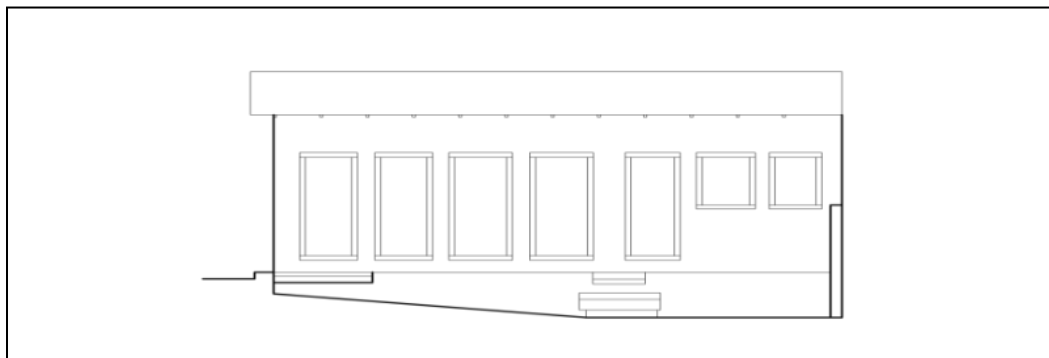
A edificação é de tipologia com referenciais coloniais adaptados localmente, porém guarda seus valores vernáculos, como a mão de obra e materiais da região, remontado a uma longa tradição de técnicas construtivas. As aberturas verga reta, o telhado de caibro e ripas com o beiral aparente e em telha vã, a exceção do cômodo do comércio que possui forro em madeira em plano horizontal, apresenta assim as reminiscências da colonização. A casa está recuada da via e implantada inteiramente no lote, cuja planta também é de tipologia colonial da segunda metade do século XIX.

Ademais a casa possui a mesma espacialidade da maioria dos exemplares visitados, com sala de visitas, corredor e sala de jantar interligados e, a partir desses, têm-se acesso aos dormitórios, também um aspecto marcante dos programas de necessidades da era colonial. Não possui recuos laterais, como quase a totalidade das edificações da cidade e deste inventário, entretanto, a edificação possui uma característica marcante, que é o recuo considerável formando um pátio à frente da construção, espécie de respiro no recuo que a torna um exemplar cuja visibilidade é favorecida. Outra característica é do corredor em rampa, o que não é comum, mas sendo também encontrado na casa edificação do ex-combatente.

Representa à arquitetura residencial-comercial do município, de uso misto suas relações entre morar e trabalhar na cidade, bem como o desenvolvimento das

atividades comerciais. Segundo Paulo Azevedo, ter uma loja junto à casa de morada para o desenvolvimento de seus negócios gerou um modelo de casa mista que remete aos costumes e negócios popularizado nas lavras diamantinas, como vimos na casa do professor Zacarias Amaral e Casa Tecidos Augusto Sô Cardoso. Apesar de ser uma casa urbana seu partido também pode ser visto na área rural do município, a área de comércio e habitação sem adições ou subtrações volumétricas que diferenciem tais funções, a diferença evidente é que as casas de comércio possuem mais de três portas, tal qual é observado nas edificações, sobretudo da Praça da Feira. No que se refere ao comércio, têm-se um salão de vendas e um depósito, sendo que o primeiro se interliga com a sala de visitas e o segundo com a sala de jantar da parte residencial.

#### ANÁLISE ARQUITETÔNICA



#### FONTES:

Figura 1 – Fachada voltada para rua Visconde Rio Branco. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 2 – Planta e programa. Fonte: ICAAM, 2011.

## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Figura 1 – Fachada e implantação. Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 2 – Venda. Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 3 – Telhado de caibros: ICAAM, 2011.

Figura 4 – Aberturas em verga reta. Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 5 – Circulação. Acervo ICAAM, 2011.

### Casa de Ferragens Otaviano da Mata

**CÓD. DA  
EDIFICAÇÃO**

PÇA DA FEIRA - 012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS


PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PROHIS

**PROJETO:** ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E TRABALHAR EM  
MACAÚBAS – ALTO SERTÃO DA BAHIA – 1800-1950.

**PESQUISA:** JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA

**ORIENTAÇÃO:** EDER DONIZETI DA SILVA



<b>LOCALIDADE</b>	Sede Distrital	
<b>DENOMINAÇÃO</b>	Casa de Ferragens Otaviano Mata	
<b>PROPRIETÁRIO</b>	Otaviano da Mata	
<b>ENDEREÇO</b>	Praça Capitão Inácio Alves (Feira)	
<b>USO ORIGINAL</b>	Residência e comércio	
<b>USO ATUAL</b>	Residência e Comércio	
<b>USO POSSÍVEL</b>	Função Social	

#### **HISTÓRIA, HISTÓRIA ORAL, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL**

A Casa de Ferragens do Sr. Otaviano Rodrigues da Mata, está implantada na Praça da Feira, área de concentração dos negócios da cidade, assim como nos dias de hoje, esquina com a Rua João Sinfrônio. Construída entre as décadas de 1930-40. Conforme o Alvará de licença N°. 111<sup>87</sup> passou a funcionar como casa de ferragens em 1969. Inicialmente o imóvel pertencia ao Sr. José Plínio do Rêgo, um comerciante de couros na cidade, prefeito entre os anos de 1941-45 e vereador em 1948. A comercialização de couros e peles em Macaúbas na primeira metade do século XX era um negócio lucrativo e movimentava a economia, havia uma grande demanda por abastecer as tropas locais, produtos de selaria, montaria, mas também eram exportados.

Francisco Vianna analisando o quadro da economia de Macaúbas na virada do século XIX, diz: “Exportamos, em grande escala, pele e couros e alguma farinha, raspadura e cachaça” (Vianna, 1893, p.507) notando-se aí o desenvolvimento das microeconomias. Depois foi proprietário o Senhor Antônio Joaquim de Oliveira. Posteriormente fora herdada por Otaviano e Estela.

Como vimos em fotografias e na descrição das atividades econômicas da Praça Capitão Inácio Alves, vê ainda que em segundo plano a existência dessa casa de ferragens, na verdade trata-se de um dos poucos exemplares encontrados na cidade, cuja finalidade única é o comércio de ferragens e após o referido alvarás. Em Macaúbas essas casas comerciais são também conhecidas como loja de miudezas. Nesta especificamente registra-se também um comércio de couros.

<sup>87</sup> ARQUIVO PÚBLICO DE MACAÚBAS. **Administração Geral**. Alvarás de licença para Construção. Macaúbas, 1964-1978.

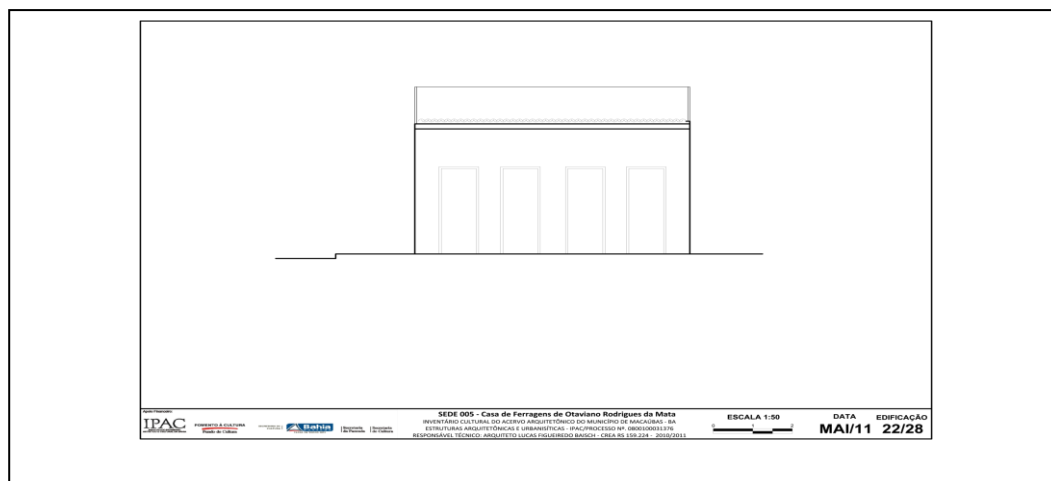


## ANÁLISE E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

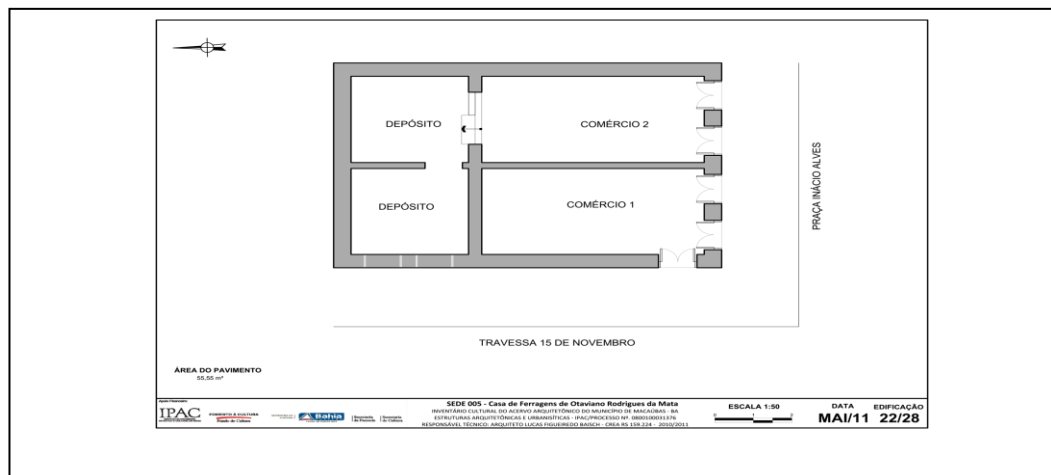
A Casa de Ferragens é uma arquitetura eclética, sua construção reporta á primeira metade do século XX. A composição arquitetônica nos remete a um conjunto de elementos que se apresentam como revivais, ou seja, “colagens” neocoloniais em Macaúbas, o que mostra a continuidade da tradição de elementos historicistas, como os do período colonial na cidade. Está implantada ao rés do chão e sem recuos. Sua técnica construtiva em paredes autoportantes em adobe é revestida em barro com caiação e pinturas. A fachada voltada para a Praça da Feira vê as portas de verga reta com duas folhas em estilo colonial. A fachada é simples sem ornamentação, a exceção das cimalthas, como ornatos cuja terminação faz a ligação entre o beiral e o telhado, colonial, pois vaza sobre a parede. Sua aparência é um traço da estética colonial, bem como sua funcionalidade, pois vê as águas pluviais sendo escoadas na via.

Vê-se ainda em sua estrutura o forro de plano horizontal, o que é bastante comum em pavimentos comerciais no período. Seu piso ainda conserva os antigos ladrilhos hidráulicos, provavelmente comprados na cidade, na Fábrica da Senhora Aída Frota Vilas-Boas, que funcionava em um anexo da antiga casa da família do Professor José Batista da Mota. Os pavimentos reduzem-se ao salão comercial que se bifurcam para sala-depósito. Sua planta apresenta modificações em relação aquele padrão da maioria das plantas da cidade por ter como finalidade o comércio.

## ANÁLISE ARQUITETÔNICA



## ANÁLISE ARQUITETÔNICA



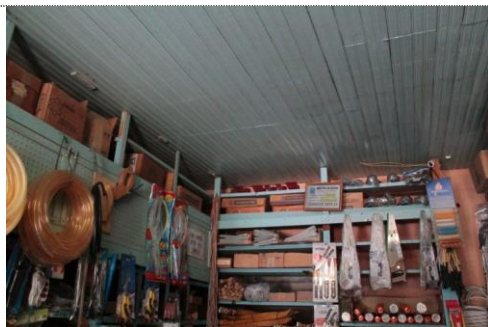
### FONTES:

Figura 1 – Fachada voltada para Praça C. Inácio Alves. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 2 – Planta e programa. Fonte: ICAAM, 2011.

## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



### FONTES:

- Figura 1 – Fachada, fonte: José Antônio, setembro de 2016.  
 Figura 2 - Implantação. Fonte: ICAAM, 2011.  
 Figura 3 – Vista da Praça com Rua João Sinfrônio. Fonte: ICAAM, 2011.  
 Figura 4 – Interior da loja, comércio de ferragens: ICAAM, 2011.  
 Figura 5 – Piso em ladrilho hidráulico. Fonte: ICAAM, 2011.

## 3.2 - A documentação arquitetônica da zona rural de Macaúbas

### Casa dos antigos construtores

<b>CÓD. DA EDIFICAÇÃO</b>		LAGOA CLARA - 013
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PROHIS <b>PROJETO:</b> ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E TRABALHAR EM MACAÚBAS – ALTO SERTÃO DA BAHIA – 1800-1950.		
<b>PESQUISA:</b> JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA <b>ORIENTAÇÃO:</b> EDER DONIZETI DA SILVA		
<b>LOCALIDADE</b>	Zona Rural – Distrito de Lagoa Clara	
<b>DENOMINAÇÃO</b>	Antiga Casa dos Construtores	
<b>PROPRIETÁRIO</b>	Antônio Oliveira Batista	
<b>ENDEREÇO</b>	Praça da Igreja de Santana	
<b>USO ORIGINAL</b>	Residência e comércio	
<b>USO ATUAL</b>	Residência e Comércio	
<b>USO POSSÍVEL</b>	Função Social	

## **HISTÓRIA, HISTÓRIA ORAL, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL**

A antiga casa dos construtores está localizada na Praça da Igreja de Santana, integrando o conjunto histórico da localidade. A edificação já pertenceu aos senhores Mursinho Leão, João Leão. Foi inventariada como a primeira casa de Lagoa Clara, construída por volta do ano de 1810, segundo o documento paroquial “Histórico e Inventário da freguesia de Macaúbas” organizado pelo Pe. José Maria Vicente, feito em 1964 e enviado a cúria Diocesana de Caetité. Diz José Maria que “As primeiras casas de Lagoa Clara datam de mil oitocentos e dez” (Vicente, 1964, p.4). Como sua denominação sugere, teria abrigado os construtores da Igreja de Santana.

### **ANÁLISE E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA**

Trata-se de uma casa de tipologia colonial que abrigou os construtores da Igreja de Santana, edificada em 1814. Está implantado ao rés do chão, seu partido arquitetônico segue técnicas das construções do Brasil colonial, vendo o lote estreito e profundo. Como visto no capítulo anterior este tipo de planta colonial foi desenvolvida tanto em casas urbanas e rurais, a edificação ocupa todo o limite do terreno, sendo uma construção geminada, o pátio ou quintal cercado por um muro de adobe fora outrora muito utilizado como pomar, criação de animais, serviços de beneficiamentos de alimentos e depósitos. Na fachada da edificação observa-se o telhado de duas águas em telha vã, vendo as telhas coloniais, o beiral em cachorrada ou de bica, notadamente um elemento na estética das paisagens das cidades coloniais. Com sistema construtivo em paredes autônomas de adobe e vedação, são revestidas com barro, caiação e pinturas posteriores.

As portas e janelas em verga reta é uma característica da colonização, chama atenção os contornos, a marcação das janelas. A articulação dos espaços embora modificado ao longo dos anos, nota-se o padrão colonial, a partir da entrada principal têm-se a sala de visitas que se bifurca para os dormitórios, uma pequena escada corrigi o desnível e liga a sala de jantar que se bifurca para os dormitórios íntimos da família e os cômodos de serviço como a cozinha e dispensa. O depósito representa o aspecto do trabalho que era desenvolvido no âmbito da casa, para guarda de ferramentas, grãos. Paulo Azevedo identificou que havia uma hierarquia espacial na região, onde apenas o quarto do casal desemboca para a sala de jantar e demais espaços íntimos da casa.





#### FONTES:

Figura 1 – Fachada e implantação.

Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 2 – Vizinhança. Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 3 – Sala de visitas: ICAAM, 2011.

### Residência de Sebastião Cardoso da Silva

**CÓD. DA  
EDIFICAÇÃO**

LAGOA CLARA - 014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PROHIS

**PROJETO:** ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E TRABALHAR EM  
MACAÚBAS – ALTO SERTÃO DA BAHIA – 1800-1950.

**PESQUISA:** JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA

**ORIENTAÇÃO:** EDER DONIZETI DA SILVA

**LOCALIDADE**

Zona Rural – Distrito de Lagoa Clara

**DENOMINAÇÃO**

Residência de Sebastião Cardoso da Silva

**PROPRIETÁRIO**

Sebastião Cardoso Silva

**ENDEREÇO**

Praça da Igreja de Santana

**USO  
ORIGINAL**

Residência e comércio

**USO ATUAL**

Residência e Comércio

**USO  
POSSÍVEL**

Função Social



#### HISTÓRIA, HISTÓRIA ORAL, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL

A casa de Sebastião Cardoso da Silva foi construída em meados do século XIX época das primeiras gerações das edificações e início do povoamento da localidade. De lá para cá fora residência de várias gerações desta família desde o Sr. José Ferreira da Silva, que era tropeiro. A edificação compõe o conjunto histórico da Praça de Santana e foi analisada em parecer técnico pela Arquiteta Zulmira Maria Bitencourt Correia, do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia - IPAC em 2004, como importante exemplar de casas rurais do início do povoamento no município.

De acordo com a família o porão tinha a função de depósito de grãos, ferramentas e tralhas, ligado às atividades comerciais, pois os antigos proprietários eram tropeiros. O tropeirismo era uma prática social, cultural e econômica disseminada nos vastos sertões. De acordo com Jurema Machado Paes<sup>88</sup>, que estuda o tropeirismo no Alto Sertão da Bahia, mas precisamente em Rio de Contas e Caetité, áreas limítrofes à Macaúbas diz que:

O tropeirismo possui diversas categorias, ou seja: a relacionada ao comércio de muares, a relacionada a produtos de exportação, e a ligada ao transportes de mercadorias de abastecimento interno (a policultura e a pecuária) que eram produzidas dentro da colônia para abastecer as regiões interioranas e as suas principais vilas e cidades (Paes, 2001, p.26).

As tropas assim tem uma relação direta como o tipo de economia e a região, nesse sentido era esse tipo de tropeirismo que era desenvolvido na Vila de Lagoa Clara, assim se fazia o transporte de vários produtos, como milho, feijão, farinha, por exemplo, atividade fundamental no abastecimento.

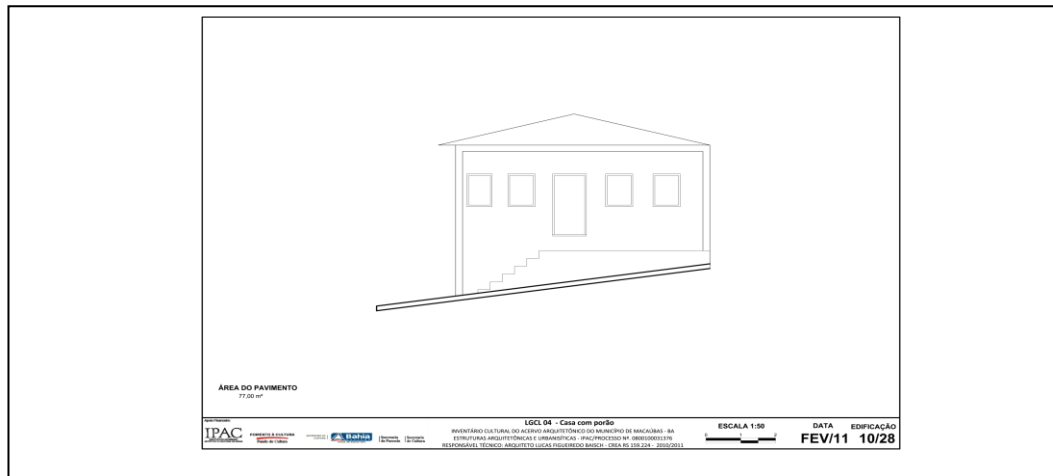
#### ANÁLISE E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

A residência de Sebastião Cardoso está implantada em declive numa esquina da Praça da Igreja de Santana. Seu acesso é feito por uma escada de pedra aparente que faz a ligação entre os dois níveis da edificação, do porão ao piso da residência. O porão é um elemento colonial. Tanto a fachada frontal principal como lateral possui janelas e portas em madeira de verga reta, com cercaduras em madeira sem ornatos de influência colonial. O telhado em telha vã vê a estrutura de caibros e ripas com beiral em cachorrada, conferem um caráter vernáculo em sua execução. Suas paredes autoportantes em adobes revestidos com barro. A planta quadrada possui o padrão similar da região com algumas diferenças, geradas da imposição da topografia. A composição espacial inicia-se pela sala de visitas à frente ladeada por dormitórios, a ligação com a sala de jantar é feita com uma pequena escada de alvenaria de pedra, que corrige o desnível do terreno da Praça. Os pisos são de tijoleira de pedra, sendo que o piso da sala de jantar em assoalho em barrotes e paralelo ao porão.

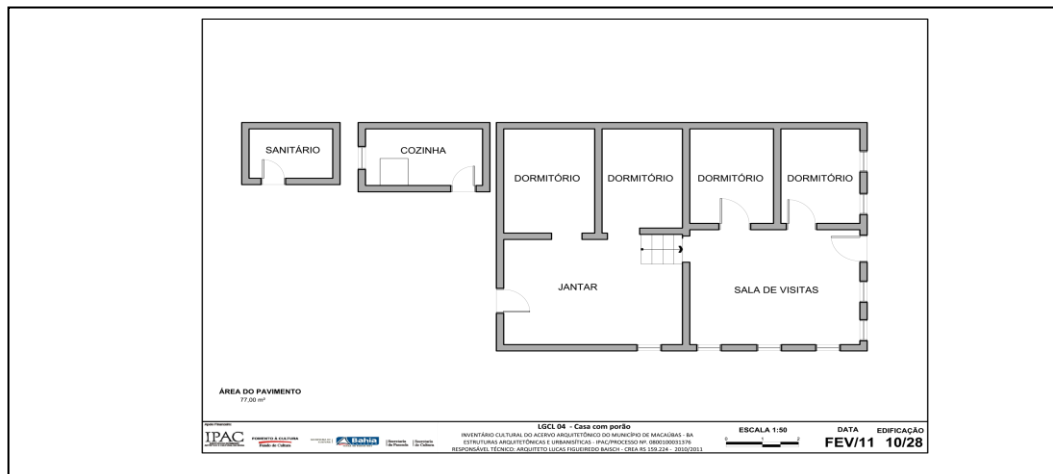
A cozinha e o banheiro são anexos de intervenção posterior.

<sup>88</sup> PAES, Jurema Mascarenhas. **Tropas e tropeiros na primeira metade do século XIX no alto sertão baiano**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

## DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

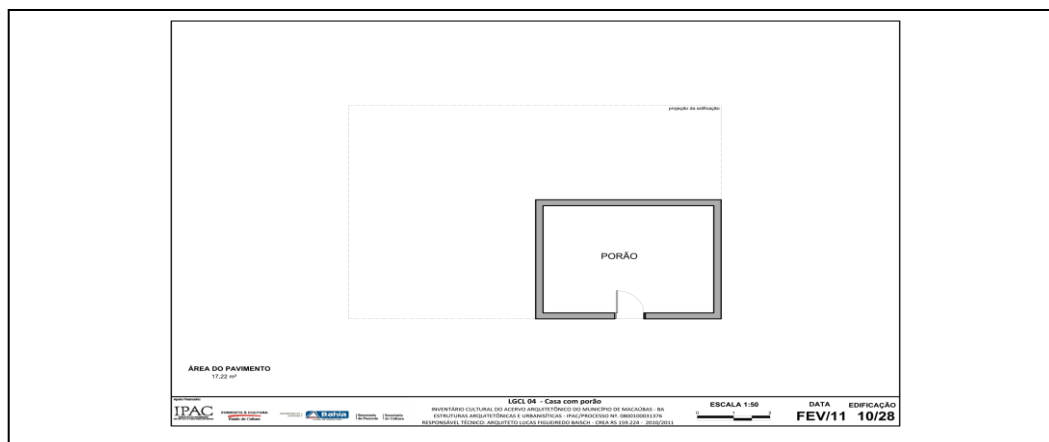


## DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA





## DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA



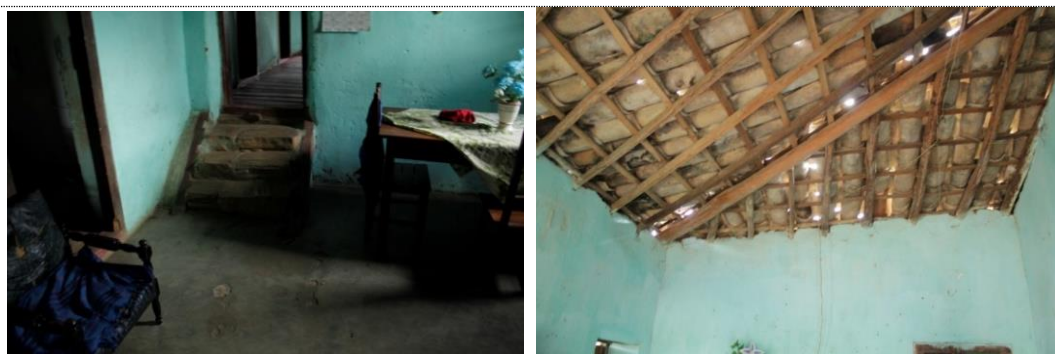
### FONTES:

Figura 1 – Desenho da fachada principal voltada para Praça Igreja Santana.  
Figura 2 – Planta baixa e programa de necessidades. Fonte: ICAAM, 2011.  
Figura 3 – Perspectiva do sótão. Fonte: ICAAM, 2011.

## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



#### FONTES:

Figura 1 - Fachada voltada para Praça da Igreja de Santana. Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 2 - Fachada lateral. Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 3 - Espaço doméstico. Fonte: ICAAM,

Figura 4 – Telhado. Fonte: ICAAM, 2011.

### Casa da Fazenda de Nicolau Tolentino Vaz

<b>CÓD. DA EDIFICAÇÃO</b>	SÍTIO BEBEDOURO - 015
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PROHIS <b>PROJETO:</b> ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E TRABALHAR EM MACAÚBAS – ALTO SERTÃO DA BAHIA – 1800-1950.	
<b>PESQUISA:</b> JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA <b>ORIENTAÇÃO:</b> EDER DONIZETI DA SILVA	
<b>LOCALIDADE</b>	Zona Rural – Sítio de Bebedouro
<b>DENOMINAÇÃO</b>	Casa da Fazenda de Nicolau Tolentino Vaz
<b>PROPRIETÁRIO</b>	Inácio Alves Bonfim
<b>ENDEREÇO</b>	Praça da Igreja de Santana
<b>USO ORIGINAL</b>	Residência
<b>USO ATUAL</b>	Residência
<b>USO POSSÍVEL</b>	Função Social



#### HISTÓRIA, HISTÓRIA ORAL, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL

A antiga casa da fazenda do sítio de Bebedouro foi construída em meados da segunda metade do século XIX, provavelmente entre as décadas de 1870-80, contexto das notícias da atividade política do seu antigo proprietário, Juiz de Macahubas, Nicolau Tolentino Vaz. Segundo o atual proprietário o Major Inácio Alves Bonfim, a fazenda serviu neste contexto histórico de abrigo aos refugiados políticos no contexto das revoltas entre conservadores e liberais na política macaubense, no conturbado período coronelista da vila, como nos relata o major ao descrever o cômodo da residência e seus respectivos usos históricos. Nicolau Vaz era então um liberal e juntamente com figuras políticas como o Cônego Firmino Soares, Manoel Lourenço Seixas e outros, fazia oposição ao conservador Capitão Porfírio Brandão, e compunha a conjuntura política à época. Nicolau era pacificador e a tal fazenda, assim como confirma o atual proprietário Major Inácio, era sua segunda residência. Quanto às atividades econômicas no passado, está associado à policultura de subsistência, aspecto comum no Alto Sertão baiano.

#### **ANÁLISE E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA**

O exemplar hora analisado é uma arquitetura colonial pelos seus aspectos do fazer, ou seja, os seus elementos compositivos representam um longa tradição de práticas empíricas da colonização e sua continuidade na região. Como já descrevemos em outros exemplares vemos em seu partido arquitetônico sua implantação ao rés do chão, possui planta retangular de circulação, apresentando a tradicional linha de cômodos entre sala de visitas à frente ladeada por dormitórios, circulação sem bloqueio, o seja, que liga a sala de jantar, ladeada por dormitórios e a seguir as áreas de serviço totalizando uma área de 166, 70m<sup>2</sup>.

Observa-se a técnica em adobe em seu sistema estrutural com paredes autoportantes de vedação, revestidas com barro com caiação. Sua cobertura aparente em duas águas vendo as telhas coloniais e o beiral em cachorrada numa trama de caibros e ripas de estilo asna sem pendural, conhecido popularmente como “cangalha de porco”<sup>89</sup> e enquadra-se nas técnicas tradicionais do período colonial, de acordo com a classificação de telhados de José Lapastina Filho (Lapastina, 2005, p.21).

As aberturas em verga de arco abatido nas portas e janelas com gradis de

<sup>89</sup> LAPASTINA FILHO, José. **Manual de Conservação de Telhados**. Brasília: IPHAN, 2005.

proteção nos cômodos da área de serviços sinalizam a busca de proteção em tempos onde as distâncias são longas. Essas casas estavam isoladas e assim aspirava cuidados, pois os possíveis intrusos era um perigo iminente, durante os períodos das agitações políticas. Seus elementos são reproduções locais que a caracteriza como tipologia colonial. O exemplar guarda sua originalidade, pois se encontra em bom estado de conservação. Assinalam-se algumas intervenções com a inserção de um anexo para um galpão agrícola, a aplicação da calha, principalmente.

## ANÁLISE ARQUITETÔNICA

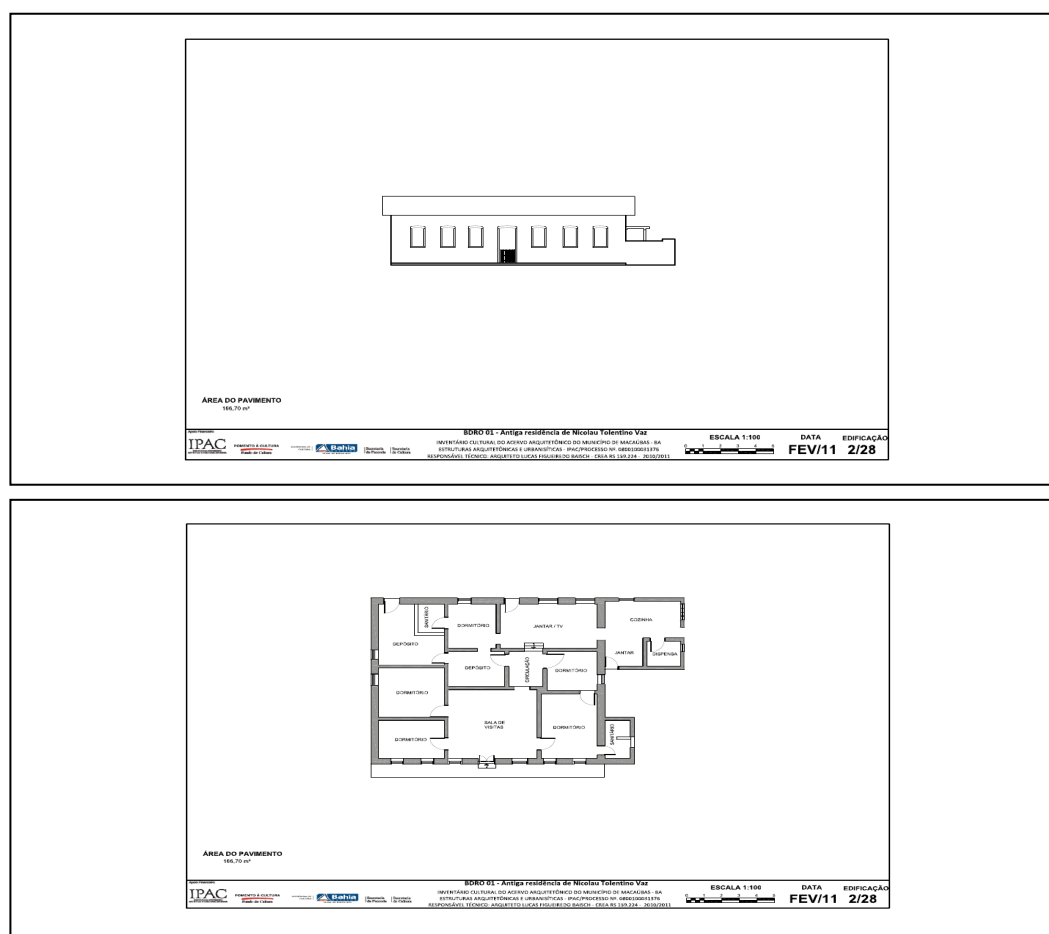


Figura 1 – Principal. Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 2 – Planta e programa de necessidades. ICAAM, 2011.

## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



#### **FONTES:**

Figura 1 – Vista da propriedade. Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 2 – Vãos em verga arqueada. Fonte: ICAAM, 2011.

Figura 3 – Mobiliário doméstico. Fonte: ICAAM, 2011.

### **Residência de Durval Barbosa de Oliveira**

<b>CÓD. DA EDIFICAÇÃO</b>	CANTO - 016
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PROHIS <b>PROJETO:</b> ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E TRABALHAR EM MACAÚBAS – ALTO SERTÃO DA BAHIA – 1800-1950.	
<b>PESQUISA:</b> JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA <b>ORIENTAÇÃO:</b> EDER DONIZETI DA SILVA	
<b>LOCALIDADE</b>	Zona Rural – Povoado de Canto
<b>DENOMINAÇÃO</b>	Residência de Durval Barbosa
<b>PROPRIETÁRIO</b>	Durval Barbosa
<b>ENDEREÇO</b>	Estrada Canto-Canatiba
<b>USO ORIGINAL</b>	Residência
<b>USO ATUAL</b>	Residência
<b>USO POSSÍVEL</b>	Função Social

**HISTÓRIA, HISTÓRIA ORAL, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL**

A residência do Sr. Durval Barbosa de Oliveira, agricultor, foi construída por ele mesmo com ajuda de serventes-amigos em 1951. A área do terreno pertenceu ao então fazendeiro José Joaquim Azevedo. Apesar de o histórico ser relativamente novo, em relação às construções mais antigas do município, observa-se a continuidade nas formas de construir, práticas e elementos das construções tradicionais que se enraizaram na região e marca a data limite desta pesquisa. É uma casa de função mista, que representa os aspectos culturais do cotidiano do saber fazer das habitações, dos usos da moradia e do trabalho, como podemos ver os depósitos e o estabelecimento da casa de farinha, constitui-se assim um conjunto de relações entre o morar e trabalhar no âmbito da casa. É um exemplar típico de casas rurais no município com essas funções.

Um rico patrimônio móvel e os anexos da casa de farinha e depósito sinalizam para essas relações entre morar e trabalhar e que são típicas dos modos de viver e trabalhar nos sertões do nordeste e em Macaúbas. No patrimônio imaterial destacamos os modos de fazer farinha de mandioca. Esse alimento historicamente compõe a base da alimentação no Brasil, de uso popular e generalizado nos sertões do Brasil. Em Macaúbas as casas de farinha funcionam de forma integrada e no âmbito da casa, a base do trabalho é familiar. Trata-se de um alimento que abastece as casas nas duas estações principais do ano na região, a do período das águas e durante a estiagem que ali é prolongada e impõe a guarda desse gênero entre outros como forma de sobrevivência.

Feijão, milho, farinha de mandioca, entre outros gêneros são assim armazenados nos quartos/dormitórios ou especificamente em depósitos, porões e sótãos. São produtos importantes de comercialização e abastecimento interno, no passado compunha o plano e desde as estratégias no conjunto das economias coloniais. Como agricultor, o senhor Durval representa os plantadores de feijão catador, que é plantado, colhido e armazenado no depósito daquela edificação para consumo e venda. Já o patrimônio móvel, algumas ferramentas como os tachos de cobre utilizados no engenho de cana-de-açúcar, uma plantadeira de feijão, na casa de farinha anexa ao lado, podemos contemplar peneiras, potes, formas de rapadura e todo um aparato que compõe o espaço doméstico como bens integrados e reveladores dos hábitos de morar e das demandas pelo trabalho tão típicas no nordeste brasileiro.

Calendários e fotografias marcam o cenário doméstico, as lembranças da família, os registros de momentos vividos, como podemos ver o bolo de aniversário

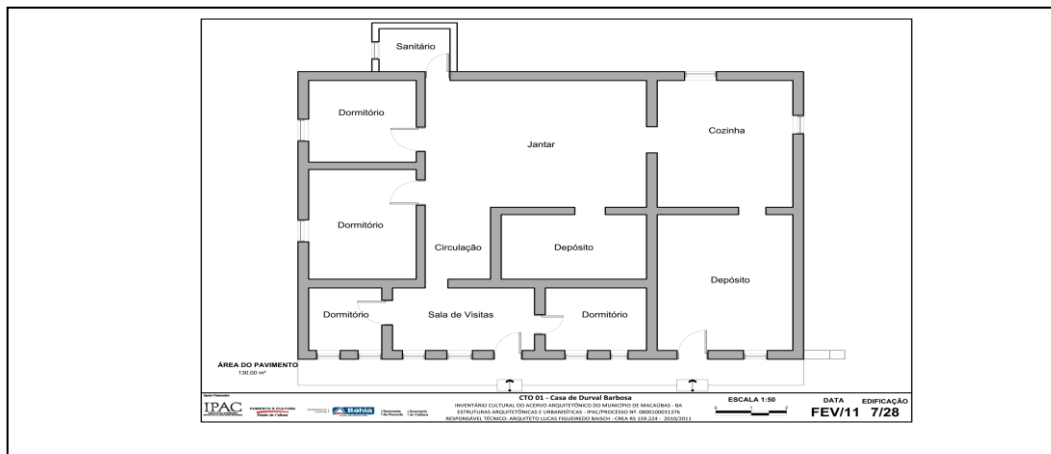
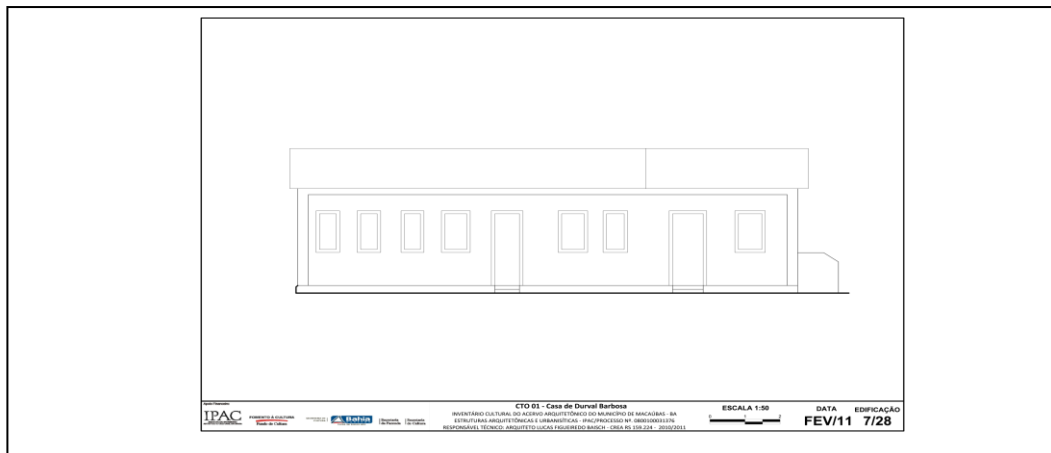
## ANÁLISE E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

A casa de Durval é um exemplar de arquitetura neocolonial. A planta retangular de circulação apresenta o clássico programa de necessidades, sua implantação ao nível do chão recuada da estrada, o beiral em bica e as vergas retas, como elementos típicos que remontam as tradições coloniais e já replicadas muito tardiamente na região. Não possui delimitação de lote, ou seja, não há marcação por cercas, mas implantada em terreno disforme.

A técnica construtiva é mista, predominando o adobe, as alvenarias de tijolos, sendo observado também na amarração das paredes resquícios da técnica do pau a pique. A caiação deixa visíveis as saliências nas paredes. A fachada é simples guarnecida por janelas e portas de uma e duas folhas em verga reta conhecidas na região como “tampos”. A porta central é encimada por uma cartela, um elemento decorativo que nos remete ao neoclassicismo e nos exemplares ecléticos popularizados no século XIX. Para os especialistas o hábito de colocar essa cartela na fachada é em geral uma prática para designar a data da construção ou o nome da família, sendo mais comum em construções urbanas, no entanto esse costume é antigo e remonta as portadas das igrejas setecentistas.

O telhado da casa de Durval compõe o beiral do tipo cachorrada ou bica, com a estrutura de caibros e ripas de asna sem pendural e tem a estrutura aparente em toda a casa evidenciando as telhas coloniais. Observamos que a argamassa em cimento vem substituindo o barro nas reformas, sua incompatibilidade físico-química e densidade provocam uma sobrecarga e perdas de seção no reboco.

## ANÁLISE ARQUITETÔNICA



### FONTES:

Figura 1 – Fachada  
Figura 2 – Programa de necessidades.  
Fonte ICAAM, 2011



## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



### FONTES:

- Figura 1 – Vista da propriedade.  
Figura 2 – Sistema construtivo.  
Figura 3 – Telhado em telha vã.  
Figura 4 – Quadro com fotografia de memória da família.  
Figura 5 – Utensílios domésticos na dispensa.  
Figura 6 – Lembranças da família.  
Fonte: ICAAM, 2011.

## Residência de José Cândido Domingues

**CÓD. DA  
EDIFICAÇÃO**

BREJO CAPITÃO - 017


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PROHIS

**PROJETO:** ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E TRABALHAR EM  
MACAÚBAS – ALTO SERTÃO DA BAHIA – 1800-1950.

**PESQUISA:** JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA

**ORIENTAÇÃO:** EDER DONIZETI DA SILVA

<b>LOCALIDADE</b>	Zona Rural – Povoado de Brejo Capitão	
<b>DENOMINAÇÃO</b>	Residência José Cândido Domingues	
<b>PROPRIETÁRIO</b>	José Cândido Domingues	
<b>ENDEREÇO</b>	Próximo a estrada do antigo telegrafo	
<b>USO ORIGINAL</b>	Residência	
<b>USO ATUAL</b>	Residência	
<b>USO POSSÍVEL</b>	Função Social	

### HISTÓRIA, HISTÓRIA ORAL, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL

A casa do Sr. José Cândido Domingues, um agricultor, está localizada na povoação de Brejo do Capitão Porfírio, numa encruzilhada com a antiga estrada do telégrafo. Construída por ele mesmo com ajuda de serventes-amigos em 1954, com materiais da própria redondeza, segundo ele forquilhas e caibros de peroba e pau D'arco bem como a fabricação dos adobes. No momento da construção, uma cerca de pedra foi soterrada, conta que quando jovem ouviu dizer acerca de um pote de ossos humanos encontrado no fundo da casa do Sr. Luiz Batista Brandão. A residência fica próxima às ruínas da antiga fazenda do Capitão Porfírio.

O simbolismo da casa se expressa pelos seus valores. Primeiramente a casa foi construída a partir de uma emergência de moradia e, sobretudo às vésperas do seu casamento com a senhora Maria Roque Domingues, em regime de mutirão, representando um sistema social de cooperação, ajuda mútua, amizade e solidariedade. Muito embora seja uma edificação nova, ela é coesa com a tradição local e representa a continuidade de práticas empíricas, semelhantes à Fazenda Batalha no município de Bom Jesus da Lapa. Conforme a sua concepção espacial ver os diferentes usos, sobretudo o morar e trabalhar. Logo na fachada vê-se a marcação de duas portas a principal central e a esquerda a porta que dá acesso ao depósito/paiol para estocagem de grãos.

Da leitura da documentação fotográfica, chama atenção os cabides nas paredes, como o que está disposto na parede do quarto, onde se apoia o clássico embornal. A cadeira com encosto e a porta da sala de jantar encimada por imagens que remetem a espiritualidade, a moralidade da família, o espelho, outra leitura do cabide e

sua utilidade, sendo envolvido por uma toalha de rosto. Na sala de jantar vendo a cadeira e a porta em dois “tampos” folhas que dá para o quintal. Na cozinha o clássico fogão à lenha, panelas, vendo a cuia feita da cabaça, espécie de vasilha que serve para medir os alimentos como feijão, arroz, farinha. Variante da cuia é cumbuca feita também de cabaça com dimensões maiores para guardar coisas na cozinha, vê-se ainda a clássica cadeira com assento em couro, o guarda-louça que passou a substituir as prateleiras/ armários da dispensa.

No quarto pode observar a mala sobre o banco, como uma forma de disposição, arrumação, o hábito do uso de mobiliário antigo no espaço da vida íntima e doméstica, a peça que trava, fecha a janela, chamada de tramela. É um objeto da cultura material, representa a inventividade do povo sertanejo em áreas rurais do sertão, então afastadas do comércio e do contato com produtos industriais, como as ferragens.

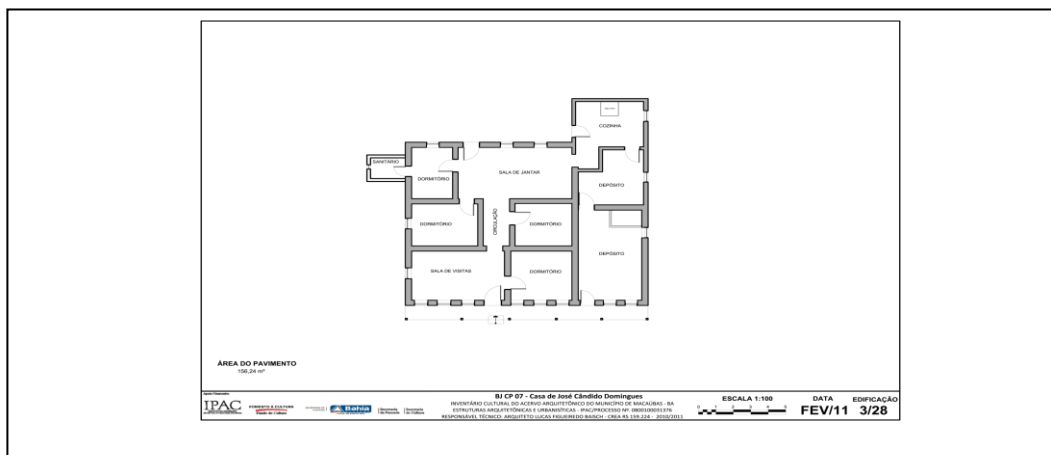
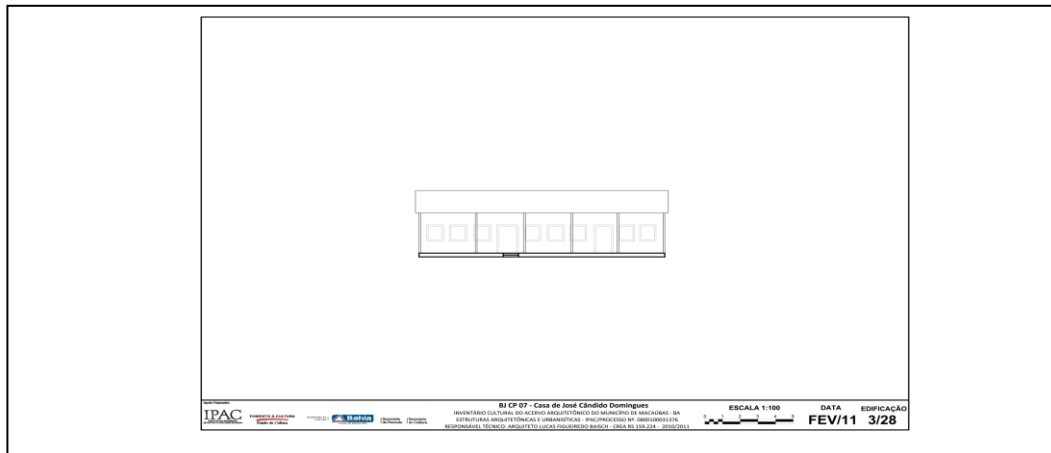
Exemplar da arquitetura rural macaúbense também conhecida como casa de sítio. Sua tipologia apresenta elementos de composição com referenciais coloniais, no entanto pelo período em que foi construída e diante do seu caráter de produção ela se apresenta como uma edificação vernácula, sendo um exemplar simples, sem muito tratamento, representa a arte, os modos de fazer, com um partido que resulta também de hábitos e valores locais.

Está implantada ao nível do chão em pavimento único, recuada da beira da estrada, sendo possível vê-la desde a cerca e a porteira da propriedade. Sua concepção apresenta técnicas tradicionais e costumes. A planta retangular, e como já observou Paulo Azevedo:

a casa sertaneja apresenta uma planta mais larga que profunda, que se caracteriza pela presença de três faixas de uso, perfeitamente definidas. Na frente, debruçando-se sobre a rua, estão os salões sociais. No meio, situa-se as alcovas, frequentemente superpostas por um sótão, utilizado como depósito, que aproveita o desvão maior do telhado. Finalmente, abrindo-se para o pátio ou quintal, estão os salões de interação familiar: o jantar, a sala, a sala de costuras, etc. Por certo esta casa também apresenta uma circulação central, porém curta (Ipac-Ba, 1980, p.20-21).

A cobertura em duas águas, vendo a varanda ocupar toda a extensão da fachada. Apresenta a sequência do programa tradicional da colonização similar ao recôncavo, ou seja, um corredor central, porém curto que conduz o visitante desde a porta principal da sala de visitas até a sala de jantar, e também aos quartos pelas laterais. O sistema construtivo em adobe não foge as características dos outros exemplares analisados. A fundação em cantaria, o reboco de barro aplicado às paredes em toda a casa. A fachada simples sem ornamentação possui janelas e portas, com as aberturas em verga reta. Observa na porta do corpo principal da casa a divisão horizontal do tampo, o que serve segundo os moradores para barrar a passagem de animais e proteger o morador quando debruça sobre ela. O piso de tijolinho de barro, telhado de asna sem pendural de caibros e ripas com estrutura aparente em toda a casa, ou seja, não há o forro, vendo as telhas coloniais de barro, o beiral em bica, e como já assinalado são elementos da colonização. A disposição clássica do banco de quatro pernas para o devaneio. A vegetação incorporada a casa como a cerca viva ou paliçada, conferem conforto ambiental, nos sertões de clima tropical e seco.

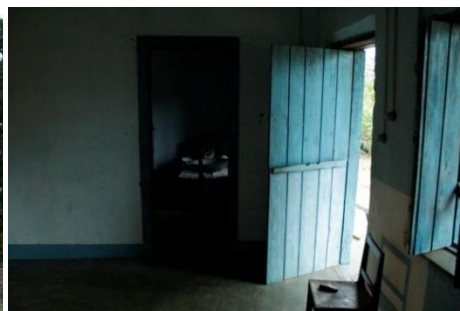
## ANÁLISE ARQUITETÔNICA



### FONTES:

Figura 1 – Fachada  
Figura 2 – Programa de necessidades.  
Fonte ICAAM, 2011

## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



### FONTES:

Figura 1 – Vista da propriedade, destaque para varanda.

Figura 2 – Vãos de entrada

Figura 3 – Cozinha

Figura 4 – Mobília Doméstica

Figura 5 – Vendo na parede o cabide.


Figura 6 – Mobílias domésticas.

Fonte: ICAAM, 2011.



## Casa da fazenda de Pedro José de Sousa

<b>CÓD. DA EDIFICAÇÃO</b>	ALGODÕES - 018
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PROHIS <b>PROJETO:</b> ARQUITETURA E SOCIEDADE: CONSTRUIR, MORAR E TRABALHAR EM MACAÚBAS – ALTO SERTÃO DA BAHIA – 1800-1950.	
<b>PESQUISA:</b> JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA <b>ORIENTAÇÃO:</b> EDER DONIZETI DA SILVA	
<b>LOCALIDADE</b>	Zona Rural – Povoado de Algodões
<b>DENOMINAÇÃO</b>	Antiga Residência de Pedro José de Sousa
<b>PROPRIETÁRIO</b>	Família Borges de Figueiredo
<b>ENDEREÇO</b>	Próximo Serra do Olho d'água
<b>USO ORIGINAL</b>	Casa de fazenda
<b>USO ATUAL</b>	Casa de fazenda
<b>USO POSSÍVEL</b>	Função Social



### HISTÓRIA, HISTÓRIA ORAL, PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL

O abastado fazendeiro e Coronel da Guarda Nacional, Pedro José de Souza, nasceu em 03 de agosto de 1844 e faleceu em 29 de maio de 1934 em sua fazenda na povoação de Algodões. Era casado com Beatriz da Circuncisão Souza, falecida em 26 de maio de 1928. Tiveram dois filhos: Reginaldo Ottoni de Souza, nascido em 13 de agosto de 1872 e falecido em 23 de julho de 1929 e Argentina de Souza Borges, nasceu em 23 de outubro de 1894 e faleceu em 08 de junho de 1996, e era casada com Francisco Borges de Figueiredo Filho<sup>90</sup> da primogenitura do abastado Coronel Francisco Borges. O antigo sobrado do largo da Matriz da Conceição foi adquirido por este em meados do século XIX. O casarão da fazenda Algodões, provavelmente foi construído a partir do terceiro quartel do século XIX.

<sup>90</sup> Dados extraídos da lápide inserida no mausoléu da família, na Capela do Senhor do Bonfim. Essa capela foi construída por Pedro de Sousa em 1906 como ex-votos, após ser atacado em uma emboscada.

## ANÁLISE E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

A casa da fazenda Algodões é uma arquitetura com traços coloniais, porém a reprodução de seus elementos, assim como na casa de José Candido Domingues, ao fazer uso de materiais locais, seu modo de fazer aponta para o seu caráter vernáculo, produto da arte, da invenção, recriações e adaptações locais e hábitos culturais locais, por isso a consideramos uma arquitetura vernácula. A Casa da fazenda está implantada ao rés do chão em extenso terreno próximo a Serra do Olho D'Água e no entorno da lagoa de Salinas. A topografia é ligeiramente plana, onde não houve muito esforço e emprego de técnicas de rebatimento, possuindo boa visibilidade. A calçada corrige o desnível e alinha o acesso de entrada.

A planta retangular de circulação retangular, seu programa funcional é complexo, vendo o clássico esquema sala de visitas-corredor-sala de jantar, a antiga capela em paralelo da sala de visitas, como salão social, os depósitos e pátios de serviços com varanda. Provavelmente as dependências dos depósitos aos fundos no passado foram utilizadas como quarto para os trabalhadores. O sistema estrutural em paredes autoportantes em adobe e aplicação de taipas, com vedação em argamassa de barro. Telhado de duas águas com terminação do beiral em cachorrada. A fachada simples, ver o nicho acima da porta principal que homenageia São Pedro. As aberturas são em vergas de arco abatido, nas da sala de jantar são guarnecidas por barras em madeira quadrada dispostas de modo diagonal, conferindo proteção. Esse elemento foi catalogado na casa da fazenda de Nicolau Tolentino Vaz. O piso tabuado em madeira sobre barroteamento é visto na área do depósito ou silo, ademais prevalece o piso de tijolinho em barro.

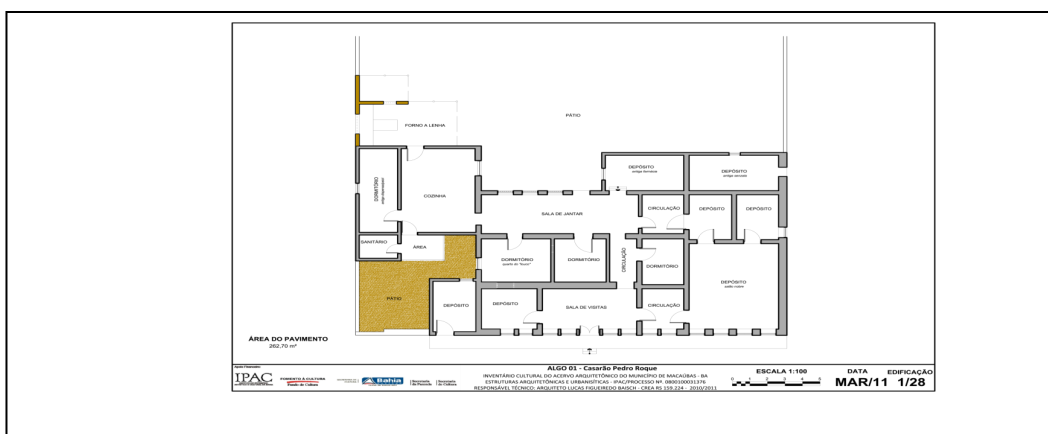
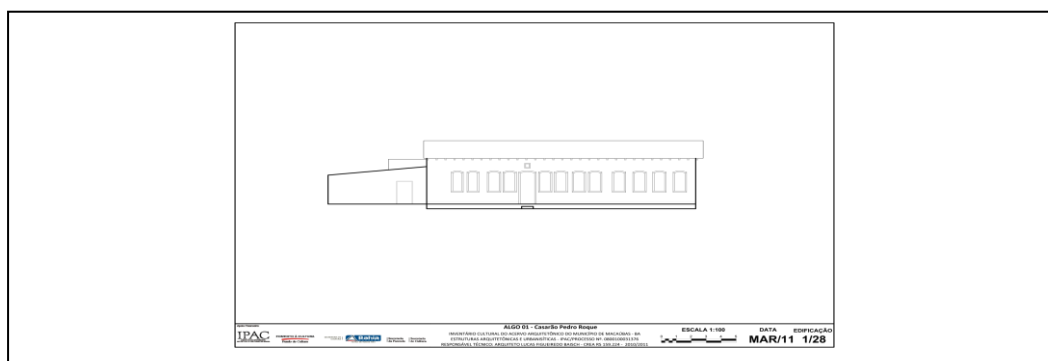
Ambas as edificações da Casa da Fazenda de Nicolau e Pedro Sousa assemelha-se com a Casa da Fazenda Santo Antônio no município de Igaporã e tantas outras no Alto Sertão baiano. Configura-se como um exemplar importante no século XIX, do povoamento da região, bem como de suas atividades comerciais no abastecimento de gêneros. Conforme os relatos dos senhores José Baiano da Boa Vista, Mariano Pimenta, vizinho e o zelador José Ricardo de Oliveira. Na fazenda desenvolveram formas de trabalho com mão de obra compulsória vinda da comunidade quilombola vizinha de Preá, associadas à criação de gado, cavalos, plantios de cana de açúcar e processamento de seus derivados. Na época do coronel era toda guarnecida por cercaduras em madeiras ou paliçadas, conhecidas na região



como “lascas”. Outra curiosidade foi à plantação de 365 pés de coco em seu entorno, um para cada dia do ano. Há grampos e argolas espalhados pela construção ligados ao mundo rural. Serviu de moradia aos filhos e netos dos coronéis ao longo de gerações e atualmente é de propriedade da Família Borges Figueiredo. Não foi catalogado o mobiliário primitivo.

No geral encontra-se em regular estado de conservação, grave problema estrutural na amarração das paredes da sala de jantar, notam-se perdas de seção de reboco, péssimo estado das guarnições, infestação por cupins. No geral encontra-se com sua volumetria e programa estrutural original, a última reforma ocorreu no telhado nos anos de 1999 e 2001, feitos por Pedro Borges, sendo as intervenções visíveis o fechamento de uma porta na sala de jantar e de uma Janela na cozinha.

## DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA



### FONTES:

Figura 1 – Fachada  
Figura 2 – Programa de necessidades.  
Fonte ICAAM, 2011

## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



**FONTES:**

Figura 1 – Vista da propriedade.  
Figura 2 – Vãos em verga arqueada.  
Figura 3 – Vão da porta central encimada por um nicho.  
Figura 4 – Estocagem de grãos.  
Figura 5 – Circulação, vendo os cabides presos a parede.  
Figura 6 – Janela de gradil;  
Figura 7- Coronel Pedro José.  
Figura 8 – Sistema estrutural.  
Figura 9 – Piso de tabuado.  
Fonte: ICAAM, 2011.

### 3.3 – Arquitetura em Macaúbas: valores e práticas

A contemplação das experiências, valores e práticas em Macaúbas por meio das edificações analisadas e para uma relação construir-morar-trabalhar, ainda que são aqui apresentados em tópicos, ou seja, em dois momentos, trata-se de uma opção de estrutura no texto, e jamais não se aplica a uma intenção em fazer uma dicotomia de valores ao universo macaubense. Vimos em Bucaile, Pesez, Ulpiano Meneses, como os valores simbólicos da materialidade da cultura não se separam, mas sim é resultado do caráter subjetivo da ação humana que se projeta na diversidade, complexidade que forma a coletividade social. A análise de um bem material cultural, arquitetura, mobiliário, ferramentas, objetos a fins não permite ao pesquisador elaborar essas separações, diferenciações. Por isso optamos por contemplar alguns valores percebidos nas análises, e tais percepções estão longe de tocar o universo do que seriam os valores urbanos e rurais na região.

Percorrendo as ruas e praças da cidade de Macaúbas e suas povoações num ir e vir, ultrapassando barreiras para um domínio muitas vezes fechado, o da intimidade da vida doméstica e privada, desacelerando muitas vezes o trabalhador nos seus afazeres cotidianos dentro da casa e no entorno desta, abrindo cancelas (portas) em propriedades rurais, abrindo portas e janelas e a pedir constantemente licenças. A hospitalidade e a boa conversa às vezes e a parada para o cafezinho da tarde ou de manhã nos sertões, são fatos que se fazem presentes nos caminhos do pesquisador que se propõe a estudar casas. Os contatos sociais, entre as amizades, as conversas dos moradores, muitas vezes, se não a maioria são novos proprietários daquelas edificações e pouco sabem ou tem documentação dos antigos proprietários. O morador embarca nesta viagem cujo propósito é registrar o que eles fazem em seu cotidiano com muita naturalidade e de modo rotineiro. Quais os objetivos daquelas visitas e conversas?

A dispersão e o isolamento das casas em meio rural tem lá suas peculiaridades como vimos nas considerações de Reis Filho ao discutir as características da implantação e a evolução urbana no Brasil. Assim é possível avistá-las de longe, pois ali o progresso econômico ainda não penetrou como na área urbana, como vimos em suas dinâmicas econômicas. Os valores sociais, morais, religiosos, econômicos e políticos estão assim inseridos nos espaços domésticos das áreas urbanas e rurais, sendo construídos de modo dinâmico ao longo da história e a partir de múltiplas relações, como já observou Carlos Lemos, no estudo sobre as transformações do espaço habitacional no Brasil.

Assim, a partir da Independência de 1822, houve a primeira alteração substancial, no espaço domiciliar, que se definiu bem até os dias finais da Primeira Grande Guerra. Depois, vieram outros agentes transformadores, como o cinema, como os arquitetos modernos, mas isso já é outra história (Lemos, 199, p.11).

A continuidade de práticas empíricas de técnicas tradicionais pode ser observada em Macaúbas conforme as descrições acima, dos elementos característicos, as transformações dos partidos arquitetônicos. As tipologias de ambientes construídos é também a atmosfera do espaço doméstico multifacetado de imagens fotográficas de família, banco e cadeiras, utensílios domésticos, suas disposições como nas cozinhas, as ferramentas, que indicam hábitos e formas de relacionar como o espaço, como as escadas autônomas.

Segundo o Manual de Conservação preventiva “as escadas são elementos arquitetônicos que permitem a circulação vertical entre dois ou mais pisos situados em diferentes níveis” (Lapastina, 2001, p.223). De acordo com o manual são classificadas por material forma e posição na edificação. As escadas são utilizadas em partes internas e externas, também são apropriadas para corrigir alturas e desníveis, facilitando o acesso. O uso da escada para além deste descrito tem um modo peculiar nos sertões da Bahia e em Macaúbas, as escadas autônomas servem para acessar o sótão, fazer reparos em telhados e uma infinidade de usos domésticos, remetendo ao trabalho cotidiano. É uma ferramenta, bem material da cultura presente no espaço doméstico macaubense. Quanto aos materiais mais comuns em Macaúbas são: a madeira e cantaria a decoração quanto existente é simples e foram documentadas casas urbanas e rurais. Quanto à forma, foram observadas as de linha reta e sua presença foi detectada tanto internamente quanto em acessos externos e sua proteção se resume ao corrimão.

### 3.3.1– Valores no espaço urbano

O exercício de pensar o espaço em sua natureza holística e como poesia e numa perspectiva fenomenológica, em “A poética do Espaço” proposto pelo filósofo francês Gaston Bachelard em suas contemplações sobre a natureza e a vida humana nos propõe a elaborar uma dialética dos “os cantos” e numa inter-relação entre o interior e exterior, dentre outros aspectos. Suas analogias elevadas a uma dimensão do pensamento sobre a imagem e a simbologia do ‘espaço’, nos remete também a um pensamento sobre o espaço arquitetônico, sobre o espaço doméstico da casa, e logo adentrar em discussão sobre as relações como a apropriação de um determinado lugar para morar e trabalhar. O trabalho epistemológico da filosofia fenomenológica de Gaston, da poesia e permeado por contemplações da holística da vida, é digno de originalidade, uma obra que apresenta para nós maneiras de pensar o espaço.

O valor simbólico da moringa, da mesa e dos bancos de quatro pernas são assim imagens e “impressões da intimidade” (Bachelard, 1974, p.443). A moringa como bem da cultura material no espaço doméstico das casas em Macaúbas e como descrito acima, com hábito e valores simbólicos do comportamento, das necessidades diárias, da estética de composição dos cantos da casa, o cuidado com a disposição do mobiliário num dado canto nos transmite assim vários significados.

Mas também é necessário pensar o patrimônio imaterial, como o cortadinho de Maxixe, um fruto tipicamente utilizado na culinária local tem em seu modo de preparo muitas peculiaridades. Em Macaúbas vemos as bacias de maxixe sobre as pernas. Comum no cotidiano do espaço doméstico, para serem raspados em sua superfície retirando-lhe as saliências, tipos de espinhos. O maxixe em Macaúbas é cortado bem pequenininho utilizando uma faca e com apoio das mãos, quando lavado retira-se às numerosas sementes, as quais são descartadas, o maxixe é consumido principalmente em refogados e ensopados e é hábito acrescentar minúsculos pedacinhos de carne seca do sertão. O modo de preparo do maxixe assim requer paciência e muita delicadeza.

Na cidade a nossa casa tradicional representa apenas ainda alguns “*pontos de luz*” dessa história de resistência do homem, da cultura popular do construir ao longo do tempo e que tem correspondência com as manifestações do meio rural, nas técnicas de construção, mobiliário e ferramentas. O progresso na cidade, os caprichos e deleites

das novas classes sociais, impulsionadas pelos seus novos valores, impactou a casa do “barro armado”, ela encontra-se cada vez mais acuada, apertada, espremida, engolida e suplantadas pelos sobrados e edificações da arquitetura do contexto atual e mesmo as novas residências com nova implantação, cujos sistemas e materiais construtivos imprimem novas concepções de vida que destoam do passado.

Vimos como a velha casa do Padre Firmino, localizada na Praça da Matriz, é hoje uma estrutura de poder econômico e status social transformada pelo seu sobrinho, Vital Soares, a representação do progresso técnico e científico na cidade, pois em sua leitura, vê uma série de elementos historicistas arquitetônicos. A torre como espaço de confraria, de posição privilegiada, é uma demonstração de poder, ainda que nas imagens os andaimes na década de 1970 mostrem a inventividade em reformar, a prática daquele contexto em nada lembra uma prática nos dias atuais de restauro arquitetônico. Os valores da prática e do uso desta edificação estão na memória dos macaubenses que lá estudaram, da família do Padre Firmino que lá habitou e que não podemos descrever, entender essas minúcias, a velha casa do padre virou um espaço cultural, um ambiente para celebrar as memórias e a cultura dos macaubenses.

Originada de um sonho não concluído, a residência reformada pelo Padre Hermelino tinha o intuito de impressionar o arcebispo que viria a cidade, sonhava-se que ali fosse uma das sedes das paróquias nos sertões. A ambição, o poder econômico, a influência e dominação política, sendo comparado a um Coronel-padre, a exemplo do Padre Cícero, não foi o bastante para tal feito, suas condecorações eclesiásticas com a de Monsenhor e Cônego demonstram essa sua influência e carisma, mas porque não conseguiu impressionar o arcebispo? Os desígnios daquela edificação em sua história é mesmo o de ser um espaço de utilidade pública e social, mas não de natureza religiosa.

Conta-se que ali serviu como o Fórum e a Câmara da cidade, o painel de pinturas que representava o Rio São Francisco fora raspado. Como espaço de justiça talvez não fosse demolido na cidade. Hoje é um espaço para sonharmos com a história, a cultura e a memória do povo de Macaúbas, pois em 1988 passou a integrar o patrimônio cultural da Fundação Mota, sendo ali criado o Museu Regional de Macaúbas, uma raridade nos sertões da Bahia na época, neste espaço passou-se a reunir mobiliário de algumas residências antigas, peças arqueológicas, importante coleção de pinturas em arte naif, que remetem a cultura popular de Macaúbas, como o boi

paramentado de bandeiras que se desfilava pelas ruas da cidade. Sua última aquisição importante é um piano alemão, Fritz Dobbert doado pela família Dantas através do renomado músico sergipano Carlos Dantas. Sonha-se ali com o ensino e a prática da música erudita para aquele sertão.

A velha casa construída pelo Capitão Porfírio Brandão guarda uma triste memória para os macaubenses, a memória de uma história política pela disputa de poder na cidade, na década de 1870. Naquela época a cidade de Macaúbas, inserida nos longínquos e vastos sertões, longe das autoridades provinciais era habitada por famílias simples das camadas populares rurais e também por meia dúzia de famílias aristocráticas e eclesiásticas que ascenderam no poder com os negócios da mineração nas lavras diamantinas a posse e negócios da terra na cidade. A posse ilegal de terra muitas vezes como mostrou Dorath Sodré é fruto do mandonismo, dos desmandos e desmandos, as intransigências dessas famílias plutocráticas como as famílias, Leão, Borges, Figueiredo, Brandão. Se no passado a velha casa do capitão fora manchada de sangue e alvejada de tiros nos dias em que se seguiram os conflitos na Vila de Macaúbas, suas sucessões de moradores contribuíram para plasmar naquele espaço novos valores, novas práticas seja aquelas que transformavam a velha casa térrea numa arquitetura eclética, despojada, com símbolo de novos tempos. Mas, antes do professor Mota residir com sua família, ainda no início do século XX foi habitada por um negociador apelidado de Zeca Tiano e depois por um coletor de impostos que se mudou para a cidade.

A atual Fundação Cultural Professor Mota era a Casa do Professor José Batista da Mota, seu filho a organizou em sua homenagem, também ao adquirir não deixou ser demolida por uma agência de viagens na década de 1970. A casa na época do professor Mota inicia novas transformações espaciais arquitetônicas e sociais, modificada por outras práticas, outros valores, o valor da educação que ali se irradiava, como espaço de aprendizado e também de negócios como a Fábrica de pisos de Ladrilhos Hidráulicos da sua esposa Aída Mota que abastecia o mercado e essa demanda interna dos macaubenses em substituir os incômodos pisos de tijoleiras. Segundo Carlos Lemos<sup>91</sup> em seus estudos sobre “A casa Brasileira” diz que “o ato de morar é componente da manifestação de caráter cultural” (Lemos, 1989, p11).

---

<sup>91</sup>LEMOS, Carlos A. C. **A casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989.

A Fundação atual é um espaço simbólico na cidade, com uma arquitetura eclética com elementos classicistas, é um espaço de cultura e educação, com biblioteca e sala de leitura nos antigos quartos da residência, o arquivo na sala de visitas, a sala de reuniões que outrora era a sala de jantar, esses espaços visam valorizar a cultural de Macaúbas e contribuir com seu processo educacional.

Qual a mão de obra utilizada na primeira metade do século XX pelo Capitão Isidoro Machado de Figueiredo quando ali na Rua Direita projetou aquela arquitetura? Era sua residência, conforme descrevemos suas características, naquele momento é uma representação do poder econômico do proprietário e também, o status, como forma de projetar seus valores morais e econômicos para a sociedade, o frontão neoclássico conforme Koch é uma rememoração dos templos clássicos da Grécia, bem como as pilastras e a cartela na fachada. Sua implantação e características arquitetônicas faz com que destoe na vizinhança, agora o morador podia entrar pelos lados da casa e não por uma porta única. Mas as casas terras da vizinhança não necessariamente são das residências de camadas populares. A arquitetura prevalente em Macaúbas é a casa térrea, por uma série de motivos que como se viu está relacionado à disponibilidade de mão de obra, materiais e os objetivos do proprietário. A arquitetura é uma expressão da realidade social, econômica e de valores morais conforme o seu caráter utilitário em diferentes períodos da cidade, como residência ali projetam hábitos da moradia cotidiana, vendo em sua espacialização à sala de visitas, os quartos, a sala de jantar e o pátio que dá par Rua 15 de novembro.

Ali funcionou a antiga coletoria federal e depois passou funcionar a Creche de Dona Petrina, a antiga residência continuou com a mesma espacialização, mas agora, as transformações naquele espaço habitacional, tinha um objetivo, o de assistência social as famílias de Macaúbas que necessitavam de deixar seus filhos ali para trabalhar, representando assim as mudanças sociais, comportamentais em Macaúbas como a demanda das mães em trabalhar. Portanto ali passou ser um novo espaço, os brinquedos e brincadeiras, as gangorras e balanços de pneus no pátio e amarados a mangueira, as mesinhas de ler e escrever em madeira e as refeições construía memórias para uma história da assistência social e do cotidiano social em Macaúbas. Essas práticas evoluíram e anos mais tarde criou-se a Fundação Assistencial de Macaúbas – FAMAC. A partir do novo projeto social, construção e transferência daquelas atividades para sua nova sede, a casa entrou em desuso, nem moradia e nem o trabalho.



Em 1959 o professor Zacarias do Amaral adquiriu um dos endereços mais antigos da cidade, a velha casa da esquina da Praça da Matriz que fora nos tempos de outrora residência do professor Silvestre Fernandes, e de Francisco Borges de Figueiredo. Nos tempos do Capitão Porfírio e dos Borges a casa esteve exposta ao tiroteio ocorrido na luta entre os conservadores e liberais na vila. Conta-se que com a assinatura da Lei áurea uma escrava teria pulado uma de suas janelas ou porta, momento de euforia na vila e o cortejo que rumava para a serra do cruzeiro. A descrição de compra de 1959 aponta suas características e corrobora para os relatos de sua produção, ou seja, com os materiais das imediações da Praça da Matriz. Os valores e práticas daquela arquitetura nos reportam ao mundo colonial, mas que ali foram adaptadas com o jeito local em escolher as madeiras disponíveis, em fabricar e aparelhar os adobes, a composição da massa e adobes, como podemos ver *in louco*, é um caráter vernáculo da cultura local dos saberes e fazeres em Macaúbas.

Segundo Lemos não podemos afirmar que nossas casas são idênticas as de Portugal, obedecendo, portanto aos princípios e conceitos gerais na arquitetura e muito atrelado ao regional que possui um clima, solo e materiais próprios, assim o resultado plástico da edificação é peculiar, ou seja, vernácula, feita com escassez de ferramentas. Nesse sentido as influências lusitanas nas técnicas construtivas, ocupação e implantação em determinado espaço, volumetria e outros pormenores contribuem para que nossas casas sejam uma verossimilhança com as casas portuguesas (Lemos, 1989, p.14-15). Assim os valores como moradia e trabalho a caracteriza como uma típica casa vernácula de função mista no Alto Sertão da Bahia, como vimos em analogias com outras edificações de cidades vizinhas nos estudo de Paulo Ormindó, Odete Dourado a exemplo dos seus estudos na Casa da Praça em Caetité, arquitetura que lembra a casa do Prof. Zacarias do Amaral.

Os valores sociais da arquitetura em Macaúbas em meio urbano podem ser vistos na Casa da Filarmônica Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Ali percebemos como numa clássica casa térrea de feições coloniais mostra a inventividade local e as práticas empíricas em uma continuidade na cidade, o senhor Julião de Figueiredo nesse sentido detinha conhecimentos sobre os tipos de paus e barro para compor a estrutura e forma da casa em fins do século XIX, conforme as asserções sobre o caráter da arquitetura popular em Legem, Weimer e Cavalcanti ao trabalharem com os princípios da simplicidade e adaptabilidade. O objetivo inicial era ser uma escola, mais depois

ganhou outras funções de moradia, como cadeia pública, biblioteca até ser adaptada para ser a sede da Filarmônica. Quando se adentra no sala principal São Benedito, ver a referência a Imaculada Conceição, ver a disposição do mobiliário como as peças que apoiam os instrumentos musicais e as notas, as cadeiras, os objetos como fotografias, objetos subjetivos de memórias que contam a história musical em Macaúbas, um história de sonhos, trata-se de um espaço simbólico para produção e a valorização da arte na cidade.

Um modelo de casa de função mista ou casa-comércio, localizada no trecho com a Praça da Matriz, aquela arquitetura é um modelo que representa as diversas necessidades como morar e trabalhar num mesmo local, sua prática de construção apontam para a evolução dos edifícios da cidade, quando partidos tradicionais foram sendo transformados, remodelados, absorvendo as características de um determinado contexto como as diferentes influências historicistas da arquitetura que então estavam sendo propagadas das metrópoles para o interior. Estima-se que o contato de importantes proprietários/comerciantes em Macaúbas, com importantes cidades, as observações in loco, a leitura de revistas, ou jornais os tenham influenciado sobre diferentes formas, como também já observado o contanto de pedreiros e mestres de obras nas metrópoles do sul como São Paulo. Assim a espacialização e articulação entre os cômodos sejam para morar e trabalhar apontam para os valores e necessidades, a praticidade e a vida cotidiana, seja como bodega-mercearia. Naquele cotidiano foi observada uma prática cultural no espaço doméstico, a dona de casa que corta o maxixe que como já observamos é um bem da culinária local, vendo ali os hábitos cotidianos, como senta-se, a posição da bacia e na forma de limpar e cortar o maxixe.

No centro histórico de Macaúbas na Rua 15 de Novembro esquina com a Rua Rui Barbosa, edificou-se na cidade uma prática de arquitetura nova, no sentido em que seu apuro e tratamento técnico nas fachadas representam as transformações na cidade, quais seja o desenvolvimento da indústria e do comércio de artigos em tecidos, assim temos uma casa eclética, vendo o frontão e as fachadas despojadas. Como já observou Paulo Ormino, trabalhar e morar no mesmo lugar é uma questão que toca a moralidade, as praticidades. As relações morar e trabalhar imbricam-se pela percepção de ligação entre os cômodos e é uma extensão para a sociedade, as comunicações seja relativas a via privada e ao comércio, um prolongamento para a vida pública e é um traço cultural, muito característico na Chapada Diamantina.

Sobre o clássico balcão em madeira percebe uma linha divisória, um veículo entre o vendedor e o comprador, permeando não só assuntos de cunho e interesse comercial, o vender tecidos, mas também naturalmente trata-se de um espaço onde desenrola outras práticas e hábitos da vida cotidiana, os gestos, as saudações, a conversa descompromissada sobre acontecimentos na cidade, o que se fala ou que não se pode falar. É um espaço comercial onde palpita uma atmosfera da vida econômica, pois está a poucos metros da Praça da Feira, pois quem sai da Praça da Igreja e quer se direcionar a feira, obrigatoriamente passa por essa casa, conforme o mapa das edificações urbanas. O tratamento interno é percebido no forro horizontal, o piso em ladrilho hidráulico, as clássicas prateleiras de madeira onde estão dispostas as mercadorias, os tecidos para diferentes gostos e ocasiões e como já falado o balcão.

É um espaço acessado com mais frequência por alfaiates, costureiras dona de casa. Como já assinalamos o comércio de tecidos em Macaúbas visa atender ao mercado da costura e demanda das famílias que necessitam confeccionar as suas roupas, sobretudo em outros tempos onde a oferta de roupas prontas eram restritas e caras, portanto inacessíveis para muitas famílias. Comprar metros de pano para vestir toda a família, é uma prática cultural.

Em Macaúbas e em todo Alto Sertão baiano as casas desenvolvem algum tipo de atividade laboral para além daquelas relacionadas às tarefas da vida doméstica em família, por isso são expressões dos hábitos culturais projetados pelo seu morador de acordo suas convicções. Aloysio Joaquim do Nascimento conhecido na cidade como “lolô” era sem dúvida um sapateiro convicto do seu papel no ofício em que desempenha com reserva e muito empenho até dias antes de falecer. A maior prova disso é o seu contato na metrópole paulistana quando trabalhou por várias décadas no ramo calçadista. Quando ele retorna em Macaúbas na década de 1950 o objetivo desde então era trabalhar com a fabricação artesanal de sapatos e sandálias em couro, então muito apreciadas pelos nordestinos e desde um tempo onde se comprar calçado industrializado e que “vem de fora” como dizem, ainda era limitado às muitas famílias. Mas também passou a consertar os sapatos industrializados de todas as classes sociais na cidade, desde o sapato do rico e também do pobre.

Adaptou a casa de adobe e pau a pique que herdou dos avôs que o criaram e ali passou a sonhar, desenvolver suas ideias. Quem em Macaúbas não teve a

necessidade de levar o seu sapato para Lolô consertar? Os bens materiais associado a aquela sapataria são simbólicos, os martelinhos, caixinhas variadas de pregos de vários tamanhos, caixas tiras de couro. De acordo com a planta da edificação, vemos a simplicidade do programa que outrora era moradia dos avôs, da porta de acesso principal voltada para a antiga Rua do Cemitério, adentram-se na oficina da sapataria, além dessa descrição da sapataria vê suas paixões, os amigos que ganhou e cultivou ali e também jogando bola, pois tinha paixão pelo futebol, como o time do Botafogo que ajudou a fundar. Assim sua vida em Macaúbas está eternizada na sapataria, na Fachada do Estádio Municipal Loloção, casa do Macaúbas Esporte Clube, nas ruas por onde passou.

Na Rua Cesar Zama no centro antigo da cidade duas “casas grudadas” como na era colonial e conhecidas popularmente como casas geminadas poderiam até pouco tempo ser vislumbrada na altura da Praça 6 de julho, nos fundos do Clube Social. As técnicas daquelas construções provem de uma herança lusa, a casa portuguesa cujo partido provem de princípio associado às condições econômicas, clima, materiais. Sua estética na paisagem gera uma linha reta, dando a sensação de ser ali uma fachada com único paredão, se não fossem as marcações, com as pilastras. A estética do telhado e vendo os beirais de ambas, uma marca dos tempos da colonização que persistia na cidade pela sua praticidade e técnica de execução, a água que corre pelas “telhas em formato de coxa” tem uma herança afro-brasileira. O contato muita vezes íntimo entre os vizinhos e na vida doméstica, os barulhos e conversas que são escutadas do outro lado da parede, é sinal dos hábitos das relações, dos valores e da moralidade da família, assim como foi na história das casas de Avanir de Figueiredo, Salvador Figueiredo e Manoel Defensor Santana, ao longo das décadas.

Os seus quites são sinais das reminiscências coloniais como vimos nos estudos de Reis Filho ao tratar do lote e da planta colonial, do mesmo modo a questão da sustentabilidade presente nos pomares. Os quintais são espaço culturais dessa marca de valores e hábitos do cotidiano das famílias, no quintal se brinca com o que temos disponível, subir em árvores apanhar frutos, esconder atrás de algo. São também espaços onde se desenvolvem uma gama de trabalhos artesanais, desde os beneficiamentos de alimentos para o consumo e venda como outros ofícios, entre eles o fogão a lenha e o seu papel primordial na economia e sociedade em Macaúbas, toda casa tem um fogão a lenha, até o advento do gás e da eletricidade é uma questão de

sobrevivência. Nos quintais das casas macaubenses como ainda nos dias de hoje em algumas, se fabricam pães, doces, avoador, brevidades, bolos para o consumo da família e para serem vendidos na feira.

O viver e trabalhar na casa da zona urbana de Macaúbas é marcado por um profuso e complexo sistema de práticas e hábitos. Cozinham-se os alimentos, a fumaça, os cheiros, os barulhos dos alimentos sendo beneficiados. O bater da porta, isso tudo entre outras imagens do cotidiano em Macaúbas trazem marcas desde a infância sobre os valores do espaço doméstico e da família que é utilizado para morar em seus devaneios e para trabalhar. Na casa de Manoel Defensor Santana o piso clássico em vermelhão representa o acesso aos novos materiais e técnicas da construção, mas também a mudanças de hábitos que conforme Carlos Lemos, concorre para as transformações nas habitações. O banco de quatro pernas indica o viver clássico de moradia, o banco para deitar no devaneio e para sentar quanto tem visita, a placa na fachada pede a conservação. Já na casa de Alvanir a áurea do espaço falece pelo seu abandono, vendo a moringueira abandonada, que outrora era limpa e forrada muito provavelmente com os panos de copa, para então organizar os objetos como potes, filtros, moringas e copos, entre outros. Ainda nesta casa o jirau na sala de jantar indica o trabalho manual desenvolvido com o tratamento e a conservação das carnes, no quintal ainda as galhas de laranja.

No canto da casa a mesinha em madeira e sobre ela a arrumação do filtro em argila, ao lado da clássica moringa, muito popular no espaço doméstico nos sertões do nordeste brasileiro. A moringa nesse sentido é móvel, é bem da cultura material em Macaúbas, é arte e modo de viver, a qual em seu caráter simbólico expressa as necessidades dos tempos de outrora. Assim serve como recipiente de armazenagem de água. Seus usos e inventividade reportam as necessidades de épocas passadas, quando não havia equipamentos elétricos para gelar a água. Em Macaúbas é muito comum encontrar na cozinha várias moringas junto aos potes e dispostos ora sobre um banco de madeira de quatro pernas e em moringueiras, tomar água da moringa e do pote é uma prática que nos remete as relações sociais desenroladas no espaço doméstico e do trabalho nos sertões do nordeste brasileiro.

Tratando da “Casa Brasileira” Lemos nos instiga a fazer essas objeções para um morar e trabalhar em Macaúbas. Segundo ele “A casa evolui, e enquanto expressão

não se pode concebê-la como simplesmente as atuações domésticas perante as outras dependências” (Lemos, 1989, p.11). Neste tratado assim como aquele de 1993 sobre as “transformações no espaço habitacional” concorrem para pensarmos as relações das “funções da habitação”, ou seja, como esses compartimentos da casa são utilizados. Quando o autor passa a focar “as ações dentro da casa” essas relações arquitetura e sociedade projetada para Macaúbas ficam mais claras. De acordo com Lemos e também como já ponderou Weimer, com o progresso passa a agir no espaço e desse modo, diminui-se o rol de serviços, a ideia do autor na “superposição de funções” mostram então a transformação dos compartimentos como a cozinha que se transforma em área de lazer, pois “as expectativas, os interesses de uma residência está muito mais no seu aspecto sociológico do que na técnica e intenção plástica” (Lemos, 1989, p.11). Assim como Weimer reforça que a casa é resultado da contribuição de diversos povos, raízes ibéricas, indígenas e africanas, assim a casa brasileira se afirma por um sincretismo. A crítica que faz aos viajantes que projetaram uma imagem da casa brasileira colonial pelo seu aspecto interno, e quando não atentaram para o espaço interno, ou seja, o funcionamento é interessante.

A ideia de Lemos, Reis Filho, sobre território e distâncias entre as habitações e como esse aspecto gerou programas de necessidades como várias funções nos remete ao Alto Sertão da Bahia, a Macaúbas e suas distâncias. Como foi o caso da Casa da Fazenda de Nicolau Vaz que abrigava celebrações litúrgicas. O oratório móvel na sala de jantar é uma reminiscência. Essa discussão foi feita por Reis Filho, ao abordar as distâncias e como as casas no passado serviam como abrigo a visitantes, o quarto de visitas situado logo na porta de entrada é uma marca desse processo ocasionado por questões regionais geográficas e morais.

Além das já citadas casa-comércio de Augusto Sô Cardoso, João Santana e Zacarias Amaral, outros dois exemplares inseridos na espacialidade urbana da Praça da Feira destacam-se pelas suas experiências como sendo tipologias de casas edificadas e com funções claras voltadas ao trabalho. A casa-comércio de Manoel Cândido Figueiredo implantada a cerca de 150 anos na Rua do Areião (demolida), sua tipologia expressa por características de técnicas coloniais, mas o seu caráter vernáculo destaca-se, como ponderou Maria Betânia, é uma arquitetura popular feita por “não arquiteto” vendo a rusticidade dos materiais que compõe sua estrutura como o telhado vendo as telhas artesanais.

A casa girava nessa órbita em morar e trabalhar. A articulação espacial dos cômodos de acordo a planta baixa apontam para as essas relações, primeiramente vê a articulação numa estrutura conjugada entre sala-comércio-sala-depósito. Sala de visitas e quarto de visitas, apartado do espaço íntimo da casa, que é acessado pelo corredor longitudinal, deste o acesso para outro quarto. A sala de jantar é uma sala de estar, de lazer e representa a mudança de padrão habitacional assinalado por Lemos. A adição na planta de um dormitório, cozinha, banheiro, indicam a adaptação na casa e os novos valores. A principal atividade era a comercialização de grãos, principalmente o feijão catador, farinha, rapadura. O recuo dessa edificação e a utilização desse pátio á frente por décadas num ir e vir de carros, gentes de diversas partes das áreas rurais da cidade, para vender ou comprar sacos de feijão, ou mesmo no varejo, a venda do “prato de feijão”. O prato na verdade é uma caixa quadrada de madeira de várias dimensões, utilizado como medida na região. A rústica prateleira de madeira, outro tipo de mobília afim a atender a função.

Figura: 36: Prato de medida no sertão



Fonte: A.A.

Outra experiência de construção na Praça da Feira é peculiar, pois dos exemplares analisados é o único em que a finalidade é apenas trabalhar. Os relatos convergem para história do imóvel associado apenas ao comércio, como vemos nas descrições acima a configuração espacial também sinaliza esse objetivo. Em 1969 Otaviano dera entrada na Secretaria de Obras da cidade, solicitando um alvará de licença para funcionar esta casa de ferragens. O tratamento interno típico dos comércios na cidade vê o piso de ladrilho, o forro e as clássicas prateleiras em madeira que expõe os produtos como serrotes, facas, pregos, alicates, uma gama de ferramentas e utensílios que outrora eram raros na cidade. Nos sertões antes da profusão e entrada dos produtos industrializados quase tudo é feito no âmbito regional, cada casa na cidade na primeira

metade do século XX é uma especialização em algum produto, cuja matéria-prima é trabalhada artesanalmente e com ferramentas simples, também artesanais.

### 3.3.2– Valores no espaço rural

As observações sobre a arquitetura rural nos indicam similaridades entre as práticas de construção em suas tipologias com as da área urbana como vimos nas descrições. No entanto alguns aspectos em sua espacialidade são peculiares ao mundo rural como o isolamento dessas casas na paisagem em função dos terrenos disformes e delimitados por cercas. Mais peculiares ainda algumas formas como o homem cria e apropria-se do seu espaço. A antiga Casa dos Construtores implantada na esquina da Praça de Santana de Lagoa Clara é claramente uma tipologia colonial seja pelos seus elementos característicos e ao contexto em que foi edificada, 1810. Com uma das construções mais antigas e do início do povoamento na região pode ser considerada uma referência, modelo de difusão do colonial. O programa de necessidade foi alterado e não se pode precisar quando, mas, sobretudo na área de serviços entre o jantar e a cozinha.

A TV exposta numa mesinha em madeira no canto da sala de estar, previamente forrada e cuidadosamente exposta, aponta para as ações que se desenvolvem no cotidiano do espaço doméstico, sobre o aparelho, objetos como as fotografias da família, podem indicar o devaneio, o tempo livre e os novos valores contemporâneos promovidos pela eletricidade na casa e nos hábitos cotidianos de então, a busca por informação, o objetivo em assistir o outro, o que eles fazem ou deixa de fazer, a representações de pessoas em outros lugares muitas vezes longínquos de Macaúbas e com valores diferentes, muitas vezes afastam a relação do homem com a sua cultura sua identidade local. Outro espaço que chama atenção é o destinado ao depósito de objetos como ferramentas sacos de grãos, um espaço necessário para lida diária e com as coisas do mundo rural, plantar e criar, desenvolver atividades agrícolas, os negócios da terra.

Na vizinhança com a Casa dos Construtores, outra prática de construção é desenvolvida na esquina, uma casa com porão, a casa de Sebastião Cardoso que é acessada por uma escada em pedra. Construção de tipologia colonial da época do povoamento inicial. Os principais valores da casa estão associados ao espaço que abrigou atividades dos tempos do tropeirismo na região, fenômeno analisado Por Jurema Pães.



O porão assim é o espaço importante de sustentabilidade da família, ali eram guardadas selarias, arreios, ferramentas e as cargas a serem transportadas. Para além do transporte de mercadorias os tropeiros também levam e trazem cartas, recados que são trocados entre as famílias. Se hoje as duas casas de Lagoa Clara estão a uma distância aproximada de 52 km da sede, no passado as distâncias ainda eram maiores, bem como as dificuldades de transpor os obstáculos naturais dos terrenos como os pedregulhos, o clima semiárido e as altas temperaturas, onde a necessidade de pousar para o descanso da tropa era uma questão estratégica. Mas ainda sim essas tropas percorriam trânsitos, delimitavam fronteiras, marcavam caminhos e estabelecendo referenciais de localização para a circulação das tropas. A ideia de trânsito cultural como vimos foi utilizada pela historiadora Isnara Pereira Ivo, em sua tese sobre os “Homens de Caminho”, “trânsitos culturais” e o comércio nos sertões da Bahia e de Minas Gerais no século XVIII impulsionados pelo ouro e o gado, assim discute:

Contrariamente, Antonil (1963, p.85) registrou ser este o caminho preferencial para o comércio com as minas por ser muito melhor que o do Rio de Janeiro, e da Vila de São Paulo: porque, posto que mais comprido, é menos dificultoso, por ser mais aberto, para as boiadas, mas abundante para o sustento, e mais acomodado para as cavalgadas e para as cargas (Ivo, 2012, p.130).

Assim os negócios da terra e o comércio na virada do século XVIII para o XIX representa a expansão das regiões como Caetité, Igaporã, Bom Jesus da Lapa, Paratinga, de onde faziam conexões com as minas gerais por esses caminhos antigos trabalhados por Isnara Ivo. A arquitetura rural e de feição colonial na antiga casa da fazenda de Nicolau Tolentino Vaz e de Pedro José de Sousa, reportam a outras práticas e experiências no Alto Sertão da Bahia como a Casa da Fazenda Santo Antônio no município de Igaporã, conforme vimos em suas descrições feitas por Paulo Azevedo e Odete Dourado. A casa no sítio de Bebedouro é simbólica pela sua prática de construção, pela sua inserção no contexto histórico da cidade, pois o espaço abrigou refugiados políticos, os liberais, daquele sangrento episódio que envolveu as tropas do Capitão Porfírio Brandão quando este não aceitava a perda do poder após os rumos do conselho da Câmara.

As relações entre morar e trabalhar são evidentes de modo que segundo o proprietário atual, os dormitórios passam a ser também utilizados como depósitos de ferramentas e grãos não só nos dias atuais, pois essa demanda de apropriação e utilização dos cantos da edificação é hábito comum em Macaúbas, uma vez que

podemos notar as diversas finalidades, assim ouvimos dizer em “quarto de açúcar”, “quarto de feijão”. A mobília doméstica como os champrões em madeira, bancos e estrados, malas, cabides nas paredes, malas entre outros móveis sinalizam a diversidade de hábitos e funções no espaço doméstico. Representa as típicas casas de sítio do sertão baiano, no passado serviram além da função residencial e de trabalho, como um importante ponto de apoio para a população, pouso de tropas, escoamento de produtos agrícolas, também com ponto de encontro para a realização de missas e batizados, conforme relatos pelos proprietários atuais.

Em Macaúbas podemos observar as diferentes maneiras de armazenar os gêneros alimentícios no espaço arquitetônico, como o milho e feijão. Hora são guardados em porões, sótãos, paióis, e em quartos/dormitórios, funcionando como depósitos. No passado era bastante como elaborar uma armação nestes cantos da edificação, os quais eram chamados de “palanque” expressão popular para designar a estrutura armada de forquilhas suspensa do solo, trata-se de uma prática, saber cultural nos sertões, mas não observado nas edificações em tela. O mobiliário, quanto a disposição e utilidades, são elementos carregados de simbolismo perante as práticas e experiências adquiridas historicamente no cotidiano doméstico. As moradias nos sertões desde os seus primórdios pautou-se pela sobrevivência da família, pela sustentabilidade, nesse sentido ao longo do processo histórico esses habitantes forjaram inventividades de uso entre o morar e trabalhar, suas necessidades diárias traduzem-se em invenções, adaptações, cujas ações cotidianas reproduziram um conjunto de hábitos, valores sociais e culturais.

O oratório autônomo em madeira na sala de jantar e por não haver capela nas imediações é um sinal dessas relações no espaço doméstico. Em outras edificações em Macaúbas pode-se notar a implantação de cruzeiros. A presença da grade de proteção na porta principal representa a inventividade do povo perante as suas necessidades diárias. A presença das malas no espaço indica a simbologia de um bem cultural no espaço doméstico, como um lugar privado e íntimo onde se guardavam objetos íntimos como cartas, enxovais e os mais recônditos segredos da vida privada.

Já casa da Fazenda de Pedro de Sousa vê a representação do poder econômico daquele coronel, então grande proprietário de terras e negócios, isso fica claro na escala da construção e também quando mandou plantar 365 pés de coco, um

para cada dia do ano. Vimos como as reminiscências de objetos nos remetem as formas de uso dos espaços e os valores ali empregados, os cabides, argolas e selaria e as coisas do mundo rural, os depósitos e as sacas de grãos uma continuidade ali dos tempos de outrora.

Um aspecto importante do caráter de produção da arquitetura em Macaúbas e por associação a arquitetura popular, foi observado numa relação conhecida como mutirão. O mutirão formado por familiares e amigos do futuro morador. Dois exemplares dessa prática foram documentados em Macaúbas, nas residências de Durval Barbosa e José Candido Domingues. Ambas as edificações da primeira metade do século XX, construídas pelo próprio dono, com ajuda de serventes de pedreiros e amigos. A emergência para o casamento do futuro morador é certa, pois nos valores e hábitos morais em Macaúbas casar sem ter uma casa não é bem visto pela comunidade, daí se tratar da emergência. Casa, casamento e moralidade são assim um universo simbólico de valores permeados por vários significados. A autoconstrução como um princípio que como vimos é discutido por Johan Lengen ao propor uma prática de construção que levem em considerações técnicas tradicionais e relações que possam contribuir para uma sustentabilidade. A arquitetura popular nesse sentido, se expressa em Macaúbas através de seu caráter vernáculo, feita pelo homem segundo seus costumes e condições próprias.

O mutirão na construção em Macaúbas é uma prática cultural ainda presente nos dias de hoje. As relações estabelecidas nesse fenômeno podem ser entendidas num conjunto de códigos simbólicos circunscritos e repletos de significados, como os laços de amizade, familiaridade, solidariedade, cooperação e reciprocidade, formam redes comunitárias de ajuda mútua. Esses valores e princípios se enquadram numa relação de simplicidade e adaptabilidade. As ideias de autoconstrução aparecem nas interpretações sobre arquitetura popular e seus princípios, em estudos sobre as relações entre assentamento urbano e informalidade, como sendo construções sem plano e da fiscalização e posturas, numa sociedade capitalista operado por classes pauperizadas, o que não é o caso do objeto colocado aqui em tela. Para os estudos que analisam o fenômeno da autoconstrução via industrialização podemos enquadrar na realidade de Macaúbas e entender como ainda naquele contexto havia uma dificuldade dos moradores em adquirir produtos industrializados, ainda sim como práticas de construir podem ser consideradas culturais e fazem parte de hábitos e tradições.

Os valores de uso dos espaços corroboram para a lógica desse caráter de produção. Na casa de Durval como vimos destaca-se uma série de relações entre morar e trabalhar, no âmbito doméstico as fotos da família aponta para os momentos vividos, como podemos ver a festa e o bolo de aniversário. A sustentabilidade, a valorização da cultura popular, valores e hábitos estão presentes em cada espaço da edificação. Abordar o caráter simbólico da dispensa, “quartinho” pequeno conjugado com a cozinha é uma possibilidade de entender a arte, a inventividade, as necessidades e as soluções presentes no espaço doméstico, através dos objetos, bens da cultura material. A cesta de cipó ou também conhecida como balaio é um objeto clássico, compra-se em feiras, se ganha ou encomenda-se. É muito utilizada para “fazer a feira”, para transportar gêneros alimentícios. Em tempos de outrora até utilizadas também para transportar materiais de construção, como ocorreu na construção do Açude na época da grande seca. De mesmo modo as peneiras tão utilizadas para sessar à farinha para tirar suas impurezas. Na dispensa da cozinha da casa de Durval é possível ver os potes de argila que servem para armazenar água.

O anexo da casa de farinha presente na casa de Durval é um bem representativo das casas de farinha da região e localizadas em outras edificações, sua importância social e cultural foi observado pelo antropólogo Orlando Sena<sup>92</sup> ao dizer que:

A casa de farinha era uma festa que acontecia duas vezes por ano, durante algumas noites. O trabalho de descascar, ralar e prensar a mandioca era feito durante o dia, as noites eram destinadas a peneirar e torrar a massa úmida resultante da prensagem. Um mutirão de parentes trabalhando cantando, rindo, tomando uma pinga e comendo (Senac, 2013, p.10).

Presença forte em diversas cidades, vilas e povoados da Chapada, as casas de farinha se mantêm espalhadas pela região. Elas preservam a tradição na maneira artesanal de produzir diversos produtos derivados da mandioca, macaxeira, uma das heranças mais marcantes deixada pelos indígenas na região (Senac, 2013, p.09).

Essa realidade observada por Sena se refere ao universo que é comum na região da Chapada Diamantina e nos remete uma prática nas relações morar e trabalhar no âmbito da arquitetura. Como agricultor o universo da vida que se desenrola no espaço doméstico da casa do ilustre senhor José Cândido Domingues não é diferente do

---

<sup>92</sup>SERVIÇO DE APRENDIZAGEM NACIONAL. **Chapada Diamantina: Culinária e História**. Salvador: SENAC, 2013.

de Durval Barbosa que também é um agricultor. Sua casa próximo da antiga estrada do telégrafo é uma autoconstrução, segundo ele na época foi utilizada paus de madeira de Peroba e Pau D'arco, conhecida popularmente pela sua resistência e facilidade em trabalhar, para fabricar as forquilhas e caibros.

Do mesmo modo os adobes foram produzidos com o “barro vermelho” argila muito encontrada na região. O mutirão assim estaria na escolha, corte e trabalho com as madeiras, também na fabricação dos adobes, as mulheres também participavam desse mutirão e em quase todas as etapas. Antes de casar com Maria Roque, José Cândido já previa um teto, era um valor moral na região. Sua casa é simbólica por representar a continuidade de práticas da tradição da arquitetura popular no Brasil e pelo caráter com que são reproduzidas localmente sob esse regime de mutirão. Vimos também em sua descrição como a varanda que corre em toda extensão da frente da casa forma um alpendre, como “telhado que se prolonga para fora da parede mestra e que é apoiado em sua extremidade por colunas” (Lemos, 1989, p.27) ou uma sala, espaço característico da arquitetura popular brasileira, suas origens foram discutidas por Lúcio Costa, e são desconhecidas, pois suas finalidades são múltiplas, seja como proteção da casa da intempérie, ou como pontou Carlos Lemos, para receber visitas hóspedes ou estranhos que ali são acomodados preliminarmente, antes de entrar na casa.

O alpendre é um elemento que também nos remete a moralidade das famílias, pois “todos os relatos antigos sobre a casa rural são taxativos nessa independência da família” (Lemos, 1989, p.29) que então buscam preservar sua privacidade, sobretudo com os estranhos. Quanto ao mobiliário doméstico como práticas e maneiras de morar, na casa de José Cândido uma série de objetos são simbólicos e representativos, como os cabides, o fogão lenha na cozinha e seus utensílios, bancos e cadeiras, conformes as descrições. A simbologia está também em seu caráter de produção, pois são bens produzidos localmente de modo artesanal, por isso é inventividade, astúcia em viver e morar no Alto Sertão da Bahia.

Arquitetura, espaço doméstico, o morar e trabalhar e o seu universo de valores vistos aqui na área urbana e rural está longe de alcançar a realidade na cidade seja pelos períodos analisados e uma análise produzida com base em alguns exemplares. O desenvolvimento econômico e o progresso técnico concorrem para as transformações urbanas e mudança de valores e hábitos, seja no construir, morar e trabalhar. Vimos que

a substituição da malha urbana tradicional por novos exemplares de casas contemporâneas está levando ao desaparecimento desses bens e todo o seu universo material e simbólico.

### **Considerações finais**

Ao analisar a faceta entre *arquitetura e sociedade* e como problema as relações que há entre construir, morar e trabalhar no âmbito do espaço urbano e rural da cidade de Macaúbas, as pesquisas foram fundamentais para avançar sobre a história local, mas numa perspectiva da história da formação territorial do Alto Sertão da Bahia. Percebe-se assim no primeiro capítulo como os estudos sobre sertões da Bahia vem a cada mais se consolidando como um campo de pesquisa com grande acervo de produções e sobretudo como foram fundamentais para produzir uma nova escrita para a história de Macaúbas, através de um viés da história urbana, avançando em interpretações sobre história e espacialização.

Nesse sentido essa dissertação recupera alguns desses estudos, monografias, dissertações e teses, como as obras que analisam a história agrária, história econômica e foram fundamentais para reconstituir esta evolução urbana. De fato a análise sobre a história da evolução urbana de Macaúbas encontrou apoio nos estudos sobre a posse e ocupação territorial, uma vez que reúnem documentos primários, como as escrituras de terras, inventários pós-morte os quais levantados pelo professor Erivaldo Neves, onde foi possível considerações sobre a antiga fazenda da Lagoa Clara e da Vila de Macahubas.

Mas a arquitetura nesta dissertação é posta como um documento importante para o avanço da pesquisa historiográfica e para escrever uma nova história sobre a cidade de Macaúbas. Assim vimos como o caráter intrínseco e extrínseco da arquitetura são campos ricos em abordagens. Diante dessa aceitação, a pesquisa debruçou-se em obras da arquitetura geral e Brasileira. Alguns conceitos foram fundamentais para entender os aspectos da arquitetura e a análise das relações construir-morar-trabalhar: arquitetura popular, cultural material, simbologia e vernaculidade. A leitura da arquitetura em Macaúbas e como referência nos fundamentos gerais abarcam análises sobre a sua forma, volume, escala, implantação, materiais e sistemas construtivos, plantas e programas de necessidades. A contribuição desta dissertação ao reunir no acervo construído da cidade uma documentação através da sistematização da prática do

inventário, poderá ser importante para outros desdobramentos de estudos. Assim este trabalho é uma pesquisa inédita sobre o tema da arquitetura na cidade, e daí sua contribuição. Apresentamos então algumas edificações onde suas descrições e análises não atinge sua totalidade, pois como visto o universo da arquitetura está além dessas três relações, é um campo aberto.

A pesquisa entende que a casa, a moradia e o trabalho são aspectos primordiais e de fundamental importância num vasto conjunto de valores sociais, morais, culturais e políticos. Valores morais e sociais que ocorrem na instituição da família e do casamento. Nesse sentido identificamos em Macaúbas o fenômeno do mutirão da construção como uma prática social, moral, econômica e cultural quanto ao processo de formação social e econômica do Alto Sertão da Bahia. A pesquisa notou assim que as casas em tela e mesmo outras foram construídas levando em conta a emergência do casamento como motivação. Assim para os macaubenses antes de mesmo de casar, os membros da família preocupam-se com um teto para abrigar.

Os estudos sobre cultura material e do simbólico ajudaram a perceber arquitetura, mas também outros bens palpáveis, como marca e prova documental da existência da ação humana. O mobiliário, as ferramentas e utensílios diversos acomodados e espalhados por toda casa, respiram vida e está repleta de significados, como na sala de visitas, quartos, cozinha, o papel da dispensa, os quintais. Entre alguns bens materiais trabalhados destacam-se: os bancos de quatro pernas, estrados, cadeiras, cabides, camas. Na cozinha: cuias, peneiras, potes, moringas, cestos, apontaram para a materialidade e o caráter de sua produção e o seu valor explicativo. Sobre como esses objetos estão dispostos nos compartimentos das moradias, ou seja, em cada canto, são reveladores de hábitos e práticas arraigadas. A plana baixa como documento de leitura do espaço, foi fundamental para um percurso de leitura sobre a localização e inter-relação com outros espaços. Assim essa pesquisa também contribui para uma história do mobiliário, o caráter de sua produção, história de hábitos e costumes regionais nos sertões baianos.

Tanto a arquitetura como o mobiliário nesta pesquisa não atinge a totalidade das práticas e experiências na produção desses bens, os quais necessitam serem aprofundadas sobre outros olhares, outras relações. Ainda sim vimos como a casa é repleta de atividades e por isso cabe uma história do trabalho e de outras experiências,

algumas delas destacamos aqui: o comércio de tecidos, cereais, ferragens. Vimos também como a sapataria, o engenho, a casa de farinha, o fogão à lenha representam o trabalho manual, fundamental numa sociedade agrária e como no passado antes da introdução do gás e da eletricidade. Essas áreas de serviços dinamizam a economia e a sobrevivência das famílias. As relações estabelecidas entre o meio rural e urbano vai de encontro a essas características e são múltiplas e indissociáveis, pois o caráter de produção desses tipos de bens materiais da cultura é recíproco em ambos os meios, conforme poder ver em alguns casos descritos. Então permeados pelos hábitos de sobrevivência vindos dos antepassados, tanto a casa como os objetos são remanescentes dos tempos difíceis como a escassez de recursos naturais em períodos de seca, que provocaram o pauperismo de muitas famílias nestes sertões e por isso suas inventividades são resultado dessa realidade, como vimos com a estocagem de grãos no paiol ou palanques.

Mobiliário, ferramentas, funções, usos, disposição como sacos de sementes, ferramentas agrícolas, chicotes de cavalo, esporas, selas, tamboretes, bancos, camas, malas, mesas de refeição, são elementos integrantes das moradias sertanejas, são bens materiais da cultura, importantes para a compreensão das inventividades, dos aspectos da vida cotidiana e os valores do povo sertanejo. As limitações diversas do sertão acabaram por gerar essa rica história de inventividades, de adaptação e sobrevivência e trajetórias de vida. A vernaculidade presente no aspecto da produção da arquitetura, do mobiliário e as ferramentas une o homem do sertão a sua natureza circundante, como um cordão umbilical, é uma questão de sustentabilidade como observou Johan Legen nos seus estudos, a exemplo das considerações sobre “*como construir uma casa nos trópicos secos*” como é o caso de Macaúbas.

Quanto à conservação do acervo arquitetônico a pesquisa identifica uma série de conflitos. Primeiramente não há na região uma convivência harmônica entre o velho e o novo quando das novas reformas das casas e a introdução de materiais esdrúxulos ao sistema construtivo original, um exemplo notado é a aplicação de cimento nas paredes que são revestidas de argila. Não há medidas sistemáticas de manutenção e preservação da materialidade da casa, talvez as reformas dos telhados devam ser a principal, quando se aproxima a época de chuva no sertão. Como já dito não há atitudes preservacionistas suficientes para conservar essas moradias e pouco a pouco desaparecem da paisagem. Esse estudo do clima de trópico seco proposto por Johan



Lenen é fundamental para novas práticas e relações nas futuras edificações, conciliando desde práticas tradicionais e modernas.

Os exemplares analisados da casa da cidade apontam para algumas diferenças com as do meio rural, a presença dos estilos historicistas como revivais, seja do neocolonial, renascentismo e classicismo, gerando casas de tipologia eclética e despojada, vendo suas fachadas estilizadas com uso de cimalkas, estuques, cartelas, entre outros. Na Praça da Matriz, por exemplo, essa arquitetura e esses novos elementos não passam de meras estruturas de representação do poder e status daqueles homens relacionados a ela, essas casas são assim mais ornadas que a da zona rural, muito embora fossem observadas também na área rural algumas tentativas e mesmo simplificadas, como a cartela inserida na porta central da casa de Durval Barbosa. A arquitetura eclética é de conveniência, de capricho, deleites de ocasiões históricas onde os recursos e disponibilidades de materiais da construção civil via industrialização, o status, conhecimento, a favorecem e ao mesmo tempo representam o progresso com a entrada de novos materiais industrializados e mão de obra na cidade.

A implantação e a compartimentação dos ambientes e suas finalidades são indicativos de suas formas e transformações de uso, como a sala de visita à frente que se abre para os quartos, a sala de jantar-cozinha-dispensa e anexos de serviços alpendrados nos fundos, os depósitos voltados para as necessidades da família, das criações, das plantações. Analisando a distribuição espacial, os compartimentos das moradias em Macaúbas, podemos perceber como esses valores sociais, culturais do universo do sertão foram sendo reproduzidos ali, não só em casas rurais, mas também nas casas urbanas conforme os exemplares trabalhados nesta pesquisa.

A prática da arquitetura em Macaúbas resulta de um conjunto de experiências diversificadas, difusas no Alto Sertão baiano e logo uma série de valores subjetivos, ela pode ser entendida como uma expressão da continuidade da tradição colonial e os seus revivais classicistas. Ambos os aspectos, formas e tipologias, ao ser posto em prática misturam com os valores locais, resultando numa arquitetura popular. A arquitetura macaubense ou qualquer outra forma erigida em determinado lugar, ainda que absorva uma série de práticas difusas em outras regiões, contextos históricos e modelos, ela é uma expressão local, tem suas peculiaridades em seus objetivos de criação, pois é produto também resultado da inventividade, dos esforços, das

necessidades do homem em morar e trabalhar, em transpor suas barreiras. O sentido social, cultural e uma série de valores são assim projetados num edifício, que passa a ser o resultado das intervenções do homem que por meios de suas práticas, projetam seus sonhos, interesses e necessidades muitas vezes calcadas numa liberdade.

## **Referências**

### **Fontes Primárias**

#### **Arquivo Público de Macaúbas**

APM. Administração Geral. 1964-1978. Concede licença ao Senhor Otaviano da Mata ao funcionamento de loja comercial. **Alvarás de licença para Construção**. Processo nº. 111. f.s/nº.

#### **Arquivo da Fundação Cultural Professor Mota**

FCPM. Banco de Dados Culturais. Pasta contendo vários documentos sobre a cidade de Macaúbas. **Dados biográficos do Professor José Batista da Mota**. Macaúbas, março s/nº. 1996. f. s/nº.

FCPM. 1977. Banco de Dados Culturais. Pasta contendo registros fotográficos da cidade de Macaúbas. Macaúbas, abril de 1977. f. s/nº.

FCPM. **José Batista da Mota**. (mimeo). **Ático Villas-Boas da Mota** (org.). Macaúbas FCPM, 1996. pp.1-2.

#### **Arquivo da Paróquia Imaculada Conceição de Macaúbas**

VICENTE, José Maria. **Histórico e Inventário da Freguesia de Macaúbas**. Macaúbas: Paróquia Nossa Senhora Imaculada Conceição, 1964.

#### **Arquivo Particular**

A.P. Escritura Particular de Compra e venda da residência de Zacarias do Amaral. 1959. Escritura Particular de Compra e Venda da Antiga residência do Professor Zacarias do Amaral. Macaúbas, 6 de maio de 1959. f. 1-4.

#### **Inventário Cultural do Acervo Arquitetônico do Município de Macaúbas**

#### **Álbum de fotografias**

#### **Documentação Fotográfica da Zona urbana**

Documentação Fotográfica da antiga do Cônego Firmino Soares. ICAMM, 20011, 5 fot. e 1 fot p&b, FCPM.

Documentação Fotográfica da antiga do Cônego Hermelino Leão. ICAMM, 20011, 4fot.

Documentação Fotográfica Residência do professor José Batista da Mota. D. ICAMM, 20011, 4fot.

Documentação Fotográfica Residência de José Alcântara de Figueiredo. ICAMM, 20011, 6fot.

Documentação Fotográfica da antiga residência de Zacarias Amaral. ICAMM, 20011, 5fot.

Documentação Fotográfica da Casa Filarmônica da Imaculada Conceição. ICAMM, 20011, 3fot, 1 fot. p&b FCPM, 02 fot.

Documentação Fotográfica da Residência de João Santana. ICAMM, 20011, 6fot.

Documentação Fotográfica da Casa de Tecidos Augusto Sô Cardoso. ICAMM, 20011, 6fot.

Documentação Fotográfica da Casa-sapataria Aloysio Joaquim do Nascimento. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 5fot.

Documentação Fotográfica da Casa de Alvanir de Figueiredo. ICAMM, 20011, 5fot.

Documentação Fotográfica da Casa de Manoel Defensor Santana. ICAMM, 20011, 5fot.

Documentação Fotográfica da Casa-comércio de Manoel Cândido de Figueiredo. ICAMM, 20011, 5fot.

Documentação Fotográfica da Casa de Ferragens de Otaviano da Mata. ICAMM, 20011, 4fot.

### **Documentação Fotográfica da Zona Rural**

Documentação Fotográfica da Casa dos construtores. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 3fot.

Documentação Fotográfica da Casa de Sebastião Cardoso da Silva. ICAMM, 20011, 5fot.

Documentação Fotográfica da Casa da Fazenda de Nicolau Tolentino Vaz. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 4fot.

Documentação Fotográfica da Casa de Durval Barbosa de Oliveira. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 7fot.

Documentação Fotográfica da Casa de José Cândido Domingues. ICAMM, 20011, 7fot.

Documentação Fotográfica da Casa da Fazenda de Pedro José de Sousa. ICAMM, 20011, 7fot.

### **Outras fontes**

Praça da Matriz da Conceição, início do século XX. S/d. 1 fot. p&b.

Conjunto arquitetônico da Praça da Matriz. FCPM 1977. fot. P&b.

Adro da Matriz da Conceição de Macaúbas. Video Luzz. s/d. 1 fot. p&b.

Praça Imaculada Conceição, antes da reforma de 2007. Macaúbas, s/d. 1 fot.

Conjunto Arquitetônico da Praça da Feira, meados do século XX. Video Luzz, s/d. 3. fot. p&b.

Praça da Igreja de Santana de Lagoa Clara. ICAAM, Macaúbas, 2011.

Transformações urbanas rua direita. vídeo Luzz, s/d. 1 fot. p&b.

Transformações urbanas rua direita. FCPM, 1977. 1 fot. p&b.

Transformações urbanas Rua direita. A.A. 2014. 1 foto.

Transformações rua doutor Manoel Vitorino. FCPM, 1977. 1 fot. p&b.

Transformações rua doutor Manoel Vitorino. A.A. 2014. 1 fot.

Transformações na Rua Abílio César Borges. FCPM, 1977. 1 fot. p&b.

Transformações na Rua Abílio César Borges. AA. 2014. 1 fot.

### **Álbum de Plantas**

#### **Documentação Arquitetônica da Zona urbana**

Documentação Arquitetônica da antiga do Cônego Firmino Soares. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 1f.

Documentação Arquitetônica da antiga residência do Cônego Firmino Soares. Planta Baixa. ICAMM, 20011, 1f

Documentação Arquitetônica da antiga do Cônego Hermelino Leão. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 1f.

Documentação Arquitetônica da antiga residência do Cônego Hermelino Leão. Planta Baixa. ICAMM, 20011, 1f

Documentação Arquitetônica Residência do professor José Batista da Mota. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 1f.

Documentação Arquitetônica. Residência do professor José Batista da Mota Planta Baixa. ICAMM, 20011, 1f

Documentação Arquitetônica Residência de José Alcântara de Figueiredo. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 1f.

Documentação Arquitetônica. Residência de José Alcântara de Figueiredo. Planta Baixa. ICAMM, 20011, 1f

Documentação Arquitetônica da antiga residência de Zacarias Amaral. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 1f.

Documentação Arquitetônica da antiga residência de Zacarias Amaral. Planta Baixa. ICAMM, 20011, 1f

Documentação Arquitetônica da Casa Filarônica da Imaculada Conceição. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 1f.

Documentação Arquitetônica Casa Filarmônica da Imaculada Conceição. Planta Baixa. ICAMM, 20011, 1f

Documentação Arquitetônica da Residência de João Santana. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 1f.

Documentação Arquitetônica. da residência de João Santana. Planta Baixa. ICAMM, 20011, 1f

Documentação Arquitetônica da Casa de Tecidos Augusto Sô Cardoso. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 1f.

Documentação Arquitetônica. da Casa de Tecidos Augusto Sô Cardoso. Planta Baixa. ICAMM, 20011, 1f

Documentação Arquitetônica da Casa-sapataria Aloysio Joaquim do Nascimento. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 1f.

Documentação Arquitetônica da Casa-sapataria Aloysio Joaquim do Nascimento. Planta Baixa. ICAMM, 20011, 1f

Documentação Arquitetônica da Casa de Alvanir de Figueiredo. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 1f.

Documentação Arquitetônica. da Casa de Alvanir de Figueiredo. Planta Baixa. ICAMM, 20011, 1f

Documentação Arquitetônica da Casa de Manoel Defensor Santana. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 1f.

Documentação Arquitetônica. da Casa de Manoel Defensor Santana. Planta Baixa. ICAMM, 20011, 1f

Documentação Arquitetônica da Casa-comércio de Manoel Cândido de Figueiredo. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 1f.

Documentação Arquitetônica. da Casa de Manoel Cândido de Figueiredo. Planta Baixa. ICAMM, 20011, 1f

Documentação Arquitetônica da Casa de Ferragens de Otaviano da Mata. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 1f.

Documentação Arquitetônica. da Casa de Ferragens de Otaviano da Mata. Planta Baixa. ICAMM, 20011, 1f

### **Documentação Arquitetônica da Zona Rural**

Documentação Arquitetônica da Casa dos construtores. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 1f.

Documentação Arquitetônica da Casa dos construtores. Planta Baixa. ICAMM, 20011, 1f

Documentação Arquitetônica da Casa de Sebastião Cardoso da Silva. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 1f.

Documentação Arquitetônica. da casa de Sebastião Cardoso da Silva. Planta Baixa. ICAMM, 20011, 1f

Documentação Arquitetônica da Casa da Fazenda de Nicolau Tolentino Vaz. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 1f.

Documentação Arquitetônica. da Casa da Fazenda de Nicolau Tolentino Vaz. Planta Baixa. ICAMM, 20011, 1f

Documentação Arquitetônica da Casa de Durval Barbosa de Oliveira. Desenho da Fachada. ICAMM, 20011, 1f.

Documentação Arquitetônica da Casa de Durval Barbosa de Oliveira. Planta Baixa. ICAMM, 20011, 1f

Documentação Arquitetônica da Casa de José Cândido Domingues. ICAMM, 20011, 1f.

Documentação Arquitetônica da Casa de José Cândido Domingues. Planta Baixa. ICAMM, 20011, 1f

Documentação Arquitetônica da Casa da Fazenda de Pedro José de Sousa. ICAMM, 20011, 1f.

Documentação Arquitetônica da Casa da Fazenda de Pedro José de Sousa. Planta Baixa. ICAMM, 20011, 1f

## **Fontes Secundárias**

### **Anais**

APEB. Ato de 8 de julho de 1863, que concedeu a jubilação pedida por Silvestre Fernandes Lima, professor de Macaúbas, pelos seus bons serviços.— **Atos do Governo da Província**, 1863, maço nº 974.

Arquivo Público do Museu do Estado da Bahia. **Patrimônio Territorial do Urubu**. Org. Antônio Ferrão Muniz de Aragão. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1919.

BRASIL. Portaria nº. 180. de 17 de dezembro de 1823. Ordenando que se estabeleçam as justiças e as autoridades no Arraial de Macaúbas. **Collecção das Decisões do Governo do Imperio do Brazil – 1823**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1887.

BRASIL. Decreto de 06 de julho de 1832. Erige em vila vários julgados e povoações nas comarcas do Rio S. Francisco e Jacobina na Província da Bahia. **Collecção das Leis do Império do Brazil de 1832**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1874. p.18.

CAMPOS, Cícero. **Descrição do município de Macahubas**. In: Congresso Brasileiro de Geographia, 5., 1916. Salvador. Annaes, Salvador, 1916. v. 2, p. 505-506.

### **Dicionários e enciclopédias**

CAVALCANTI, Maria de Betânia Uchôa. **Arquitetura popular: Estudo das Fachadas de Platibandas das Casas Populares do Nordeste**. Relatório de pesquisa. Recife: UFPE/CNPq, 1996.



\_\_\_\_\_. **“Pernambuco: Zona da Mata”**. In: OLIVER, Paul (edit). Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World. Cambridge - UK: Cambridge University Press, 1997, p. 1.631-1.632.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Histórico-biográfico da Primeira República – 1889-1930**. Cord. Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 2015.

KOCH, Wilfried. **Dicionário dos estilos arquitetônicos**. Trad. Neide Lúzia de Rezende. - 3ª edição. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.

### **Periódicos**

AMADO, Janaína. **Região, Sertão, Nação**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995.

AZEVEDO, J. **Monsenhor Hermelino Marques de Leão**. A voz do povo. Ourinhos-SP, p.02, 23 set. 1934.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **A cultura material no estudo das sociedades antigas**. Revista de História, São Paulo, n.115 (Nova Série), julho-dezembro de 1983, p.103-117.

COSTA, Lúcio. **Documentação Necessária**. In: Arquitetura Civil II: Textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Paulo: FAUUSP-MEC-IPHAN, 1975. p. 94-97.

FABRIS, Annateresa. **Arquitetura Eclética no Brasil: O cenário da modernização**. Anais do Museu Paulista Nova Série nº1, São Paulo, 1993. pp. 131-143.

LE MOS, Carlos A. **Transformações do espaço habitacional ocorridas na arquitetura brasileira no século XIX**. Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material, Nova Série Nº1, 1993.

ROLNIK, Raquel. **História Urbana: História na cidade?** In: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo – SHCU, 1990, Salvador. Anais eletrônicos - Seminário de História da Cidade e do Urbanismo- SHCU, 1990.

RODRIGUES, José Wasth. **A casa de moradia no Brasil antigo**. In: Arquitetura Civil I: Textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Paulo: FAUUSP-MEC-IPHAN, 1975. pp. 286-87.

SOUSA, Maria Aparecida. **Estado, Nação, sertão: poder e conflitos políticos no alto sertão da Bahia nos oitocentos**. In: VI Encontro Estadual de História - ANPUH/BA, 2013, Ilhéus. Anais Eletrônicos, 2013.

### **Fontes Secundárias**

ALBERNAZ, Maria de Paula e LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de arquitetura**: São Paulo: vol. 1, verbetes de A a I, Proeditores, 1997-1998.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Ilustrado de arquitetura**: São Paulo: vol. 2, verbetes de J a Z, Proeditores, 1997-1998.

AGUIAR, Durval Vieira de. **Descrições Práticas da Província da Bahia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Cátedra, INL, 1979.

AZEVEDO, Paulo Ormino. Inventariar para valorizar e proteger. In: PESSOTI, Luciene, RIBEIRO Nelson Porto (org.). **A Construção da cidade portuguesa na América**. Rio de Janeiro: POD, 2011.p.151-169.

BAHIA. Secretaria da Indústria e Comércio. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural. IPAC-BA- Monumentos e sítios da Serra Geral e Chapada Diamantina**. Salvador, 1980.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. CURY, Isabelle (Org.) **Cartas Patrimoniais**. 3ª Ed. rev. aum. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação**. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. Brasília: Iphan, 2000.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte com a História da Cidade**. Trad. Pier Luigi Cibra. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal. Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: 1ª. Ed. Abril Cultural, 1974.

BENEVOLO, Leonardo. **A cidade e o arquiteto**. Método e história na arquitetura. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Bucaille, Richard e Pesez, Jean - Marie. **Cultura Material**. In: Enciclopédia Einaudi, Lisboa, IN /CM, 1989.

CEUA, Alberto Xavier. **Lúcio Costa: Sobre arquitetura. (org.)**. Porto Alegre, Centro dos Estudantes Universitários em Arquitetura, 1962.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. 3ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Patrimônio Imaterial: práticas culturais na construção de identidades de grupos**. In MINAS GERAIS, Secretaria de Estado da Educação. Reflexões e Contribuições para a Educação Patrimonial. Grupo Gestor (Org.) - Belo Horizonte: SEE/MG, 2002.

COSTA, Lúcio. **Documentação Necessária**. In: CAVALCANTI, Lauro (org). Os Modernistas na repartição. Rio de Janeiro: Paço Imperial, 1993.

COSTA, Lúcio. **Documentos de Trabalho**. Org. José Pessoa. 2ª.ed. Rio de Janeiro Iphan, 2004.

DARNTON, Robert. História e antropologia. In: **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp.338-362.

Eul-Soo. **Coronelismo e oligarquias. 1889-1943. A Bahia na Primeira República Brasileira**. Ed. Civilização brasileira Tradução: Vera Teixeira Soares. Rio de Janeiro, 1979. p.58.

FRAGOSO, João. et al. **A economia colonial brasileira: (séculos XVI-XIX)**. São Paulo: Atual, 1998.

ESTRELA, Ely Souza. **Os sampauleiros: cotidiano e representação**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2003, p.03.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978, pp.13-41.

HOROUEL, Jean-Louis. **História do Urbanismo**. Trad. Ivone Salgado. Campinas, SP: Papirus, 1990.

IVO, Isnara Pereira. **Homens de Caminho: trânsitos culturais, comércio e cores nos sertões da América Portuguesa. Século XVIII**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2012.

LAPASTINA FILHO, José. **Manual de Conservação de Telhados**. Brasília: IPHAN, 2005.

LEMOS, Carlos A. C. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

\_\_\_\_\_. **A casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989.

\_\_\_\_\_. **O que é Arquitetura?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

LENGEN, Johan Van. **Manual do Arquiteto Descalço**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2004.

MARX, Murillo. **Nosso Chão: do sagrado ao profano**. 2.ed. São Paulo: Editora USP, 2003.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **A Bahia no século XIX: uma província no Império**. Rio de Janeiro Nova Fronteira, 1992.

MOTTA, Lia & SILVA, M. Beatriz Resende (orgs.). **Inventário de Identificação: um panorama da experiência brasileira**. Rio de Janeiro: IPHAN, 1998.

NETTO, J. Teixeira Coelho. **A construção do sentido da arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo de história regional e local)**. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 1998.

\_\_\_\_\_. **Estrutura Fundiária e Dinâmica Mercantil: Alto Sertão da Bahia, Séculos XVIII e XIX.** 1. ed. Salvador e Feira de Santana: Edufba e UEFS, 2005.

PUPPI, Ildefonso C. **Estruturação sanitária das cidades.** Curitiba; UFPR; São Paulo: CETESB, 1981.

REIS FILHO, Nestor Goulart Reis. **A evolução urbana do Brasil.** São Paulo: Pioneira, 1968.

\_\_\_\_\_, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 1976.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da Cidade.** Trad. Eduardo Brandão. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990.** 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

SILVA, Eder Donizeti. **A história Contada Através da Arquitetura de uma Rua.** Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011.

SOUSA, ALBETO. **Arquitetura Neoclássica Brasileira: Um reexame.** São Paulo: Pini, 1994.

VASCONCELOS, Albertina Lima. **As Vilas do Ouro: sociedade e trabalho na economia escravista mineradora (Bahia, Século XVIII).** Vitória da Conquista: Edições UESB, 2015.

VIANNA, Francisco Vicente. **Memória sobre o Estado da Bahia.** Salvador: Typografia do Diário da Bahia, 1893.

VITRUVIO. **De arquitetura.** Tradução de M. Justino Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

**Teses, dissertações e monografias**

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Posseiros, rendeiros e proprietários: estrutura fundiária e dinâmica agro-mercantil no Alto Sertão da Bahia (1750 -1850)**. 2003. Tese (Doutorado em história) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

PAES, Jurema Mascarenhas. **Tropas e tropeiros na primeira metade do século XIX no alto sertão baiano**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SAIA, Luís. **Residências Rurais do Brasil Colônia**. (mimeo) Tese (Livre Docência)- Universidade Federal de Minas Gerais, São Paulo, 1958.

SODRÉ, Maria Dorath Bento. **“Até onde justo for”: arranjos e conflitos pela propriedade e posse da terra (Macaúbas, 1850)**. 1999. Monografia (Especialização em Teoria e Metodologia da História) – Universidade Federal da Bahia, Feira de Santana.

#### **Referências eletrônicas**

CHASTEL, André. “A invenção do inventário”, *Revue de l'Art*, n°. 87. Paris, CNRS, 1990. Trad. João B. Serra. Disponível em: <[www.cidadeimaginaria.org/pc/ChastelInventaire.pdf](http://www.cidadeimaginaria.org/pc/ChastelInventaire.pdf)> Acesso em 08/06/2015.

OLENDER, Marcos. **Uma “medicina doce do patrimônio” O inventário como instrumento de proteção do patrimônio cultural – limites e problematizações**. Disponível em: <[www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.124/3546](http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.124/3546)> Acesso em 08/06/2015.

## **Glossário**

### **Elementos e estilos arquitetônicos de acordo com Wilfried Koch.**

**Alinhamento** – 1. No planejamento urbano, a linha dentro da qual é possível construir nas ruas e nas praças. 2. Sequência (ou fileira) de cômodos que tem o mesmo eixo.

**Alvenaria** – Construções que utilizam pedras naturais ou produzidas artificialmente, sem argamassa (alvenaria a seco) ou com argamassa de argila (alvenaria de argila).

**Arcadas** – Disposição de arcos; fila ininterrupta de arcos sobre pilastras, ou colunas. Chama-se arcada também um corredor com um dos lados ou os dois abertos por vários arcos (pórtico).

**Balaustrada** – Balaúste.

**Balaústre**- Coluneta redonda ou poligonal de pedra ou madeira, em geral bastante ondulada e modelada, que sustenta um parapeito ou um corrimão.

**Base** – Pé da coluna ou do pilar.

**Caneluras** – Estrias ou sulcos no fuste das colunas ou dos pilares.

**Capitel** – Extremidade superior de colunas. Pilastras que permite que o peso caia sobre os suportes.

**Cartelas** – Cornija decorativa usada em geral em volta de emblemas. Renascimento, Barroco. Ornato.

**Cimalha** – Cornija do entablamento dos templos antigos, que funciona como goteira.

**Classicismo** - Indica em sentido amplo, todas as tendências artísticas que tomam como modelo a antiguidade.

**Coluna** – Elemento arquitetônico de suporte de seção circular, poligonal ou perfilada. Originalmente sustentava a arquitrave, a partir da época romana também os arcos, que, por sua vez, sustentam as paredes; além disso, é empregada sem função de suporte, apenas com finalidade decorativa.

**Cornijas** – Faixa que se destaca horizontalmente da parede e acentua suas nervuras, horizontais.

**Decoração** – O conjunto de todos os objetos e ornamentos que servem para embelezar; também o conjunto dos motivos ornamentais de cada obra: uma fachada, um interior, etc.

**Ecletismo** - Uso simultâneo de estilos numa mesma construção.

**Edícula** – Pequena construção.

**Escada** – Lanço: sequência ininterrupta de degraus; braço de escada: lanço que conduz.

**Escadaria** – Escada descoberta anteposta à fachada dos edifícios. No Renascimento e no Barroco, modelada de forma representativa. Com frequência realça a simetria de uma obra.

**Escultura** – Arte de plasmar corpos desde os primórdios da história. Gêneros: modelado e relevo (escultura arquitetônica). Materiais: bronze, pedra, madeira, argila, marfim, etc.

**Estuques** - Escultura

**Fachada** – Lado frontal de um edifício.

**Fenestrações** -

**Frisos** – Ornatos.

**Frontão** – Extremidade da fachada de um edifício com telhado de duas águas, em geral, triangular. Os antigos frontões planos, triangulares ou arqueados, são retomados no renascimento, no barroco e no neoclassicismo.

**Frontispício** – Frontão de forma triangular colocado sobre um ressalto.

**Fuste** – É absolutamente um elemento indispensável da coluna. Pode estreitar-se no alto ou embaixo, de largura constante.

**Geminada** – São assim chamados os elementos arquitetônicos semelhantes, unidos por um elemento comum. Em Macaúbas seria duas casas e uma única parede.

**Historicismo** – As formas arquitetônicas de estilos precedentes são realçadas e classificadas, como num jogo, seus elementos são extraídos das construções e recompostos em novos edifícios.



**Janela** – Envasadura reta, corte vertical da parede que corresponde a janela. Peitoril, a superfície em que se apoia a envasadura.

**Medalhão** – Pintura em relevo numa cornija redonda ou elíptica.

**Mirante** – Balcão ou sacada, quando os suportes do andar de cima se apoiam no térreo.

**Monumento** – Em sentido estrito, obra arquitetônica ou escultórica em memória de determinados acontecimentos ou personagens.

**Neobarroco** – Revolução Industrial alemã.

**Neoclassicismo** – Numa acepção mais estrita, “neoclassicismo” denota o estilo artístico próprio da Europa entre 1770 e 1830 influenciado pela antiguidade grega. Não tanto a imitação como a renovação do espírito da antiguidade.

**Neogótico** - Estilo arquitetônico inspirado no Gótico, introduzido na Inglaterra por volta de 1720. Após 1750, chamado de “Gótico-rococó” e no final do século, difundido na Europa como componente do historicismo.

**Neo-renascimento** – Retomada, no último trintênio do século XIX, de elementos da arquitetura e do mobiliário renascentista.

**Oratório** – Capela privada. (Macaúbas- Oratório autônomo ou capelinha).

**Ornato / ornamento** – Motivo decorativo, forma decorativa. O conjunto das formas ornamentais do objeto, de um cômodo de uma fachada.

**Pé-direito** – Pilar Junto a uma parede.

**Pilastras** – Pilar que sobressai um pouco da parede. Dividido com a coluna, em base, fustel e capitel, às vezes canelado e ornado. Funções: reforço de paredes e entablamentos.

**Platibandas** - Moldura de pouca espessura e contínua, mais larga que saliente, que contorna uma construção acima dos frechais, formando a proteção ou camuflando o telhado, contornando as calhas de recolhimento da água de chuvas.

**Relevo** – Escultura.

**Elementos e estilos arquitetônicos de acordo com Maria Albernaz e Cecília Modesto.**

**Acréscimo** – Ampliação da construção em área ou altura.

**Adobe** – Peças de barro em forma de paralelepípedo, semelhante ao tijolo.

**Adro** – Terreno na frente ou em volta de uma igreja.

**Afastamento** – Distância entre a edificação, e as divisas frontal, lateral e de fundos do lote onde se situa.

**Alcova** – Quarto situado no interior da residência, sem janelas ou portas para o exterior.

**Alpendre** – Espaço coberto e aberto incorporado à construção.

**Arquitetura vernácula** – Arquitetura tradicional e local feita sem a intervenção de arquitetos.

**Asna** – O mesmo que tesoura. Peça de madeira inclinada que liga a parte inferior do pendural à empena.

**Autoconstrução** – Sistema utilizado na construção de moradias e infraestrutura. Baseia-se no uso da mão de obra na obtenção de casa ou melhoria e na soma de esforços individuais.

**Autoportante** – Atribuição dada a qualquer elemento construtivo que, além de sua função de vedação, tem uma função estrutural.

**Barrote** – Peça de madeira usada principalmente na formação de armação para fixação de soalho ou forro.

**Beira e bica** – Telhado com beiral cujas telhas, cujas telhas extremas se apoiam em cimalha, constituída por uma fiada de telhas cerâmicas.

**Beiral** – Parte do telhado que se prolonga além da prumada das paredes externas do edifício.

**Cachorrada** – Cachorro. Peça de madeira em balanço apoiada no frechal para sustentar o beiral do telhado.

**Caiação** – Processo rústico de pintura utilizando cal extinta diluída em água.

**Caibro** – Peça de madeira em geral de seção retangular utilizada comumente em madeiramento do telhado.

**Calha** – Conduto aberto que capta as águas pluviais da cobertura do telhado e as dirige para condutores verticais.

**Cancela** – Porta gradeada de pequena altura.

**Canga de porco** – No nordeste, nome dado as asnas, cujas linhas são substituídas por aspas.

**Casa de porão alto** – Casa com porão de pequena altura que se constitui no embasamento da construção.

**Casa geminada** – Casa que possui uma de suas paredes externas laterais, em comum com a outra casa vizinha, apresentando-se as duas casas como uma edificação única.

**Casa térrea** – Casa de um só pavimento, construída ao nível do chão.

**Cerca** – Vedação que circunda o terreno ou parte do terreno para sua proteção.

**Cimalha** – Arremate emoldurado formando saliência na superfície de uma parede.

**Cobogó** – Elemento vazado quadrado ou retangular, que apresenta inúmeros furos quadrados ou retangulares iguais.

**Colonial** – arquitetura predominante nas edificações urbanas do período colonial. Caracteriza-se pela horizontalidade do prédios, utilização, de telhados com coberturas de telhas cerâmicas, amplos beirais e singeleza das fachadas.

**Cornija** – Parte superior do entablamento. Moldura ou conjunto de molduras salientes que servem de arremate superior a elementos arquitetônicos ou ao edifício.

**Coroamento** – Parte superior do edifício ou de parte da edificação.

**Desvão** – Espaço situado entre o forro do último pavimento e a cobertura do telhado.

**Ecletismo** – Movimento arquitetônico surgido na Europa no final do século XVIII e predominante até o início do século XX. Resulta na revivescência de estilos do passado.

**Edícula-** Construção complementar a edificação principal, sem comunicação interna com esta e de menor porte.

**Escada de mão** – Escada móvel formada por dois banzos paralelos verticais, solidarizados por travessas equidistantes, que servem de degraus.

**Escala** – Relação de proporção entre um terreno, uma edificação, uma parte desta ou um elemento de construção, e a sua representação, usualmente gráfica.

**Estrado** – Piso sobrelevado de madeira usado para destacar pessoas ou objetos.

**Estuque** – Argamassa que depois de seca adquire dureza e resistência ao tempo. É usado no revestimento de ornatos.

**Forro gamela** – Forro de madeira formado por cinco painéis, quatro inclinados e trapezoidais, cada um deles voltados para uma das paredes do compartimento, e o quinto, horizontal e retangular, fechando o espaço deixado pelos demais.

**Friso** – Na arquitetura clássica, parte do entablamento entre a arquitrave e a cornija.

**Hall** – Recinto ou compartimento de distribuição da circulação em um edifício.

**Implantação** – Disposição de edificações e elementos construídos no terreno.

**Jirau** – Armação de madeira, disposta no sentido horizontal, apoiada em forquilhas cravadas no chão, suspensa a meia altura do chão.

**Mão francesa-** Peça disposta obliquamente unindo dois elementos da construção

Para reforço da estabilidade de um deles. É muito comum seu uso em beirais.

**Neocolonial** – Estilo arquitetônico surgido no Brasil na década de 10 e predominante na década de 20, visando o renascimento e a reutilização de características de antigas edificações coloniais.

**Oitão** – Parede lateral da edificação em que predominam os cheios sobre os vazios.

**Palanque-** Estrado alto.

**Partido** – Diretrizes gerais adotadas no projeto arquitetônico, expressas pela concepção formal, em linhas genéricas e globalizantes, da obra a ser construída.

**Pátio** – Espaço descoberto cercado por muros ou paredes, sem uso definido. Pode estar situado no interior do edifício ou externamente.

**Pé-direito** – Altura que vai do piso ao teto nos compartimentos ou recintos de um edifício.

**Planta Baixa** – Desenho que representa a projeção horizontal da edificação ou de parte da edificação.

**Porão** – Espaço situado entre o solo e o primeiro piso da construção, e com altura tal que permita minimamente dispor nas suas paredes externas pequenos vãos de janelas.

**Urbanismo** – Ciência voltada para organização, construção, e remodelação do espaço urbano.

#### **Outros termos dicionário língua portuguesa**

**Champrão** – Em algumas regiões da Bahia, é bebedouro para animais feito de cimento.

**Sótão**- Espaço situado abaixo do telhado

**Vernáculo** – Próprio de um país, nação, região; língua ou costumes vernáculos.

#### **Termos regionais em Macaúbas: Chapada Diamantina e Alto Sertão**

**Avoador** – Biscoito de polvilho assado em fogão à lenha.

**Balaio** – Tipo de cesta feito de cipó para guardar alimentos.

**Bandeirola** - Bandeiras pequenas, mas comum em época junina.

**Bater o feijão** - Limpar o feijão, retirando-lhe a casa e impurezas como pedra e ciscos.

**Brevidade** - Bolo de tapioca e açúcar mascavo.

**Cabaça**- Fruto da cabaceira, utilizado para fazer utensílios, sobretudo domésticos.

**Cabides**- Também conhecido no sertão como torno, suporte de parede para apoiar objetos.

**Casa de farinha** – Estabelecimento onde se beneficia de modo artesanal a mandioca, transformando-a em farinha.

**Cuia** – Vasilha de cabaça em geral pequena para guardar alimentos, como farinha.

**Cumbuca** – Vasilha feita da cabaça inteira para guardar alimentos, como ovos.

**Forquilhas** – Peça de três ganchos utilizada na construção e como apoio a objetos, como porta potes e copos.

**Gravetos**- pedaços pequenos de lenha.

**Lascas** – Pedacos de madeira, estrutura de cercas e paliçadas.

**Macaúbas** – Palmeira nativa da região. Também chamada de Macaíba. Cidade da região sudoeste da Bahia.

**Maxixe** – Fruto comestível do maxixeiro

**Moringa** – Recipiente de barro para armazenar água de consumo humano

**Pau D’arco** – Planta medicinal, também conhecido como Ipê amarelo

**Peroba** – Espécies de árvores conhecidas pela sua madeira de qualidade, e utilizadas na construção civil

**Peneiras** – Feitas de palha para sessar sementes, grãos e farinha.

**Pilões** – Feitos em madeira para pilar grãos, sementes, cereais e temperos.

**Pote** – Utensílio para armazenar água.

**Prato** – Caixa de madeira de seção quadrada. Utilizada no sertão como medidor de grãos

**Quintal** – Terreno de uma propriedade, com jardins, horta.

**Sola** – Peças em couro, como sandálias, sapatos e cintos.

**Tampos** – Cada uma das partes de uma porta.

**Tramela**- Espécie de tranca em madeira, em geral utilizada em batentes de portas.

**Varanda** – Espaço transitório situado na fachada das edificações e desde o período colonial.

## **Anexos**

### **Anexo A: Translado da Escritura Particular de Compra e Venda da Antiga residência do Professor Zacarias do Amaral**

Escritura particular de compra e venda de casa que fazem entre si como comprador Prof. Zacarias do Amaral Rêgo e como Vendedores Francisco Machado Figueiredo e sua mulher Elisa Moreira de Figueiredo, representados por seu, bastado procurador Mário Domingues Amaral, como abaixo se declara esta. Dizem Francisco Machado de Figueiredo e sua mulher Elisa Moreira de Figueiredo, representados por, seu procurador, abaixo firmado, que, sendo senhores legítimos possuidores de uma casa térrea, coberta de telhas, feita de adobes, edificada numa esquina nesta cidade de Macahubas – Ba, tendo duas frentes: uma para o lado da Rua Manoel Vitorino, tendo cinco janelas e três portas e a outra para a Praça Cônego Firmino Soares, tendo três janelas e três portas, além de um cômodo no fundo para depósito, tendo esse depósito uma porta e uma janela de frente, cuja casa tem quintal murado, quartos, salas, cozinha isolada, tudo em terreno foreiro à padroeira de Macaúbas, Nossa Senhora da conceição, estando justos e contratados para efetuar a dita venda, venderem de livre espontânea vontade, ao Ilm Zacarias Do Amaral, pela quantia de nove mil e quinhentos cruzeiros, (cr\$ 9.500,00) importância essa que o comprador pagou ao procurador (dos vendedores) em moeda corrente legal do paiz em presença das testemunhas que tudo viram e presenciaram, assinando o presente documento com os demais interessados.

Esta venda tem que ser garantida junto os vendedores, em documento e ascentadas em todo e qualquer tempo que se fizer necessário todas as vezes que forem aclamados a autoria e responderem pelo escrivão de direito de hoje por diante o comprado por tomar conta da casa ora comprada, usa dela como entender e quiser tudo em virtude do presente documento que lhe está sendo passado essa escritura vai feita em duas vias: a primeira pelo comprador e a segunda para o registro de documento para o arquivo. Esta escritura vai selada com cinco cruzeiros (cr\$ 5.00) em substituição a taxa judiciária como essa aplicada. Fica o comprador obrigado a apresentar esta as coletorias, para legalidade da mesma, dentro do mas o que a lei estabelece. A casa em apreço foi adquirida por escritura pública em 20/04/1916 a Francisco Borges de Figueiredo e sua mulher cuja escritura foi lavrada no tabelionato de Macaúbas, Estado da Bahia.

Macaúbas, 6 maio de 1959 - Mario Domingues Amaral, Zacarias do Amaral Rêgo Test.  
José Batista da Mota